HISTORIA

DO

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

ALGUMAS OBRAS DO MESMO AUTOR

Arqueologia

Portugal prehistorico, Lisboa 1885.
Numismatica nacional, Lisboa 1888.
Elencho das lições de Numismatica dadas na Biblioteca Nacional, colecção de 7 opusculos, Lisboa 1889–1912.
Inventario das moedas portuguesas expostas no Gabinete Numismatico da Biblioteca Nacional, 2 opusculos, Lisboa 1911–1914.
Les monnaies de la Lusitanie portugaise, Paris 1900.
Peintures dans des dolmens de Portugal, Paris 1907.
Religiões da Lusitania, 3 volumes, Lisboa 1897–1913.

Etnografia

Estudo Ethnographico (jugos e cangas), Porto 1881.
Tradições populares de Portugal, Porto 1882.
Romanceiro Português, Lisboa 1886.
Poesia amorosa do povo português, Lisboa 1900.
Ensaios Ethnographicos, 4 volumes, 1891–1910.
Sur les amulettes portugaises, Lisboa 1902.
Poesia e Ethnographia, Lisboa 1902.

Antropologia

A evolução da linguagem, «ensaio antropologico apresentado á Escola Médica do Porto como dissertação inaugural», Porto 1886.

Filologia

Estudos de Philologia Mirandesa, 2 volumes, Lisboa 1900-1901.
Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, Paris 1901.
Textos Archaicos, 2.ª ed., Lisboa 1907.
O D.or Storck e a Philologia Portuguesa, Lisboa 1910.
Lições de Philologia Portuguesa, Lisboa 1911.

Publicações periodicas

(com a colaboração de muitos especialistas)

Revista Lusitana, archivo de Filologia e Etnologia, 18 volumes, Porto-Lisboa, 1887–1915.
O Archeologo Português, 20 volumes, 1895–1915.

HISTORIA

DO

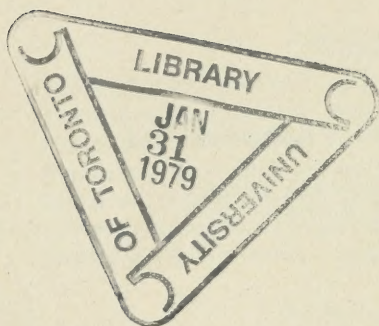
MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

(1893-1914)

PELO

D.or J. Leite de Vasconcellos

Professor da Universidade de Lisboa,
Director do mesmo Museu, e seu organizador

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1915

PREFÁCIO

Com o fundamento de que o Museu Etnologico Português pertencêra muitos anos ao antigo Ministerio das Obras Públicas (hoje do Fomento), onde nasceu e prosperou, solicitei desse Ministerio, em meu oficio de 2 de Dezembro de 1914, que a expensas d'ele se publicasse na Imprensa Nacional uma Historia que do mesmo Museu Etnologico eu organizára: o S.[or] Engenheiro Cordeiro de Sousa, Director Geral das Obras Públicas, a quem enviei o meu oficio, acolheu-o com toda a amabilidade, como é do seu caracter, e levou-o á presença do S.[or] Prof. Almeida Lima, egregio Reitor da Universidade de Lisboa, e ao tempo Ministro do Fomento, o qual, por despacho de 4 de Dezembro, autorizou a impressão do livro, nos termos em que eu a pedíra. A estes dois Senhores, bem como aos S.[rs] Ortigão Peres, Chefe da 8.ª Repartição de Contabilidade, que informou favoravelmente a Direc-

ção Geral de Obras Públicas, e Correia de Melo, Secretário Geral do Ministerio, que depois deu rápido expediente ao processo, manifesto com toda a sinceridade e respeito a minha viva gratidão.

Preciso de acrescentar o seguinte: como na Imprensa viesse a averiguar-se que a verba indicada no meu citado oficio não bastava para os gastos, e eu não desejasse tornar a incomodar o Ministerio do Fomento, recorri ao Conselho da Faculdade de Letras para que se dignasse auxiliar a publicação: e êle o fez com tão boa vontade, que julgo do meu dever consignar aqui, tambem com o meu reconhecimento, mais esta prova de simpatia, que lhe mereci.

Por último, agradeço ao pessoal da Imprensa Nacional a benevola deferencia que, como de costume, teve para comigo.

*

Foram meus colaboradores artisticos nesta obra os S.rs Guilherme Gameiro, antigo Desenhador do Museu Etnologico, já falecido, João Saavedra Machado, actual Desenhador, Francisco Campos, Professor de Desenho em Lisboa, Joaquim Fontes, Estudante da Faculdade de Medicina da mesma cidade, e Rafael Calado, Estudante do Liceu de Leiria: o 1.º fez os desenhos correspondentes ás gravuras que tem os n.os 4 a 12, 25 a 39, 41 a 49, 56, 56–A, 58 a 60, 66, 75 a 95, e 107 a 116; o 2.º os desenhos correspondentes ás gravuras n.os 2, 16 a 23, 40, 50 a 55, 57, 104, 106, 121 a 122–A, 124, 125, 134 a 146, 157 a 161, 163 a 165, 187 a 190, 194 a 196, e 213 a 216; o 3.º os desenhos correspondentes ás gravuras n.os 105,

117 a 120, 123, 126 a 128, 133, 147 a 156, 162, 166, 171 a 183, 191 a 193, 197 a 203, 217 e 218; o 4.º as fotografias correspondentes aos n.ºs 1, 3, 13 a 15, 24, 61 a 65, 67 a 74, 96 a 103, 129 a 132, 167, 168, 184 a 186, e 204 a 212; o 5.º os desenhos correspondentes aos n.ºs 169 e 170.—*Suum cuique tribuatur.*

Belem, 1915.

J. L. de V.

INTRODUÇÃO

Razão d'este livro. — Origem do Museu: 1893. — Sua evolução cronologica: publicações, aumento das colecções, instalação, reformas. — Entidades oficiais que tem intervindo eficazmente na vida do Museu.

Por vezes me veio á mente a ideia de escrever uma Historia desenvolvida e metodica do Museu Etnologico Português; como porém o tempo falta, resolvi, em lugar d'ela, coligir e publicar em volume, dispondo-os cronologicamente, varios folhetos e noticias que a respeito do Museu publiquei avulsos[1]; sòmente lhes junto esta Introdução e um artigo em que indíco o estado do Museu ao findar o ano de 1914 (vid. adiante, parte IV). Supro assim, de algum modo, a historia metodica. Outros que vierem depois de mim, se forem bem intencionados e leais, e lhes assistir espirito de justiça e de verdade, escreverão, melhor do que eu, a Historia desenvolvida, e poderão introduzir nela um elemento que não está na minha alçada: o juizo crítico d'esta empresa[2]. Se apelo para a consciencia dos julgadores, é porque sei, por experiencia, que é cousa facil zombar das obras alheias, descortinar defeitos no seu delineamento, ou preencher lacunas que a concepção inicial

---

[1] Exceptuando uma ou outra emenda inevitavel, as reproduções são feitas com fidelidade.

[2] As fontes oficiais para a Historia do Museu são: os proprios objectos, na sua disposição; os livros e notas das entradas dos mesmos; os catalogos; as publicações do Museu; os livros das contas, da correspondencia e do ponto; os oficios recebidos; os processos arquivados nos Ministerios. (Para meu uso particular tenho, como é natural, apontamentos inumeraveis: uns em maços, por assuntos; outros geograficamente; outros por ordem do alfabeto; outros de várias maneiras. E tenho centenas de cartas).—Da biblioteca do Museu tambem ha registos e catalogos.

deixou abertas ; o dificil é innovar, impôr ao público a innovação, e num conjunto de materias, que ao primeiro exame aparecem confusas, coordenar o que tiver coordenamento.

*

Criado pelo S.or D.or Bernardino Machado no Ministerio das Obras Públicas em 1893 com o titulo de «Etnografico», o Museu constituiu-se consoante o programa (1894) que fórma a parte I do presente livro. Serviu-lhe de nucleo não só a colecção arqueologica que Estacio da Veiga possuíra, e que o Governo logo comprou á familia d'este[1], mas uma colecção minha particular[2]. Tudo se instalou em 1894 numa sala da Comissão Geologica, a que ulteriormente se adicionou outra.

Os bons auspicios com que o recente instituto assim entrou na vida nacional confirmaram-se em seguida, pois no mesmo ano de 1894 se planeou para seu orgão um jornal que recebeu o nome de *O Archeologo Português* (vid. adiante, pt. II, n.º 1), e cujo 1.º fasciculo apareceu em Janeiro de 1895, por despacho do S.or D.or Campos Henriques, ao tempo Ministro das Obras Públicas. Até 1914 sairam á luz 19 volumes. Se o *O Archeologo* congrega investigadores que nele consignam o impulso que dão á Arqueologia, tambem torna conhecido por longe o nosso país, e estabelece permutas com jornais congeneres lá de fóra, que nos poem em comunicação com o movimento scientifico universal.

O Museu aumentou depois, pouco a pouco, até o presente, por compras, dadivas, encorporação de objectos pertencentes ao Estado, depositos e trocas,—tudo isto por esforços do pessoal, e em parte como conseqüencia de repetidas excursões e excavações que ele fez, e não cessa de fazer. Avolumaram-se tão de pressa as colecções, que em 1897 se julgou necessario recorrer á Academia das Sciencias de Lisboa pedindo-lhe um dos seus claustros onde se acomodassem as lapides (epigraficas e outras), que efectivamente ali se acomodaram. Naquele ano foi já possivel publicar, só com elementos contidos no Museu, uma resenha da nossa Etnologia (vid. adiante, pt. II, n.º 2). Para que o titulo d'ele correspon-

---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, VII, 157, e adiante, pp. 20 e 307.
[2] Cf. *O Arch. Port.*, I, 218. E vid. adiante, p. 308.

desse melhor ao intuito, e para evitar confusões com o Museu Etnografico Colonial da Sociedade de Geografia, o Museu Etnografico Português passou a denominar-se «Etnologico», por Decreto de 26 de Junho de 1897.

A esta modificação no titulo seguiu-se em 1899 uma modificação na organização, por Decreto de 28 de Dezembro, referendado pelo falecido Engenheiro Elvino de Brito. Ao passo que o Decreto organico ligava o Museu com a Comissão dos Trabalhos Geologicos, estabelecendo nele apenas duas secções principais (*secção arqueologica* e *secção moderna*), e não lhe concedendo mais que um Director e um Adjunto, o Decreto de Elvino de Brito agregou-o ao Conselho Superior dos Monumentos Nacionais, determinou que as secções fossem tres (*Arqueologia, Etnografia moderna*, e *Antropologia antiga e moderna*), e ampliou o quadro dos funcionarios. Houve pois, quanto ás duas últimas partes, progresso, que não tardou a produzir os seus efeitos naturais : enriquecimento do Museu.

Como as duas salas da Comissão Geologica e o claustro da Academia não bastassem para conter os objectos que continuamente aumentavam, foi o Governo instado para autorizar mais vasta instalação : bateu-se para isso a altos portais de conventos, fantasiaram-se com lapis e compasso pavilhões *ad hoc*, que deslumbravam a vista, e até chegou a cobiçar-se um recanto no Arsenal, e outro no Palacio das Côrtes ! Todavia ao Museu estavam reservados melhores destinos : após muitas passadas, oficios e conferencias, o S.or Conselheiro Pereira dos Santos, Ministro das Obras Públicas, ordenou, por despacho de 21 de Novembro de 1900, que o Museu se instalasse no Mosteiro dos Jeronimos, na ala outr'ora ocupada pelo extinto Museu Agricola.

Vê-se que o Museu Etnologico Português progredia sem cessar. Parece que um ser superior o protegia, talvez alguma das complacentes divindades a cujas antigas aras de pedra ele prestára abrigo e veneração scientifica : Endovelico, Trebaruna, Bandio-Ilienaico !

Por Decreto de 24 de Dezembro de 1901, referendado pelo S.or D.or Manoel Francisco de Vargas, ficou o Museu em condições que ainda se avantajavam a todas as precedentes : imediatamente subordinado á Direcção Geral das Obras Públicas e Minas, o que simplificava os serviços ; aumentado no seu pessoal ; autorizado a ter uma biblioteca privativa, um gabinete fotografico e

de desenho, e uma oficina de reparação de objectos; dotado com verba orçamental (até então era necessario andar sempre, e aos poucos, a mendigar quantias para as despesas). O mesmo Ex.^{mo} Ministro completou esta patriotica obra, assinando em 17 de Fevereiro de 1903 uma Portaria que doava ao Museu Etnologico as salas e a mobilia do extinto Museu Industrial no já referido Mosteiro dos Jeronimos, Portaria mandada pôr em execução pelo S.^{or} Conde de Paçô-Vieira, que na pasta das Obras Públicas sucedeu ao Sr. Vargas. O Museu Etnologico tomou posse da sua nova casa (vid. adiante, pt. II, n.º 3) em 22 de Abril, dia faustoso nos anais da Etnologia portuguesa, porque emfim era possivel ir estendendo convenientemente em enormes salões todas as riquezas historicas e etnograficas que em um decenio de continuado afan se haviam reunido, e muitas das quais jaziam fechadas em caixotes.

Do valor d'essas riquezas e das que subseqüentemente se adquiriram até 1905-1906, dão ideia os tres escritos publicados então, *Notice sommaire, Plano sumario,* e *Musée Ethnologique,* a que adiante, pt. II, se apuseram os n.^{os} 4, 5 e 6. Em 1906, 22 de Abril, por ocasião das festas do Congresso de Medicina, abriu-se o Museu ao público[1], que d'aí em diante tem concorrido regularmente. O local, rodeado de jardins, batido do sol, e fronteiro ás agoas gloriosas do Tejo, convida em verdade forasteiros, ao mesmo tempo que comunica certa graça especial ao edificio, já de si artistico e belo: as cousas mortas que se guardam lá dentro, estelas sepulcrais, loiças fabricadas ha milhares de anos, cranios de raças desaparecidas, lanças de pedra, amuletos, como que por momentos se vivificam, e na sua mudez natural falam melhor ao espirito desafogado de quem as contempla.—Uma folha volante que se imprimiu em 1911 com o titulo de *Visita do Museu* (vid. adiante, pt. II, n.º 7) facilita aos curiosos o exame das colecções, descrevendo-lh'as em poucas palavras.

A reorganização dos serviços artisticos e arqueologicos decretada pelo Governo Provisorio da Republica em 26 de Maio de 1911 abrangeu tambem o Museu Etnologico, que passou do Ministerio do Fomento, antigo Ministerio das Obras Públicas, para o do Interior,

---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, XII, 125.

e ficou aí, com outros museus de Lisboa, subordinado ao Conselho de Arte & Arqueologia da 1.ª circunscrição, e sob a superintendencia da Direcção Geral de Instrução Secundaria, Superior e Especial. A subordinação do Museu Etnologico Português àquele Conselho, apesar da honrosa companhia que lhe davam, ao lado dos museus de Arte, não era logica (salvo o devido respeito), porque a ideia de Etnologia não se contém na de Arqueologia & Arte. Se o Museu Etnologico compreende secções de Etnografia moderna e de Antropologia, e se por outro lado á Etnografia e á Arqueologia nem sempre compete o estudo de objectos artisticos (tomando aqui «Arte» no sentido em que no Decreto se toma), como havia de o Museu Etnologico estar subordinado a um Conselho que só se ocupava de Arte & Arqueologia? A par com este defeito, o Decreto reorganizador deminuiu o quadro do pessoal, suprimindo o indispensavel lugar de Desenhador-Fotografo, e não providenciando para que no Museu continuasse a prestar serviços um Escriturario ou Apontador das Obras Públicas, e um ou dois Condutores, como no Decreto de 24 de Dezembro de 1901 prudentemente se estatue. Sem dúvida o Govêrno reconhecêra a importancia do Museu Etnologico, vistoque o fazia figurar numa reforma que tentava melhorar serviços publicos; não lhe outorgou porém tudo quanto ele merecia e necessitava, e em parte prejudicou-o: foi por isso que providencias posteriores vieram, como se mostrará, atenuar os defeitos da reforma.

Ao ano seguinte, 1912, pertence o escrito que vai reproduzido adiante, pt. II, n.º 8, e que contrasta de facto com a inclusão do Museu num conselho que restritamente se intitula «de Arte & Arqueologia».

Se eu disse acima que o Museu começára com bons auspicios, e que até parecia que as divindades da velha Lusitania velavam por ele, sinto-me obrigado agora a acrescentar que de 1911 a 1913 se turvou á superficie essa bonança, embora transitoriamente. Como observa um autor nosso do sec. XVI, *ha entre nós murmuradores, que nam tendo mãos para escrever, tem linguas para danar, & dentes para roer*[1]. Ao Museu não falta-

---

[1] Gonçalo Fernandes Trancoso, no prologo á 1.ª parte dos *Contos e Historias de proveito e exemplo*, ed. de 1596: vid. Sousa Viterbo in *Revista Lusitana*, VII, 99.

ram pelo seu lado murmuradores de tal especie, que até deram origem a uma sindicancia, requerida pelo Director. Postoque eu não deseje alterar a gravidade do presente escrito, citando um proverbio gracioso, não me esquivarei todavia a declarar que eles vieram buscar lã e foram tosquiados. Veja-se adiante, pt. III.

Havendo o Museu, com a criação do Ministerio de Instrução Pública (Decreto de 7 de Julho de 1913), passado para ele, o respectivo Ministro, S.^or D.^or Sousa Junior, dignou-se visitá-lo : e das gratas impressões que colheu trata a Portaria de 8 de Agosto, publicada no *Diario do Governo* n.º 186. Tambem o S.^or D.^or Sousa Junior entendeu que ao Museu Etnologico, pelo seu caracter de generalidade, não pertencia estar subordinado ao Conselho de Arte & Arqueologia, e nesse entendimento anexou-o, no que toca ao ensino, á Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por Decreto de 16 de Agosto de 1913, e no que toca ao serviço administrativo, pô-lo directamente dependente da Repartição de Instrução Universitaria no *Regulamento do Ministerio de Instrução Pública* (29 de Outubro de 1913).

Assim se atenuou um dos defeitos do Decreto de 26 de Maio de 1911. A outro defeito, qual o da supressão de Desenhador-Fotografo, atendeu em parte o S.^or D.^or Sobral Cid no art. 22, n.º 7 e § unico, do *Regulamento* do Museu, decretado em 11 de Junho de 1914 : aí se diz que um dos Preparadores poderá executar trabalhos de desenho e fotografia ; no entanto convem que quanto antes se crie um lugar especial, devidamente remunerado, pois que o actual vencimento dos Preparadores, se já para estes é escasso, muito mais o é para um artista.

O Regulamento do Museu, prescrevendo no art. 18, n.º 3.º, que o Director se corresponda com o Ministerio de Instrução Pública por intermedio da Repartição de Instrução Universitaria e da de Contabilidade, sem ter de atravessar primeiro outras repartições, facilita imenso o serviço oficial. Quanto mais independente o Museu estiver, mais progredirá : e a prova dá-a ele proprio. Que tempo não se perde, ás vezes para nada, pelos corredores dos ministerios? Só quem por lá anda o avalia bem. Quando ha um individuo que com boa intenção e dedicadamente se ocupa d'uma empresa, devem deixá-lo, tanto quanto possivel, em paz completa.

Se na direcção do Museu eu não gozasse da justa liberdade de que tenho gozado, em que atraso não estaria ainda ele?

*

Como a fundação do Museu Etnologico aconteceu nos fins de Dezembro de 1893, póde dizer-se que ele data propriamente de 1894. O sumário, que deixo feito acima, é pois um balanço referido a dois decenios. Neste balanço inscrevi os nomes de alguns S.^rs^ Ministros que prestaram auxilio ao Museu. Seria injustiça não acrescentar que, em quanto o Museu esteve no antigo Ministerio das Obras Públicas, raro seria o titular da respectiva pasta que mais ou menos não ligasse o seu nome a um despacho a bem do Museu, já concedendo verbas para despesas, já solucionando varios assuntos, por exemplo, os S.^rs^ D.^or^ Carlos Lobo d'Avila, Prof. Augusto José da Cunha, D.^or^ Eduardo José Coelho, D. João de Alarcão, D.^or^ Antonio Cabral, etc., etc. O Sr. D.^or^ Antonio Cabral, além de uma verba importante para aquisição de preciosos objectos de ouro pre-romanos, autorizou que o Museu publicasse a *Revista Lusitana*, do vol. IX em diante, a qual até 1906 tinha estado a cargo de editores particulares, e sossobraria então, se não fosse S. Ex.^a^: sairam em nome do Museu os volumes IX (1906) a XIII (1910); depois do vol. XIII não foi possivel continuar no Museu a *Revista*, e tornou a passar para mãos particulares. O S.^or^ D. João de Alarcão autorizou que se imprimisse na Imprensa Nacional o vol. III das *Religiões da Lusitania*, como se diz no prologo, pag. X; o vol. II e I tinham tambem sido aí impressos, aquele por ordem do S.^or^ D.^or^ Vargas (vid. o respectivo prologo, pag. IX), este por intervenção da Sociedade de Geografia de Lisboa (vid. o respectivo prologo, pag. VII).

Para que o Museu colhesse no Ministerio das Obras Públicas os beneficios que colheu, contribuiram poderosamente os chefes das repartições a que esteve sujeito. Primeiramente o Museu dependeu da Repartição de Minas, de que era Chefe o S.^or^ Engenheiro Severiano Monteiro, Professor do Instituto Industrial; em seguida dependeu da Direcção Geral de Obras Públicas, de que foram Chefes sucessivamente os falecidos Engenheiros Adolfo Loureiro, e General Silverio Pereira da Silva, e tambem o S.^or^ Prof. Severiano Monteiro. A este

ultimo S.or se faz referencia adiante, pt. I, e já no vol. I d-*O Archeologo* (1893), pag. 2, se lembrou o seu prestante apoio: nunca o Museu recorreu a ele, que o não encontrasse disposto a ajudá-lo com inteligencia, saber e agrado; das suas mãos saiu até Maio de 1911 a maior parte das propostas em que assentaram os despachos ministeriais que beneficiaram o Museu, e por elas passou igualmene o plano da reforma de 1901, ordenada pelo S.or D.or Manoel Francisco de Vargas. A não ser o S.or D.or Bernardino Machado e o S.or D.or Vargas, o Museu talvez não existisse, ou não possuisse o quadro de funcionarios e a casa que possue; mas a não ser o S.or Prof. Severiano Monteiro, o Museu talvez se tivesse arrastado definhante, sem atingir cabalmente o alvo a que aspirava. O falecido Engenheiro Adolfo Loureiro não dirigiu tanto tempo as Obras Públicas como o S.or Severiano Monteiro; em todo o caso ajudou constantemente o Museu com optima vontade, e com um *quid* de especialista, porque Loureiro gostava de Arqueologia, e era bibliofilo e dado a investigações historicas; pelas mãos d'ele passou a reforma de 1899 (Elvino), e não passou em vão. O General Silverio Pereira da Silva foi Director ainda menos tempo que Loureiro; não obstante, o Museu ficou-lhe devedor de alguns favores.

Quando o Museu Etnologico saiu do Ministerio das Obras Públicas ou Fomento para o do Interior e Instrução, continuou nestes a merecer a estima a que estava habituado, á parte, já se vê, o que fica dito do Decreto de 26 de Maio de 1911, e o ter-se-lhe feito em 1913 uma desnecessaria sindicancia; dissabores depois oficialmente remediados ou de todo sanados, e quanto á sindicancia até com vantagem! O S.or D.or Sousa Junior, compenetrado de que convinha que a*O Archeologo Português* se destinasse no Orçamento do Estado verba fixa, mandou aí, para isso, inscrever uma, por despacho de 29 de Janeiro de 1914; e o S.or D.or Sobral Cid, que àquele S.or sucedeu na pasta da Instrução, tambem houve por bem permitir que um livro escrito pelo Director do Museu, intitulado *De Campolide a Melrose* (relação ou relatorio de uma viagem de estudo), se publicasse na Imprensa Nacional (despacho de 28 de Novembro de 1914). Isto pelo que respeita aos S.rs Ministros. Aos funcionarios que tem dirigido a Repartição de que depende o Museu, os S.rs D.rs Angelo da Fon-

seca, e Queiroz Veloso, Professores respectivamente das Universidades de Coimbra e Lisboa, cabe de modo analogo menção elogiosa, porque jamais deixaram de olhar solicitamente para qualquer negocio que do Museu subisse até eles.

Falei de Ministros, falei de Directores Gerais de Obras Públicas, e de Chefes de Repartições de Instrução. A todos conquistou afectos o Museu Etnologico. Como poderiam, todavia, esses afectos traduzir-se em providencias efectivas, se os Chefes das Repartições de Contabilidade, que são quem superintende na distribuição dos dinheiros destinados a despesas (compra de objectos, excavações arqueologicas, etc), não fizessem caso das reclamações do Museu? Ora na vida do Museu tem exercido bastante influencia os Chefes das Repartições de Contabilidade do antigo Ministerio das Obras Públicas ou Fomento e dos actuais Ministerios do Interior e da Instrução, e por conseguinte indíco tambem aqui os nomes: Pimentel Brandão (já falecido), Cesar Augusto de Melo e Castro (igualmente falecido), Silva Bruschy (agora Secretario Geral do Ministerio das Finanças), Olimpio de Oliveira (Chefe da Repartição de Contabilidade do Ministerio do Interior), e Abel Maria Dias da Silva (Chefe da Repartição de Contabilidade do Ministerio da Instrução Pública).

Tão fundas raizes o Museu ganhou no Ministerio das Obras Públicas, hoje do Fomento, a que pertenceu por dezassete ou dezoito anos, que ainda hoje os requerimentos que lhe dirige encontram lá boa acolheita. O que se passou com relação á publicação d'este livro, expu-lo no prefácio, e não o repetirei aqui. Mas ha mais. Quando o S.or D.or Costa Ferreira geriu a pasta do Fomento, foi-lhe pedido que mandasse ampliar com um anexo o edificio do Museu, já que este, por causa dos ultimos aumentos, regorgitava: S. Ex.a, como cultor, que é, da Antropologia, que lhe deve excelentes e numerosas memorias, tomou tanto a peito a petição, que, por sua interferencia, e com o concurso do S.or Engenheiro Cordeiro de Sousa, Director Geral das Obras Públicas (e outro apaixonado dos estudos arqueologicos), o S.ro Fernandes Costa, Ministro interino do Fomento, lavrou em 18 de Dezembro de 1912, na ausencia do S.or Costa Ferreira, um despacho que mandou iniciar as obras; estas, em virtude de subseqüentes despachos do S.or Antonio Maria da Silva, que depois foi Ministro da mesma

pasta, prosseguiram, e estão ao presente em bom andamento, graças aos judiciosos e ininterruptos cuidados dos S.ors Bandeira Neiva, Engenheiro-Director das Obras Públicas da 1.ª circunscrição do distrito de Lisboa, e Rosendo Carvalheira, Arquitecto da mesma circunscrição, e membro da Associação dos Arqueologos do Carmo.

*

Pois que como Director e organizador do Museu Etnologico me julguei obrigado a escrever a presente introdução, onde por um lado conto a sua origem e diferentes factos da sua vida, e por outro memoro serviços que muitas e esclarecidas entidades oficiais lhe prestaram, tambem me cumpre declarar que, sem a cooperação dos meus companheiros no Museu (tanto os actuais, como os de outr'ora)[1], este não sería inteiramente o que é : a ela deve colheita, muitas vezes árdua, de objectos, esmêro na arrumação, trabalho de secretaria, artigos vindos á luz n*O Archeologo*, desenhos para publicações, para quadros e para albuns, e além de tudo um intrinseco amor das cousas portuguesas que, com excepções nem sempre evitaveis no trato dos homens, faz que a superintendencia de um tal estabelecimento scientifico se exerça mais pelo coração do que pela autoridade.

---

[1] Para não despertar susceptibilidades pessoais, não aquilato aqui especificadamente serviços, nem menciono nomes, mas uns e outros se irão patenteando no decorrer do presente livro, em circunstancias com que ninguem possa melindrar-se.

PARTE I

Criação do Museu com o titulo de «Etnografico»

E

PLANO DE ORGANIZAÇÃO DO MESMO

1893-1894

Èste trabalho saíu a lume a primeira vez
na *Revista Lusitana*, t. III (1894–1895), pp. 193–250
e d'ele se fez edição á parte
em um volume de 59 páginas, Porto 1894.
o qual se reproduz agora aqui.

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

«Só a educação de todas as classes póde ter o nome de nacional, e só com a educação nacional completa apertaremos nas nossas mãos a arma que nos fará fortes, que nos fará respeitados, porque não ha para as victorias senão o saber.

. . . .

Mal das sociedades que ignoram a sua estirpe, e não dão valor ao patrimonio grangeado pelos seus maiores!»

DR. BERNARDINO MACHADO. *Affirmações Públicas,* Coimbra, 1888, pp. 170 e 348.

Por iniciativa de um honrado e intelligente Ministro, dedicado ao bem do seu país, e a quem a instrucção pública mereceu sempre especial affecto, e é devedora de muitos serviços, levou-se a effeito a fundação de uma instituição nacional, que faltava ainda entre nós, apesar de para ela existirem numerosissimos elementos dispersos.

Refiro-me ao MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS, criado pelo Sr. Dr. Bernardino Machado, quando Ministro das Obras Públicas.

Tem a data de 20 de Dezembro de 1893 o respectivo Decreto, publicado no *Diario do Governo* n.º 290 de 22 do mesmo mês e anno.

Além dos motivos geraes que apontei a cima, pelos quaes o Sr. Dr. Bernardino Machado se empenhou na execução d'esta obra meritoria e importantissima, outros pesárão especialmente tambem no seu ânimo, porque S. Ex.ª é lente cathedratico de Anthropologia na nossa Universidade, e como tal agradam-lhe assumptos de Ethnographia, sciencia que está intimamente relacionada com aquell'outra.

Como diz o Decreto, o novo Museu é destinado a representar a parte material da vida do povo português,— isto é, tudo o que a esse respeito ethnicamente nos carac-

teriza. Divide-se por ora em duas secções : uma de *Archeologia,* que comprehenderá monumentos pertencentes ao espaço de tempo que vae desde as mais remotas eras até o sec. XVIII ; outra, *moderna.*

*

A importancia de um Museu em taes condições não se póde de modo algum negar.

Naturalmente, quando se conhece melhor uma cousa, ha mais razão para a apreciar. Em geral o nosso povo, principalmente o das cidades maiores, tem o sentimento bastante desnacionalizado : isto em parte resulta de se conhecer mal a vida do país. As grandes exposições nacionais contribuem para atenuar o mal ; mas um museu ethnographico, pela sua acção permanente, influe muito mais. Um povo que ignora a sua história, e os elementos de toda a ordem que o constituem, não póde ter ideal. E um povo sem ideal é como se estivesse morto.

O desconhecimento do país, e portanto a falta de consciencia nacional, faz que os artistas se inspirem em ideias estrangeiras, no theatro se representem obras traduzidas e com cunho anti-português, os romances sejão por vezes productos hybridos, a linguagem freqüentemente uma aravia, como se observa todos os dias nos jornaes, não se oução nas festas públicas as nossas musicas populares, nem nos proprios divertimentos do Entrudo entrem os nossos typos caracteristicos, como antigamente succedia ; faz finalmente que todos prefirão sempre ao que é nosso o que vem de fóra, ainda quando este não é melhor. Já Simão Machado (*Comedias*, 1631, fls. 72 *v*) disse com verdade, embora não com tanta como hoje se poderia dizer :

> Em fim que por natureza,
> Ou constellação do clima,
> Esta nação portuguesa
> O nada estrangeiro estima,
> O muito dos seus despreza.

Um museu, pois, ethnographico, postoque para mais não sirva, serve para educar o público, levando-o a conhecer e a amar a patria.—Todavia ha algum tempo para cá, sobretudo depois dos successivos acontecimentos internacionais e internos que nos têm affligido,

começa a manifestar-se certa revivencia no sentimento patriotico, na arte, como na industria. Oxalá que elle não afrouxe!

A pedagogia tem num museu boa fonte de *lições de cousas* para as crianças, ao mesmo tempo que estas vão a pouco e pouco recebendo no ânimo o sentimento de que acabo de fallar. É nas primeiras idades que os sentimentos se radicão melhor. E um povo não deve amar a sua patria só *pro forma*, mas por convicção, porque está nisso a base da sua felicidade collectiva,—que é a paz e o progresso consciente.

É tambem evidente a importancia de um museu ethnographico para a industria e para a arte, praticamente fallando.

Uma fórma de arte caracteristica não resulta da acção de um só individuo, mas é producto do ambiente, quer este seja physico, quer social. Por tanto, para certos casos, convem que o artista conheça a tradição: só assim a sua obra terá condições de vida. E num museu acha elle representados muitos elementos tradicionaes, que lhe fecundem e vivifiquem o estro.

Na esculptura, na pintura, na gravura, a cada passo se torna necessario representar factos antigos, que só num museu se poderão estudar com facilidade,—como a fórma de uma armadura, um fardamento, um trajo civil, um movel.

Isto tem tambem applicação ao presente, particularmente no que pertence ao conhecimento da vida provinciana.

No romance e no drama, quer nos historicos, quer nos de costumes, experimentão seus auctores a cada passo a necessidade de proceder a estudos especiaes, quando têm de descrever um typo, uma situação, etc. Claro está que um museu que contenha, por exemplo, todas as fórmas do brasão nacional, todos ou pelo menos bastantes feitios dos trajos das diversas regiões do país, offerece muitos elementos para o theatro e para o romance, onde a arte, para desempenhar o seu fim, tem de ser verdadeira, e não de convenção.

Independentemente do proveito prático que se colhe do estudo de um museu, o individuo tambem goza em conhecer o seu passado, ou o viver contemporaneo do seu país. A final, o gôzo é o *terminus* de todos os actos da vida, mais ou menos disfarçado sob o aspecto material ou espiritual. O commerciante que accumula riquezas, o

industrial que se cansa no trabalho quotodiano, é obvio que porfião pelo interesse que vem a dar-lhes gôzo ; e o sabio que com a mathematica anda investigando os ares, com a sonda profundando os oceanos, com o alvião numerando as camadas da terra, com o microscopio surprehendendo o viver de seres quasi infinitamente pequenos,—o poeta que passa as melhores horas da sua existencia interrogando e interpretando todos os mysterios da alma, o artista emfim que se faz escravo da sua imaginação e do seu temperamento : que buscão elles ? Buscão o gôzo moral. E ainda quando a sciencia ou a arte possam ter applicação prática, esta vem a reverter tambem em gôzo. Por tanto respeitemos aquelles que, na inspecção de um monumento archeologico ou raro, não têm outro intento senão satisfazer immediatamente a curiosidade, que aliás póde ser, como já se tem dito, uma fonte de sabedoria propriamente tal.

A essas razões todas, que são mais ou menos de caracter social, artistico, industrial e educativo, accrescem razões scientificas, pois que não se póde traçar por completo a história de um país, sem se conhecer a vida íntima d'este, revelada nos usos, crenças, trajos, mobilias, utensilios, fórmas de arte, numa palavra, em mil particularidades em que o espirito se vae reflectindo e assignalando através dos tempos, e que contribuem para que um povo se distinga de outro. A comparação das differentes epochas umas com as outras define a evolução historica ; a comparação com os factos de outros países define as relações ethnicas, ou, quando estas não existem, mostra, pelo que se refere á Ethnographia, como o espirito em condições semelhantes chega aos mesmos resultados.

A constituição de um museu ethnographico é ainda um ponto de partida para o progresso dos estudos de Anthropologia e de Ethnologia, já por assim offerecer materiaes, já por despertar nas multidões gôsto scientifico, em virtude do instincto geral de imitação.

*

Na organização de um museu nas circumstancias d'aquelle de que me estou occupando torna-se muitas vezes difficil, e até impossivel, distinguir o que lhe pertence propriamente, do que pertence, por exemplo, a um museu industrial ou de bellas-artes. Todavia num

museu ethnographico deve archivar-se sobretudo aquillo que tiver significação historica ou for caracteristico do povo; num museu industrial aquillo que tiver apenas applicação prática, embora, como disse acima, a arte e a industria tenhão de se inspirar na tradição e de recorrer á historia; um museu de bellas-artes tem caracter menos restricto que um museu ethnographico, pois não se circumscreve sómente no que é ethnico, abrange tudo o que manifesta cunho de perfeição artistica, ainda quando elle deseje ser exclusivamente nacional. Isto que digo não obsta, ainda assim, a que muitos objectos dêvão ao mesmo tempo ter entrada em varios museus. Assim um tapete de Arrayollos, que revela gosto e usos locaes, e que por outro lado é bello e póde servir de modêlo e de applicação industriaes, está no caso de occupar logar em cada um dos tres museus que acima pus em concorrencia. Ao discernimento e bom senso das pessoas que superintenderem nesses museus deve no emtanto ficar o decidir, em caso de dúvida, para qual dos museus ha-de ir um objecto, quando aconteça ser elle unico. Para se chegar a essa decisão deve tomar-se em conta: de um lado, o caracter principal, predominante, de cada um dos museus; do outro, a facilidade que ha em um especialista de um dos museus visitar outro museu em que se encontrem objectos da sua especialidade.

Desde o momento que as pessoas que superintenderem nos museus forem levadas, não de preoccupações mesquinhas ou puramente pessoaes, não de impertinentes considerações de secretaría, mas do desejo alto e justo de servirem com sinceridade a patria e a sciencia, de fazerem obra boa, que a todos utilize e todos indistinctamente apreciem,—estou certo que se estabelecerá commum accôrdo, e que os respectivos museus não precisarão de pleitear entre si preferencias.

*

Tendo eu sido nomeado director do Museu Ethnographico Português, cumpre-me não só dar na *Revista Lusitana* a notícia da criação d'elle, prestando assim homenagem ao nobre Ministro que referendou o respectivo Decreto, mas tambem apresentar, em esbôço, o plano que pouco mais ou menos tenciono seguir na disposição dos objectos.

A ordem d'esta disposição é naturalmente a historica. Isso resulta já do Decreto que criou o Museu.

Como entre os povos que actualmente habitão o territorio chamado Portugal, e os povos que desde tempos antiquissimos cá têm estado, não se póde estabelecer solução de continuidade, concorrendo pelo contrário todos os modernos estudos scientificos para affirmarem cada vez mais essa continuidade, deve dividir-se, de modo geral, nas seguintes epochas a historia da civilização portuguesa: *prehistorica, protohistorica, romana, barbara, arabica, medieval-portuguesa, do Renascimento,* e *moderna.*

Os objectos que constituirem o Museu hão-de distribuir-se por ellas, como se vae ver.

I

EPOCHA PREHISTORICA

É a epocha mais antiga a que se póde ascender, e de que não nos restão nenhumas notícias escritas, podendo apenas reconstruir-se pelo estudo dos monumentos que d'ella chegárão até nós, e pela comparação com outras epochas semelhantes.

O Museu Ethnographico Português foi installado junto da Direcção dos Trabalhos Geologicos, para servir em parte como que de desenvolvimento ao Museu de Anthropologia e Ethnographia Prehistoricas pertencente a esta Direcção, e excellentemente organizado pelos nossos geologos Carlos Ribeiro e Sr. Nery Delgado.

Com relação a ésta epocha, o Museu Ethnographico tem só de seguir, pouco mais ou menos, o caminho já traçado a proposito d'aquelle Museu.

O Museu da Direcção de Trabalhos Geologicos é riquissimo. Apesar d'isso, e do que por outros meios se sabe da prehistoria dos differentes pontos do país, muito ha ainda que fazer para que a archeologia prehistorica portuguesa seja completamente conhecida no seu conjuncto. Falta mesmo fazer em cada provincia um reconhecimento geral, como no Algarve fez Estacio da Veiga. Só depois d'isso se poderá organizar uma verdadeira carta prehistorica de Portugal. O Museu da Direcção dos Trabalhos Geologicos compõe-se, como é natural, de objectos colhidos principalmente na Extremadura.

Nesta mesma provincia, e noutras, ha porém muitos individuos que por sua iniciativa augmentão constantemente o peculio da nossa prehistoria. Basta lembrar, entre outros, os nomes do Sr. Vieira Natividade, que explora as grutas de Alcobaça, do Sr. Dr. Mattos Silva, que explora as antas de Ponte-de-Sôr, Avis, etc., do Sr. Dr. Santos Rocha, que explora os monumentos da Figueira da Foz, e do Sr. Dr. Martins Sarmento, que explora a archeologia do Minho. Além d'estes, que são propriamente exploradores, que pégão no alvião e vão para o campo com os jornaleiros a dirigí-los e a ajudálos a desenterrar do solo as riquezas que nelle existem, ha muitos outros que se circumscrevem em colhêr materiaes mais ou menos avulsos, chegando assim a accumular bastantes preciosidades, e ha tambem museus municipais.

As regiões por ora menos conhecidas são Tras-os-Montes, a Beira-Alta e a Beira-Baixa. É nellas igualmente que mais se faz sentir a falta de museus.

Na secção prehistorica o Museu Ethnographico deve conter desenhos, photographias e plantas de estações archeologicas, como o castro de Liceia, de mamôas, de antas, de cistas, de grutas e de outros monumentos, bem como deve conter objectos industriaes e artisticos de que se servião os nossos povos primitivos nos dois periodos denominados da *pedra* e dos *metaes*, objectos que são de differentes especies, como se sabe : machados, enxós, goivas, facas, serras, martellos, pontas de setta, lanças, raspadores, furadores ; ceramica variadissima, já grosseira, já muito apurada e com ornatos ; enfeites corporaes e amuletos, entrando nestes grupos as chapas de ardosia, as contas, os pingentes.

Tudo isto será disposto por periodos, e cada periodo geographicamente, de modo que se veja, de um lado a evolução geral, e do outro as differenças locaes. Dentro de cada zona geographica os objectos accommodar-se-hão por especies, ou por estações, de maneira que os aspectos da vida primitiva se patenteiem claramente.

Quando contemplamos o todo da prehistoria portuguesa, se encontramos caracteres communs que a ligão entre si e á prehistoria de outros países, encontramos tambem caracteres differenciaes. Vestigios, por exemplo, do periodo paleolithico têm-se por ora só observado nos concelhos de Leiria, Obidos e Peniche. Kjoekkenmoeddinger estudárão-se ainda sómente os do valle do

Tejo. Grutas artificiaes conhecem-se apenas na Extremadura. Grutas naturaes dominão, em virtude da natureza do terreno, em Tras-os-Montes, Extremadura e Algarve ; fallo, já se vê, de grutas conhecidas. Os monumentos megalithicos offerecem tambem variedades, não sendo a menos notavel alguns sepulcros de Alcalar, no Algarve, comparados, na sua estructura e perfeição, com as singelas e rudes antas alemtejanas, beirãs e minhotas. No Minho, na Beira maritima e no Algarve abundão as mamôas, que parece serem hoje mais raras noutras regiões. A ceramica de Palmella e do Cadaval é muito artistica, com desenhos variados, ao contrário do que se dá na ceramica de certos pontos do Alemtejo (Avis). As chapas de lousa ornamentadas não se têm ainda encontrado nas provincias do Norte, e são por ora uma especialidade puramente portuguesa[1].

O Museu Ethnographico, quando nas differentes localidades houver museus archeologicos, não os pretenderá esbulhar de suas riquezas, antes contribuirá quanto puder para que ellas augmentem, porque convem fomentar o gôsto local d'estes estudos ; mas, quando taes museus faltarem, e não for facil organizá-los, então chamará a si o que estiver arriscado a perder-se, e tambem procurará sempre obter cópias de objectos importantes, a fim de que, como Museu central que é, represente o melhor possivel o país todo.

Para desde já se constituir a secção prehistorica do Museu Ethnographico, ha a valiosa collecção algarvia, feita pelo fallecido Estacio da Veiga.

Parte d'esta collecção pertence ha muito ao Estado, por isso que Estacio da Veiga fôra officialmente encarregado de fazer explorações no Algarve ; esta parte acha-se na Academia de Bellas-Artes, onde, pelas circumstancias do edificio, está bem mal accommodada, mas, em virtude do Decreto que criou o Museu Ethnographico, passará para este, logo que aqui possa ter accommodações convenientes. A outra parte da collecção algarvia, pertencente a Estacio da Veiga, que a obtivera por compras particulares, dadivas, etc., foi por mim comprada á familia, em nome do Govêrno, para o Museu Ethnographico. Não despendi pequeno trabalho

---

[1] [Vid. porém o que já depois d'isto escrevi n*O Arch. Port.*, XI, 339-340].

em promover e levar a effeito a compra, e em reunir e acondicionar devidamente este importante espolio archeologico, que estava parte em Lisboa, parte no Algarve, aonde fui de proposito.

Ao Sr. Dr. Bernardino Machado, quando Ministro das Obras Públicas, se deve tambem esta acquisição, pois apenas lhe propus a compra, S. Ex.ª, compenetrado da utilidade que d'ella advinha para o Museu, não teve a menor duvida em a auctorizar, depois de preenchidas as formalidades legais da avaliação, etc., o que tudo consta de documentos archivados no Ministerio das Obras Públicas.

Devo tornar aqui bem evidente mais este serviço do Sr. Dr. Bernardino Machado. Se S. Ex.ª não tivesse determinado a compra, a collecção extraviava-se com certeza, o que representava grande desfalque no peculio da nossa Archeologia, pois Estacio da Veiga não cuidara sómente da parte prehistorica : havia perlustrado mais ou menos todos os districtos archeologicos, com especialidade, depois do districto prehistorico, o romano.

Estacio da Veiga pusera todo o amor da sua alma em estudar as antiguidades algarvias, percorrendo por todos os lados a provincia, colhendo informações, obtendo objectos, procedendo a excavações, no que foi tambem poderosamente coadjuvado, entre outras pessoas, por um virtuoso e illustrado sacerdote, o Sr. Nunes da Gloria, actualmente prior de Bensafrim. Não é aqui o logar de apreciar os trabalhos de Estacio da Veiga. Basta pois o que deixo dito ; só accrescentarei que os quatro volumes que publicou com o titulo de *Antiguidades monumentaes do Algarve*, 1886-1891, vérsão a prehistoria da provincia,—periodo da pedra e periodo dos metaes.

Além da collecção algarvia, o Museu Ethnographico dispõe de outros elementos, que existem nas collecções archeologicas que, pelo citado Decreto, têm de passar para elle. Além d'isso a minha collecção archeologica particular, parte da qual tenho agora depositada no Museu da Direcção dos Trabalhos Geologicos e na Bibliotheca Nacional, depositá-la-hei tambem nelle ; e espero ainda obter, se o Govêrno me auxiliar com uma verbazinha, muitos objectos em excavações archeologicas que projecto. O Museu póde receber em depósito outras collecções particulares : por exemplo, a collecção

do Sr. Judice dos Santos, enthusiastico amador de Archeologia, irá igualmente para lá.

De modo que, apenas o Govêrno realize no Museu Ethnographico as installações que tive a honra de lhe propôr, a primeira epocha da nossa civilização, isto é, a prehistorica, ficará sufficientemente representada; e como junto do Museu Ethnographico está, segundo disse, o da Direcção dos Trabalhos Geologicos, o qual não tem igual no país, vê-se que aos investigadores da Prehistoria Portuguesa já não faltão em Lisboa abundantes materiaes de estudo.

II

EPOCHA PROTOHISTORICA

Por esta designação entendo aqui a epocha comprehendida entre a Prehistorica e a da dominação romana na Lusitania, ou, para melhor dizer, na Peninsula.

Temos notícias da epocha protohistorica, já pelos auctores gregos e romanos, como Estrabão, Appiano, Justino, Plinio, Silio Italico, etc., já pelos monumentos. É a epocha em que apparecem pela primeira vez na história os Lusitanos, os Gallecos, os Brácaros, os Limios, os Turdetanos, os Túrdulos.

Como por um lado a civilização protohistorica se liga com a prehistorica, e foi muito influenciada pela romana, sendo-nos até conhecida ás vezes só através d'esta última; e como por outro lado o territorio que hoje se chama Portugal fazia parte das provincias que os Romanos denominárão *Tarraconense, Lusitania* e *Betica,* nas quaes, de certa epocha por diante, foi dividida a *Hispania* ou *Iberia:* não só não é possivel separar sempre a epocha protohistorica da antecedente e da seguinte, como tambem não é possivel separar sempre da nossa archeologia a archeologia hespanhola. As moedas denominadas *autonomas,* por exemplo, fôrão emittidas em grande parte sob o dominio romano na Peninsula, e, com quanto referidas quasi todas a territorio hoje hespanhol (poucas o são a territorio hoje português), corrêrão abundantemente no nosso país, como se vê dos contínuos achados d'ellas em diversos pontos de Portugal.

Na secção protohistorica póde, tomando em conta aquillo que já se conhece, abranger-se por exemplo o seguinte :

1) Estampas e plantas de estações archeologicas, como de *castros* ou montes fortificados, e de outros monumentos que se não podem ou não devem trazer para o Museu. Muitos dos castros dátão já da epocha anterior ; aqui está pois um elo que liga entre si as epochas pre- e protohistorica. Castro typico protohistorico é por exemplo o de Sabroso, no Minho, explorado pelo Sr. Dr. Martins Sarmento. Castro em que a civilização dos metaes se sobrepõe á neolithica, restando de ambas abundantes vestigios, e onde já transparece a civilização romana, mas sem dominio, é por exemplo o *Castello* de Pragança, no Cadaval, reconhecido por mim pela primeira vez nas ferias da Paschoa de 1893, numa visita que ahi fiz com o meu amigo o Sr. Antonio Maria Garcia, benemerito professor de Pragança, o qual no estudo da archeologia do Cadaval me tem prestado relevantissimo auxílio.

2) Objectos Funerarios e de culto religioso. Principalmente na parte religiosa, o Museu fica muito bem representado com as collecções que actualmente se áchão na Bibliotheca Nacional.

Parte d'estas collecções é já antiga no estabelecimento, e compõe-se de estatuetas de metal : a ella se refere por exemplo o Sr. Dr. Emilio Hübner em *Die antiken Bildwerke,* Berlim 1862, pag. 334.

A outra parte compõe-se de *donaria* ou ex-votos offerecidos ao deus Endovellico. Este deus tinha o seu culto no Alemtejo, e era um deus topico da saude ; e as numerosas estatuas, aras e estelas votivas que havião feito parte do seu templo fôrão aproveitadas nas paredes de uma igreja christã que estava em ruinas ha muito tempo. De um lado com a permissão que obtive do dono d'esta igreja, o meu amigo Sr. Manoel Ignacio Bello, do Alandroal, do outro com a auctorização que pedi ao Govêrno, e que este me concedeu, pude explorar as ruinas em 1890, do que resultou o trazer eu para a Bibliotheca Nacional a mais rica serie de monumentos religiosos antigos que ha no país, e como a qual não se conhecem muitas noutros países. Infelizmente, por falta de espaço, estes monumentos têm estado muito mal accommodados ; e é por isso mais uma vez para desejar que as installações projectadas no Museu Ethno-

graphico se apressem. A collecção dos monumentos do deus Endovellico é importante, não só debaixo do aspecto da religião, mas ainda debaixo do da Paleographia epigraphica, da Lingüistica, etc. Sobre estes monumentos publiquei tres opusculos, intitulados : *O deus lusitano Endovellico* (1890) ; *Novas inscripções de Endovellico* (1890-1891) ; e *Quid apud Lusitanos verbum* AEDEOLI *significaverit* (1894). Isto porém pouco é em comparação com o que, dentro e fóra do país, tem sahido a lume á cêrca de Endovellico, desde o sec. XVI.

Na Bibliotheca Nacional existem em depósito outros objectos que pertencem a esta secção, os quaes tambem passarão para o Museu. Entre elles especializarei a ara da deusa lusitanica Trebaruna, ara que, por permissão do meu amigo o Sr. Dr. João Baptista de Castro, dignissimo juiz de direito, eu trouxe do jardim da sua casa do Fundão, nas ferias de Setembro de 1892.

Com relação a monumentos funerarios o Museu não ficará tão bem provído. Todavia ha para esta secção os monumentos epigraphicos algarvios com caracteres ibericos, colleccionados por Estacio da Veiga ; e eu pela minha parte tambem possuo uma bella inscripção d'essas, que um amigo meu comprou para mim no Algarve, a qual depositarei no Museu. Estes monumentos são muito notaveis pelo lado philologico, pois não só estão escritos em linguagem pre-romana, mas, como disse, nos caracteres especiaes, de remota origem semitica, que se usavão na Peninsula antes da vulgarização do alphabeto latino. D'elles e de outros congeneres fez o Sr. Dr. Emilio Hübner substancioso estudo no seu livro *Monumenta linguae Ibericae* (1893).

Outros monumentos funerarios protohistoricos existem no país, de que por ventura se poderão obter de futuro exemplares para o Museu. Refiro-me aos do typo das chamadas *estatuas gallecas*, e aos do typo da *porca de Murça*, uns e outros por ora no nosso país só achados nas provincias do Norte. Á cêrca dos primeiros publicou o Sr. Hübner uma monographia com estampas na revista *Denkmäler u. Forschungen*, 1861, col. 185 sgs. (ha traducção portuguesa nas *Noticias de Portugal* do mesmo A.), e deu o *Occidente*, IX, 248, umas estampas, com um artigo. Á cêrca dos segundos não ha ainda nenhum estudo especial ; apenas o Sr. Fernandez Guerra, de Madrid, estudou alguns analogos que ha em

Hespanha. De todos esses monumentos portugueses possuo estampas que publicarei a seu tempo.

Como o *periodo do bronze* pertence em parte aos tempos protohistoricos, muitos dos monumentos funerarios d'aquelle periodo têm entrada aqui.

3) Vestuarios e adornos. A esta secção pertencem, por exemplo, braceletes, collares, contas.

Tem-se encontrado no país bastantes braceletes de ouro e de outros metaes, dos tempos protohistoricos. Alguns estão em museus, outros nas mãos de particulares. Ainda ha pouco tempo se achou um de ouro, e o fragmento de outro, que forão arrematados judicialmente em Santarem. Apesar de os jornaes tornarem público este facto, e de eu ter solicitado officialmente, pelas estações competentes, a compra d'elles para um museu do Estado, parece que as circumstancias do thesouro não permittírão a acquisição; arrematou-os um particular, que provavelmente os venderá a algum govêrno estrangeiro, mais rico do que o nosso[1].

Com relação a collares de contas, ou contas avulsas, a estação archeologica de Bensafrim ministrou valiosos exemplares, talvez de origem semitica. Obtive lá, por compra minha, várias contas, que depositarei no Museu.

As fórmas de vestuario e de enfeites do cabello podem ainda deduzir-se de certas estatuas e estatuetas, como algumas das que citei acima.

4) Armas. Igualmente se colhem elementos para o conhecimento das armas nas estatuas, por exemplo, nas mencionadas *estatuas gallecas*.

O Museu de Bellas-Artes, d'onde pelo Decreto que criou o Museu Ethnographico, têm de ser transferidos para este os objectos archeologicos que não fizerem parte integrante d'elle, possue importantes armas, achadas em Alcacer do Sal, de que falla o Sr. Emilio Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* (1886), pags. 248-253, e Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, IV, 266 sgs.

As moedas da Republica Romana, que alludem a muitos factos historicos da Iberia, contêm vários desenhos de armas e armaduras peninsulares, por exemplo as moedas das familias *Carisia* e *Coelia*.

---

[1] [O Museu depois obteve efectivamente esses objectos].

Estas noticias, dadas pela Archeologia, completão-se com as que se áchão nos auctores, por exemplo em Estrabão.

5) Epigraphia. Já acima me referi ás inscripções ibericas encontradas no Sul do país.

6) Moedas. Igualmente fallei ha pouco das moedas autonomas ou peninsulares. O Museu Ethnographico já possue algumas.

7) Objectos diversos. Entrão nesta classe muitos objectos caseiros, como os de barro e de vidro, pedras de moinhos, pesos, etc.

*

Na enumeração que acabo de fazer, quis apenas apresentar uma amostra archeologica, e não tentei ser completo, nem mesmo dar ordenação scientifica aos objectos, que no Museu têm de ser distribuidos como os da primeira secção, excepto alguns monumentos mais pesados ou maiores, que se hão de collocar em sítio especial.

Com a vinda dos Romanos á Peninsula, a vida social dos povos de cá experimentou grandes alterações, senão de uma vez, ao menos lentamente, pois alguns cantões, sobretudo no Norte, fôrão mais rebeldes em se sujeitarem aos Romanos. Do povo cantabrico diz por exemplo Horacio, numa ode (II, 6): *indoctum juga ferre nostra.*

Ainda do tempo dos Romanos temos noticia da existencia de muitos elementos da civilização indigena: de linguas, de religiões, de instituições politicas, de trajos civis e militares, de usos, de costumes. Se muitos d'estes elementos fôrão absorvidos, substituidos ou modificados, outros persistírão mais ou menos, através da civilização romana, até o presente, e nós achamo-nos assim, como já acima ponderei, ligados insoluvelmente ao passado, por laços de toda a ordem.

III

EPOCHA ROMANA

De todas as secções archeologicas, a romana e a prehistorica são as mais ricas e variadas. As differentes collecções do Estado que têm de ser encorporadas no Museu Ethnographico possuem muito de archeologia romana.

Esta secção constituir-se-ha com os seguintes objectos, entre outros :

1) Estampas ou plantas de castros (*oppida*), de monumentos epigraphicos que se não podem adquirir, por fazerem parte de muros, ou se acharem em grandes penedos (como os da Magdalena, em Lisboa, o das Caldas das Taipas, os de Panoias, etc.) ; de monumentos diversos, como templos, estatuas, pontes, banhos ; de vias militares ; de cemiterios.

Templo notavel é o de Evora, já várias vezes reproduzido pela gravura.

Cemiterios romanos apparecem a cada passo. A proposito de um algarvio escreveu o Sr. Dr. Teixeira de Aragão um opusculo com este titulo : *Relatorio sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade de Tavira,* Lisboa 1868.

Entre as termas são umas das mais importantes as de Milreu, ao pé de Faro, no reino do Algarve, mas o vandalismo dos visitantes destroe quotidianamente os ricos mosaicos, do genero *opus vermiculatum,* que revestem as piscinas e o pavimento da entrada : póde ver-se uma amostra d'estes mosaicos em desenhos publicados no *Occidente,* vol. v, 240. Se se não acode depressa ás ruinas de Milreu, o país perderá um bello monumento romano. Ao Govêrno, ou a algum instituto local, cumpre salvá-las, e evitar de futuro ao país mais uma vergonha.

Á cêrca das *vias militares* ha bastantes notícias nos trabalhos do Sr. Hübner, e tambem alguma cousa se colhe nos trabalhos dos archeologos portugueses.

Já acima fallei dos castros protohistoricos, que, como disse, se ligavão aos prehistoricos. Ha tambem castros com abundantes provas de civilização romana, relacionados com os protohistoricos. O mais notavel é decerto a *Citania* de Briteiros, glória do Sr. Martins Sarmento, que o tem explorado á sua custa, e estudado. Muitos castros primitivos fôrão destruidos pelos Romanos, ou fôrão desamparados ; outros continuárão a existir, e transformárão-se em povoações modernas. São ainda hoje vulgares, como designações topographicas, os nomes de *Castro* ou *Crasto, Castello, Cristello,* etc.

2) Objectos funerarios e de religião. O Museu do Algarve e o da Bibliotheca Nacional ministrarão aras, cippos, estatuas, estatuetas, em grande quantidade, e tambem alguns amuletos. Mas ha muita cousa

dispersa : por exemplo, no extincto convento de Chellas, está arriscado a perder-se o friso de um bello tumulo romano, descrito e estampado na *Revista Archeologica,* IV, I, por Borges de Figueiredo ; no meio de um caminho, em Bemfica, está parte de uma ara. Tudo isto, e muito mais, póde e deve vir para o Museu Ethnographico[1].

As aras, cippos e estátuas são pela maior parte *donaria* ou ex-votos, como os de que fallei no cap. II, § 2. Assim como hoje, quem está doente, offerece aos santos de mais devoção paineis com a exposição da doença, figuras de cera e de metal que symbolizam os membros do corpo doentes, tranças de cabello, etc., tambem os antigos fazião aos seus deuses offerecimentos analogos, chamados em latim *donaria;* por felicidade muitos d'estes *donaria* érão de pedra, de barro e de outras substancias duradouras, de modo que se conservárão até o presente. Os numerosos ex-votos que se vêem agora em muitas das nossas igrejas, sobretudo nas ruraes, filião-se, pois, nos ex-votos do paganismo. Tenho estudado muitos dos nossos ex-votos christãos, e possuo mesmo vários paineis, que o povo chama *retabulos* e *milagres,* os quaes depositarei no Museu. É facil seguir, através da litteratura e da archeologia, a evolução dos *donaria* para os ex-votos christãos. Os *retabulos* são analogos ás *tabulae votivae,* de que falla Horacio, nos *Carmina,* I, 5 :

. . . . tabula sacer
Votiva paries . . . .

Diz Cicero, na *Natura deorum,* III, 37, que na Samothracia havia muitas *tabulae pictae* representativas de cumprimentos de promessas feitas á divindade por pessoas salvas de naufragios. Este assumpto foi estudado com muito desenvolvimento no *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Daremberg & Saglio, s. v. *donaria.*—Desde a Idade-Média se conhecem *tabulae votivae* christãs : vid. *Dictionnaire des origines du Christianisme,* publicado por Migne, 1856, s. v. Num *Flos sanctorum* português, dos principios do sec. XVI, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa (collecção de Reservados, A, 239), onde o meu collega o Sr. Ga-

---

[1] [O friso de Chellas veio já. Vid. *Religiões,* III, 382].

briel Pereira m'o mostrou, ha uma biographia de Santo Antão acompanhada de uma gravura em que se representão vários ex-votos (pernas, corações e uma mão). Creio já ter encontrado em igrejas *milagres* do sec. XVII ; do sec. XVIII tenho encontrado muitos.—O Christianismo nisto, como no mais, santificou o Paganismo ; por isso não admira que por tantos modos estejamos vinculados ao passado.

Pedras com inscripções funerarias são, de entre os monumentos da epigrafia romana, o que mais abunda no nosso país ; ellas contêm importantes elementos para o conhecimento das instituições, da Philologia, da História : vid. o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, e o Supplemento. Grande número de vezes estas pedras não encérrão unicamente inscripções, mas estão affeiçoadas artisticamente, e com symbolos. Na Bibliotheca Nacional ha uma inscripção funeraria do Algarve muito ornamentada. Em Carquere, na Beira-Alta, apparecêrão umas pedras sepulcraes que representam bustos humanos, das quaes fallei na *Revista Archeologica*, II, 113 sgs. : parte d'ellas estão no Museu de Guimarães, outra parte na collecção archeologica de meu primo Manoel Negrão, na sua quinta de Mosteirô. No Sul do reino conhecem-se curiosas sepulturas cupiformes ou de fórma de pipa, que se podem observar no Museu de Evora, e no Museu do Algarve. Em Tras-os-Montes, como noutros pontos do Norte da Peninsula, ha significativas inscripções funerarias com rosetas ou suásticas flammejantes. Conheço sepulturas christãs, relativamente modernas, que se filião, ao que parece, nesta última fórma. Merecem tambem especialissima menção os formosos tumulos do Museu do Porto e do Museu do Carmo, aquelle descripto pelo Sr. E. Augusto Allen numa *Noticia* publicada em 1867 (vid. tambem uma estampa no *Diario Illustrado* de 20 de Janeiro de 1891), este estampado pela primeira vez no *Elucidario* de Viterbo, e depois no *Boletim* da Sociedade Archeologica do Carmo ; cfr. tambem E. Hübner, *Die antiken Bildwerke*, 335. A esta especie de tumulos se liga o friso de Chellas, de que fallei a cima, e parece que um baixo-relevo que existe no Museu de Elvas, e que foi estampado no *Occidente*, V, n.º 118, e na *Revista Archeologica*, III, 161.—Alguns dos monumentos de que acabo de fallar têm de ir para o Museu Ethnographico ; de outros podem obter-se reproducções em gesso, ou estampas.

3) Vestuarios e adornos. Para esta secção podem obter-se pulseiras, aneis, contas, alfinetes, fivellas (*fibulae*), etc. Têm tambem cabimento aqui as considerações que fiz no cap. II, § 3.—Muitos dos nossos trajos modernos parecem-se com os antigos, ainda que nem sempre se possa estabelecer filiação. A gente das serras da Beira usa uma capa com um capús, chamada *capucha;* este vestuario tem muita semelhança com o *cucullus* romano. O chapeu da cabeça é analogo ao *petasus* romano, que tem origem grega. A *carapuça* (barrete) e o *carapuço* parecem-se bastante com algumas fórmas do *pileus*. As *calças* têm o seu protótypo nas *bracae* e nas *saraballae* ou *sarabarae*. Os calções lembrão os *feminalia* ou *femoralia*. Os çapatos representão os *calcei*. As botas de montar assemelhão-se aos *cothurni*.

Os aneis, como outros objectos de ornato ou de uso, são frequentemente ao mesmo tempo objectos de religião, pois os Romanos costumavão trazer nelles pedras de virtude ou imagens de deuses, ou costumavão fazêlos de substancias consideradas como maravilhosas. Tenho visto muitos anneis nestas condições; na Bibliotheca Nacional ha dois, feitos, segundo creio, de pedras maravilhosas; eu possuo um de prata, com a figura de um guerreiro e possuo outros com pedras gravadas; no Museu do Algarve estão vários anneis romanos. Nas collecções particulares não faltão elles tambem: especializarei a do meu amigo o Sr. Dr. Teixeira de Aragão, que já em tempo publicou uma memoria sobre *Anneis* em geral. — Os aneis modernos são evidentemente continuação dos aneis antigos; os proprios aneis de virtude antigos estão hoje representados no nosso povo pelos aneis de *fava*, da *unha da grã-bêsta*, de *aço*, de *cornalina*.

O Museu do Algarve possue muitos elementos para esta secção.

4) Ceramica, vidros, mosaicos, e tudo o que se relaciona com a vida doméstica e agricola. Sería muito difficultoso fazer aqui sequer um esbôço d'esta secção. Basta tocar em alguns pontos.

Já acima fallei de mosaicos. Melhores ou piores é facil obter muitos, sobretudo no Sul do país. O Museu do Algarve, o das Janellas Verdes e ainda o da Bibliotheca Nacional possuem fragmentos. O Algarve é principalmente a região dos mosaicos; elles offerecem differentes pinturas.

Os mencionados Museus contêm igualmente numerosos exemplares de ceramica e de vidro. O barro vermelho fino da epocha romana é conhecido entre nós pelo nome de *saguntino* (cf. sobre elle Hübner, *La Arqueología de España,* 1888, pag. 184). Muitos objectos de barro, quer vasos, quer tijolos ou telhas, estão marcados ; estas marcas figulinas são tambem importantes.

Um dos meios mais vulgares de reconhecer entre nós as estações romanas são as telhas de rebôrdo, que os Romanos chamavão *tegulae,* e se apresentão de côr vermelha ou branca (lembrão as telhas de Marselha). Infallivelmente se encôntrão perto das estações romanas fragmentos d'estas telhas. *Tegulae* inteiras são raras, mas tenho-as já encontrado, por exemplo, num monte ao pé de Lagos, e numa quinta no Baixo-Douro. Já uma vez, guiado pelo apparecimento de fragmentos de telhas de rebôrdo, num caminho, fui andando, até que encontrei uma ara romana com inscripção,—a unica que por ora se conhece do concelho do Cadaval. Ao Sr. Martins Sarmento, segundo elle me diz, têm acontecido muitas vezes factos semelhantes.

Juntamente com as telhas de rebôrdo apparecem a cada passo pesos de barro (*pondera*), de várias fórmas.

Os Romanos não tinhão só telhas de rebôrdo, tinhão-nas tambem curvas, como as de hoje, chamadas *imbrices,* no singular *imbrex,* de cujo deminutivo i m - b r i - c u l u s veio a palavra *brelho* ou *breilho,* usada no Minho na significação de «tijolo».

Tanto de *imbrices,* como de *tegulae* e de *pondera* ha já muitos exemplares para o Museu Ethnographico.

Entre os objectos de barro mencionarei aqui as *lucernae* ou candeias. Ha-as tambem de metal, como uma, apparecida em Sintra, que comprei para a Bibliotheca Nacional. As lucernas de barro que podem desde já ir para o Museu offerecem muitas variedades nas figuras que contêm ; algumas são marcadas ; na collecção de Estacio da Veiga estava uma com inscripção grega, já actualmente guardada no Museu Ethnographico.

Merecem igualmente menção as amphoras. A Bibliotheca Nacional possue tres, muito boas, sendo duas já antigas no estabelecimento, e outra (com tampa) comprada por mim, num leilão, com outros objectos archeologicos, para a Bibliotheca. Na collecção algarvia tambem ha algumas.

Os exemplares de vidro mais vulgares são os chamados *lacrimatorios*, isto é, *unguentarios*. Temos tambem nos Museus do Algarve e da Bibliotheca outros objectos de vidro. Como collecção particular é notavel em vidros romanos a do Sr. Teixeira de Aragão.

Nas estações romanas, como a Quinta da Torre de Ares (Algarve), têm apparecido tubos de metal e de barro que certamente tinhão applicação no campo. Vestigios de fórnos de tijolo, ás vezes ainda com escórias, são igualmente freqüentes. Ha ainda instrumentos, como picaretas, *terebrae*, pedras de moinho, *clavi* ou prégos,—etc., etc.

5) Armas. Podia fazer aqui considerações analogas ás que fiz no cap. II, § 4.

Nas estações antigas encontrão-se ás vezes lanças. Todavia na secção de armas não conheço muitas cousas na nossa archeologia.

A Bibliotheca Nacional possue algumas *glandes* de chumbo. As glandes érão balas ou projécteis arremessados por intermedio de fundas. Diz Vergilio, *Eneida*, VII, 686:

> ...... *pars maxima glandes*
> *Liventis plumbi spargit.*

As mais vulgares devião ser de pedra; effectivamente tenho encontrado nas estações archeologicas pedras, geralmente seixos rolados, que podião ter servido para isso. Na antiguidade gozavão de muita fama os fundibularios hispanicos; lá diz tambem Vergilio, *Georgicas*, I, 309:

> *Stuppea torquentem Balearis verbera fundae.*

As glandes têm ás vezes inscripções. No nosso país nunca encontrei nenhuma assim.—Sobre o assumpto veja-se um trabalho publicado na *Ephemeris epigraphica*, vol. VI (1885), com o titulo de *Glandes plumbeae latine inscriptae*, por Zangmeister.—As fundas são ainda hoje usadas no Algarve pelos pastores.

6) Moedas. As que ha no Museu do Algarve e no Museu das Janellas Verdes, as quaes devem ir para o Museu Ethnographico, são bastante numerosas, postoque em geral pouco importantes.

No nosso país apparecem a cada passo moedas romanas, sobretudo do Imperio. Depois das telhas de re-

bôrdo, ou juntamente com ellas, são as moedas o melhor meio de indicar ao observador estações romanas.

7) Objectos diversos. Para abreviar, incluo sob esta designação os monumentos epigraphicos, as esculpturas, e emfim todos os documentos artisticos ou industriaes que não tiverão entrada nos paragraphos precedentes.

IV

EPOCHA BARBARA

Denomina-se assim a epocha que decorre desde as invasões dos Barbaros, no sec. v, até á invasão dos Arabes, no sec. viii. No sec. v muitos povos barbaros invadírão a Peninsula, sendo a maior parte de raça germanica, como os Suevos, os Vandalos (com os Silingos), os Wisigodos, outros de raça scythica, como os Alanos. Distribuírão-se por differentes regiões, mas os mais importantes são os Suevos e os Visigodos, que vieram a adoptar a civilização romana e a catholica.

Da história peninsular dos Barbaros dão-nos importantes notícias alguns auctores contemporaneos, taes como Paulo Orosio, Idacio, Isidoro Pacence, S. Isidoro de Sevilha e outros.

A archeologia d'esta epocha é bastante pobre; por isso me abstenho de estabelecer paragraphos, como fiz a proposito das antecedentes.

É principalmente com monumentos epigraphicos christiano-latinos que se ha-de preencher no Museu Ethnographico a respectiva secção. Á cêrca d'esta especie de monumentos vid. *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, de E. Hübner, Berlim 1871. No seu livro *Antiguidades de Mertola*, Lisboa 1880, inclue tambem Estacio da Veiga descripções e estampas de muitos monumentos wisigothicos. Alguns de taes monumentos, que fazião parte de sepulturas, achão-se no Museu do Algarve, e outros fôrão comprados para o Museu Ethnographico á familia de Estacio da Veiga.

Entre os monumentos myrtilenses descritos por Estacio da Veiga ha um marmore christão com uma inscripção em caracteres gregos; esta inscripção é muito curiosa, já paleographicamente, já porque testemunha, como se diz no citado livro, pag. 199, a existencia de elementos byzantinos nesta parte do nosso país. De facto os Byzantinos, attrahidos cá por occasião das dissen-

ções intestinas dos Wisigodos, entrárão na Peninsula no sec. VI, em tempos de Athanagildo, sendo definitivamente expulsos d'ella só no sec. VII, por Suinthila.

Ao lado dos monumentos epigraphicos, e de outros objectos que haja no Museu do Algarve (taes como fragmentos ceramicos, etc.), póde o Museu Ethnographico archivar moedas pertencentes á epocha de que estou fallando, pois, como é sabido, os Suevos e os Wisigodos, imitando o systema monetario romano (e byzantino), cunhárão moedas na Peninsula. A obra mais ampla sobre numismatica wisigothica é a de Heiss, *Description générale des monnaies des rois wisigoths d'Espagne*, Paris 1872. Sobre as moedas dos Suevos tem o mesmo auctor um trabalho na *Revue de Numismatique*, 1891, pag. 146 sgs., onde, em nota, indica a bibliographia do assumpto. Já antes de Heiss, como elle nessa nota confessa, havião publicado os Srs. Eduardo Augusto Allen & Henrique Nunes Teixeira um artigo na citada Revista, vol. X, 1865, do qual se fez edição em separado,—*Monnaies d'or suévo-lusitaniennes*, folheto de 15 paginas, com uma estampa. Tanto o artigo de Heiss, como este último, se referem a umas curiosas moedas que por ora só se têm encontrado em Portugal, e que, por várias razões historicas, se attribuem aos reis Suevos da Gallecia e da Lusitania. Taes moedas constituem outra particularidade notavel na historia do Occidente da Peninsula.

V

EPOCHA ARABICA

Por motivos que não vêm a proposito desenvolver, mas que em parte são analogos áquelles que chamárão para cá no sec. VI os Byzantinos, a Peninsula foi invadida no princípio do sec. VIII pelos Arabes, entre os quaes vínhão povos de diversa origem, abundando porém Africanos, por isso que os Arabes tinhão, pouco antes, subjugado o Norte da Africa. A abundancia de Africanos fez que entre nós vulgarmente se chamassem *Mouros* os Arabes ; nem o povo conhece ainda hoje outra denominação senão aquella.

Não era então a primeira vez que na Peninsula entravão elementos semiticos e africanos. Sem ascendermos aos Carthagineses, e a outros povos de Africa com os

quaes necessariamente os Hispanos em tempos remotos devião ter estado em contacto, sabemos que na epocha romana os Mouros fizerão incursões por cá. Da raça semitica havia cá tambem elementos antigos, os Judeus, e outros anteriores, os Phenicios.

O conhecimento d'estes diversos elementos ethnicos póde explicar certas sobreposições e affinidades. Nos Judeus peninsulares, por exemplo, cuja existencia era já antiga cá, achárão os Arabes um auxílio na lucta contra os Wisigodos.

Depois da batalha de Guadalete, em que os Wisigodos fôrão vencidos, as armas sarracenas proseguírão victoriosas na conquista da Hispania, e em breve a civilização dos crentes do Islam, em certos casos superior á dos crentes da Cruz, senhoreava boa parte da Peninsula, não obstante a resistencia dos que, havendo-se refugiado nas Asturias, d'ahi começárão a reconquista e derão origem á monarchia leonesa.

As profundas differenças, nas raças, nas linguas, nas religiões, nos costumes, entre os Hispano-Godos e os Arabes impedião que de parte a parte se estabelecessem fusões tão completas e tão extensas como entre os Godos e os Hispano-Romanos, ou como entre os Romanos e os Hispanos. D'aqui a existencia de dois grupos principaes de populações na Peninsula durante a epocha de que estou fallando : Arabes (com os Judeus) e Christãos. Todavia muitos Hispano-Godos, sem deixarem a sua religião nem as suas leis civis, havião aceitado a dominação dos Arabes, vivendo entre elles, e ás vezes mesmo ligando-se com elles, e adoptando-lhes os trajos, os costumes, a lingua, a civilização, em fim : erão os Moçarabes.

Alexandre Herculano, que na *Historia de Portugal*, III (3.ª ed.), pag. 171 sgs., estudou admiravelmente este grupo social, attribue-lhe grande importancia na propagação da civilização muçulmana na Peninsula, pois que os Moçarabes servião de intermédio aos Arabes e ás populações christãs.

Da civilização muçulmana ou arabiga restão ainda hoje na civilização portuguesa bastantes vestigios, nos typos ethnicos, na lingua, nos trajos, nas tradições, nos costumes. Parece que será no Sul, e sobretudo no Algarve, que esses vestigios mais abundarão. Quando, depois que acabou o califado de Cordova, a Hispania muçulmana se dividiu em *taifas*, ou pequenos reinos

independentes, Silves e Santa Maria (Algarve) fôrão capitaes de dois.

De monumentos e outros restos materiaes do tempo dos Arabes tambem alguma cousa existe ainda no nosso solo, por exemplo no Alemtejo e no Algarve, postoque não tenhão comparação possivel com o que existe na Hespanha.

Esta secção póde ficar representada no Museu Ethnographico principalmente com o seguinte, que Estacio da Veiga recolheu, e que deve existir no Museu do Algarve, depositado na Academia de Bellas-Artes :

1) Uma pia de marmore branco com inscripção cufica, monumento encontrado no concelho de Villa-Real de Santo Antonio.

2) Varios monumentos epigraphicos, de diversas procedencias.

3) Louças. A louça arabiga, comparada com as que se conhecem de epochas anteriores no país, offerece uma novidade : é o vidrado. Fallando de achados archeologicos em Valle do Caranguejo, entre Tavira e Villa-Real, diz Estacio da Veiga, nas *Antiguidades do Algarve*, II, 422 : «fragmentos da typica louça vidrada que os Arabes fabricaram na Peninsula, onde até então era desconhecido o processo da vidragem da louça».

No Museu do Algarve recolheu elle muitos fragmentos de louças lisas, vidradas de varias côres, esmaltadas, ornamentadas ; uma botija com vidrado côr de mel ; uma taça de barro vidrado, tambem côr de mel, pintada de preto ; diversas vasilhas inteiras, sendo uma d'ellas um vaso com duas asas, pintado de listas brancas, proveniente de Lagos.

A respeito de Mertola escreve o mesmo archeologo nas *Antiguidades de Mertola*, pag. 146 : «Do muito que em Mertola se poderia ainda apurar, pouco resta já da epocha arabe»,—e menciona só o seguinte com relação a ceramica (pags. 35-36) :

«Fragmento de grande vaso de argilla amarellada, externamente ornamentado em relevo, no estylo arabe, ou antes hispano-mahometano» ;

«Fragmento muito espesso de grande vaso de argilla ligeiramente avermelhada, com relevo ornamental no estylo hispano-mahometano, vidrado de verde escuro» ;

«Dois fragmentos, que se ligam, de um vaso de largo fundo achatado, medindo de altura $0^{m},035$. É internamente vidrado de verde escuro, e por fóra de amarello

esverdeado, sendo a sua massa ceramica semelhante na côr e contextura á dos fragmentos antecedentes» ;

«Fragmento de fundo de um vaso de argilla, semelhante aos antecedentes na côr e contextura do barro, com vestigios de vidrado côr de mel no lado externo, e de amarello claro internamente» ;

«Fragmento de fundo de vaso de argilla com externo vidrado côr de mel sobre reflexos escuros, parecendo pertencer á classe dos artefactos ceramographicos hispano-mahometanos».

Na Bibliotheca Nacional ha em depósito muitos fragmentos de louça arabica vidrada e com muitos e graciosos ornatos de relêvo. Todos elles provierão do Algarve, e podem passar para o Museu Ethnographico.

4) CANDEIAS. No Algarve apparecem com freqüencia candeias arabicas de barro, que lembrão as lucernas romanas ; mas, além de terem o bico (latim *myxa*) mais comprido, semelhante a um bico de pato, e a asa mais desenvolvida que as romanas, têm tambem mais alta, e de fórma de gargallo, a parte por onde se deitava o liquido.

Possuo duas quasi inteiras, ainda com algum vidrado, que se achárão no castello de Faro, e me fôrão offerecidas naquella cidade pelo Sr. Dr. Coelho de Carvalho ; posso depositá-las no Museu Ethnographico. Na collecção archeologica da Bibliotheca Nacional ha algumas d'estas candeias, umas pertencentes ao estabelecimento, outras ahi em depósito. Estacio da Veiga encontrou muitas no Algarve.

Neste particular o Museu Ethnographico fica sufficientemente provído.

5) AZULEJOS. Estacio da Veiga recolheu alguns no Museu do Algarve. Pelo país ha muitos azulejos de relêvo, vidrados e de várias côres, que é costume chamar hispano-arabes ; mas são de data posterior.

Ainda hoje em Portugal se fabricão, por imitação, azulejos analogos áquelles.

6) MOEDAS. As moedas arabicas são outra especie archeologica vulgar no Sul. Tenho visto muitas no Algarve, principalmente de prata, quadradas.

Á cêrca das moedas de prata, achadas no castello de Mertola, que devem existir no Museu do Algarve, lê-se nas *Memorias de Mertola*, de E. da Veiga, pag. 39 : «Moedas de prata de dois modulos quadrados, com legendas em ambos os lados, semelhantes ás de Almo-

dovar, descriptas, traduzidas e offerecidas á Real Academia de Historia, em 1800, pelo academico Fr. José de Santo Antonio Moura». O artigo de Fr. José de Santo Antonio vem nas *Memorias da Academia Real das Sciencias,* vol. X, parte I.

Os Arabes, como é sabido, cunhárão moeda na Peninsula. As moedas arabicas são de ouro (*dinares, semi-dináres, terços de dinár*), de prata (*dírhemes*), e de cobre (*feluses*). As moedas arabicas têm várias fórmas. As de que falla Estacio da Veiga são moedinhas de prata quadradas. No seu *Tratado de numismática arábigo-española,* Madrid 1879, diz D. Francisco Codera: «Esta tendencia para a fórma quadrada é muito caracteristica das moedas almohades e posteriores arabigo-españolas» (pag. 218).

Na Bibliotheca Nacional ha moedas de ouro, de prata e de cobre; todavia esta collecção faz parte integrante do estabelecimento, não póde deslocar-se.

7) Objectos diversos. Estacio da Veiga encontrou tambem pelo Algarve outros objectos que não posso descrever miudamente, como cimentos para construcções, e alcatruzes de barro. D'estes ultimos diz nas *Antiguidades do Algarve,* II, 422: «tenho notado haver nas terras cultivadas muitos fragmentos de uns alcatruzes de barro amarellado, com canelluras estreitas em relêvo, semelhantes aos alcatruzes inteiros que em Silves fôrão extrahidos da cisterna dos Cães, e de que tenho depositado no museu alguns exemplares».

*

Não obstante o esplendor que a civilização arabiga attingiu entre nós, e a importancia que ella teve para a nossa civilização, o que resta para preencher no Museu Ethnographico a secção respectiva é excessivamente pouco, consistindo de mais a mais quasi tudo em fragmentos.

Esta pobreza coincide com o desamparo a que os estudos arabicos têm sido votados em Portugal, onde nem sequer uma cadeira de arabe existe [1]!

---

[1] [Com a reforma da instrucção pública, feita pelo Govêrno da Republica, criou-se já uma cadeira de arabe na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa].

Alguns mancebos estudiosos tentão actualmente despertar entre nós o gôsto e o estudo dos assumptos semiticos. Assim não esmorêção no seu util e louvavel emprehendimento!

Se o Governo o ajudar, o Museu Ethnographico fará tambem por augmentar o peculio dos objectos archeologicos neste ramo.

VI

EPOCHA PORTUGUESA PROPRIAMENTE DITA

(Desde a Idade-Média até o seculo XVIII)

Esta epocha subdivide-se em duas: uma, desde a Idade-Media até o Renascimento; outra, desde o Renascimento até o sec. XVIII.

O fundamento da divisão está em que do sec. XV em diante a vida portuguesa experimentou novo abalo, começando a ser mais complexas as nossas relações sociaes, mais intensa a nossa civilização. As relações com os países de além-mar influírão nas artes, nos habitos, nas mobilias e mais aprestos caseiros, nas comidas, nos trajos, etc. Começa tambem a transfundir-se novo sangue no nosso, em virtude da assimilação que fizemos dos povos descobertos e conquistados.

Já nos capitulos precedentes fallei de diversas camadas ethnicas que se sobrepuserão no nosso solo, até os principios da Idade-Média.

No periodo em que Portugal se separa de Leão, e principia a definir-se politicamente, para o que concorrem, de um lado condições organicas, do outro o esfôrço dos seus homens politicos, são estes os elementos que constituem a população portuguesa: Hispano-Godos, que provinhão da assimilação dos Barbaros aos povos pre-existentes na Peninsula, e se dividião em Moçarabes e em Hispano-Godos propriamente ditos, isto é, puros de servidão; Sarracenos, que, como disse, se compunhão de muitos elementos ethnicos; Judeus; colonias vindas d'além dos Pyreneus em differentes epochas, e que formárão muitas povoações, como Atouguia, Villa-Verde, Lourinhã, Azambuja, Sezimbra, Ponte-de-Sor, e se estendêrão pelo Norte. Devem-se a Alexandre Herculano algumas bellas paginas a respeito d'estas colonias. Os povos que a formavão recebêrão o nome comum e vago de *Franci*. «A influencia do elemento franco na povoação das nossas provincias, especialmente nas da

Extremadura e do Alemtejo, —diz o grande historiador, na *Historia de Portugal,* III (3.ª ed.), pag. 220—, foi muito mais importante do que em Leão, porque se associou ao povo e contribuiu para augmentar a extensão e a fôrça dos gremios municipaes».

Com as conquistas além mar, se a população do continente se diffundiu e gastou, por outro lado recebeu em si e absorveu elementos ethnicos de muitas e diversas origens, com os quaes se alterou.

Dizia Nicoláo Clenardo numa das suas cartas, —Nicolai Clenardi *Epistularum libri duo,* Hanoviae 1606, pag. 20—, que Portugal no sec. XVI estava tão cheio de Negros e Mouros, que parecia que em Lisboa havia mais escravos e escravas do que Portugueses livres. Dando o devido desconto ao exaggêro, são porém aquellas palavras dignas de attenção. E o augmento da gente estranha não era só em Lisboa, era tambem, e naturalmente, nas provincias. Do testamento de uma rica dama eborense do sec. XVI, extractado pelo Sr. Gabriel Pereira nos seus *Estudos Eborenses,* n.º 15, Evora 1888, consta que ella tinha em sua casa, como diz o Sr. Pereira, «um grupo de serviçaes de differentes raças, que dão idea de uma collecção anthropologica» : effectivamente nesse testamento mencionão-se escravos ou criados indios, mouriscos, chineses, mulatos, pardos, além de um branco e de cinco cuja raça se não indica.

Fallando do desfalque da população, por causa das conquistas, escrevia no sec. XVII Severim de Faria,—*Noticias de Portugal,* disc. 1.º, § 2 : «Daqui veio o ser necessario trazerem-se Cafres e Indios para o serviço ordinario. E já em tempo delRey Dom João III passava isto em tanto crescimento que diz Garcia de Resende numa copla da sua *Miscellania:*

Vemos no Reyno metter
Tantos cativos, crescer,
E irem-se os naturaes,
Que se assim fôr, serão mais
Elles que nós, a meu ver».

Pelo que toca ao sec. XVIII, diz-se que o Marquês de Pombal povoou de Africanos uma terra nas margens do Sado[1].

---

[1] [Cf. *O Arch. Port.,* I, 67].

No seculo actual, e no tempo presente, vemos a cada passo não só gentes do Ultramar, sobre tudo da India e da Africa, virem para a metropole e cá ficarem e se propagarem, como tambem Portugueses, que vão para esses e outros pontos e para o Brasil, voltarem de lá casados com indigenas.

Taes mestiçagens e cruzamentos explicão algumas das variedades de typos ethnicos que existem no país, e tambem por ventura, em parte, certas modificações que ha uns seculos para cá se notão no nosso caracter. O conhecimento dos principaes elementos constitutivos do povo português torna-se pois assumpto obrigado, como introducção de um inventario de Ethnographia; por isso fiz a breve indicação que acabo de fazer.

*

Restringindo-me agora ao meu campo, direi que, em virtude das considerações que apresentei acima, muitos objectos que poderião ficar no Museu Ethnographico ficarão melhor, ou pelo menos têm tambem cabimento, noutros Museus, por exemplo no de Bellas-Artes e no de Artilharia, nos quaes já se áchão bastantes, e de onde, nas circumstancias presentes, não convem deslocá-los. Estão nesse caso: de um lado, objectos de ourivezaria, metaes preciosos, joias, imagens de santos, alfaias ecclesiasticas, esculpturas decorativas, mobilia e ceramica de luxo, tapetes ricos; do outro lado, armamentos portugueses, estandartes, etc.

Mas resta muita cousa que póde ainda adquirir-se para o Museu Ethnographico, sem fallar no que deve reproduzir-se por estampas, moldes, etc.

De facto a nossa archeologia, no periodo de que estou fallando, isto é, no que decorre desde a Idade-Média até o sec. XVIII, dá immenso que estudar. Não podendo aqui sequer fazer uma resenha do que ha no país, remetto o leitor para as obras especiaes, entre as quaes póde, por exemplo, consultar as seguintes modernas:

Catalogo illustrado da exposição retrospectiva de arte ornamental, Lisboa 1882, 2 vol. (texto e estampas);

Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos, por Vilhena Barbosa, Lisboa 1886;

Portugal Pittoresco, por Augusto Mendes Simões de Castro;

Les arts en Portugal, pelo Conde de Raczynski, Paris 1846;

Die Baukunst der Renaissance in Portugal, por Albrecht Haupt, Frankfurt 1890;

Monumentos Nacionaes, por Mendes Leal, Lisboa 1868;

Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal, por A. Filippe Simões, 1870;

Da architectura religiosa em Coimbra durante a idade-média, pelo mesmo, 1875;

Escriptos diversos, pelo mesmo, 1888;

A arte antiga em Hespanha e Portugal, que faz parte do *Album de phototypias da Exposição de arte ornamental* de Carlos Relvas, Lisboa 1883, pelo mesmo. D'este trabalho vêm uns fragmentos nos *Escriptos diversos,* pag. 332;

Lisboa antiga, pelo Visconde de Castilho (Julio), 1879-1890;

A Ribeira de Lisboa, pelo mesmo, 1893;

O Mosteiro da Batalha em Portugal, pelo Visconde de Condeixa;

O Minho Pittoresco, por J. A. Vieira, 1886-1887;

Catalogo provisorio da galeria nacional de pintura (com uma introducção pelo Marquês de Sousa Holstein);

Catalogo do Museu Archeologico do Carmo;

Catalogo do Museu do Instituto de Coimbra;

Catalogo do Museu «de Cenaculo», por Filippe Simões;

A antiga eschola portuguesa de pintura, por J. C. Robinson (traducção), 1868;

Portugal antigo e moderno, por Pinho Leal & Pedro Augusto Ferreira, 1873-1890;

Historia de Portugal, por Pinheiro Chagas;

Estudos Eborenses, por Gabriel Pereira;

Artes e artistas de Portugal, por S. Viterbo, 1892;

muitos jornaes litterarios, já da especialidade, como o *Boletim* da Associação Archeologica do Carmo, o *Antiquario,* a *Revista Archeologica,* a *Arte Portuguesa,* já de caracter geral, como o *Panorama,* o *Archivo Pittoresco,* o *Occidente,* a *Revista Illustrada,* etc., etc.;

e outros livros de historia e archeologia locaes, além dos que já citei. A menção de todos sería muito longa. Lembrarei no emtanto alguns modernos:

O concelho de Elvas (em publicação), por Victorino de Almada;

Apontamentos para a historia do Fundão, por J. Germano da Cunha, Lisboa 1892;

Compendio de noticias de Villa-Viçosa, por P.^e Rocha Espanca, Redondo 1892;

os opusculos do Abbade Castro e Sousa, sobre Belem, Sintra, Pena, etc., e o *Itinerario* feito pelo mesmo auctor;

Materiaes para a historia da Figueira nos sec. XVII *e* XVIII, por A. dos Santos Rocha, Figueira 1893;

Monographia de Castello Branco, por Antonio Rôxo, Elvas 1891;

Estudos sobre Montemór-o-Novo, por Lopes Praça, Coimbra 1873;

Monumentos das ordens militares de Thomar, por J. Antonio dos Santos, Lisboa 1879;

Alemquer e o seu concelho, por G. João Carlos Henriques, Lisboa 1873;

Annaes de Sanct-Yago de Cassem, pelo P.^e A. de Macedo e Silva, Beja 1866 e Lisboa 1869 (2.ª ed.);

Memorias da villa de Oleiros, por D. João M. Pereira de Amaral e Pimentel, Angra 1881;

Esboço historico de Villa Nova de Ourem, por J. das Neves Gomes Elyseu, Lisboa 1868;

Apontamentos para a historia de Cascaes, por Pedro Lourenço de Seixas B. Barruncho, Lisboa 1873;

Descripção de Villa Nova de Gaya, por Monteiro de Azevedo & Rodrigues dos Santos, Porto 1861;

Memoria do mosteiro de Leça, por A. Carmo Velho de Barbosa, Porto 1852;

O monumento de Mafra, por Conceição Gomes, Lisboa 1871;

Monumentos e lendas de Santarem, por Zephyrino Brandão, Lisboa 1883;

Historia da cidade e bispado de Lamego, por D. Joaquim de Azevedo, Porto 1878;

Descripção de Torres Vedras, por Madeira Torres (2.ª edição), Coimbra 1861;

Memorias da villa do Barreiro, por J. Augusto Pimenta, Lisboa 1886;

Memoria sobre Setubal, por Alberto Pimentel, Lisboa 1879;

Guimarães, pelo P.^e Ferreira Caldas, 2 vol., Porto 1881-1882;

Tàgilde, pelo Abbade Oliveira Guimarães, Porto 1894.

Alguns dos livros e jornaes citados contêm tambem noticias a respeito de outras epochas da história da civilização portuguesa.

*

Para preencher no Museu Ethnographico a respectiva secção ha ainda muito pouco : apenas algumas pedras com inscripções, e umas esculpturas que Estacio da Veiga recolheu no Museu do Algarve ; e todavia torna-se facil em pouco tempo, logo que o Govêrno dê para isto uma verba, embora modesta, fazer uma razoavel collecção de objectos archeologicos portugueses.

VII

EPOCA PORTUGUESA MODERNA

Parte dos objectos que vão ser enumerados podem tambem pertencer a um museu de bellas-artes, a um museu industrial, a um museu agricola, etc., em virtude do que eu disse a cima ; no emtanto não deve deixar de se fazer aqui a menção geral, embora haja sempre de se ter na mente que os objectos que principalmente se buscão num museu ethnographico são os de significação *caracteristica* e *antiga,* isto é, os que estão radicalmente relacionados com a vida popular, fazendo parte integrante d'ella, e contribuindo para revelar e explicar as tendencias e aptidões do povo que os usa.

*

Ás variedades geologicas, climatericas, anthropologicas do nosso país correspondem variedades ethnographicas, pois a vida social regula-se quasi sempre pelas condições naturaes.

No Minho, —como provincia mais rica em vegetação e mais umida, pelas suas condições de latitude — , é onde domina o gado bovino, que ajuda o homem nos trabalhos campestres. Ahi achamos tambem curiosos factos ethnographicos ligados com a vida agraria : superstições com o boi, por cuja bôca, tida como sagrada, se fazem bafejar as sementes antes de as lançarem á terra ; adi-

vinhas populares e cantigas cujo thema é o campo; e esses curiosissimos jugos e cangas que só se encôntrão lá, variados nos seus ornatos, conforme as localidades, e com allusões a crenças religiosas. O systema das vides de enforcado, isto é, das vides que crescem abraçadas ás arvores *(uveiras)*, —podendo dizer-se como Varrão, *De re rustica*, XI, II, 79, *ulmi vitibus maritantur*—, dá origem no Minho a costumes especiaes de vindima, que não se encôntrão noutros sitios, onde o cacho se cria em vinhas e *vinhagos*, e não em *uveiras*.

O milho cultiva-se principalmente no Minho e na Beira. Além do aspecto de paisagem que elle imprime aos campos, a sementeira e a colheita constituem na vida das povoações episodios variados. A sementeira, em alguns sitios, chama-se *vessada*, —do latim v e r s a t a, participio do verbo *versare*, «revolver a terra»—, e os dias em que ellas se fazem são na Beira-Alta, em cada familia, dias de festa e de movimento, em que todos os trabalhadores vão alegres para o campo, e de lá voltão dando vivas aos donos das *lameiras* e *lameiros*,—pois assim se chámão os terrenos onde numa epocha do anno se cria o milho, e na outra as pastagens para os bois, terrenos ordinariamente situados junto de agua, e por isso alagadiços, d'onde a origem dos nomes. Na Extremadura a palavra *lameiro* tem significação mui diversa, pois quer dizer «sítio cheio de lama», o que na Beira se denomina *lamaço* e *lamaçal*.—A esfolhada e debulha do milho, aos serões, provocão nas raparigas e rapazes musicas e cantigas; e os empilhamentos das cannas junto das brancas e largas eiras, em *medas*, que como que fórmão altas pyramides, produzem um dos mais curiosos enfeites das vivendas ruraes.

Nas zonas montanhosas de Tras-os-Montes e da Beira nascem os castanheiros. Nada mais grandioso na nossa flora do que essas arvores seculares e giganteas, que o viajante admira no districto de Villa-Real, ou á entrada da cidade da Guarda, agrupadas em *soutos!* A castanha introduz modificações nos habitos alimentares, pois póde comer-se crua, assada, cozida, em caldo, pilada, e até transformada em uma especie de bôlas, que se vendem nas feiras beirãs com o nome de *falachas*. A castanha cozida substitue, a cada passo, na alimentação dos pobres, outros pratos. Nos conventos o caldo de castanhas era comida obrigada em certos dias solemnes. É tambem com castanhas que se fazem os

magustos, no dia de Todos-os-Santos, costume muito vivaz e espalhado na Beira, apesar de, como penso, se ligar com o antiquissimo culto dos mortos: o *magusto* é uma vasta e festiva fogueira em que se ássão castanhas, geralmente ao ar livre, no campo, com a qual se prendem várias usanças populares. Aqui está um bom exemplo das íntimas relações da Ethnographia com a Geographia. Mas não se encerra nisto a influencia da *Castanea vulgaris* na vida social do nosso povo. Conheço alguns contos que se referem ás tocas dos velhos castanheiros; a litteratura poetica oral offerece adivinhas que têm por assumpto a corpulencia d'essas arvores, o ouriço e a castanha; a *boneca* constitue um meio supersticioso de prever o futuro; e ainda as crianças fazem das vergonteas, quando cheias de seiva, umas gaitas particulares. Nenhum d'estes factos se póde observar fóra das regiões castaneíferas; elles dão pois por si caracter ás localidades.

A parte raiana da provincia de Tras-os-Montes abunda em cereaes. As grandes ceifas não só deslocão muita gente, o que origina transmissão de costumes, mas, como têm o cunho da antiguidade e da persistencia, fazem que se conservem certos habitos, cujo estudo muito importa. Exemplos de transmissão de costumes temo-los nas xacaras populares, como mostrei no *Romanceiro português,* Lisboa 1886, pag. 5; exemplos de conservação de habitos temo-los numa importantissima classe de poesias, algumas das quaes colleccionei no *Annuario das tradições populares,* Porto 1882, pag. 19 sgs., que dão luz para a comprehensão de certas fórmas poeticas dos nossos Cancioneiros medievaes. A necessidade de acarretar grandes porções de palha obriga os lavradores a servirem-se de carros tambem muito grandes: é pois uma particularidade de várias localidades trasmontanas a dimensão das portas dos *cabanaes,* para onde entrão os carros. Os *cabanaes,* em dialecto mirandês *cabanhaes,* correspondem aos *pateos* ou *páitos* da Extremadura, e ás *quintans* da Beira-Alta.

Os terrenos calcareos do Mondego, do Tejo e do Guadiana produzem olivaes em grande escala. A apanha da azeitona e a fabricação do azeite originão nomes, cantigas populares e usos que não existem noutras partes, ou existem differentes. Na Beira é costume, na noite de S. João, accender um *facho,* feito de lenha sêcca; na

Extremadura o *facho* é substituido por uma *ceira* do azeite. Em Santarem chama-se *adiafa* a uma festa que se faz no fim da colheita da azeitona, e consiste em danças, etc. Como estas, outras diversas modificações na vida ethnographica, devidas á cultura da oliveira, se podião citar.

O Alemtejo, onde o clima é mais sêcco, é a região do sobro e do azinho. O azinho produz bolota (nome popular *boleta*) e o sobro produz lande ; de lande e bolota se engórda o gado suino, que naquella provincia constitue copiosa fonte de riqueza. Além do gado suino, no Alemtejo crião-se outros em grande abundancia, como tambem na Beira. A vida pastoral alli tem cunho muito especial. Os differentes individuos encarregados da guarda e cuidado dos gados estão distribuidos hierarchicamente, desde o simples *ajuda* até o *maioral;* ha nomes especiaes, conforme os cargos, o *porqueiro,* o *cabreiro,* o *ovelheiro...;* os utensilios de que o pastor se serve, como o *tarro,* a *córna,* a colher de chifre, fá-los elle mesmo, em quanto, no silencio e na solidão das vastas *herdades,* guarda o gado ; e ás vezes revela-se nesses trabalhos muita habilidade, que, bem dirigida, poderia dar verdadeiros artistas.

Taes exemplos bástão para o meu intuito.

Com relação á Anthropologia, esta sciencia está ainda no berço entre nós, para que eu possa fazer aqui considerações desenvolvidas. A sobreposição dos elementos ethnicos que no decurso d'este artigo tenho indicado na população do nosso país, desde remotas eras, faz que não possamos encontrar hoje um typo uniforme, mas que pelo contrário encontremos muitos.

No Norte, por exemplo, não se verão com tanta freqüencia homens altos como no Alemtejo, nem no Sul se verão tão repetidamente homens de olhos azues e de barba e cabello louros como no Entre-Douro-e-Minho, em Tras-os-Montes e na Beira. É mais vulgar ver no Minho do que no Sul gente de faces rosadas. As molheres do littoral, de Aveiro a Vianna, pássão pelas mais formosas do país.

Os Septentrionaes são mais activos, mais resistentes no trabalho, do que os Meridionaes : basta notar que nas tres provincias do Sul ninguem faz uma pequena viagem a pé, e que quasi todas as pessoas têm para seu uso pelo menos um jumento. Quem percorre uma estrada do Algarve, do Alemtejo ou da Extremadura pasma

da grande quantidade de pessoas a cavallo que encontra ; já não é assim, por exemplo, na Beira nem no Entre-Douro-e-Minho.

Nas tres provincias do Sul ninguem anda descalço ou sem meias ; na Beira e no Entre-Douro-e-Minho isso é correntissimo. As proprias molheres nestas duas últimas provincias, quando vão de visita a uma terra estranha, vão sem meias, cálção-nas á entrada e descálção-nas á sahida, para as pouparem. E comtudo, quasi todas as molheres, nas horas vagas do serviço da casa, se occupão em *fazer na meia!* Ha mais uniformidade de trajos no Sul do que no Norte. Numa aldeia da Extremadura, em que vivi uns meses, havia um rapaz engeitado, muito pobre, que andava em mangas de camisa, por não ter jaqueta ; quis dar-lhe um casaco meu, já usado, mas ainda bom, e elle não o acceitou, por não ser como os outros da terra, e preferiu continuar, como andava, em mangas de camisa, ao vento e á chuva ! No Algarve é muito vulgar ver molheres do povo com chapeu, mesmo dentro de casa, nas lidas domésticas. Os trajos das molheres de Entre-Douro-e-Minho, e ainda da Beira-Alta, coloridos, garridos, contrástão singularmente com os das molheres do Sul, mais tristes, mais feios. Em parte alguma se usão nas orelhas brincos ou *arrecadas* de ouro tão grandes como no Minho. Em certos pontos raianos de Tras-os-Montes, as molheres, á maneira do que fazem as pretas na Africa, átão de certo modo a capa na cinta, e trazem ás costas, dentro de uma especie de saco, os filhos pequenos, emquanto com as mãos livres trabálhão : vi isto em Quintanilha. Creio que é só no Norte que os homens se podem vestir todos de palha : chapeu, *palhoça* (ou *croça :* de junco) e polainas,—como palheiros ambulantes. A palavra *croça* é modificação phonetica de *coroça,* que talvez provenha do latim c o r o c e a , por causa de analogia de côr.—Ao passo que a gente do campo usa vulgarmente no Norte, no verão, chapeus de palha, os trabalhadores meridionaes, mesmo no maior calor, não lárgão os pesados e quentes chapeus de panno desabados.

O Algarvio é extremamente fallador, resultado talvez da raça e do clima : tenho até observado que o estylo de muitos escriptores naturaes do Algarve é prolixo, verboso. O Alemtejano é apparentemente frio no seu trato, mas sincero ; o Minhoto e o Beirão são mais

amaveis, mas acaso menos sinceros ; o Extremenho nem é muito amavel, nem muito sincero,—exceptuando Lisboa onde, pelas condições inherentes a uma côrte, o termo *alfacinha* se tornou proverbial como synonimo de «pessoa de boas palavras e de muitos comprimentos, mas não convencida do que diz ou faz». Ninguem de apparencia mais amavel do que o Lisboeta : condiz porém sempre esta amabilidade exterior com o modo íntimo de pensar? O Extremenho creio não ser tão liberal como o Trasmontano, o Interamnense e o Beirão, que offerecem francamente a sua casa, hospedão e trátão com affabilidade. O typo chamado entre nós *Portugal velho*, bondoso, lhano, com quem a gente logo á primeira vez sympathiza, encontra-se mais vezes nas provincias do Norte e Centro do que nas do Sul. A patria do *fidalgo antigo*, que se revê nos seus brasões, e, sem deixar de estimar os outros, não se desapruma porém da linha, é tambem principalmente no Norte e no Centro do reino.

Em tudo o que estou dizendo, já se vê, ha muitas excepções ; apenas noto os resultados da minha observação, que póde ser bastante subjectiva.

A gente do Sul parece-me menos profundamente religiosa do que a da Beira e a das duas provincias septentrionaes ; pelo menos o culto externo tem lá menos vigor : não ha tantos santuarios, tantas *alminhas*, tantos cruzeiros ; não se realizão tantas cerimonias religiosas. No Norte ou na Beira, quando se festeja, por exemplo, o padroeiro da frèguesia, reina em todas as pessoas grande satisfação, e ninguem falta na igreja ; na Extremadura assisti uma vez, numa villa, a uma festa de anno, e apenas estavão no templo meia duzia de molheres, que provavelmente não tinhão outra cousa que fazer ! Não se póde comparar o mundano e o folgazão dos *cirios* extremenhos com a fé e a uncção das *romarias* e das procissões do Norte e do Centro do reino. Em Lisboa o artista e essa repugnante classe dos *faias* ou *fadistas* fazem ostentação de serem anti-religiosos ; mas isso resulta menos de convicção íntima do que do princípio de insubordinação contra tudo o que seja poderes constituidos. O Extremenho tem pouca ternura de sentimentos. É na Extremadura que o barbaro divertimento tauromachico está mais em voga ; e ha agora em Lisboa pessoas de intelligencia apoucada e instinctos asselvajados que não só querem as corridas chamadas

de morte, mas as defendem calorosamente, tentando assim introduzir em Portugal um espectaculo sanguinolento, que não está nos nossos habitos, e que é caracteristico de um povo estrangeiro! As corridas de touros filião-se em antigos combates com as feras. A evolução natural das ideias tende a supprimi-las, e não a dar-lhes desenvolvimento. Mas ás vezes ha contradicções na humanidade. É por isso que o anarchismo ganha proselytos, e a pena de morte mancha ainda os codigos das nações mais civilizadas do mundo!

Todas as differenças que tenho assignalado provém de causas muito complexas, umas naturaes, outras sociaes.

No nosso país ha vários grupos ethnicos curiosos. Nos arredores de Lisboa temos os *Çaloios,* que se estendem até Cascaes, Cintra, Mafra, Ericeira, acabando, segundo creio, já antes de Torres Vedras; á beira do rio, isto é, no *Ribatejo,* temos os *Campinos,* que chegão, pelo menos, até á Gollegã. Na zona maritima da Beira temos os *Varinos,* de que ha em Lisboa uma colonia importante; a palavra *Varino* ou *Ovarino,* deriva de *Ovar;* este nome de terra deu origem tambem á palavra *vareiro,* que na Beira significa «vendedor ambulante de sardinha», isto é, *sardinheiro.* A gente de Villa do Conde dá o nome de *Maiatos* a todos os povos que lhe ficão para lá do Ave, embora a *Maia,* de onde aquelle nome deriva, seja mais circumscrita. No Norte de Tras-os-Montes ha um extenso tracto montanhoso em que ficão os *Lombardeses,* nome tirado irregularmente do nome topographico *a Lombada.* A gente da Beira tem, pelo menos desde o sec. XVI, o nome comum de *Ratinhos,* que inscientemente se tem querido fazer derivar de *Rates; Ratinho* é nome ironico, devido talvez ao caracter agenciador e trabalhador dos Beirões.

Geographicamente o país tem tambem muitas divisões populares. A divisão maior é em provincias,—Entre-Douro-e-Minho, Tras-os-Montes, Beira, Extremadura, Alemtejo e Algarve.

A denominação de ENTRE-DOURO-E-MINHO, que hoje já se não usa no povo, mas que convem muito usar, pelo menos na litteratura, porque define uma área bastante uniforme, provém da situação da provincia entre os dois principaes rios do Norte. Denominações d'estas são vulgares no país. Nos documentos antigos lê-se *Entre-*

Tejo-e-Odiana, que significa «Alentejo»[1]. *Odiana* é uma fórma antiga de *Guadiana*, palavra composta do iberico *Ana*, e de *guade*, em arabe w a d, que quer dizer «rio»; ha outros nomes semelhantemente formados, como *Odeseixe, Odeleite, Odemira, Odiáxere, Guadelupe, Guadiana, Guadalete*, uns em Portugal, outros na Hespanha. Lê-se tambem nos mesmos documentos *Entre-Homem-e-Cávado*, que representa certo tracto de terra no Baixo-Minho; lê-se *Entre-Minho-e-Lima, Entre-Douro-e-Vouga, Entre-ambas-as-Aves*. A última denominação corresponde ás terras situadas entre os rios Ave e Avizella, hoje Vizella,—pois *Avizella* é um deminutivo de *Ave*, latim *A v - i c - e l l a, sendo *Ave* proveniente do nome pre-romano A v u s. Em Tras-os-Montes ha um sítio que se chama *Entramblas áugas* (= Entre amba'las aguas), por ficar entre duas correntes de água. Os povos beirões da margem do Douro chámão ás terras fronteiras *Alem-Doiro*; e os que vívem nestas terras dão o mesmo nome á parte da Beira que lhes fica do outro lado do rio. Já na antiga geographia peninsular, no tempo dos Romanos, se encôntrão denominações tambem tiradas das dos rios, como *Transcudani*, «os habitantes de além do *Cuda*, hoje *Coa*»; *Limici*, «os habitantes das margens do *Limia*, hoje *Lima*»; *Tamagani*, «os das margens do *Tamaga*, hoje *Tamega*».—Os habitantes de Entre-Douro-e-Minho tinhão outr'ora na litteratura o nome de *Interamnenses*, formado de *inter amnes*, «entre os rios»,—que os nossos eruditos criárão á semelhança do latino *Interamna*, de uma cidade da Italia, cercada de um canal formado pelo rio Nar. A palavra *Entre-Douro-e-Minho* tem variado na pronúncia popular: nuns auctores encontra-se *Antre-Douro-e-Minho*, noutros *Antredouraminho*. Um auctor do sec. XVIII, João Baptista de Castro, no *Mappa de Portugal*, I, 45, chama-lhe *Duriminea*, nome não-po-

---

[1] Vid. um documento de 1535, que vem nas *Memorias para a historia das côrtes geraes*, do Visconde de Santarem (1.ª parte, *Alguns documentos*, 1828, pag. 103-105). Na primeira zona, correspondente ao *Alemtejo*, inclue-se, como eu disse, Setubal, Palmella, Almada e Alcacer do Sal. Na *Extremadura* coloca-se tambem Coimbra, Montemór e Aveiro, que o P.e Carvalho porém na *Corografia* (vol. II, anno de 1708) colloca na *provincia da Beyra*.

pular, e composto de *Durios* e *Minius,* que são as denominações dos rios Douro e Minho na epocha lusitano-romana. A fórma *Duriminea* não pegou.

A denominação de TRAS-OS-MONTES é tambem tirada da geographia. Como eu já disse na *Revista Lusitana,* II, 100, fôrão de certo os povos do Minho que dérão o nome a Tras-os-Montes, pois esta provincia lhes fica para lá dos montes do Gerês, Cabreira, etc. Os Trasmontanos devião naturalmente chamar á sua terra *Aquem-dos-Montes;* e em verdade, num documento de Bragança, do sec. XIV, lê-se: «comarca *d'aquem dos montes*». Como mais usado, foi porém o outro que prevaleceu.—O nome *Tras-os-Montes* tem variado na pronúncia. Em vez da moderna fórma litteraria lê-se nos livros antigos *Tras-los-Montes* ou *Trallosmontes,* como ainda o povo lá diz. O nome gentilico correspondente é *Transmontano* ou *Trasmontano,* com várias pronuncias populares, como *Tramontano* e outras. O suffixo *-ano* apparece tambem em *Bragançano,* de que ha a fórma antiga *Bragançâo.*

BEIRA. Este nome provém provavelmente de ficar situada a provincia na *ri-beira* ou *re-beira* do Douro, isto é, «á *beira* do rio». O nome gentilico é *Beirão.* Alguns auctores, levados da apparente semelhança que ha entre *Beirões* e o nome *Berones* de um antigo povo iberico, suppuserão erradamente que aquella fórma provinha d'esta. *Beirão* formou-se de *Beira* por meio do suffixo *-ão,* variante phonetica do suffixo *-ano,* que tem origem no latim *-anus.* Assim é que de *Romanus* se fez em português *Romano* e *Romão.* Em livros antigos lê-se *os Romãos* na accepção de *os Romanos.* A palavra *romão,* como synonima de *romano,* usa-se ainda hoje em linguagem architectonica: «estylo *romão*».

A palavra EXTREMADURA vem innegavelmente do verbo *extremar,* como *armadura,* de *armar, semeadura,* de *semear,* etc., embora não seja facil dizer qual foi a accepção primitiva da palavra, isto é, o que esta provincia *extremava* na Idade-Media, se os terrenos arabicos do Sul do Tejo, se o país pelo lado do Oceano. Ha outros nomes iguaes ou parecidos, como na Hespanha *Extremadura,* e em Portugal *Extremo, Extremas* e *Extremadouro.* Este ultimo é formado tambem de *extremar,* como *Miradouro* (outro nome vulgar), de *mirar.* Viterbo, no seu *Elucidario,* s. v. *Bemquerença* e *Penella,* cita uma *Extremadura* e *Stremadura* em documentos medie-

vaes.—Os habitantes da provincia da *Extremadura* chamão-se *Extremenhos*; os da Extremadura hespanhola têm o mesmo nome, *Extremeños*.

ALEMTEJO. É outra denominação analoga ás que já citei. Primitivamente a provincia devia abranger tambem a peninsula de Setubal com o terreno do Sul que hoje pertence ao districto de Lisboa.—O nome gentilico é *Alemtejano*, formado como *Trasmontano*. Creio já ter ouvido á gente do Sul dizer *Alemtejão*.

A palavra ALGARVE é arabe, *Al-garve* = A l - g a r b, que significa *o Ocidente*. Tinha outr'ora o titulo de reino e ainda hoje os soberanos portugueses se chámão «reis de Portugal e *do Algarve*» ou «*dos Algarves*» (com referencia á Africa).—Os habitantes do Algarve denominão-se *Algarvios*.

Algumas das provincias subdividem-se, e recebem nomes populares correspondentes. O *Entre-Douro-e-Minho* subdivide-se em *Alto-Minho, Baixo-Minho*, e *Baixo-Douro*, regiões que ainda tambem se subdividem, como da segunda já disse. *Alto-Douro*, a região vinhateira, é uma divisão de Tras-os-Montes. Nesta provincia ha varios territorios que se chámão vulgarmente *Terras*, como *Terra de Miranda, Terra Quente, Terra de Vinhaes*; em tempos antigos a palavra *terra* tinha tambem na administração do país sentido politico, como se póde ver em Viterbo, *Elucidario*, s. v. No *Entre-Douro-e-Minho* e na Beira tambem se encontra *Terra da Maia, Terras de Bouro, Terra da Feira*; naquella provincia ha muitos concelhos com denominação geral que não corresponde a uma dada povoação ou villa, como *Baião, Felgueiras, Maia*. A Beira subdivide-se em *Alta* e *Baixa*, mas o povo da Beira-Baixa, em virtude das altas serras que lá ha, chama Beira-Alta á Beira-Baixa; a parte maritima do antigo principado da Beira, isto é, os districtos de Aveiro e Coimbra, não tem nome popular, que eu saiba; o territorio adjacente a Coimbra chama-se *Campo de Coimbra*. A palavra *Campo*, neste sentido de territorio extenso, e mais ou menos plano, apparece outras vezes: *Campo da Gollegã, Campo de Benavilla*. Com relação ás divisões da Extremadura já fallei dos *Çaloios* e dos *Campinos*. Em Lisboa, quando se quer fallar do teritorio dos *Çaloios*, diz-se mesmo *os Çaloios*, por exemplo: «morar *nos Çaloios*», «ir *aos Çaloios*», «vir *dos Çaloios*», como em latim se dizia *in Persis, in Sabinos, ex Liguribus*,— tomando-se o nome dos ha-

bitantes pelo do país. O Alemtejo subdivide-se em *Alto* e *Baixo-Alemtejo*, como o Minho e a Beira, variando porém, com relação a esta última, a collocação syntactica do adjectivo. O Algarve subdivide-se em *Sotavento* (parte oriental) e *Barlavento* (parte occidental), denominações provindas da linguagem maritima.

Além d'estas designações, ha ainda outras tiradas da geographia, e de caracter mais geral. Assim, á gente da serra dá-se na Beira o nome comum de *Serranos*, e no Minho o nome comum de *Montanhões* (pelo menos em certos sitios). Aos habitantes da beira-mar é frequente chamar *os da Borda d'água*.

Quando se estuda a toponymia portuguesa, isto é, os nomes locaes (de povoações, sitios, montes, rios, valles, etc.), nota-se o seguinte: uns nomes fôrão já herdados pela lingua portuguesa, isto é, provêm de linguas falladas na Lusitania antes da implantação do latim, como *Portu-gal* (Cale), *Lisboa* (Olisipo, Olisipona), *Coimbra* (Conimbriga), *Evora* (Ebora), *Tejo* (Tagus), *Douro* (Durius, Dorius), *Mondego* (Munda, Monda, *Mondaecus), *Braga* (Bracara, Bragala, Bragaa), *Lamego* (Lama, *Lamaecus), *Minho* (Minius), *Neiva* (Nebis, *Nebia,—como Lim-ia), *Lima* (Limia), *Coa* (Cuda, *Coda), *Tamega* (*Tamaga), *Ave* (Avus), *Cóina* (Equábona, *Cauna, Couna), *Idanha* (*Igaeditania, Egitania, Eydãia), etc.; outros nomes provêm do latim e das outras linguas posteriores que em tempos antigos mais contribuírão para a formação do lexico português, isto é, do germanico e do arabe. Temos assim duas classes de nomes locaes: *antigos* e *modernos*. Dos nomes modernos muitos achão-se bastante desfigurados, como *Beselga* (de *basilica*), *Vaia* (de *Eulalia*), *Santulhão* (de *Sant'Iulianus*), etc. Os nomes locaes podem reduzir-se a classes: por exemplo, nomes tirados:

a) da flora, como *Felgueiras, Bidueira, Salzedas, Cerzedo, Macedo, Velleda;*

b) da fauna, como *Aguiar, Golpilhares, Castro-Laboreiro, Lobeiros;*

c) da natureza e configuração do terreno, como *Cabeça Gorda, Achada, Chellas, Arneiro, Bico-da-Vela;*

d) dos rochedos, como *Pena, Penha, Pedras, Pedroso, Lageosa, Alijó, Lijó, Lapa;*

e) das aguas, como *Rio, Corgo, Ribeiro, Ribeira,* e muitos dos que citei acima;

f) dos ventos e dos rumos, como *Penaguião, Ventosa, Aventosa, Ventosellos, Aventeira;*

g) da religião, quer christã, quer popular, como *S. João, Santulhão, S. Pedro* (oragos), *Cova da Moura, Boca do Inferno, Aguas-Santas, Rio Santo, Monsanto, Fonte-Santa, Casa dos Galhardos;*

i) de nomes proprios e titulos: *Margaride, Martim-Joanne, Villa do Conde.*

j) da natureza do clima (geralmente como sobrenomes), *Rio-Frio, Mesão-Frio, Terra-Quente;*

k) de divisões territoriais, titulos de propriedades, denominações de povoações, partes d'estas, como: *Abbadia, Póvoa, Bairro, Aldeia, Villa;*

l) de quaesquer edificações, como *Antas, Duas-Igrejas, Alcaçarias, Atalaia, Bico-da-Vela;*

m) da natureza do campo, ou das fórmas da lavoura, como *Arroteia, Avessada, Agra, Agrello, Bouça;*

n) do aspecto geral do sítio, como *Bella-Vista, Boa-Vista, Val-Formoso;*

o) de caminhos, como *Estrada, Atalho.*

E muitas mais classes se podem ainda formar. O estudo da Toponymia é muito importante, debaixo de muitos aspectos, pois manifesta o grau de imaginação do povo no formar epithetos e no descrever em uma só palavra os sítios, dá indicações á cêrca da historia natural e social da região, e revela muitos processos curiosos de linguagem; é necessario porém fazê-lo com methodo, e não ao acaso, como em Portugal geralmente se costuma.

Ao fallar da Toponymia, direi que com a diversidade de zonas geographicas e ethnicas que a cima mencionei está tambem de accôrdo a diversidade da linguagem vulgar, ou dialectos e co-dialectos, sendo alguns, como os da raia trasmontana, particularmente notaveis.

*

Feitas estas considerações geraes, que mostrão, por uma parte, que a Ethnographia provoca importantes questões e póde esclarecer diversos assumptos, e por outra, que o nosso país, apesar de pequeno, contém vasta e variada materia de estudo, e necessita ainda de ser muito investigado para ser verdadeiramente conhecido,—vejamos agora, mais em especial, de que elementos deve principalmente constar o Museu Ethnogra-

phico Português na secção de que me estou occupando (epocha moderna).

I. Desenhos e modelos de edificações. Temos de considerar dois grupos : moradas e construcções várias.

a) Moradas.—O typo geral das casas não é uniforme no nosso país. A casa com peitoril e varanda soalheira é propria das provincias do Norte e da Beira. Em Tras-os-Montes ha junto da casa um vasto páteo fechado, mas descoberto, que se chama, como já disse, *cabanal*. No Sul as casas póde dizer-se que são todas caiadas (Extremadura, Alemtejo e Algarve) ; na Beira e nas provincias do Norte só são, em geral, caiadas as casas de certa importancia. O serem ou não serem caiados os edificios dá ás povoações aspecto muito differente. Quem viaja pelas provincias do Sul admira-se de ver a certa distancia branquejar um logar que se lhe afigura muito grande e muito asseado : chega lá, e ás vezes encontra apenas uma pocilga rodeada de meia duzia de casas muito pequenas. Nem sempre o caiarem no Sul as casas depende de asseio ou de gôsto esthetico : depende não raro da necessidade de conservar as paredes, por serem feitas de adobes, ou de pedras menos solidas e menores que os pedregulhos de granito do Minho e da Beira. Em Tras-os-Montes as casas com paredes de schisto avermelhado, por exemplo nas margens do Douro, têm aspecto muito melancolico. Em chaminés, ha grande variedade : no Alemtejo parecem tumulos (por exemplo Ponte-de-Sôr), no Algarve semelhão elegantes zimborios e minaretes ; com alguns tijolos e um pouco de cal, o Algarvio edifica sobre o telhado ás vezes verdadeiras obras de arte, que é um gôsto ver. Nas serras do Minho e da Beira as casas, além de nuas de cal, são cobertas de colmo ; em Tras-os-Montes, em muitas aldeias, vi casas cobertas de lousas. No Norte, apesar de as casas serem ás vezes caiadas, os telhados não o são. As casas de mais de um andar chamão-se no Minho *casas-torres*. No Sul, as casas são geralmente baixas, e de um andar ; não raro tambem a luz que recebem vae-lhes de um postigo aberto na propria porta, ou de uma unica janella. No Sul quasi todas as casas têm á entrada uma saleta com sua mesa reservada para ter louças de estimação e outros objectos puramente de luxo, embora de baixo preço ; nem na Beira, nem no Norte se encontra isto como uso vulgar. No Minho algumas casas são abertas na encosta dos montes,—como grutas artifi-

ciaes : observei isto no Alto-Minho, onde as chamão por isso *barracas de so-chão* (sob o chão). Isto dá-nos ideia do modo de vida dos povos prehistoricos. Mas ha ainda outras fórmas de habitação, muitas dignas de estudo, e que como que nos transportão a epochas primitivas. Uma vez experimentei grande impressão percorrendo no Algarve uma rua de *cabanas* de pescadores. Na feitura das *cabanas* não entra pedra, nem metal ; são construidas de madeira e junça. Parece estarmos pois na *epocha da pedra*. Como no periodo prehistorico dos kjoekkenmoeddinger, os pescadores accumulão á porta grandes montões de conchas e de restos de peixes e de mariscos. Quem quiser formar juizo aproximado de como vivião na epocha da pedra, no valle do Tejo, os povos que lá deixárão os kjoekkenmoeddinger, que Pereira da Costa, Carlos Ribeiro, e Paula e Oliveira estudárão com tanto afinco, dê um passeio até certas aldeias do littoral algarvio, e ahi encontrará nas moradas e nas comidas um aspecto do viver das primeiras sociedades do nosso país. A Cova de Lavos é uma povoação vizinha da Figueira da Foz, mas separada d'esta cidade pelo Mondego : não ha lá outro chão senão areias ; o viajante não verá ahi hortas nem arvores ; em compensação verá o que não tornará a ver facilmente noutras regiões do país : uma aldeia com as casas, todas de madeira, erguidas no ar, sobre espeques, tambem de madeira, enterrados na areia. Temos aqui outro aspecto do viver primitivo,—das povoações lacustres, em italiano *palafitte,*—com a differença que as *palafitte* prehistoricas erão na agua. As casas da Cova chamam-se, ou chamaram-se, *palheiros,* e ainda em Buarcos ha uma praia com tal denominação. Talvez fosse assim tambem a origem da Figueira.—As barracas dos campos nas provincias do Norte e na Beira são tambem curiosas, umas de madeira, outras de palha.—Nas serras da Extremadura os pastores fazem umas casas pequenas de pedra solta, que chamão *casolas,* e são sem telhado.—Muitas vezes os pastores da Beira, do Alemtejo, etc., aproveitão para se resguardarem do tempo as antas prehistoricas (dolmens), quando grandes e bem conservadas.—Já acima me referi ao interior das casas ; devo especializar as cozinhas, que varião muito no país. No Norte não ha a vasta chaminé do Alemtejo e do Algarve, nem na parede, junto da lareira, uma figura de barro, que nuns pontos se chama *boneca,* noutros *sempre-noiva,* etc., e que, como penso, é o vesti-

gio de um culto pre-christão,—do *Lar familiaris*. Estas figuras, de degeneradas que estão, têm quasi sempre fórma geometrica, que porém lembra o corpo humano; algumas têm fórma humana perfeita. Nunca observei isto senão nas duas provincias do extremo Sul. Num conto do Sr. Conde de Ficalho, *Mais uma*, Lisboa 1886, pag. 31, vem uma estampa que representa a cozinha alemtejana, a vasta chaminé, com o estendal dos *arames* no friso. — O fôrno de cozer o pão, umas vezes é dentro de casa, outras vezes junto d'ella, outras vezes afastado, como no Algarve. O trabalho de cozer o pão está revestido de certo caracter sagrado: o amassá-lo, o mettê-lo no fôrno, etc., são acompanhados de bençãos e de rézas. Numa aldeia do Baixo-Douro vi uma vez enfornar o pão, e nunca me ha-de esquecer a figura do forneiro, alto, em cabello, com uma grande vara nas mãos, a fazer cruzes com ella diante da bôca do fôrno, e a recitar devotamente fórmulas religiosas, como um sacerdote pagão. Em virtude d'este caracter de santidade da cozedura do pão, a porta do fôrno tem quasi sempre por fóra uma cruz, para evitar influencias diabolicas. É pelo mesmo motivo, para impedir que o mal entre nas casas, que nos escudetes ou espelhos das fechaduras ha muitas vezes uma cruz; quem aqui em Lisboa olhar para uma porta antiga, ordinariamente pintada de verde, raro deixará de observar essa cruz.— Como parte annexa ás casas póde ainda aqui fallar-se dos moinhos. Os moinhos de agua abundão no Norte e na Beira; os de vento no Sul.—Em algumas das publicações citadas, como *O Minho pittoresco* e os jornaes illustrados, encontrão-se figuradas muitas das fórmas das casas portuguesas.

b) Construcções várias.—Nesta classe incluirei todas aquellas construcções que não servem para morada do homem. Começarei pelas fontes. As fontes varíão muito de feitio, conforme a agua que está empoçada, ou sae em bica. Nas *Memorias economicas da Academia*, III, 41-42, lê-se o seguinte, á cêrca de Tras-os-Montes: «As fontes não são frequentes, e quasi todas em má or»dem, porque os habitadores se contentão de as receber »como a natureza lh'as offerece, fabricando-lhes quando »muito um reservatorio cavado na mesma terra, e guar»necido de lages, em que, á maneira de poço, estão de»positadas as aguas que vão sahindo, ou do fundo, ou de »algum lado do mesmo reservatorio; por isso são de or-

»dinario as aguas pouco limpas, porém á excepção das »que nascem a uma e outra margem do Douro, são sau- »daveis, e de bom sabor». Estas fontes encontrei-as mais ou menos por toda a provincia : umas são cobertas por lágeas, de arco, outras por lágeas de fórma de casa quadrada ; ás vezes têm em cima pyramides e uma cruz, e dentro são caiadas e com figuras, como uma que vi, se bem me lembro, em Deilão. Nas fontes de bica, esta póde ser de pedra com uma pocinha, ou reservatório pequeno, antes da extremidade ; póde ser de metal, —um tubo— ; e póde mesmo ser constituida por uma telha, ou por uma folha de castanheiro, como succede na Beira. Das *fontes santas,* fallarei no § 6-*d*. Nas povoações do Algarve são muito frequentes os poços no meio das praças, com bordas de pedra, por exemplo em Faro ; a agua tira-se por meio de caldeiras que, se bem me lembro, cada pessoa leva de casa.—Uma especialidade de Tras-os-Montes é o pombal, a alvejar, em contraste com a negrura das povoações ; encontrão-se muitos na provincia, pois lá faz-se bastante criação de pombos bravos para comer.—As pontes, para passar os rios, são de pedra ou de madeira, e têm differentes nomes : *ponte das táboas, ponte pedrinha, pontelhão,* etc. ; ellas têm tambem differentes fórmas. Outro meio de passar os rios, quando pouco caudalosos, são as *alpondras, poldras* ou *passadeiras;* não pássão de simples pedras, mais ou menos affeiçoadas.

Não me é possivel fazer uma enumeração completa de tudo o que podia ficar subordinado ao titulo do § 1 ; basta uma simples indicação, e por isso me circunscrevo no que fica exposto.—No § 6-*d* fallarei das edificações religiosas ; no § 8 fallei de algumas construcções intimamente ligadas com a vida do campo.

2. Mobilia e objectos caseiros. Ha variedade infinita. Pouco aqui indicarei.

Na Beira come-se muitas vezes, sobretudo no inverno, e á ceia, junto do lume ; por isso nas cozinhas se vê uma mesa suspensa da parede por dobradiças, que permittem que ella esteja encostada verticalmente á parede, ou desça horizontalmente, apoiada num espeque, tambem ligado com ella. Nas cozinhas vê-se o *preguiceiro* ou *escano* (nome trasmontano), grande banco de sentar. Na Extremadura ha umas cadeiras especiaes, de madeira, com o assento redondo, que porém já vão sendo desusadas. No Algarve e no Alemtejo ha as ca-

deiras de assento de buinho, com o encôsto pintado. Cadeiras e tamboretes de couro estão a desaparecer[1].—Os louceiros na Beira são ás vezes formados simplesmente de uma arvore, a que se tírão as folhas, e se apárão os ramos, enterrando-a no chão ; a louça pendura-se depois nos ramos ou galhos : este louceiro chama-se por isso *galheiro*. No Alemtejo a louça e o mais vasilhame estende-se sobre um friso, á vista ; ~~o vasilhame de metal tem o nome de *os arames*~~.—Os pastores, no Alemtejo sobretudo, e tambem no Ribatejo, na Beira, etc., fazem muitos objectos para seu uso : colhéres, garfos, vasos, botões, caixas, etc.—Na Beira são usadas pelos velhos caixas de rapé, feitas de pau do ar ; na tampa, pelo lado de dentro, ha um espelhinho. Estas caixas são ornadas de corações, animaes, etc. Já tambem tenho visto na mesma provincia servir de caixa de rapé um chifrezinho, com tampa de cortiça. Estes costumes vão desapparecendo, quer porque o commercio introduz caixas baratas, quer porque o uso do rapé está a sahir da moda, substituido pelo uso exclusivo do cigarro.—Enfeites, e ás vezes variados, encontrão-se tambem nas rocas e nos fusos. São sobretudo notaveis as rocas trasmontanas. Da freqüencia do uso da roca no Norte diz um grande observador do sec. XVI, Fr. João dos Santos, o seguinte na *Ethiopia Oriental*, livro I, cap. XII : «... tão propria he a enxada nas mãos das Cafras, como a roca na cinta das mulheres de Entre Douro & Minho». Entre os objectos do trabalho das molheres não são as rocas os unicos ornamentados : podem lembrar-se outros espécimes de Ethnographia artistica : agulheiros, furadores, ganchos da meia,—objectos estes susceptiveis de serem citados no § 12, onde fallarei das louças e de outros trastes da casa.

3. VESTUARIOS E OBJECTOS CORRELATIVOS. Numa das suas composições poeticas diz Simão Machado (*Comedias Portuguesas*, 1631, fls. 71 *v*) o seguinte :

Mandou hum senhor hum dia	Pintando ao Castelhano,
A hum pintor, que lhe pintasse	O Frances, e Italiano,
Todas as nações que avia,	Seu costumado vestido,
E cada hũa retratasse	Pos ao Portugues despido
Com o trajo que vestia.	Nas mãos hũa peça de pano.

[1] [Todavia modernamente ha grande gôsto d'estes antigos móveis : não só se buscam com afan exemplares autenticos, que ainda por acaso existem, mas fazem-se imitações].

Perguntando-lhe a tenção,
Porque em tal modo o pintára,
Respondeo, e com rezão,
Que nenhum trajo achára
Na portuguesa nação.

«Velos-eis, disse, á francesa,
Depois, disse, á castelhana;
Oje andão á valonesa,
A manhã á sevilhana,
E já nunca á portuguesa.

Vendo pois a variedade
Que ha no trajo lusitano,
Por não sair da verdade[1],
Pus-lhe esta peça de pano,
Pera que córte á vontade».

O poeta, nestes versos, quer satyrizar a *moda*, que no sec. XVII, como no actual, se regulava pelo que vinha de fóra, e não pelo que era português. Elle tinha razão; mas nem por isso se ha-de entender que em Portugal não ha trajos com caracter popular e local. Ha muitos. Os Mirandeses usão a célebre *capa de honras*; os Trasmontanos da raia usão geralmente calção, meia e çapato. Os Serranos da Beira usão a *capucha*, de que já acima fallei. No Alemtejo é caracteristica a *manta* e os *çafões*. Da manta falla já no sec. XVI Gil Vicente (*Obras*, III, 177-178):

E hũa *manta d'Alemtejo*,
Que na minha cama tinha,
Manta já usadazinha,
M'a levou com tal despejo,
Como s'ella fôra minha!

Nos grandes ajuntamentos, como as missas, os mercados, as feiras, é curioso ver os Alemtejanos altos, descòrados, de chapeu de panno desabado, envoltos nas suas mantas listradas, arrastando os çafões, e tendo na mão o cajado recurvo como o baculo de um bispo: typo que não se confunde com outro do país.—Os velhos da Beira usavão outr'ora uma especie de casaca curta, chamada *nisa*, como trajo de gala; ainda em pequeno vi lá algumas, mas este trajo vae a desapparecer. A nisa era freqüentemente de côr azul, com botões amarellos, e tambem se vestia ao mesmo tempo que os caições de al-

[1] No texto lê-se *vontade*; mas, como a palavra que rima com esta é tambem *vontade*, creio que haveria êrro de impressão, deixando de se pôr *verdade*, que corresponde ao sentido e ao metro. Não posso agora consultar outra edição; mas é provavel que a emenda já esteja feita.

çapão.—Na Extremadura é muito vulgar nos homens este trajo : jaqueta muito curta (talvez por causa da facilidade dos movimentos ao andar a cavallo) ; faxa ou *cinta,* vermelha ou preta, com duas franjas pendentes atrás ; calça estreita, de *bôca de sino ;* barrete vermelho, verde ou preto, mas mais geralmente preto ; varapau na mão. Quanto á barba, trazem-na rapada, ou usão *suiça.* No panno predomina a côr escura ou azulada. O calçado varía : çapatos muito grossos, de salto de *prateleira,* no verão ; botas de montar, no inverno.—Na Beira e no Entre-Douro-e-Minho é muito vulgar nos homens o panno de çaragoça, de que se fazem calças, collete e *véstea* ou jaqueta (menos curta que na Extremadura) ; chapeu de panno ou de palha ; nos pés çapatos grossos (calçado de gala) e *tamancos* ou *cócos* (calçado usual). As molheres usão *tamancas* ou *çócas,* que são menores e mais apuradas do que os tamancos, mas com *sola* de madeira como estes. A *sola* dos tamancos e tamancas faz-se de amieiro, nogueira, etc. Uma cantiga popular diz mesmo :

> S. Gonçalo de Amarante,
> *Feito de pau de amieiro,*
> *Irmão das minhas tamancas,*
> Criado no meu lameiro !

Como notei acima, o *lameiro* é um campo situado junto de ágoa. Na Beira, etc., as margens dos rios, de um lado e do outro, estão plantadas de amieiros. Comprehende-se assim agora a exactidão descriptiva e a ironia da cantiga. Quem passa a primeira noite numa terra grande do Norte ou do Centro do país, uma das cousas que logo estranha é pela manhã cedo a *tamancada,* ou ruido dos pesados tamancos e das tamancas, na rua.—Os trajos das molheres divergem tambem bastante. Já acima disse d'elles alguma cousa (côres, brincos das orelhas). De *aneis* fallei supra, cap. III, § 3.—Nas proprias crianças ha maneiras differentes de vestir. Na Extremadura e no Alemtejo ellas vestem-se como os homens : não é raro ver nestas provincias rapazinhos de 6 annos, pouco mais ou menos, com suas botas de montar, *cinta* e chapeu desabado, ou grande barrete preto. Na Beira e no Entre-Douro-e-Minho as crianças andão mais singelamente vestidas : descalças, barretinho pequeno de côres ou branco, chamado *carapuço,* chapeu de palha. Nas terras grandes do Sul as crianças que não são propriamente do povo andão de calção, com meia

de côr, e na cabeça bòné (*bonnet*). Em Lisboa é muito freqüente nos meninos pertencentes a familias de certa educação o trajo dos marinheiros da armada a par do calção.—Com relação a capas, capotes e casacões temos : as já referidas *capas de honra* e *capucha;* o *gabão* ou *gabinardo* (de cabeção, capuz e mangas) ; o *capote alemtejano;* o *capote á cavallaria,* muito usado na Extremadura ; o simples *capote,* de cabeção, já em decadencia, que era usado até pelas molheres (d'onde a conhecida expressão «capote e lenço») ; a capa singela com gola, que se vê bastante no Minho e na Beira.—Já acima fallei do varapau da Extremadura ; ha outros bastões, como a *moca,* a *ladra* e o *chuço* da Beira ; a *cacheira* e o *cajado* do Sul, etc., etc. O povo não usa em geral bengala ; no emtanto no Norte certos populares curiosos fazem bengalas com bastões muito bem lavrados, que representam animais (cobras), cabeças de soldados com barretinas, etc.—Tambem em várias publicações que acima citei se encôntrão desenhados muitos trajos nacionais portugueses. Têm-se mesmo dado á luz livros especiais com estampas de trajos. Possuo algumas estampas avulsas, que pertencião a uma obra que não pude ainda ver completa ; comtudo uma das estampas tem o seguinte titulo (rosto) : *Continuação dos trajos e usos e costumes mais notaveis dos habitantes de Lisboa e provincias de Portugal,* Lisboa 1835. Na Bibliotheca Nacional ha (avulsas) estampas analogas, mas algumas são coloridas. A casa editora de David Corazzi publicou em 1888 um curioso *Album de costumes portugueses,* onde figúrão bastantes trajos do nosso povo. No Porto e aqui em Lisboa vendem-se muitas figuras de barro, variadissimas e pintadas, que representão typos do Norte, com os seus vestuarios.

A proposito dos trajos podem citar-se as *tatuagens,* muito vulgares nos marinheiros e noutras classes. Sobre este assumpto vid. um opusculo do Sr. Rocha Peixoto, intitulado *A tatuagem em Portugal,* Porto 1892 (com estampas). Não me recordo de ter encontrado allusões á tatuagem na antiga litteratura portuguesa, a não ser num opusculo da litteratura de cordel do seculo passado.—Como armas de fogo, o povo usa, além da espingarda, o bacamarte, a clavina e a pistola ; como navalha é celebre a do *fadista* de Lisboa, de ponta e mola ; nas aldeias ainda tambem se encôntrão punhaes. Pertence á mesma classe o *chuço,* que mencionei acima.

4. Meios de transporte por terra. A proposito do transporte em animaes devem citar-se os apparelhos e suas partes, como a albarda, o albardão, a *almatrixa*, os estribos de páo com ferragens variadas, a cabeçada, que póde ser muito enfeitada, o *barbicacho*. Como vehiculos temos por exemplo : a *galera* (Extremadura), o *carro alemtejano*, a *carrinha* (Algarve), o *carro de bois*. No Sul é muito mais vulgar servirem-se do gado muar e cavallar para carreto do que no Norte e no Centro do reino. No Porto usa-se ainda da *cadeirinha* conduzida por gallegos de chapeu alto e capa especial ; mas este uso vae a desapparecer. A *liteira* creio que já está extincta,—as estradas de *macadam*, em que é facil o serviço de diligencias e trens, matárão-na ; no emtanto, na minha infancia, ahi por 1868-1870, vi ainda liteiras em uso na Beira-Alta. As liteiras das casas nobres tinhão brasões de armas pintados ; os animais que as conduziam levavão ao pescoço grande chocalhada. As *cadeirinhas* do Porto são liteiras em ponto pequeno.—Os coches em que vão os padres em Lisboa nos enterros creio serem especiais da capital, pelo menos nunca os vi no Norte ; representão fórmas um tanto antigas.—Dos coches da Casa Real tracta uma *Notícia* do Abb.e Castro, Lisboa 1858.

5. Comidas e objectos correlativos. Nas *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, § 339, referi algumas particularidades das comidas do nosso povo.

No Museu Ethnographico podem archivar-se, por exemplo, modelos de pães e de *bôlos* (aqui no Sul dá-se o nome de *bôlos* ao que no Norte e Centro do reino se chama simplesmente *doces*). Os pães têm fórmas especiaes, como o *trigo* ou *pão trigo* ou *bôlo* de duas e quatro cabeças (Minho e Beira, por exemplo), a *regueifa* ou *rôsca* (arredores do Porto), o *santóro* ou *santorio* (Beira, —assim chamado do latim s a n c t o r u m , por se vender em dia de Todos-os-Santos ou *Sanctorum omnium*), a *b'rôa* ou pão de milho, que em algumas localidades é muito grande. Nas festas e feiras vendem-se doces com feitio de animal e de homem,—o que parece relacionar-se com antigas fórmas cultuaes. No nosso país, a proposito de comida, podia citar-se grande variedade de factos ; ha mesmo muitas terras que se distinguem por especialidades de doces e guloseimas, como Arouca, Tentugal, Coimbra, Aveiro, etc., etc.,—o que bem mostra que tivemos muitos conventos de freiras.—Nas aldeias usão-se moinhos de mão particulares, para se prepara-

rem certas farinhas ; estes moinhos na Beira são muito primitivos, pois constão de uma pia de pedra com um rebôlo da mesma substancia dentro ; no Algarve ha moinhos de mão bastante regulares.—Nas nossas estações archeologicas, romanas e pre-romanas, as mós de moinhos de mão abundão, e tornão-se ás vezes, só por si, indicio precioso para o investigador de antigualhas.

6. Religião e usos funerarios. Este paragrapho era susceptivel de grande desenvolvimento, mas circumscrever-me-hei o mais possivel. Vejamos alguns objectos que se podem archivar no Museu.

a) Amuletos.—Esta classe é bastante numerosa ; ainda assim muitos d'elles podem reduzir-se a certos typos. Ha amuletos que as pessoas trazem comsigo ; outros que se têm em casa ; outros que andão nos animaes e nos vehiculos. O meu amigo Antonio Thomás Pires e eu temos já descrito em vários artigos e opusculos os principaes amuletos do povo português ; eu preparo nesta occasião sobre elles um volume extenso, ornado de estampas, algumas das quaes já estão litographadas. Os amuletos portugueses têm differentes origens : muitos podem fazer-se ascender a epochas extremamente remotas. Elles vigorão por todo o país ; todavia creio que é a Extremadura, e sobretudo Lisboa, onde mais amuletos se usão em animaes. Ás vezes os amuletos degenerão, mas é facil reconhecê-los com o auxilio da Ethnographia comparativa : assim uma fita, geralmente vermelha, que ás vezes se vê na testa dos burros, e uma roseta de metal que pende da testa dos cavallos, por uma tira de coiro, são vestigios de amuletos.—Eu possuo uma collecção dos principaes amuletos portugueses, para não dizer de quasi todos, a qual depositarei no Museu Ethnographico, logo que tenha accommodação para ella.

b) Ex-votos.—No cap. III, § 2, fallei já dos ex-votos. Além dos *milagres* ou *retabulos* que eu possuo e que depositarei no Museu, é facil obter ex-votos de cera, de madeira, de metal.

c) Fórmas de sepulturas, de caixões e esquifes ; bandeiras das almas.—Ás vezes podem obter-se os proprios objectos ; outras vezes estampas.—A história das sepulturas entre nós póde seguir-se ininterruptamente desde os tempos prehistoricos até hoje. Dos tempos prehistoricos temos as *antas* e *cistas,* ás vezes com *mamoas* (vid. supra, cap. I). Sobre os tempos protohis-

ricos e os romanos vid. supra, cap. II-2, e cap. III-2. Da Idade-Média em diante temos as sepulturas wisigothicas (vid. supra, cap. IV) e nos nossos templos e cemiterios muitos monúmentos, alguns sem indicações, outros reconhecidamente historicos. Entre os primeiros lembrarei os *carneiros*, e uma curiosa classe de cabeceiras de sepultura em que estão esculpidos varios symbolos, como o signo-saimão, instrumentos de trabalho, fórmas de calçado, etc. : tenho visto d'estas cabeceiras, por exemplo em Thomar, no Alandroal, etc., etc. Ha em Azurara uma igreja cujo chão está ladrilhado de pedras quadrangulares com symbolos analogos ; em algumas das pedras lê-se mesmo SEP(ultura) e SE(pultura), e os nomes dos mortos. A igreja de Santa Margarida, em Guimarães, é curiosa, entre outros motivos, pelas especies de sepulturas que tem, umas na parede, outras no chão, tambem com symbolos. Pelos campos e aldeias encontrão-se não raro sepulturas abertas em rocha, cuja data é dificil fixar, porque ora estão junto de templos christãos (por exemplo no Mogadouro), ora junto de estações lusitanicas (por exemplo ao pé de um *castro*, no termo de S. Martinho de Mouros)[1].

d) Factos diversos.—Mencionarei : *andores*, paramentos, bandeiras de «cirios», custodias, calices, cruzes, lanternas, thuribulos e *alminhas*. As *alminhas* são quadros em que se representa o purgatorio, feitos geralmente por maus artifices da aldeia. Diz Camillo Castello Branco com toda a exactidão no seu romance *A brasileira de Prazins*, 1883, pag. 201 : «um trolha inspirado, que já tinha pintado um painel das *Alminhas*, onde havia almas do sexo fraco com grandes tetas lambidas por lavaredas, e um rei coroado com a bôca aberta no acto de berrar queimado, e tamanha bôca que só cedia á de um bispo mitrado, muito impertigado, com seu baculo». Freqüentemente estes paineis têm versos allusivos á situação das almas, por exemplo : *Lembrae-vos de nós —Que penamos por vós*.— Podem obter-se desenhos ou modelos de capellas, igrejas, torres, adros, cemiterios, nichos, cruzeiros, pulpitos, pias-baptismaes, altares.— Nas provincias do Norte e Centro do reino ha nichos e cruzeiros abundantes e muito variados ; neste sentido as provincias do Sul são, segundo tenho observado, mais

---

[1] [Vid. porém *O Arch. Port.*, XI, pags. 369-370].

pobres. Entre as *fontes santas* notaveis lembrarei a que está entre Bencatel e Redondo (no Alemtejo),—notavel sobretudo pelo seu culto: este culto tem origem pagã, representado hoje pela Virgem Maria. O país porém está cheio de *fontes santas,* umas ainda com culto vigente, outras já sem culto. É vulgar haver nas *fontes santas* uma cruz ou um nicho com um santo, que o povo muitas vezes tem o cuidado de armar de flôres. Os deuses pagãos que na epocha romana symbolizavão de modo geral a santidade das fontes, na Lusitania tinhão, entre outros nomes, os de FONTANUS e FONTANA; a maior parte das cruzes e santos de que acabo de fallar representão estes deuses e outros analogos.—Ha no nosso país imagens de santos muito curiosas, de madeira, pedra, gesso, que importa conservar ou reproduzir.—A este paragrapho pertencem muitas das fórmas das tatuagens, de que fallei ha pouco (§ 3), e dos doces, de que tambem fallei (§ 5).

7. DIVERTIMENTOS E FESTAS. É possivel recolher no Museu Ethnographico estampas que representem trajos e divertimentos do Entrudo; arcos que se costumão armar em certas occasiões solemnes, como casamentos, etc. Quanto a jogos, lembrarei, por exemplo, o *chinquilho,* muito em voga na Extremadura. De outros fallarei adeante, no § 13.

8. VIDA AGRARIA. Basta fazer uma indicação muito summária, comquanto neste assumpto houvesse bastante que dizer. No decurso do presente capitulo alguma cousa lembrei já tambem.

Em virtude das differenças de culturas, e de outras circumstancias, os usos agrarios não são os mesmos em todas as provincias de Portugal.

Temos por exemplo: o carro de bois e os seus aprestos; o arado; a charrua; a grade; a *trilha* ou *trilho,* que em Tras-os-Montes tem ainda feitio muito antigo; o carrinho de mão, etc. O modo de apparelhar o boi differe de uns pontos para outros: na Beira, por exemplo, põe-se-lhe na cabeça a *molhelha,* em que assenta o jugo; no Minho o jugo assenta no pescoço nu do boi. No Minho ha differenças entre jugos e cangas, sendo uns e outros muito ornamentados, como se póde ver do opuscnlo que com o titulo de *Estudo Etnographico* publiquei no Porto em 1881 (com estampas).

Instrumentos que o homem maneja: a enxada, o enxadão, o sacho, a *foice roçadoira,* a simples foice ou

seitoira (lat. s e c t o r i a), a *foicinha,* o podão, a *podôa,* o *picaveque,* a machada, a *machadinha,* o engaço ou *encinho* (ancinho), o malho ou *mangual,* etc.

Objectos avulsos : o cesto-vindimo, o *cesto-cargueiro,* a padiola, a escada.

As eiras, que nuns sitios são redondas, noutros são de terra, noutros de lágeas, merecem menção, como a merecem os *canastros,* muito em voga no Minho e na Beira. Os *canastros* são casinhas de madeira, sobre o comprido, suspensas em pilares de pedra, e ordinariamente pintadas de vermelho ; construem-se junto das eiras, para arrecadar o milho, que assim se conserva melhor. O modo de fechar as propriedades e de formar a entrada d'estas está igualmente sujeito ás condições do terreno e dos habitos. Nas regiões onde abunda a pedra, fazem-se paredes de pedra em volta dos campos ; nas regiões onde ella não abunda, ou falta, os campos são circumdados de sebes de madeira, ou de *vallados* (muros de terra) superiormente revestidos de piteiras, que impedem a entrada aos ladrões e aos animaes. Não é raro tambem, para o mesmo fim, collocar sobre os muros fragmentos de vidro, seguros por meio de argamassa. Na Extremadura é costume collocar á entrada das propriedades, de cada lado da abertura da porta, uma arvore, de ordinario oliveira, á qual se liga a cancella.—Os meios de extrahir a agua dos poços varía de umas localidades para outras.—De tudo isto se podem fazer desenhos ou tirar photographias, que dêem ideia da vida provinciana.

Á cêrca da vida agraria do Alemtejo tem-se publicado no jornal *O Elvense* uns artigos muito importantes e curiosos com o titulo de *Através dos campos,* assignados com um pseudonymo. Sobre a vida agraria de outras provincias podem tambem colher-se algumas notícias em varios livros e artigos, alguns da especialidade, outros já citados a cima.

9. VIDA PASTORAL. A cima toquei de passagem neste ponto. São o Alemtejo, a Beira e Tras-os-Montes as provincias que mais factos ministrão para preencher esta secção.

Além das casas e locaes para o gado (curral, *bardo,* etc.), posso citar : os chocalhos, que tomão nomes variados, segundo os tamanhos, como *reboleiros, picadeiras, picadeirinhas, piquetes, campainhas, guisos tricolaricos* (sic) ; a *funda,* que se usa no Algarve ; o çur-

rão; o *galricho* (Ribatejo), etc. A proposito de chocalhos lembrarei que ha algumas terras, como Alcaçovas, onde elles se fabrícão em grande quantidade, e de onde vão longe a vender; por este motivo châmão á gente de Alcaçovas *os chocalheiros,* nome que se tem (indevidamente) por offensivo.

Com o fabrico dos queijos liga-se a existencia de muitos moveis e outros objectos, por exemplo a *queijeira* (Beira), o *caniço* (Alemtejo), etc.

10. Vida maritima e occupação da pesca. Para preencher esta secção conhecem-se muitos elementos. A propósito do Algarve dá João Baptista da Silva Lopes na sua *Corografia do reino do Algarve,* Lisboa 1841, num capitulo sobre pescarias, bastantes elementos. No Museu Industrial Maritimo, annexo á Eschola Industrial de *Pedro Nunes,* em Faro, ha tambem uma já valiosa collecção ethnographica, que vem descrita no *Catalogo illustrado* d'aquelle Museu (pelo Sr. Fonseca Benevides, 2.ª ed., Lisboa 1891). A *Policia e exploração das aguas,* do Sr. Candido Correia, Lisboa 1891, contém descripções e estampas de muitos objectos relacionados com a pesca, e ministra além d'isso diversas indicações bibliographicas. Mas sem dúvida o trabalho mais desenvolvido e importante, considerado debaixo do aspecto da ethnographia portuguesa, é o do Sr. Baldaque da Silva, intitulado *Estado actual das pescas em Portugal,* Lisboa 1892; elle póde e deve servir de guia para se fazer de futuro neste sentido qualquer collecção. O auctor considera a pesca debaixo de seis aspectos: longinqua, do alto, costeira, fluvial, lacustre e recreativa; e classifica assim os aparelhos empregados nella:

1) apparelhos de anzol ou fisga;
2) apparelhos de rede;
3) apparelhos de verga ou de metal;
4) engenhos de pesca.

D'estes differentes apparelhos apresenta descripções minuciosas, acompanhadas de estampas a cada passo, o que torna o assumpto duplamente curioso. Além dos apparelhos descreve e figura instrumentos empregados na apanha das plantas maritimas, e embarcações da pesca, com outros objectos correlativos, como cabazes, etc. O auctor junta uma parte historica a respeito de barcos antigos e de leis referentes ás pescarias; esta

parte parece-me um pouco debil, e o auctor, chegado a coordenar um livro como o que coordenou, á custa de tanta dedicação, trabalho e despesa, poderia porventura ter entrado mais amplamente em considerações e confrontos historicos e archeologicos. O livro é de valor, ao mesmo tempo, para a Glottologia, pela grande riqueza de vocabulos technicos e populares que contém, valor que o auctor fez realçar com a adjuncção de um vocabulario, que, se não é completo, é pelo menos copioso.— Visto ser Portugal um país maritimo, e ter-lhe provindo do mar toda a sua gloria, parece-me necessario que no Museu Ethnographico fique bem representada esta secção, ainda que pela maior parte não seja senão com estampas e modelos, pois que é nos estabelecimentos scientificos da especialidade, como a Eschola Naval, e as escholas industriaes maritimas, que os objectos d'ella têm, pelas applicações práticas, principal cabimento.

11. Aprestos de caça. A caça a principio praticou-se com dois fins : para o homem se defender das feras, e para apanhar animaes que lhe servissem de alimento. Depois degenerou em mero divertimento, que foi muito favorito dos reis e fidalgos.

Á cêrca da caça em Portugal, desde tempos antigos, vid. Gabriel Pereira, *Estudos eborenses,* n.os 29 e 33 (*As caçadas,* 1.ª e 2.ª parte, Evora 1892-93) ; e tambem Viterbo, *Elucidario,* s. v. *apeiro, brancagem* e *boi.* Nesses trabalhos se encontra notícia de muitos aprestos venatorios ; no primeiro encontrão-se tambem indicações bibliographicas.

Hoje em Portugal creio que só uma ou outra pessoa vive exclusivamente do mester da caça ; no emtanto ha muita gente que se diverte com ella.

No Museu Ethnographico podem recolher-se apparelhos de caça, como redes, e objectos correlativos, por exemplo polvorinhos de chifre, que ás vezes são bellamente ornados, sobretudo no Alemtejo ; possuo um polvorinho, adquirido por mim em Tras-os-Montes, o qual, além de ser lavrado, termina numa figa. Ha assim muitos objectos, ao mesmo tempo revestidos de caracter utilitario e religioso.

12. Bellas-artes populares e artes industriaes. É costume dividir as bellas-artes em : artes da *vista,* ou Architectura, Esculptura e Pintura ; e artes do *ouvido,* ou Poesia, e Musica com a Dança. Em vários pontos do presente artigo já fallei de algumas d'estas artes,

como quando me referi ás chaminés do Algarve, ás fontes, ás obras esculpturaes dos pastores. Em relação á Musica podem citar-se os instrumentos, como o pifano, as castanhetas, o bombo, os *fèrrinhos*, a viola. Este ponto tem intimas relações com o § 13 em que me occupo da vida infantil. Na Pintura espontanea o nosso povo é em geral pobre, como se póde ver nos ex-votos que enchem as igrejas, nas *alminhas* (vid. § 6-*d*), nos cruzeiros : ha pouca variedade nos assumptos ahi tratados.

De bellas-artes populares é facillimo obter para o Museu Ethnographico abundantes espécimes.

Temos industrias numerosas e caracteristicas em diversas localidades. Já no sec. XVI Gil Vicente, na tragicomedia pastoril da *Serra da Estrella*, põe na boca da figura que representa a Serra as seguintes palavras (vid. *Obras*, II, 442, ed. de Hamburgo) :

Mandará a villa de Cea
Quinhentos queijos recentes,
Todos feitos á candea ;
E mais trezentas bezerras,
E mil ovelhas meirinhas,
E duzentas cordeirinhas,
Taes, que em nenhũas serras
Não nas achem tão gordinhas.
E Gouvea mandará
Dous mil sacos de castanha,
Tão grossa, tão san, tamanha,
Que se maravilhará
Onde tal cousa se apanha.
E Manteigas lhe dará
Leite para quatorze annos,
E Covilhan muitos pannos
Finos que se fazem lá.

Mandarão d'esses casaes
Que estão no cume da Serra
Penna para cabeçaes,
Toda de aguias reaes,
Naturaes mesmo da terra.
E os do Val dos Penados
E Montes dos Tres Caminhos,
Que estão em fortes montados,
Mandarão empresentados
Trezentos forros de arminhos
Pera forrar os brocados.
Eu hei-lhe de presentar
Minas de ouro que eu sei,
Com tanto que ella ou El-Rei
O mandem cá apanhar :
Abasta que lh'o criei.

O nosso comico conhecia bem a vida popular portuguesa, e por isso todas essas informações devem ser exactas, e algumas sei eu que o são.

Haveria muito que dizer das nossas industrias populares, se o meu fim não fosse apresentar um simples e breve indiculo.

O seguinte programma de uma valiosissima exposição feita em 1883 pela Sociedade de Instrucção do Porto, programma publicado na *Revista* da mesma Sociedade, vol. III, pags. 36-37, póde dar uma ideia das nossas industrias caseiras :

1) «Trabalhos de carpinteria e marceneria. Serras mechanicas. Trabalhos embutidos ou marchetados, etc. ;

2) Trabalhos ao torno em madeira, marfim, ouro, etc.;

3) Mobiliario domestico, rustico: cadeiras, mesas, armarios, camas, santuarios, cangas de bois, etc.;

4) Instrumentos de trabalho, na lavoura e em casa;

5) Pinturas decorativas: em barro, faiança, porcelana, vidro, madeira, seda, etc.;

6) Esculpturas decorativas: flôres artificiaes, de estofos, de pennas, de couro, cera e papel;

7) Desenhos decorativos. Modelos e padrões para todos os ramos das industrias caseiras;

8) Gravuras em madeira para illustração da industria typographica;

9) Tecidos de linho, lã e mixtos, como toalhas, mantas, tapetes (Arraiolos), serguilhas, liteiros para cobertas de cama, arreios alemtejanos, redes de pesca;

10) Obras em palha, vime, corrêa (canastras, cadeiras de banho), esparto, palma, crina, cabello, etc.;

11) Bordados brancos e de côr, em linho, algodão, lã, seda, a fio de prata e ouro, etc. Rendas de bilro em linho, algodão, seda, prata e ouro; rendas de malheiro, etc.;

12) Arte de cortar e talhar. Modelos e padrões para o vestuario;

13) Cartonagens;

14) Fructas confeitadas e ornamentadas (em bocetas);

15) Trajes e costumes portugueses (figuras vestidas)».

Como centros de trabalho de ourivezaria são notaveis os arredores do Porto: é lá que se fazem as grandes *arrecadas,* que as molheres interamnenses usão, admiraveis trabalhos de filigrana, em que se suppõe haver influencia da arte arabica.—Em serralheria é tambem notável o Norte, onde Guimarães já figura, desde a idade-média, pelos seus artistas nesta especie.—Os marmores tão célebres de Extremós trabalhão-se já desde a epocha romana: grande parte dos ex-votos do templo de Endovellico são de marmores d'aquella região. Na Batalha os rapazes fazem de pedra, —calcáreo molle do sítio—, muitos objectos que vendem aos forasteiros, como caixinhas, etc., em que predomina um mesmo typo de ornamentação (vegetaes).—A louça de Extremós é celebrada ha alguns seculos. Em todas as provincias, mais ou menos, existem fábricas ceramicas. Quem não admira as *figurinhas* que se fabrícão perto do Porto, e

symbolizam tão bem os typos populares e toda a vida rustica portuguesa? Em Guimarães vendem-se muitos paliteiros e assobios de louça, vindos de outros pontos da provincia, e representativos de figuras phantasticas, como animaes com mais de uma cabeça, etc. ; a arte d'estes objectos, onde domina a imaginação, contrasta com a das Caldas da Rainha, onde, á parte o que ha tambem de imaginação, por exemplo, nas figuras de macacos, se vêem muitos objectos (frutas, animais, homens), feitos com rigorosa observação da natureza. E visto que fallei nas Caldas, não poderei deixar de citar o nome do grande artista Bordallo Pinheiro, sempre tão portuguesmente inspirado nas suas magnificas producções. Além dos centros ceramicos que lembrei, existem muitos outros no país. Diz o Sr. Joaquim de Vasconcellos na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto,* III, 382 : «nenhuma arte é mais popular no país, nenhuma se mul»tiplica com mais facilidade, nenhuma se insinúa mais »habilmente na habitação humana, nenhuma anda mais »ligada á vida intima da familia ; tambem nenhuma »faz mais, com menos recursos».—A industria da tecelagem é tambem bastante vulgar ; os teares, construidos ainda com os processos da mechanica primitiva, offerecem ao ethnographo bastante curiosidade.—Os palitos de Coimbra, feitos dos sinceiros do Mondego, são uma industria local, reveladora de grande paciencia e habilidade ; com os palitos vendem-se tambem pennas de escrever, fabricadas no mesmo teor.—O Sr. Dr. Julio Henriques, director do Jardim Botanico de Coimbra, reuniu num museu, adjunto ao mesmo jardim, grande numero de productos artisticos portugueses, cuja materia prima se tira dos vegetaes, como a palha, o junco, o vime, a cortiça, a palma.

É aos museus industriaes que pertence archivar em abundancia a maior parte dos objectos que pertencem a esta secção, e alguns museus são já neste sentido muito ricos ; todavia, como em taes objectos se revela o genio nacional, condicionado pelas diversas influencias mesologicas, não póde deixar de haver d'elles uma *amostra* no Museu Ethnographico, por meio da qual aquelle genio se aprecie.

Sem difficuldade, e sem grande gasto, póde em pouco tempo ficar bem representado neste sentido o Museu Ethnographico. Só na feira do S. João, em Evora, se faria uma collecção riquissima dos productos do Sul do

Tejo, pois esta feira, além do seu caracter commercial, é de grande importancia ethnographica (e anthropologica).

Sobre o assumpto do presente paragrapho veja-se, por exemplo, o seguinte, além do que citei no cap. VI, e neste capitulo, § 10:

Relatorio da Sub-Commissão do Inquerito Industrial de 1881, Porto 1881;

Catalogo da exposição industrial portuguesa de 1888;

Relatorio e catalogo da exposição portuguesa do Museu Industrial e Commercial de Lisboa, 1893;

Relatorio da exposição industrial do Palacio de Crystal do Porto, 1893;

Rendas de Peniche.—Eschola Industrial da Rainha D. Maria Pia — (padrões de 1893). Lisboa 1893;

As fabricas da Covilhã, por Fradesso da Silveira, Lisboa 1863;

A Vista Alegre (apontamentos para a sua historia), por Marques Gomes, Porto 1883;

Inquerito industrial de 1881, Lisboa 1881-1882 (vários volumes);

A fabrica das Caldas da Rainha, por Ramalho Ortigão, Porto 1891;

Revista da Sociedade de Instrucção do Porto, vol. II e III, onde o Sr. Joaquim de Vasconcellos publicou valiosos escritos seus, e colleccionou documentos para a historia das nossas artes e industrias. O Sr. Joaquim de Vasconcellos é um dos poucos que entre nós conhecem bem estes assumptos; sobre elles tem publicado outros trabalhos além dos citados, como *Archeologia artistica, Historia da arte em Portugal, A reforma do ensino das bellas-artes,* etc.

13. VIDA INFANTIL. A vida infantil é em parte um arremêdo da vida viril. A criança, desde muito cedo, busca assemelhar-se ao homem propriamente dito, copiando em ponto pequeno o que vê em ponto grande. Por isso não raro na vida infantil se acha o reflexo de ideias que noutro tempo fôrão *sérias*. Assim, as crianças da Beira têm uma especie de armas para brinquedo, chamadas *arcabúses:* ora o arcabus foi uma arma antiga. As crianças de Elvas usão ainda de outro brinquedo, que tem o nome de *bésta,* que, como é sabido, foi tambem arma antiga.—A trajos infantis referi-me supra, § 3.—Os outros objectos de caracter ethnographico, relacionados

com a vida das crianças portuguesas, podem agrupar-se talvez assim :

1) *Instrumentos musicos* (cf. supra, § 12), uns de percursão, e vibração, como os *pratos*, o berimbau ; outros de sôpro, como as gaitas de barro e os assobios, que se vendem nas feiras, as gaitas feitas de vegetaes (castanheiro, cevada, loureiro). Á cêrca d'este assumpto comecei a publicar na minha revista litteraria *O Pantheon*, 1880-1881, pag. 198, um artigo intitulado *Instrumentos musicos populares e infantis*, que porém ficou incompleto. [Cf. *Ensaios Ethnographicos*, t. IV, pag. 297 sgs.].

2) *Jogos* (cf. supra, § 7), por exemplo, o *pião*, a *piasca*, o *rapa*, a *pella*, etc. Sobre jogos infantis portugueses em geral, veja-se o seguinte : F. Adolpho Coelho, *Os jogos e as rimas infantis de Portugal* (extracto do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, serie 4.ª, n.º 12) ; do mesmo A., *Jogos e rimas infantis*, Porto, Magalhães & Moniz ; e Theophilo Braga in *O povo português*, I, 293 sgs. Em 1882 publicou em Lisboa uma collecção de *Recreios collegiaes* o P.e Pedro Aloy, a qual, embora feita com intuitos pedagogicos, contém varios jogos populares portugueses. É já antigo o *Passatempo honesto e familiar ou collecção de quarenta e oito jogos, etc.*, 3.ª ed., Lisboa 1827.

3) *Brinquedos e objectos varios*. Entrão aqui : a *bésta* e o *arcabús*, que mencionei ha pouco, o *mata-moscas* ; as louças de que as crianças se servem quando *fazem casinhas* (assim se chama na Beira ao entretenimento que consiste em imitar a vida doméstica, isto é, as comidas, etc.) ; os meios de entreter ou *engalhar*, como o *pandeiro* de lata, de que se vêem muitos especimes em todas as feiras e lojas do Norte e Centro do reino ; os bonecos de barro e madeira ; as *nenas* (bonecas de panno,—Beira) ; os amuletos (cf. § 6-*a*) ; os berços, etc.

Com quanto me pareça ter acima indicado as principaes classes a que se subordinão os objectos, que, segundo a intenção do Decreto que criou o Museu Ethnographico Português, devem ter entrada neste, não sería difficil estabelecer outras classes secundarias.

Do rapido lance de olhos que dei á parte material da nossa civilização, considerada desde os tempos prehistoricos até o presente, vê-se realmente, como já disse, que as epochas em que ella se divide se filião umas nas outras. Muitas das nossas louças populares, mesmo com os seus singelos ornatos, provém das do periodo neolithico; muitas das nossas povoações assentão em alicerces protohistoricos, e têm nomes pre-romanos; muitos dos nossos usos campestres fôrão ensinados ou aperfeiçoados pelos Romanos e pelos Arabes; as moedas de que nos servimos diariamente são cópias modificadas de moedas medievaes, como estas o são de moedas antigas, cuja origem se póde fazer ascender ao sec. VII ou VI antes de Christo. Achamo-nos assim indissoluvelmente ligados ao passado. Estudando este, prestamos pois culto aos venerandos velhos que nos legárão a herança que usufruimos.

Como excellentemente diz o Sr. Dr. Bernardino Machado, nas *Affirmações públicas*, 1882-1886, pag. 349:

«Se ambicionamos caminhar para o futuro com passo »largo e firme, se desejamos progredir, coordenemo-nos »com os nossos antepassados, unamo-nos bem a elles. »Só nesta intimidade secular reside a consciencia, a alma da nação, a sua fôrça».

Por isso é que em todos os países, onde a sciencia não é uma curiosidade, e a noção de patria não é um *lugar commum* de Rhetorica, ha museus e aulas de Archeologia, e se publicão trabalhos regulares sobre as antiguidades nacionaes.

E, já que fallei em *patria*, accrescentarei tambem que o exame summário, que acabo de fazer da nossa ethnographia, é sufficientemente elucidativo no sentido de mostrar que o nosso país possue bastantes elementos seus, com feição genuinamente portuguesa. Numa epocha em que espiritos melancolicos ou faltos de fé julgão possivel a extincção da nossa nacionalidade, dá certo consôlo àquelles que âmão o torrão natal, e não verião, sem còrar de pejo ou morrer de dôr, sumido no abysmo das nações perdidas o nome português, o saber que ha ainda entre nós alguma coisa que não se confunde totalmente com as coisas estranhas, e na qual se imprimiu indelevelmente o cunho nacional.

Além dos objectos propriamente ethnographicos e archeologicos, podem figurar no Museu bustos de heroes e homens illustres do nosso país, quadros com tre-

chos caracteristicos de auctores de fama, etc. São ao mesmo tempo documentos da nossa vida social, e estímulo permanente para nobres emprehendimentos.

*

A resenha que fica feita, e as considerações de que a acompanhei, mostrão até á evidencia a necessidade da existencia do Museu Ethnographico Português, e quanto foi sensato e patriotico o Decreto que o criou.

O Sr. Dr. Bernardino Machado, ao criar o Museu, teve a feliz lembrança de o mandar installar junto da Direcção dos Trabalhos Geologicos, e de o tornar dependente da Repartição dos Serviços Technicos de Minas e da Industria. Á frente da Direcção dos Trabalhos Geologicos está o Sr. Nery Delgado, universalmente conhecido e apreciado pelos seus numerosos livros e estudos de Geologia e de Archeologia prehistorica; elle prontificou-se, logo que soube da criação do Museu, a ceder para èste uma sala pertencente á Direcção dos Trabalhos Geologicos; além d'isso, a Direcção possue uma excellente bibliotheca, em que abundão obras de Archeologia prehistorica e de Anthropologia, cuja utilização o Sr. Nery Delgado facultou tambem ao Museu. Á frente da Repartição dos Serviços Technicos de Minas e da Industria está como chefe o Sr. Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, que, por ser ao mesmo tempo lente do Instituto Industrial de Lisboa, e consagrar á sciencia aquelle respeito profundo e consciencioso que só podem consagrar-lhe os individuos que trátão directamente d'ella, tem já auxiliado muito o Museu, e de certo o continuará a auxiliar.

Ainda assim, apesar de amparado, desde o seu nascimento, por tão boas égides, o Museu Ethnographico, nas circumstancias em que por ora está, com um pessoal que apenas se compõe de dois individuos, —director e adjuncto—, sem nenhuma verba permanente para custeio de despesas, e dispondo de uma unica sala, que ainda não tem toda a mobilia de que precisa, não póde satisfazer cabalmente aos fins para que foi criado.

No emtanto, como ao Govêrno consta já officialmente tudo isto, tenho todas as razões para esperar que elle fará que o Museu Ethnographico Português tome incremento em breve tempo, e se torne praticamente um melhoramento e um progresso no país.

Sería realmente pena que, possuindo Portugal, como mostrei, tantas cousas dignas de serem largamente conhecidas e estudadas, e havendo, como ha, um ou outro individuo que se prontifica a trabalhar activamente, e com boa vontade, o Govêrno tomasse em menos consideração este assumpto.

Além de ser necessario accommodar convenientemente os objectos que já se áchão colleccionados, mas que por ora estão encaixotados ou dispersos, ha necessidade não menos urgente de acudir áquelles objectos que correm risco de se extraviar ou anniquilar. Todos os dias os jornaes dão notícia do apparecimento de ruinas, moedas, ossadas e outros mil objectos de importancia archeologica. O que succede a isto? Se por acaso passa um estrangeiro instruido, faz colheita, e leva para o seu país, como aconteceu, por exemplo, com objectos romanos descobertos nas minas de S. Domingos e com uma estatueta de Hercules achada na fronteira do Minho. Mas esse mal, com quanto vergonhoso para nós, e fraudulento, não é o maior, porque os objectos ficão salvos para a sciencia; o pior é quando o camartello do pedreiro despedaça a formosa columna e a inscripção unica, ou quando no cadinho do ourívez se funde o anel, e a moeda romana, e o collar prehistorico! O povo imagina que os monumentos archeologicos, como as antas, as mamôas, os castros, contêm dinheiro escondido do tempo dos Moiros; e que faz elle então? Fossa, e destróe tudo! A estas causas de extincção immediata junte-se a indifferença ou ignorancia de muitas pessoas que, podendo salvar innumeras preciosidades, as deixão perder para sempre. Ainda ha poucos dias, por occasião de eu mandar vir do Algarve para o Museu Ethnographico uns caixotes com uns objectos antigos, feitos de calcareo, um chefe de estação dos caminhos de ferro pôs duvida ao despacho d'elles, clamando que não era preciso remetter para Lisboa caixotes com pedras de amolar!

Já por vezes escriptores nacionaes e estrangeiros verberárão o desleixo que em Portugal tem havido com a Archeologia. Vejamos alguns exemplos:

a) Darei o primeiro logar a Alexandre Herculano. Escreve elle, no vol. II dos *Opusculos,* com aquella auctoridade de sciencia e de caracter que nunca ninguem sèriamente lhe contestou:

«Cada facto historico tinha uma igreja, uma casa, um

»mosteiro, um castello, uma muralha, um sepulchro, »que eram os documentos perennes d'esse facto e da »existencia dos individuos que nelle haviam intervin- »do». (Pag. 21).

». . . . agora derribam-se coruchcus, partem-se colum- »nas, derrocam-se muralhas, quebram-se lousas de se- »pulturas, e vão-se apagando todas as provas da histo- »ria. Faz-se o palimpsesto do passado». (Pag. 19).

«As inscripções lapidares vão-se enterrando por ali- »cerces e paredes, não á face d'estas, porque ahi alguem »poderia lê-las ; mas no fundo dos cavoucos ou no amago »dos muros. Sem isso não nos vangloriamos com inteira »justiça de ter completamente renegado de nossos maio- »res». (Pag. 23).

»Corre despeitado o vandalismo de um a outro ex- »tremo do reino, desbaratando e assolando tudo». (Pag. 19-20).

«. . . . ao menos que o governo e o parlamento não »dêem ao mundo documento de igual ignorancia e bar- »baria, mas acudam ao que ainda resta». (Pag. 52).

«Vergonha é confessá-lo : os estrangeiros têm mos- »trado maior veneração pelas antiguidades do nosso país »do que os portugueses. Um estrangeiro salvou no con- »vento dominicano de Bemfica a antiga capella de »D. João de Castro. Ha pouco ouvimos outro, em cujos »olhos chammejava a indignação, clamar altamente con- »tra a barbaria com que se deixavam estragar no mos- »teiro de Belem varios quadros magnificos de eschola »portuguesa, nos quaes os passaros, entrando pelas fres- »tas mal reparadas do edificio, vão amontoando as im- »mundicies. Mas estes estrangeiros são homens que sa- »bem qual seja o valor dos monumentos da arte e da »historia. Nós é que temos perdido o sentimento e a in- »telligencia para apreciar essas cousas». (Pag. 30).

b) Diz Filipe Simões, no *Relatorio do Museu Cenaculo,* 1869, pag. 3 :

«Desde a capital do reino até ás villas e aldeias não »faltam por toda a parte copiosos vestigios do commum »furor de destruir, adulterar ou emplastrar as reliquias »da architectura e da esculptura dos seculos que fôrão».

c) Diz Estacio da Veiga, nas *Antiguidades de Mertola,* 1880, pag. 146 :

«Assim se vão perdendo os mais preciosos padrões das »antiguidades do nosso territorio, porque a ignorancia »dos que devião velar pela conservação d'estas cousas,

»que em todos os paises do mundo civilizado são apreciadissimas, faz que se olhem com a mais supina indifferença. Grande responsabilidade cabe pois aos governos, que deixão perder estas venerandas reliquias das »civilizações que estanciaram no territorio nacional».

d) D'entre os estrangeiros, E. Cartailhac, que conhece admiravelmente e de *visu* a nossa archeologia prehistorica, diz no seu livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, 1886, pag. 252:

«Les autres trouvailles d'Alcacer sont à Lisbonne. »Elles gisaient depuis plusieurs années dans les ma»gasins de l'Académie des Arts... la majeure partie »avait disparu, et je crains bien que les plus belles piè»ces soient maintenant enfouies dans le cabinet d'un »curieux, et perdues pour la science».

Quasi toda a gente em Portugal se ri da Archeologia. Isto depende, em parte, da pouca illustração do público; em parte, de se organizarem muitas vezes collecções archeologicas sem plano, nem intuito, de modo que ao lado de uma lucerna romana fica um ovo de abestruz, ou ao lado de um botão com o retrato d'el-rei D. João VI figura um manipanço de Angola.

Desde o momento porém que se constitua methodicamente mais um grande museu em que as coisas apparêção concatenadas, de modo que dêem ideia da successão das civilizações e mostrem a somma inaudita dos esforços do homem para viver e para se aperfeiçoar; desde o momento que o camponês, vindo á cidade ao domingo, o pescador, o vaqueiro, o artifice, ao entrarem naquelle recinto que symboliza e em ponto pequeno resume a patria, véjão comprehendido e respeitado o trabalho das gèrações; desde o momento que o sabio encontre alli um facto que lhe faltava para a demonstração de uma these, o artista uma impressão nova, todos, em fim, o viver ininterrupto de um povo, desde as epochas mais remotas de que ha memoria: sem dúvida nenhuma, tanto a Archeologia como a Ethnographia geral conquistarão terreno, e já se não ouvirá com tanta insistencia e freqüencia a gargalhado estólida dos zoilos a motejá-las.

Isto que digo não é pura theoria. Fundou-se ha pouco tempo em Beja, no edificio da camara, um museu archeologico municipal, por iniciativa de um grupo de pessoas illustradas, intelligentes e devotadas á sua terra: logo que a fundação do museu constou, e este se abriu ao pú-

blico, não faltão individuos de todas as classes, mesmo camponeses e analphabetos, que véem trazer constantemente objectos que encôntrão e julgão no caso de poderem figurar alli : de modo que o Museu municipal de Beja é hoje um dos mais importantes de Portugal, em esculptura, epigraphia, ceramica, etc., de todas as epochas da nossa historia.

O estudo da Archeologia concorre para que se interpretem melhor e se completem os textos dos auctores classicos, e por tanto se conheça mais ampla e claramente a nossa Historia antiga. O desleixo em que são tidas as antiguidades nacionais chega a ponto de até haver professores, que, podendo estar informados da sciencia moderna, nem o pouco que já se sabe da Archeologia lusitana conhecem bem ! Por exemplo, nuns *Apontamentos de historia de Portugal* para uso dos estabelecimentos de instrucção secundaria, Coimbra 1894, lê-se o seguinte, a pag. 4 : «Segundo S. Agostinho, a religião »primitiva dos Lusitanos foi o monotheismo : prestavam »culto a um Deus unico, summamente bom, principio »e fim de tudo. Mas depois, á semelhança do que se deu »com os outros povos, tornaram-se polytheistas, abra»çando o sabeismo ou adoração dos astros. A vinda dos »Phenicios produziu uma notavel mudança nas ideias »religiosas dos povos da Peninsula, e, portanto, nas dos »Lusitanos : introduziram cá o culto de Hercules, tyrio »ou lybico, designado pelo nome de *Endum* e pelo cog»nome de *Vellico*. Era denominado *Vellico,* por ser es»pecialmente venerado em *Vellia,* cidade dos Cantabros. »Houve tempo em que tambem adoravam a deusa Mi»nerva e o deus Marte, ao qual immolavam o cabrito, »o cavallo e os captivos ; o que se não sabe é de quando »data este culto, sendo mais provavel que fosse devido »á influencia dos Gregos».

O que fica dito ou é inexacto, ou está mal exposto : os documentos que réstão da antiguidade lusitanica não permittem que se diga que os Lusitanos erão monotheistas, e muito menos que o culto dos astros succedesse a um monotheismo anterior ; o deus *Endovellico* nada tem com Hercules, nem aquelle deus foi jámais adorado em Vellia : o seu culto era no alto de um monte, no Alemtejo, ao pé de Terena, e não se póde dizer, nem isso é provavel, que fosse introduzido cá pelos Phenicios ; a respeito do culto pre-romano de Minerva na Lusitania não sei aonde o auctor do compendio fosse

descobri-lo ; com relação a Marte, o auctor do compendio confundiu este deus com Ares, pois é de Ares que falla Estrabão, e além d'isso tal nome deve encobrir o de um deus indigena. Se o auctor houvesse consultado os textos dos proprios escriptores antigos e os trabalhos archeologicos, e se não se deixasse levar pela phantasia ou por informações em segunda mão, teria esboçado um quadro curioso da religião dos nossos antepassados, em vez do que traça, tão imperfeito.

Dos diversos ramos da Archeologia geral é a Palethnologia, ou Archeologia prehistorica, um dos mais fecundos em revelações. Quando começárão as investigações á cêrca da Prehistoria, houve apupos da parte dos *conservadores* e dos *homens da ordem*. Não obstante, os sabios proseguírão na realização do seu ideal, e a Archeologia prehistorica mostrou a existencia de antigas civilizações com que mal se sonhava, e que comtudo erão as primeiras ! É por esse motivo que os individuos que hoje escarnecem dos estudos archeologicos, ou lhes ligão pouca importancia, devem ser deitados ao desprêzo ; de facto elles não comprehendem o alcance d'aquelles estudos. Em Portugal lê-se muito pouco, além de jornaes e de romances. Poucas pessoas, começando a ler um livro de estudo, o lêem por inteiro ! Cansão-se logo. Fallo, é claro, do commum. Por conseguinte não admira que tambem exista quem não dê aprêço a cacos e a pedras toscas. Mas isso não é motivo para que, depois de se ter reconhecido a importancia dos estudos archeologicos, estes não se desenvolvão e não caminhem para diante.

Ao Governo pertence conservar acceso o facho da sciencia, e não deixar esmorecer os poucos individuos que ainda se sentem com fé, e têm ardor e enthusiasmo com assumptos archeologicos.

Se elle necessita de acudir á Archeologia, mandando accomodar devidamente o que está colleccionado, e salvando o que corre grave risco de se perder totalmente, nem por isso, pelo seu lado, a Ethnographia moderna merece pouca attenção ou pouco desvelo. A Ethnographia moderna provém da antiga, e por tanto as razões scientificas que ha para attender a uma são as mesmas que ha para attender á outra. O progresso, tendendo a unificar as civilizações dos povos, faz que muitos usos e tradições se vão pouco a pouco esquecendo e extinguindo : trajos, construcções, aprestos industriaes e de lavoura, monumentos religiosos. Urge pois tambem

inventariar o que ainda resta, senão em breve faltar-nos-hão valiosos elementos para o conhecimento scientifico do povo português. O Museu Ethnographico, se o Govêrno, como é de esperar, o auxiliar, póde neste ponto prestar igualmente serviços.

Bem sei que nem a Archeologia nem a Ethnographia moderna restaurarão as finanças do país, se estas se perderem ; todavia, como o viver de um povo não é exclusivamente material, aquellas sciencias contribuem para que, pela investigação exacta e conscienciosa dos elementos da nossa nacionalidade, o sentimento d'esta se radique com solidez nas multidões, e os animos, entibiados pela contemplação dos males actuaes, se enchan de esperança e audacia, e prosigam àvante, escudados no amor santo da patria.

PARTE II

O MUSEU ETNOLOGICO

DE

1894 a 1912

NOTA BIBLIOGRAFICA

1. *Este propecto é reprodução reduzida de um que se imprimiu em 1894,—o que se faz, não tanto por curiosidade literaria, como porque* O Archeologo Português *constitue documento importante da vida do Museu.*

2. *Este escrito foi primeiramente publicado avulso, folheto de 4 páginas (Lisboa 1897), e depois reimpresso n*O Arch. Port., III, *113–115, d'onde se fez nova edição, ou separata, que se reproduz aqui.*

3. *O bilhete postal, que aqui se reproduz, foi publicado em 1903 pela Papelaria lisbonense dos Srs. Paulo Guedes & Saraiva, cujas iniciais se lêem nele.*

4. *Este escrito saiu primeiro em folheto de 8 páginas, (Lisboa 1904–1905), e foi depois reproduzido n*O Arch. Port., X, *65 sgs.*

5. *Este escrito constituiu primeiro um folheto de 4 páginas (Lisboa 1906), e foi reproduzido n*O Arch. Port., XII, *125 sgs.*

6. *Este escrito foi publicado primeiramente em opusculo de 8 páginas (Lisboa 1906), e depois reproduzido n*O Arch. Port., XI, *160 sgs.*

7. *Este escrito foi primeiro publicado em folha volante (Lisboa 1910–1911). Tem-se distribuido* gratis *á entrada do Museu.*

8. *Este escrito foi primeiro publicado em folheto de 4 páginas (Lisboa 1912).*

1.

PROSPECTO

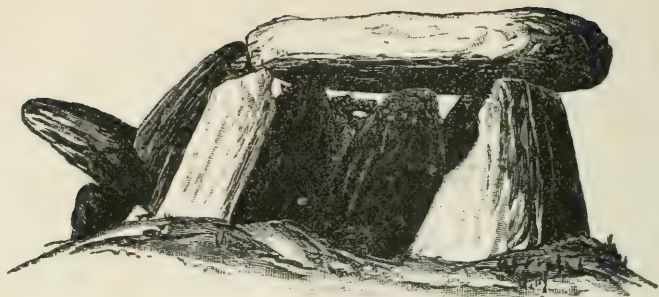
O ARCHEOLOGO PORTUGUÈS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1894

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

Para estabelecer relações litterarias entre os diversos individuos que, ou por interesse scientifico, ou por mera curiosidade, se occupam das nossas antigualhas, o melhor processo será pôr á disposição d'elles um jornal especial, onde tornem conhecidos do público, por meio de estampas e de descripções, os objectos que possuirem, e dêem informações das estações archeologicas e monumentos de que souberem.

É este o principal intuito d-*O Archeologo Português*, que, alem d'isso, procurará indicar aos seus leitores as obras que sahirem a lume, no país ou lá fóra, sobre as antiguidades nacionaes, e publicará muitos outros artigos que importem aos especialistas, a respeito de biographias de archeologos portugueses notaveis, de museus publicos e particulares, da maneira de organizar collecções archeologicas, de tirar decalques de inscripções, etc.

O Archeologo Português não aspira a inserir longas dissertações nas suas columnas: comquanto as não rejeite, se ellas lhe vierem, tenta porém principalmente recolher notícias avulsas, embora abundantes e exactas, das nossas antiguidades, de modo que, ao cabo de alguns annos, esteja nelle um repositorio excellente de elementos para o conhecimento da nossa historia.

Portanto elle pede vivamente a todas as pessoas, que estiverem no caso de corresponder aos fins que se propõe, que lhe enviem apontamentos de archeologia, acompanhados, sempre que isso fôr possivel, de desenhos ou photographias, com a indicação das dimensões dos objectos.

O 1.º numero d-*O Archeologo*, que deve estar publicado no proximo Janeiro, dará ideia do methodo simples que se ha de seguir.

Uma moeda rara ou desconhecida, um conjuncto de quaesquer moedas antigas que se encontram num local determinado, uma pedra com um lettreiro ou uma esculptura, um arco historico ou lendario, um cruzeiro lavrado, uma fonte de construcção especial, uma sepultura aberta em rocha, uma *anta*, uma *pedra de raio*, um estoque, uma espada, um sino, uma espingarda, um escudo, uma cadeira de couro, um leito de páo santo, um prato, um anel, etc., etc., e tambem um monte em que se suppõe ter existido uma velha povoação, de que ainda restem vestigios, —monte de ordinario chamado *O Crasto, O Castello, O Castellinho, O Castello Velho, A Cividade,* etc., e a que não raro andam associados nomes ou lendas de Mouros e Mouras—: eis ahi outros tantos themas para os leitores d-*O Archeologo Português* lhe remetterem artigos ou modestas notas.

Tudo quanto tiver caracter antigo e revelar importancia historica, ou ao menos, pelo estranho e apparencia da fórma, despertar a pura curiosidade, póde constituir assumpto para os leitores obsequiarem as columnas d-*O Archeologo*.

Só depois de competentemente reunidas estas variadas e fragmentadas parcellas da actividade dos nossos maiores, deixadas através dos seculos pelas gerações que vão passando, se poderá conhecer e apreciar por completo a historia e a civilização portuguesas: e quanto mais profundo fôr esse conhecimento, tanto mais solidamente se radicará no coração do nosso povo o sentimento da nacionalidade.

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

Assignatura annual...........	1$500 réis.
Número avulso...............	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

É de crer que nenhuma das pessoas que tomam a peito taes assumptos se recuse á modesta contribuição.

Toda a correspondencia litteraria deve ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos,** para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa.*

A correspondencia respectiva a compras e assignaturas deve ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa.*

2.

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

O Museu Ethnographico Português, com séde provisoria no edificio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, onde estão installados outros estabelecimentos scientificos, passou, por Decreto de 26 de Junho de 1897, a denominar-se MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS, denominação que melhor corresponde ao seu actual, embora modesto e vagaroso, desenvolvimento.

Este Museu tem por fim contribuir, pela exposição permanente de objectos respectivos a todas as epochas da nossa civilização, desde as mais remotas, para o conhecimento das origens, vida e caracteres do povo português.

Com quanto se procure dar aos objectos certa disposição artistica, e haja de se attender a diversas condições materiaes de installação, o que pois principalmente se deve buscar no Museu é o methodo scientifico da classificação e do arrumo, de modo que os objectos fallem, por assim dizer, mais á intelligencia do visitante do que aos olhos. Não se estranhe por isso se, ao lado de um bello instrumento de silex, de osso ou marfim, se vir um caco, ou se ao pé de uma estatua de marmore estiver uma inscripção partida : é que ás vezes, só por um caco, pela natureza da sua pasta, pela sua superficie alisada ou tosca, pelo seu bôrdo, pela sua ornamentação, póde determinar-se uma data e uma filiação historica ; e só pelo fragmento de uma epigraphe póde tambem resolver-se um problema importante, a exacta situação de um *oppidum*, a decifração de um texto litterario obscuro, a restituição de uma palavra, ou até de uma lingua antiga.

Parte do Museu (objectos miudos) acha-se em salas dependentes da Direcção dos Trabalhos Geologicos ; a outra parte (galeria lapidar) acha-se num claustro de-

pendente da Academia : tudo, porém, segundo fica dito, num mesmo edificio.

Como o Museu conta ainda pouco tempo de existencia[1], e eu, que trabalho nisto gratuitamente[2], não posso, por causa de outros trabalhos officiaes, e de falta de pessoal que me ajude, consagrar-me a elle senão nos dias feriados,—as colecções que o constituem, apesar de nellas haverem sido incluidas as que o benemerito Estacio da Veiga com suprema dedicação e magnifico éxito organizou no reino do Algarve, não são por ora tão grandes como eu desejaria. Ainda assim, estão já representadas no Museu Ethnologico Português as seguintes secções :

A) Anthropologia, a respeito do Sul :

a) cranios prehistoricos ;
b) cranios luso-romanos ;
c) cranios luso-wisigothicos.

B) Ethnographia, mais ou menos a respeito de todo o país :

a) *prehistorica* (muito bem representada) ;
b) *protohistorica ;*
c) *luso-romana* (muito bem representada) ;
d) *luso-wisigothica ;*
e) *luso-arabe ;*
f) *portuguesa* { antiga, moderna. }

(a)–(e): Archeologia

Quem quiser estudar, por exemplo, a evolução da ceramica póde fazê-lo, desde tempos antiquissimos, pois que o Museu possue muito vasilhame do periodo prehistorico, romano e arabe, sem fallar em innumeros fragmentos prehistoricos com a mais variada ornamentação, e em diversos exemplares do periodo wisigothico e português propriamente dito.

A respeito de Epigraphia, o Museu, como nenhum outro do nosso país, offerece ao estudioso tambem notabilissimos monumentos, que começam nos tempos pre-

[1] A sua criação data do Decreto de 20 de Dezembro de 1893, referendado pelo esclarecido lente de Anthropologia da Universidade de Coimbra, o Sr. Dr. Bernardino Machado, quando Ministro das Obras Publicas.

[2] [De 1898 para cá estabeleceu-se uma gratificação ao Director, pelo motivo que se indica adiante, pp. 126 e 164].

historicos, e chegam até o sec. XVIII : sobretudo devem merecer toda a attenção as rarissimas estelas escritas em caracteres ibericos, os ex-votos, em número avultado, do deus lusitano *Endovellicus*, e as lousas sepulcraes do cemiterio myrtiliano dos principios da Idade-Média. Ha inscripções em lingua iberica, em latim, em grego, em hebreu (decalque), em arabe e em português.

Outros muitos elementos de estudo encerra já o Museu : especializei estes, por serem mais ricos, e abrangerem longa serie de periodos. Entre as notabilidades do Museu não posso deixar de aqui mencionar ainda : uma rude pintura a ocre, que data da idade da pedra polida, e que é um dos mais antigos monumentos d'este genero que ha no mundo[1] ; variadas e singularissimas esculpturas lithicas da mesma idade ; muitas placas de schisto ornamentadas, que constituem uma peculiaridade na prehistoria geral ; numerosos instrumentos e armas de pedra e de metal, de diversas fórmas, dos tempos prehistoricos ; o espolio do «Castello» de Bragança, que, por estar reunido, e em grande quantidade, dá sufficiente ideia da civilização de um castro chalcolithico ; uma grosseira estátua (meio corpo apenas) de guerreiro pre-romano, curiosa para o estudo das armaduras dos Lusitanos ; pulseiras de ouro, e curiosas contas de collar, dos tempos protohistoricos ; uma collecçãozinha de instrumentos cirurgicos da epocha romana, delicados objectos de vidro, aneis de ouro, esculpturas de pedra e estatuetas metallicas, da mesma epocha , finalmente, para não alongar mais este elencho, a collecção quasi completa dos amuletos populares portugueses da actualidade.

Logo que os trabalhos de installação do Museu Ethnologico Português o permittam, este abrir-se-ha ao público. A abertura inaugural, se não se realizar antes, ha de pelo menos coincidir com a proxima celebração do Centenario da India em 1898, cooperando assim o Museu, pela sua parte, nesta festa nacional.

[1897].

---

[1] [Anteriores a esta pintura da idade da pedra polida são as das grutas da idade da pedra lascada ; mas ao tempo da publicação do meu escrito quasi não se conheciam ainda pinturas paleoliticas. Acerca da historia dos descobrimentos de tais pinturas vid. Juan Cabré, *El arte rupestre en España*, Madrid 1915, p. 53 sgs.].

3.

Bilhete postal com a vista do edificio do Museu

(1903)

PORTUGAL — LISBOA — 34 — MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS — Este museu, destinado a concorrer para o conhecimento das origens evolução e caracteres do povo português, foi creado em 1893 pelo Sr ministro Bernardino Machado melhorado em 1899 pelo Sr ministro Elvino de Brito, amplamente reorganisado em 1901 pelo Sr. ministro M F de Vargas, que em 1903 o dotou do bello edificio que hoje occupa. Consta de tres secções archeologia ethnographia moderna e anthropologia

4.

NOTICE SOMMAIRE

SUR LE

MUSÉE ETHNOLOGIQUE PORTUGAIS

LISBONNE

Le Musée Ethnologique Portugais occupe une des ailes de l'ancien monastère *dos Jeronymos* (Hieronymites), dans le quartier de Belem, sur la rive droite du Tage. Il se divise en trois départements : Archéologie, Ethnographie du Portugal actuel et Anthropologie. A la section d'Archéologie est annexée une petite collection d'antiquités étrangères, à titre de documents comparatifs, de même qu'une petite collection comprenant des spécimens coloniaux est jointe à la section d'Ethnographie.

Archéologie

I. *Époque de la pierre taillée.* — Il ne reste en Portugal que très peu de chose de cette époque, la civilisation néolithique y ayant presque partout fait disparaître celle de la pierre taillée ; aussi n'est-elle représentée au Musée que par quelques échantillons.

II. *Époque néolithique.* — L'aurore de cette époque se manifeste par des spécimens d'outils des *kjœkkenmœddings* de la vallée du Tage.—Le néolithique proprement dit et la fin de cette époque sont, au contraire, très bien représentés. Les objets sont disposés par ordre géographique, en commençant par le Sud, d'après le plan de Strabon. Je n'en indiquerai ici que les principaux.

Dans le préhistorique de l'ancien royaume de l'ALGARVE, aujourd'hui province, il y a lieu de signaler d'abord un instrument de pierre polie, de $1^{m},10$ de longueur et de $0^{m},39$ de circonférence, qui est un des plus grands instruments que je connaisse. On remarque ensuite : une curieuse sculpture en pierre, figurant une tête, un grand vase d'argile à cannelures (malheureusement incomplet)[1] ; les mobiliers des sépultures d'*Aljezur*, d'*Alcalar*, de *Marcella*, de *Nora* (belles pointes de flèche en silex, lances de même matière, plaques d'ardoise ornementées, godets en calcaire, des ustensiles piriformes en pierre polie, des objets en ivoire avec dessins, etc.).

Dans l'ALEMTEJO, les mobiliers des *antas* ou dolmens des *Commendas* tiennent la première place : on y voit des plaques d'ardoise ornementées, de magnifiques pointes de flèche en silex, des grains de collier, et en outre, une pendeloque en forme de quadrupède, semblable à une autre provenant de *Marvão*, toutes les deux en pierre.

En ESTREMADURA, j'appellerai l'attention de l'archéologue sur les haches polies de *Cadaval* e d'*Obidos*, très nombreuses, quelques-unes fort belles. Cette province a aussi fourni des gouges en pierre, des vases et des polissoirs.

Dans la province ou principauté de la BEIRA, à mentionner : les mobiliers des *orcas* ou dolmens de *Sátão* (poterie variée à fond plat ; couvercles en pierre ; meules à moudre ; un spécimen de peinture à l'ocre sur un bloc de granit ; des pointes de flèche et des couteaux en silex ; une hache à l'état neuf, portant un trou de suspension) ; une plaque d'ardoise, d'*Idanha*, représentant une tête, ce qui rappelle les palettes de Négadah ; une petite bobine en argile, de même provenance ; un objet en granit, long de $1^{m},17$, large de $0^{m},12$, au minimum, et de $0^{m},20$, au maximum, trouvé également dans une *orca*, et pourvu de sillons transversaux sur l'un des bords.

La province d'ENTRE-DOURO-E-MINHO a donné : des vases d'une forme spéciale (semblables à des chapeaux), avec des dessins sur les bords ; des couteaux, des haches et des pointes de flèche.

---

[1] Il est possible que ce vase et ceux dont il est question plus loin (Entre-Douro-e-Minho) appartiennent à une époque plus avancée ; ils datent au moins de la fin du néolithique.

Dans la province de TRAS-OS-MONTES, à mentionner plusieurs objets provenants soit des dolmens d'*Alvão*, soit d'autres lieux.

III. *Époque du bronze.* — Le cuivre commence déjà chez nous à apparaître dans les dolmens : ce sont d'abord de minces pointes de flèche ou des poignards.

La belle époque du bronze est représentée par des épées (Sud), des faucilles (Sud), des lances (Sud), des haches plates (de toutes régions), des haches à anse latérale sur un des côtés ou sur les deux (Nord et Centre), des haches à douille (Nord et Sud).

Les stations de l'ESTREMADURA ont livré : des instruments, une grande quantité de fragments de poterie ornementée, et en outre, quelques petits vases lisses et des objets artistiques en os et en calcaire. De l'ALGARVE proviennent des vases et des petites lames en or. De l'ALEMTEJO, des dalles sépulcrales sur les quelles sont sculptées des poignées d'épées. De *Santarem*, un beau diadème en or.

IV. *Époque du fer.* — Les principales stations de cette époque sont les *crastos* ou «oppida» : ils remontent quelquefois aux époques antérieures et atteignent au moins les temps lusitano-romains.

Pragança, en EXTREMADURA, est le *crasto* le mieux représenté dans le Musée, à cause de ses riches dépouilles, appartenant à toutes les époques, en commençant par le néolithique. On y trouve : des pointes de flèche en silex et en cuivre, des lances en silex et en bronze, des haches en pierre et en bronze, des marteaux en pierre, des meules, des pendeloques en pierre et en ivoire, des perles en pierre, en verre et en ambre, des fibules en bronze, des vases, des fragments de poterie ornementée, des poids d'argile semblables à ceux d'Argar (Espagne), des fusaïoles.

Les *crastos* du HAUT-MINHO et du Nord de TRAS-OS-MONTES ont livré quelques fibules en bronze très remarquables, variétés locales de celles de La Tène I, et quelques spécimens sculpturaux.

On peut attribuer à cette époque les inscriptions de Bensafrim (Sud), en caractères indigènes, et aussi les monuments de pierre, provenant du Nord, et représen-

tant grossièrement des quadrupèdes et un guerrier ; le guerrier, avec son casque conique et son bouclier rond, reproduit quelques-uns des caractères signalés par Strabon chez les guerriers lusitaniens.

A côté de ces produits grossiers de l'art indigène, le Musée possède des vases grecs, trouvés à *Alcacer do Sal;* avec ces vases se trouvent un sabre en fer (dont la poignée représente une tête de cheval) et des sculptures en ivoire, très fines.

V. *Transition de l'époque précédente à l'époque lusitano-romaine.* — Je classe dans cette époque : les figurines de bronze, quelques bracelets en or, diverses inscriptions latines, et les monnaies indigènes, parce que, si plusieurs de ces monuments sont assurément romains, d'autres manifestent une influence locale, ou sont difficiles à dater.

Parmi les figurines, il y a des quadrupèdes (chèvres ou boucs, taureaux, sangliers, un cheval), des divinités (par exemple, une Victoire très bien travaillée), des statuettes humaines.

Les bracelets ont été achetés chez des orfèvres : deux proviennent de *Santarem;* l'un, le plus singulier, parce qu'il est à cannelures et très large, provient du Nord, à ce qu'on m'a dit.

Les inscriptions se rapportent à des cultes religieux : quelques dizaines concernent le dieu Endovellicus ; d'autres portent les noms de Trebaruna, Bandoga, Arentius, Cerenaeci (*Lares*), Bandio-ilienaico (au datif), Revelanganideigui (au datif). À côté des inscriptions, il y a des sculptures en marbre.

Pour ce qui est de la numismatique indigène, le Musée possède des monnaies d'Eviom, de Myrtilis et d'Ebora. Deux des monnaies d'Eviom sont en caractères dits ibériques (inscriptions rétrogrades).

VI. *Époque lusitano-romaine.* — Cette époque est très riche. Je signalerai quelques objets en particulier :

des dalles sépulcrales en forme de tonneau, pourvues d'inscriptions (Sud) ;

une inscription versifiée, de Myrtilis ;

une dalle sépulcrale portant en relief les images de deux défunts et, en outre, une inscription (Minho) ;

une belle collection d'inscriptions du pays des Igaeditani, et des moulages d'autres inscriptions appartenant au même pays ;

une collection de vingt-six inscriptions de *Carquere*, dont quelques-unes avec des symboles ;

la frise du couvercle d'un sarcophage avec quatre Muses sculptées (ESTREMADURA) ;

des coffrets sépulcraux en plomb (ALGARVE) ;

un autel portant une inscription grecque (ALGARVE) ;

un *dolium*, très grand, d'*Alcacer do Sal ;*

vingt-trois amphores (Sud) ;

des centaines de petits vases de diverses provenances,—quelques-uns étant du type dit *saguntino* ou arretin (*terra sigillata*), parfois avec figures ou inscriptions ;

des dizaines de lampes, dont quelques-unes pourvues d'inscriptions ou d'ornements (une de ces lampes porte une inscription grecque) ;

un trésor de *denarii* de la République Romaine, trouvé avec des bracelets d'argent (BEIRA) ;

des mobiliers sépulcraux, de Balsa (verres, lampes, vases, bijoux) ; de *Pombalinho* (vases de verre avec inscriptions ou ornements, *inauris* d'or, *bulla* d'or) ; d'*Igrejinha* (vases, lances, une épée courte), du Metallum Vipascense (bagues en or avec inscriptions, vases) ; de Pax Iulia (une *pugio*) ; de *Troia de Setubal* (objets de toilette d'une femme, qui s'appelait «Galla») ; de *Marco de Canaveses* (une riche collection de vases, dont quelques-uns pourvus de *graffiti*) ;

deux statues gigantesques en marbre, provenant de Myrtilis ;

de petites statuettes, des pierres gravées, des bagues en or, des fibules en cuivre, en argent et en or, des épingles en cuivre, en os et en verre ;

des balances en bronze (*librae*) et des *aequipondia ;*

des poids (*pondera*) en bronze et en argile, parfois avec des inscriptions ;

une gargouille de bronze d'*Arcos de Val de Vez ;*

des instruments de chirurgie (Sud) ;

des matériaux de construction (*tegulae, lateres*), des frises, des chapiteaux, des tuyaux de plomb ;

une gouttière d'argile, portant une inscription, trouvée à Bracara Augusta ;

de grandes mosaïques, venant de Collipo et d'*Alcobaça* (un buste radié ; Orphée jouant de la lyre,

entouré d'animaux), et de beaux fragments d'autres mosaïques de l'ALGARVE, avec des figures de poissons.

L'époque romaine en Ibérie va du IIIe siècle av. C., jusqu'au Ve siècle de l'ère chrétienne.

VII. *Époque lusitano-germanique ou barbare* (Wisigoths).—Elle commence au Ve siècle.

Le Musée possède de cette époque : des inscriptions chrétiennes de *Mertola,* dont une en grec, les autres en latin ; le petit mobilier du cimetière de *S. Geraldo* (vases et une plaque de ceinturon) ; des échantillons de poterie, du Sud ; une autre plaque de ceinturon, de *Leiria ;* des monnaies d'or ; des grains de collier ; une riche dalle sépulcrale du MINHO, et de beaux fragments d'une autre dalle, de même provenance.

VIII. *Époque lusitano-arabe.* — Elle commence au VIIIe siècle.

Le Musée a de cette époque : des inscriptions ; des monnaies d'or, d'argent et de cuivre ; des lampes d'argile et de bronze ; des chapiteaux de marbre ; quelques vases.

IX. *Époque portugaise* (allant du moyen-âge au XVIIIe siècle).

Comme il y a à Lisbonne d'autres établissements scientifiques, où cette époque est particulièrement représentée[1], on ne recueille normalement, dans le Musée Ethnologique, que ce qu'on lui envoie en don, ou ce qu'on peut acquérir sans grande dépense pécuniaire.

J'y signalerai cependant : des inscriptions lapidaires, des sculptures, des objets de caractère religieux, des bijoux, des casques, des épées, des monnaies d'argent et de cuivre, des médailles, des jetons (que l'on nomme en ancien portugais *contos de contar, contos pera contar,* ou simplement *contos*), des sceaux, des

[1] Musée des Beaux-Arts (tableaux, céramique, verrerie, orfèvrerie, mobilier, vêtements) ; Musée d'Artillerie (armes et armures) ; Musée du Carmo (sculpture tombale, architecture) ; Bibliothèque Nationale (livres, manuscrits, monnaies, médailles, sceaux, estampes) ; Académie des Sciences (livres, manuscrits,—et aussi quelques monnaies et médailles, et d'autres objets anciens).

parchemins (XII^e-XVIII^e siècles), des manuscrits, de la vaisselle.

*

La section archéologique étrangère se compose de quelques objets romains, grecs, et préhistoriques d'Espagne, France, Suisse, Belgique, Autriche, Italie, Grèce, Asie, Égypte et Amérique : une épée courte italienne, en bronze, des vases grecs, une collection de fibules d'Halstatt, de La Tène et romaines, un vase romain d'*Emerita* avec une inscription, une fibule espagnole, quelques objets préhistoriques de Négadah, une inscription cunéiforme, plusieurs haches de pierre taillée (de France), des haches de pierre à manche en corne de cerf, provenant des stations lacustres de la Suisse.

Ethnographie

La section d'Ethnographie Portugaise moderne est actuellement en voie d'organisation.

Je ne puis, pour le moment, y signaler que peu de chose : une collection d'amulettes ; des ex-voto ; des instruments de musique ; des jouets d'enfant ; des ustensiles agricoles ; des pesons de fuseau (*cossoiros*) ; des quenouilles ; des produits de l'industrie pastorale (poudrières ou *polvorinhos* en corne de bœuf, très artistiques ; cuillères en bois décorées de dessins) ; céramique populaire ; des écuelles en bois ; quelques costumes populaires.

La section coloniale est encore extrêmement modeste, parce que cette branche de l'Ethnographie est du ressort spécial du Musée Colonial de la Société de Géographie de Lisbonne.

Anthropologie

Cette section se compose de quelques ossements provenant de fouilles archéologiques (époques wisigothique, romaine et préromaine)[1].

---

[1] Quelques crânes de l'ALGARVE, recueillis par feu Estacio da Veiga, sont encore chez M. le Dr. Ferraz de Macedo, qui m'a promis de les envoyer au Musée [ce qui a eu lieu].

Je compte y ajouter plus tard des spécimens modernes.

*

L'aile occupée par le Musée se compose de trois grandes galeries :

1) *rez-de-chaussée,* où sont les vitrines préhistoriques, la section coloniale, une des mosaïques romaines (les autres ne sont pas encore exposées), les monuments lapidaires de toutes les époques, les meules anciennes et les matériaux de construction romains. Tout est disposé méthodiquement, et par ordre géographique.

2) *1er étage,* où sont les poteries romaines et tous les petits objects des époques protohistorique, romaine, wisigothique et arabe. Tout est aussi disposé méthodiquement, et par ordre chronologique et géographique.

3) *2e étage,* où sont les sections d'Archéologie Portugaise (exception faite des monuments lapidaires), d'Ethnographie Portugaise et d'Anthropologie.—Les sections d'Archéologie et d'Ethnographie Portugaises sont naturellement réunies, et disposées d'après la nature spécifique des matériaux : vie agricole, objets de pêche, industries domestiques, religion, vie enfantine, beaux-arts, etc.

La section étrangère occupe le premier palier du grand escalier qui conduit du rez-de-chaussée au premier étage. Au second palier on voit, dans une vitrine, une sépulture romaine reconstituée de toutes pièces et dans laquelle est couché un squelette, pourvu de son mobilier sépulcral.

Des cartes géographiques, des aquarelles, des gravures, des notes explicatives, soit dans des tableaux suspendus aux murs, soit placées dans des écrans à volets, complètent l'instruction fournie par l'examen des objets du Musée.

Une petite bibliothèque contient, en outre, de plusieurs livres et brochures sur la matière, et toutes les revues qui font l'échange avec *O Archeologo Português,* organe du Musée.

[1904-1905].

5.

PLANO SUMMARIO

DO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

Este Museu, onde se expõem methodicamente elementos materiaes para que se estude e conheça a vida do povo português, consta de tres secções principaes: Archeologia, Ethnographia e Anthropologia; e de duas subsidiarias: secção colonial portuguesa (Ethnographia) e secção estrangeira (Archeologia). O Museu occupa uma ala do mosteiro dos Jeronymos (com tres pavimentos e um barracão annexo).

I—ARCHEOLOGIA:

A nossa Historia admitte tres grandes divisões:

tempos prehistoricos, que só conhecemos pelos objectos que restam de então (utensilios, armas, construcções, ossadas, etc.), pois não ha a seu respeito noticias escritas:

tempos protohistoricos, de que já ha algumas noticias escritas, quer em inscripções, quer em obras de autores antigos (é a epoca dos Celtas, dos Phenicios,—dos Lusitanos, etc.; chega até o sec. III-I antes de Christo);

tempos historicos, que começam com os Romanos (do sec. III-I antes de Christo até o sec. XI, e d'aí em diante).

Todas estas divisões estão, mais ou menos, representadas no Museu:

Epoca da pedra[1]—Tempos prehistoricos:

A) idade eolithica?
B) idade paleolithica ou da pedra lascada;
C) idade neolithica ou da pedra polida.

---

[1] Assim chamada, porque os utensilios e armas, que depois se fabricaram de metal, erão então feitas de pedra. (Os metaes não se haviam ainda descoberto).

Epoca dos metaes[1]—Tempos protohistoricos :

D) idade do bronze :

a) periodo chalcolithico (uso da pedra com o cobre) ;
b) periodo do bronze.

E) idade do ferro (até o sec. III-I a. C.) :

a) periodo de Halstatt[2] ;
b) periodo de La Tène[2] ;

Tempos historicos :

F) epoca lusitano-romana (do sec. III-I a. C. ao sec. V) ;
G) epoca lusitano-germanica (do sec. V ao sec. VIII) ;
H) epoca lusitano-arabica (do sec. VIII ao sec. XI) ;
J) epoca portuguesa propriamente dita (do sec. XI em diante).

A, B, C e parte de D, bem como as suas secções lapidares e as de E, F, G e H estão no rés-do-chão, ou pavimento 1.º

O resto de D, e os objectos miudos de E, de F, de G e de H estão no andar nobre, ou pavimento 2.º

A parte miuda de J está no pavimento 3.º, junta com a Ethnographia ; a sua secção lapidar está no barracão annexo ao Museu.

Os objectos de ouro e os manuscritos estão num gabinete especial.

II—Ethnographia :

Esta secção está no pavimento 3.º Por ora acham-se esboçados os seguintes grupos :

1. bordões.
2. vestuarios e adereços (exemplares reaes e modelos).
3. industria dos pastores (alemtejanos, etc.).
4. louças antigas.
5. azulejos.

---

[1] Assim chamada, do predominio dos metaes no fabrico dos instrumentos de trabalho e guerra. Primeiro descobriu-se o cobre, e os instrumentos eram de cobre e bronze (liga) ; depois o ferro.

[2] Estes nomes provém dos de estações typicas da Austria e Suiça.

6. heraldica e brasões das cidades portuguesas.
7. pinturas antigas.
8. utensilios de fumar e cheirar tabaco.
9. vida agraria (Minho, etc.).
10. armas e armaduras.
11. industrias caseiras (tear, pesos de tear, fusos, dobadoira, etc.).
12. arte da escrita (tinteiros, pergaminhos, etc.).
13. historia do correio.
14. brinquedos infantis, espectaculos e jogos.
15. musica popular e infantil, e antiga.
16. gravuras portuguesas antigas.
17. «registos» de romagens (lendas religiosas).
18. livros concernentes á Igreja lusitana.
19. ex-votos.
20. varios objectos religiosos.
21. amuletos e veronicas.
22. uma maquineta armada.
23. historia do jornalismo.
24. historia da encadernação.
25. historia da typographia.
26. collecção de ex-libris antigos e modernos.
27. utensilios para caçar e pescar.
28. objectos correlacionados com a alimentação.
29. utensilios caseiros.
30. pesos, medidas e relogios.
31. industrias tradicionaes (louça, etc.).
32. ferragens (espelhos de porta, etc.).
33. typo de uma sala alemtejana.
34. aspecto de uma casa estremenha.
35. curiosidades e cousas varias.

III—Anthropologia:

Tambem no 3.° pavimento. Consta apenas de tres grupos:

1. raças da Lusitania (cranios);
2. varias ossadas antigas;
3. cranios portugueses modernos.

Tem junta uma colleção de bibliographia portuguesa.

A secção colonial portuguesa occupa uma saleta no 2.° pavimento. A secção estrangeira occupa a escadaria que vai do rés-do-chão para esse pavimento.

[1906].

6.

MUSÉE ETHNOLOGIQUE PORTUGAIS

BELEM (LISBONNE)

Itinéraire de la visite:

Rez-de-chaussée (partie centrale).

1er étage :

grande salle ;

cabinet du directeur ;

petite pièce contigüe.

2e étage.

Grand escalier.

Rez-de-chaussée :

côté droit ;

côté gauche ;

corridor.

Pavillon extérieur.

☞ L'installation du Musée n'est pas encore achevée.

Monumenta Igaeditanorum (Beira)
Mosaïque romaine trouvée à Collippo (Leiria)
Matériaux de construction lusitano-romains
Meules à moudre préhistoriques
Peinture néolithique (Beira)
Sculpture néolithique (Beira)
Trás os Montes
Entre Douro e Minho
Beira
Extremadura
Néolithique
27
28
25
26
23
24
21
22
19
20
17
18
Atelier
Monuments lapidaires lusitano-romains : Beira et Nord
Monuments lapidaires lusitano-romains : Sud et Beira
Donaria ou ex-voto du temple du dieu ENDOVELLICUS (monuments lapidaires)
Statue romaine
Escalier
Monument de Galla
Statue romaine
Meules à moudre préhistoriques
Idole préromaine (Nord)
Grand instrument de pierre (néolithique)
Paléolithique
Alemtejo
Alemtejo et Extremadura Transtagana
Algarve
Néolithique
15
16
13
14
11
12
9
10
7
8
5
6
3
4
1
2
Corridor (Numismatique portugaise)
Monuments de l'époque visigothique
Monuments de l'époque arabe
Monuments lapidaires préromains : Nord et Sud
Idole préromaine (Nord)
Entrée
Rez-de-chaussée

Premier et second paliers du grand escalier
conduisant du rez-de-chaussée au premier étage
petite section étrangère (archéologie et ethnographie)

Pièce destinée à une petite section d'ethnographie coloniale
Entrée
Époque du bronze (et du cuivre): Sud, Beira et Nord: 1-12
Époque du fer (nécropoles; «castros» ou *oppida*; antiquités grecques trouvées dans le pays): Sud, Beira et Nord: 13-27
Bibliothèque.
Secrétariat.
Cabinet du directeur (manuscrits et objets en or).
Commencer la visite par ici
Céramique préhistorique
Parchemins enluminés (installation provisoire)
Monnaies romaines
1er étage
Balcon
Au centre: vitrines contenant des objets de l'époque romaine: poteries, sculptures, verreries, figurines en bronze
Varia quaedam: 55
Objets romains
Monnaies lusitaniennes
Monnaies romaines
Époques médiévales: Visigoths, Arabes, etc.: 50-53
Époque romaine: Sud, Beira, Nord: 28-49

2^e *étage:* Sections d'archéologie portugaise proprement dite (exception faite des monuments lapidaires), d'ethnographie portugaise moderne et d'anthropologie.—Les sections d'archéologie et d'ethnographie portugaises sont, naturellement, réunies et disposées d'après la nature spécifique des matériaux: vie agricole, objets de pêche, industries domestiques, religion, vie enfantine, beaux-arts, etc.

Pavillon à gauche de l'entrée du Musée: monuments lapidaires lusitano-romains et préromains trop lourds pour être placés dans la grande salle du rez-de-chaussée; monuments lapidaires de l'époque portugaise.

[1906].

7.

VISITA

DO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

(nos Jeronymos, Belem)

O MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS, onde se archivam documentos que servem para o estudo da vida do povo português, em toda a sua amplitude, desde os tempos mais remotos (idade da pedra) até a actualidade, consta de tres secções: ARCHEOLOGIA, ANTHROPOLOGIA, e ETHNOGRAPHIA moderna, e está distribuido por tres pavimentos, com alguns gabinetes e barracões annexos.

O exame do Museu, sendo feito com o methodo aqui indicado, póde supprir, em quem deseje instruir-se, a leitura de volumes inteiros que tratassem d'estes assuntos.

O visitante, ao entrar no Pavimento I, começará successivamente pelo mostrador da direita e pelos do centro, deixando para depois as pedras que se alinham aos lados. Ha ahi: *objectos prehistoricos:* 1.º, como mais antigos, os da idade da pedra lascada, ou idade paleolithica (mostradores n.os 41, 29 e 45); 2.º, como menos antigos, os da idade da pedra polida, ou idade neolithica, que porém ascendem, ainda assim, a mais de 40 seculos antes de Christo (mostradores n.os 1 a 28, e 30 a 39). Vistos estes mostradores, e algumas estatuetas e outras pedras que estão no centro da sala, passará ao Gabinete colonial, onde, entre varios objectos das nossas possessões de Africa e do Oriente, se guardam alguns dos selvagens, para melhor comprehensão dos prehistoricos (uso do arco, idolos, amuletos, etc.).

Subirá em seguida ao Pavimento II, começando a visita pelo lado direito de quem saisse pela porta da varanda ao poente. Ahi encontrará nos mostradores parietaes, seguindo a ordem numerica :

a) Objectos protohistoricos, — da idade do bronze, que ascende a mais de 15 seculos antes de Christo), e da idade do ferro (de cêrca de 8 ou 7 seculos a. C. até o sec. II ou I a. C.) ;

b) Objectos historicos, — da idade lusitano-romana (sec. II ou I a. C. ao sec. V da era christã), visigotica (secs. V-VIII), arabica (secs. VIII-XIII), e outros medievaes. Parallelamente irá examinando os mostradores centraes, e os objectos collocados nas paredes, ou soltamente na sala (sepulturas, quadros, etc.).—Por commodidade da arrumação, ha tambem neste Pavimento mostradores com medalhas e moedas portuguesas, e pergaminhos da idade media, e ao lado um Gabinete com uma secção de Ethnographia insular.

Do Pavimento II passará ao Pavimento III. Está ahi representada a Ethnographia continental moderna, e a Anthropologia (antiga e moderna).

No regresso do Pavimento II para o I deter-se-ha nas escadas, onde achará muitos objectos estrangeiros, de todas as idades, os quaes comparará com os nossos, para ver o parallelismo das civilizações.

No Pavimento I tornará a quedar-se, e percorrê-lo-ha em toda a volta, principiando pelo lado direito da porta de entrada : ahi se lhe depararão objectos de pedra que completam as secções archeologicas já vistas (epoca lusitana, lusitano-romana, lusitano-visigotica e arabica), mas que, por serem pesados, não podem estar nos seus devidos logares, e foi necessario que ficassem aqui. Alguns d'estes monumentos (ex-votos do deus lusitano Endovellico) occupam tambem o lagedo central. No fim do pavimento ha uma secção industrial lusitano-romana, e um mosaico em que se figura a lenda de Orpheu. Temos ainda outros mosaicos, que estão porém encaixotados por falta de espaço para se exporem.

Fóra do Museu, á direita de quem sae, ha dois barracões com monumentos de pedra de várias epocas, — lusitanicos e portugueses.

Por isso que o Museu se destina á instrucção, educação, regalia e utilidade do público, proporcionando-lhe como que um curso prático de Ethnologia Portuguesa, e alguns momentos de prazer espiritual, a visita é absolutamente gratuita, e os visitantes podem pedir aos empregados as informações que desejarem, e que estes lhes puderem dar.

Roga-se a todas as pessoas o favor de não tocarem em objecto nenhum. O pedido devia ser desnecessario ; infelizmente a experiencia tem mostrado que não é.

[1910-1911]

8.

SIGNIFICAÇÃO

DO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

Coligir objectos raros, ainda que não seja com intuito scientifico, e só por mero prazer, é costume que se encontra em todos os tempos e em todos os povos cultos: «como o entendimento não póde estar sempre em opera»ções de cousas graves, he necessario aliviá-lo com al»gum divertimento»[1]. Entre os objectos raros chamam sobretudo a atenção das pessoas curiosas os arqueologicos: «as cousas antigas tem certa superioridade e »reputação, com que se fazem estimar em mais que as »modernas»[2].

Em Portugal já no sec. XV o malogrado condestavel D. Pedro manifestou gôsto da Numismatica, reunindo um monetario, que é o mais antigo que se sabe foi feito por um Português, embora elle o formasse fóra do reino[3]. No sec. XVI havia moedas antigas na guarda-roupa de el-rei D. Manoel[4], e André de Rèsende alia á Numismatica a Arqueologia no seu museu de Evora[5]. No sec. XVII tem monetarios Gaspar Estaço, D. Rodrigo

---

[1] Severim de Faria, *Discursos varios politicos*,—Lisboa 1655, fls. 144.

[2] Gaspar Estaço, *Varias antiguidades*, Lisboa 1625, cap. I, § 1.

[3] Vid. Balaguer y Merino, *D. Pedro el condestabre de Portugal*, Gerona 1881, p. 34 sgs.

[4] *Archivo Hist. Portug.*, II, 381 sgs.

[5] Vid. *O Arch. Port.*, IV, 122; e *Elencho das lições de Numismatica*, cap. II, p. 2.

da Cunha, e Severim de Faria; os dois ultimos tem tambem curiosidades juntamente com as moedas[1].

Atèqui as collecções são, tanto quanto se póde averiguar, particulares. No sec. XVIII o govêrno começa a dar atenção ao assunto, vistoque do estudo dos objectos arqueologicos vem luz para o da Historia propriamente dita: o Alvará de 20 de Agosto de 1721 manda que não se destruam nem desfaçam monumentos antigos (edificios, estátuas, cipos, marmores, moedas, etc.), e encarrega as camaras do cuidado e guarda dos que aparecerem, e de darem logo parte do aparecimento á Academia Real da Historia Portuguesa[2]. Além da colecção arqueologica d'esta Academia, houve outras, de caracter oficial: da Academia das Sciencias, e da Universidade de Coimbra. Colecções particulares houve tambem várias, por exemplo: de D. Antonio Caetano de Sousa, Marquês de Angeja, Ribeiro dos Santos, Marquês de Abrantes, D. Tomás Caetano de Bem, P.^e^ Mayne, Arcebispo Cenaculo. A colecção de Cenaculo foi formada em Beja, e passou depois para Evora[3].

Com o impulso que no sec. XIX receberam todas as sciencias, desenvolveu-se *ipso facto* grandemente a museofilía, se assim posso dizer. As colecções publicas que já datavam do seculo anterior progridem, e criam-se outras. Até 1893, no campo das sciencias historicas ou conexas com a Historia, existiam, que me lembrem, os seguintes museus públicos, ou facultados ao público: Em Lisboa, Museu das Janelas Verdes, arte antiga e moderna; do Paço da Ajuda, moedas e objectos arqueologicos; de Artilharia, armas; da Academia das Sciencias, Arqueologia, moedas e Etnografia americana; da Biblioteca Nacional, moedas e antiguidades; da Comissão Geologica, Prehistoria e Antropologia; da Associação do Carmo, ou Museu do Carmo, Arqueologia portuguesa, romana e pre-romana, e moedas; da Casa da

---

[1] Trato d'isso num trabalho que estou organizando sobre a historia da Nossa Numismatica.

[2] Este Alvará foi publicado avulso, folheto de 3 paginas in-folio, mas está junto com outros documentos numa colecção de *Legislação antiga* da Biblioteca Nacional, n.º 1284, azul, e tambem foi transcrito por Aragão nas *Moedas de Portugal*, II, 359.

[3] A respeito de todas estas colecções vid. Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 92 sgs., e o meu *Elencho das lições de Numismatica*, II, 2 sgs.

Moeda, moedas ; da Sociedade de Geografia, objectos de Etnografia colonial ; Museu Agricola, com figuras etnograficas ; de S. Roque, arte religiosa. Em Coimbra, museus da Universidade, moedas, Etnografia e Antropologia ; do Instituto, Arqueologia ; do Bispo, Arte e Arqueologia religiosas. No Porto, Museu municipal ; Museu Industrial, com muitos objectos etnograficos. Em Guimarães, Museu da Soc. de Martins Sarmento. Em Viana do Castelo, objectos antigos no Liceu Nacional. Em Santarem, Museu municipal. Em Evora, Museu de Cenaculo. Em Beja, Museu municipal. Em Elvas, Museu municipal. Em Faro, Museu Maritimo, com objectos etnograficos. No Redondo, Museu municipal. Em Estremoz, Museu municipal. De colecções particulares citarei como mais importantes as de Teixeira de Aragão (ceramica, trajos, mobilias, vidros), de Judice dos Santos (moedas, etc.), de Ferraz de Macedo (cranios portugueses modernos).

O Museu Etnologico Português, criado em fins de 1893 com o titulo de «Etnografico», por Decreto referendado pelo Sr. Dr. Bernardino Machado, veio ocupar lugar ao pé de todos os antecedentes ; mas ao passo que uns d'eles são locais ou regionais, outros especializadamente de Arqueologia, de Etnografia, ou de Antropologia, e noutros as mesmas sciencias entram por incidente,—o Museu Etnologico Português, sempre em progressão crescente, e hoje já bastante rico, tem no seu plano o estudo concomitante da Antropologia, da Etnografia e da Arqueologia nacionais, embora a última mereça a preferencia, e a primeira esteja muito modestamente representada, só o bastante para o plano ficar esboçado no conjunto. Este Museu procura reunir elementos materiais que concorram para o conhecimento total da vida do homem no nosso solo, desde o alvorecer da idade da pedra até o presente : tipos fisicos, trajos, industrias, costumes, crenças, habitações, arranjo doméstico, gôstos artisticos, folganças ; a sobreposição das civilizações,—pre-romana, romana, visigotica, arabica, e posteriores ; tudo o que defina caracteristicamente o nosso povo.

Belem, 22 de Setembro de 1912.

PARTE III

«DEFENSÃO DO MUSEU ETNOLOGICO»

(1913)

Este escrito constituiu primeiramente
um opúsculo de 40 páginas, impresso no Pôrto em 1913
em nome da
Livraria Clássica de A. M. Teixeira (Lisboa).

DEFENSÃO

DO

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

CONTRA AS ARGÜIÇÕES

Que um Sr. Deputado lhe fez no Parlamento

> He justo qu'a escrittura na prudencia
> Ache sò defensaõ.
>
> CAMÕES, *Rimas*, Lisboa 1598, fl. 79.

Em sessão nocturna da Camara dos Deputados de 26 de Dezembro de 1911 o Sr. Deputado vimaranense Eduardo de Almeida declarou que havia no orçamento do Estado uma verba ilegal que eu recebia como director do Museu Etnologico.

Quando isto se passou, estava eu fóra de Lisboa, em estudos relacionados com o Museu; e só decorridos dias tive conhecimento do caso. Logo que o soube, enviei ao Sr. Deputado uma carta, cujo teor era o seguinte:

«Ex.mo Sr.

»Apesar de não conhecer pessoalmente a V. Ex.a, »tomo a liberdade de lhe escrever, já para o esclarecer »sobre o tema do seu discurso de 26 de Dezembro na »Camara dos Srs. Deputados, do qual só hoje tive notí»cia, já para lhe manifestar a estranheza que me causou »ver um Sr. Deputado tratar no Parlamento um as»sunto que absolutamente desconhece.

»Eu fui nomeado director do Museu Etnologico sem »vencimento algum em 1893, e servi de graça uns qua»tro anos. Note V. Ex.a que fui nomeado director do »Museu, mas o Museu não existia: organizei-o eu de»pois, pouco a pouco, percorrendo o país, fazendo ex»cavações em Trás-os-Montes, no Entre-Douro-e-Mi»nho, na Beira, na Extremadura, no Alentejo e no Al»garve: assim consegui, e com o concurso do meu pes-

»soal, que o Museu Etnologico chegasse a contar, como
»hoje conta, mais de 20:000 objectos, metodicamente
»dispostos, como num curso de Etnologia nacional. Pó-
»de V. Ex.ª informar-se com muitos dos seus colegas
»que me conhecem. Como porém eu precisava de muito
»tempo para me consagrar ao Museu, e o ser professor
»do Liceu de Lisboa, que eu então era, me impedia em
»grande parte, deixei o Liceu, com a promessa de o Go-
»vêrno me arbitrar uma remuneração equivalente, o
»que de facto sucedeu.—Aqui tem V. Ex.ª a monstruo-
»sidade da minha situação: receber uma gratificação
»em vez de outra que perdi.

»Por Decreto de 23 de Dezembro de 1899, a remune-
»ração foi legalizada. Na reforma do Museu de 24 de
»Dezembro de 1901, tornou a sê-lo. E por ultimo, em
»26 de Maio de 1911, tornou a sê-lo igualmente. Nem eu
»compreendo como se chame ilegal a uma gratificação
»aprovada por lei no orçamento do Estado durante tan-
»tos anos!

»Se V. Ex.ª, referindo-se ao Museu em pleno parla-
»mento, o fizesse espontaneamente, por entender que
»com isso beneficiava o tesouro público, embora com
»desaire para um indivíduo que se tem consagrado de
»alma e coração ao estudo do país toda a sua vida, e a
»quem um deputado da nação, que fosse consciencioso,
»só deveria dar estímulo, não me magoava eu tanto como
»me magoei com as injustissimas e descabidissimas
»observações de V. Ex.ª; mas permita-me que lhe diga
»que estou convencido (ou eu me engano muito, e então
»peço desculpa) de que houve terceira pessoa que directa
»ou indirectamente abusou de V. Ex.ª, levando-o a dar
»um passo tão temerario: essa pessoa foi um advogado
»que V. Ex.ª muito bem conhece[1], que havendo sido
»meu intimo amigo em tempo, e a quem eu dirigi em
»certo estudo, é actualmente meu inimigo figadal, só
»porque não lhe comprei uma colecção arqueologica que
»ele me desejava vender caro demais, e o não quis (por
»causa do seu feitio) admitir como empregado do Mu-
»seu: o que tudo consta de uma carta cuja cópia re-
»meto[2]; este indivíduo procura por todos os modos ata-
»car-me, para o que escreve a ministros e a deputados,

---

[1] [O nome vai mencionado adiante].
[2] [A carta vai transcrita adiante].

»envia para jornais artigos difamatorios, etc. V. Ex.ª
»tornou-se assim instrumento de uma vingança de ou-
»trem : como agravante direi que me parece que, a jul-
»gar do apelido e da naturalidade, V. Ex.ª é filho de
»uma pessoa com quem muito me dei outr'ora, quando
»eu freqüentava Guimarães, e com quem ainda falei a
»última vez que estive nessa cidade (1910)!

»Para terminar, convido a V. Ex.ª a ir visitar o Mu-
»seu Etnologico, pedindo-lhe eu o favor de me avisar do
»dia e hora : melhor do que numa carta, elucidarei a
»V. Ex.ª com a explicação das riquezas scientificas do
»Museu Etnologico, e com a exposição das fadigas e can-
»seiras que ele me tem custado. Além d'isso verá como
»sería absurdo que a alguem se exigisse de graça tanto
»trabalho.

»Supondo que a minha remuneração era ilegal, o que
»V. Ex.ª devia propor na Camara era que ela se tornas-
»se legal, e não que a um indivíduo, que ha 18 anos tra-
»balha como pouca gente em Portugal, se tirasse o pouco
»que recebe!

» Mantenho a esperança de que V. Ex.ª rectificará
»publicamente o mau conceito que lhe mereci».

O Sr. Deputado Eduardo de Almeida nem visitou o Museu (pelo menos em minha companhia), nem respondeu á minha carta. Como porém na mesma sessão de 26 de Dezembro o Sr. Ministro do Interior, Dr. Silvestre Falcão, tomou nobremente a minha defesa, e na sessão seguinte o Sr. Director Geral de Instrução Pública, Dr. Angelo da Fonseca, se dignou rebater as asserções do Sr. Deputado, dizendo que a minha situação era legal, — julguei liquidado o assunto, e não pensei mais nele.

Estava eu muito sossegado da minha vida, e ocupado, como sempre, dos meus trabalhos oficiais e literarios, e eis que sou surpreendido novamente com alusões do mesmo Sr. Deputado a mim nas Camaras (sessão de 12 de Março de 1913). Agora o caso era mais serio : o Sr. Almeida fazia-me argüições : umas, em verdade, moviam a riso, mas outras ofendiam-me na minha dignidade. Em virtude d'isso pedi ao Govêrno uma sindicancia, e que durante ela se me permitisse estar afastado da direcção do Museu. O Sr. Ministro do Interior, Dr. Rodrigo Rodrigues, concedeu-me o que pedi, e procedeu-se a um inquérito dos meus actos como director do

Museu. Mal havia ainda começado a sindicancia, e volta á balha no parlamento o Sr. Eduardo de Almeida a meu respeito, formulando mais pedidos, alguns dos quais até brigavam com os pontos que deviam tratar-se na sindicancia. *Quid illuc hominis est?* O homem está em brasa! pensei eu. E não terá ele nas sessões assuntos momentosos que ventilar em prol da nação? — Todavia, como eu não tinha culpas no cartorio, e confiava em que tanto o Sr. Sindicante, Prof. Agostinho Fortes, como o Sr. Ministro do Interior, Dr. Rodrigo Rodrigues, me haviam de fazer justiça, esperei com serenidade a seqüencia dos acontecimentos.

Entretanto o Sr. Fortes apresentava-me duas séries de quesitos, para eu responder, e a que eu respondi. São essas respostas que constituem o objecto dos dois capitulos seguintes, as quais trago a lume por permissão e despacho de S. Ex.ª o Sr. Ministro.

CAPITULO I

Pedidos do Sr. Deputado Eduardo de Almeida

A RESPEITO DO

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

e

Respostas do Director do mesmo Museu

A) *Pedidos do Sr. Deputado:*

Requeiro pelo Ministerio do Interior, Direcção Geral da Instrução Secundaria e Superior, me seja enviada:

1) Uma cópia do Inventario do Museu Etnologico, com indicação especificada e precisa dos exemplares adquiridos por compra, e dos que foram oferecidos gratuitamente ao Museu;

2) Um exemplar do Catalogo impresso do Museu Etnologico, ou cópia de Catalogo manuscrito;

3) Relação das fotografias, desenhos, plantas e reproduções em gesso, galvanoplastia, enviados do Museu Etnologico para a sala da Lusitania da Exposição Arqueologica, em Roma, no ano de 1911;

4) Com a data precisa da respectiva remessa;

5) Relatorio apresentado pelo Director do Museu Etnologico sobre as comissões scientificas que tem desempenhado no estrangeiro como representante oficial do Govêrno Português, nomeadamente nos congressos internacionais de Arqueologia de Atenas, Cairo e Roma.

B) *Respostas do Director do Museu:*

I

O 1.º pedido é ilogico, porque, se o Sr. Deputado me acusa, em sessão de 12 de Março do corrente ano, de não haver no Museu Inventario[1], como é que me pede cópia de uma cousa, que, segundo ele, não existe?— Além d'isso, um dos pontos da sindicancia que ora se está fazendo no Museu é o Inventario, e creio que só depois de ela terminar se poderá responder cabalmente. Por outro lado, eu julgo dever ponderar que mais facil seria ao Sr. Deputado, para bem do serviço público, vir ao Museu, e esclarecer directamente o seu espirito àcerca do que deseja saber, do que executar-se uma cópia como a que pretende, e para a qual o Govêrno teria de enviar-me um escriturario, visto que o Museu o não tem.

Os objectos adquiridos por compra constam dos documentos de despesa normalmente enviados para o antigo Ministerio das Obras Públicas e moderno do Fomento, e para o do Interior, onde o Sr. Deputado os póde examinar; acrescentarei que parte d'eles está mencionada na secção de «Aquisições» do *Archeologo Português,* do volume I em diante.

Quanto aos objectos oferecidos, declararei que grande parte das ofertas têm sido feitas PARTICULARMENTE A MIM POR AMIGOS MEUS PESSOAES, e que sou eu que os dou ao Museu: da referida secção do *Archeologo,* bem como dos volumes das minhas *Religiões da Lusitania,* constam extensas listas de nomes de benemeritos. Outros objectos são dados ao Museu POR MEU PEDIDO (junto um exemplar de uma circular impressa que tenho mandado[2]). Só poucos têm sido oferecidos espontaneamente, e ha muitos que SÃO PROPRIEDADE MINHA, e que eu possuia antes de haver Museu.

Se não fossem os meus esforços constantes, — o que posso provar com a correspondencia arquivada, e com o testemunho INSUSPEITO e SINCERO de centenares de pessoas por esse país fóra —, o Museu sería hoje po-

---

[1] [Vid. adiante].
[2] [Esta circular vai transcrita adiante, como apêndice].

bre. Não faria eu louvores a mim proprio, se não fosse em caso de fôrça maior, pois me parece que o estranho pedido do Sr. Deputado não terá por fim glorificar-me pelo meu labor continuado e árduo, durante 20 anos, e trabalhando eu de graça alguns d'eles. Ao passo que o Sr. Deputado dispõe da tribuna parlamentar para em público lançar sobre mim suspeitas durissimas, eu por em quanto não possuo outro meio de defesa senão este pedaço de papel.

II

O 2.º pedido tem duas partes : uma referente ao Catalogo manuscrito ; outra ao impresso.

Primeira parte. — Para se organizar um completo catalogo do Museu sería preciso pessoal de que não disponho ; mas já ha muito trabalho feito : catalogo das medalhas, catalogo do ouro e prata, catalogo dos ex-libris, catalogo das moedas portuguesas, catalogo das figuras de bronze romanas e pre-romanas, catalogo de parte das estampas, catalogo de grande parte da epigrafia, catalogo de grande parte da etnografia, catalogo da biblioteca, indice geografico dos mostradores da secção prehistorica, etc. Por falta de pessoal tenho pedido a alguns amigos que me ajudem ; o pessoal do Museu, além de nem todo ter, nem poder ter, habilitações especiais para tão varios assuntos, ou ha-de ocupar-se a obter objectos, a dispô-los, a estudá-los, e a cuidar de mil diversas outras cousas que igualmente pertencem ao Museu, ou ha-de ocupar-se só com catalogos. Isto é materia que mal póde tratar-se e explicar-se por escrito. Venha o Sr. Deputado ao Museu : nada perderá com a visita : eu acompanhà-lo-hei e o elucidarei vocalmente, e ele ficará conhecendo melhor tudo, visto que deve estar na mesma intenção de ser tão util á patria como eu, que ao Museu Etnologico tenho consagrado o melhor da minha vida, como do mesmo clarissimamente consta. — Outra dificuldade para o complemento do catalogo provém de o Museu NÃO ESTAR AINDA DE TODO INSTALADO : por falta de salas, que se andam fazendo, e as quaes ha muitos anos peço, tenho guardados em caixas numerosos objectos. Como se hão-de catalogar objectos ainda encaixotados ? — Só quem inteiramente não conhece a natureza de um museu como o Etnologico, é que deixaria de pesar estas circunstancias.

Segunda parte.— Apesar do que digo acima, já, a titulo de ensaio, comecei a publicar catalogos parciaes : o das medalhas saiu no *Archeologo,* XIV, 84 ; o dos manuscritos começou a sair no mesmo periódico, XVII, 196 ; e tenho tenção de em breve publicar o das marcas figulinas, e um catalogo sucinto, mas geral, de todo o Museu, para uso dos visitantes, como para o mesmo uso publiquei sumarios, que primeiro sairam no *Archeologo:* X, 65 ; XI, 160 ; XII, 125. Não está tão descurado este assunto como alguem menos informado poderá julgar, NEM ERA POSSIVEL TER FEITO MAIS, EM FAVOR DO MUSEU, DO QUE O QUE COM O MEU PESSOAL TENHO FEITO. Póde o Sr. Deputado ficar certo d'isso, pois o Museu O FORMEI DESDE O PRIMEIRO OBJECTO : a princípio, em companhia de um simples condutor de O. P., embora muito habil, depois eu sòzinho, ou com um guarda inválido, que nada me fazia ; o outro pessoal foi acrescentado sucessivamente, e tambem sucessivamente deminüido. SE NÃO FOSSE O MEU ESFORÇO INDIVIDUAL, já para arranjar casa, já para arranjar verbas, já para arranjar mobilia, já para arranjar objectos, já para arranjar empregados,— esfôrço tenaz, do qual vejo com infinita mágoa que o Sr. Deputado duvída, em vez de, como era de esperar, me aplaudir e me estimular,— o Museu Etnologico Português NÃO EXISTIRIA. E ele existe, para honra de todos, louvado pelas pessoas competentes, de cá e de fóra ! e proveitoso á patria e á sciencia !

III

O 3.° pedido não sei se me é feito para eu ser censurado na hipotese de não ter mandado objectos para Roma, ou se para tambem o ser na hipotese de os ter mandado. Em qualquer dos casos respondo o seguinte. Pediram-me da Exposição de Roma em 1910 autorização para eu deixar fotografar e reproduzir objectos do Museu, á custa da comissão da exposição : respondi afirmativamente, mas nunca veio ninguem fazer as fotografias ou as reproduções, postoque houvessem dito que alguem cá viria. Como porém eu supus seria desdouro não ficar Portugal representado na exposição, visto haver lá uma secção consagrada ás provincias do Imperio Romano, enviei desenhos e fotografias que tinha em duplicado, ou que mandei fazer expressamente,—

de monumentos arqueologicos nossos. Isto deve ter chegado a Roma, pois que o remeti registado.

IV

Ao 4.º pedido poderá responder o correio que fez o registo (Belem).— Não deixei indicação da data da remessa, porque tenho mais que fazer, do que estar a tomar nota de todas as informações e materiaes que, como posso provar com muitissimas cartas que possuo, me pedem de toda a parte, e constantemente, na minha qualidade de director do Museu. Só em respostas neste sentido se me vai boa parte do meu tempo!

V

Ao 5.º pedido respondo que as unicas vezes que representei o Govêrno Português fóra de Portugal foi nos congressos arqueologicos de Atenas em 1905, do Cairo em 1909, e de Roma em 1912. Os diplomas que me incumbiram de tal e tão honrosa representação NÃO ME MANDARAM FAZER RELATORIO NENHUM, como consta da Portaria do Ministerio das Obras Publicas de 2 de Março de 1905, de um oficio da Direcção Geral de O. P. de 17 de Março de 1909, e do *Diario do Govêrno* de 4 de Setembro de 1912. Em todo o caso, como eu, quando viajo, é SEMPRE para estudo, d'isso fiz documento, e melhor que quaesquer relatorios elaborados mèramente *pro forma*, fala a intervenção que tive nesses congressos, os resultados scientificos que colhi, e os objectos que trouxe para o Museu. Aqui sumarío tudo:

a) Congresso de Atenas.—Apresentei uma memoria em francês, que foi publicada no *Archeologo*, X, 169, e reproduzida em jornaes numismaticos de França e de Italia.— Obtive varias antiguidades gregas, romanas, etc., que estão no Museu, secção estrangeira, armarios da Grecia e Roma e noutros mostradores: vid. o *Archeologo*, XI, 92.

b) Congresso do Cairo.—Fui nomeado presidente de uma das secções.—Tomei parte nas discussões, como consta das Actas.—

Nas *Religiões da Lusitania*, III, 198, 246, 343, 470, 536, etc., aproveito frutos que colhi ou no Egito ou nos outros países em que estive por ocasião da viagem.— Comprei alguns objectos para o Museu, e obtive outros de graça : vid. o *Archeologo*, XVI, 114, 119, 120. Entre os objectos adquiridos figura uma colecção de placas de lousa prehistoricas, de grande importancia, pela semelhança que ha entre esses objectos egipcios e os nossos da mesma epoca,—segundo o que notei no *Archeologo*, XI, 342, nota. Os entendidos poderão dizer aqui alguma cousa!

c) Congresso de Roma. — Outra vez me deram a distinção de me elegerem presidente de uma das secções. — Li uma memoria e uma nota : aquela publicada no *Archeologo*, vol. XVII, e esta no prelo[1]. — Em Roma comprei varios objectos para o Museu. — Em Tolosa o sabio arqueologo Emilio Cartailhac ofereceu-me uma colecção de objectos paleoliticos franceses para a secção estrangeira do Museu (a qual porém ainda não chegou). — Da minha interferencia no Congresso dará testemunho o Sr. Dr. Eusebio Lião, nosso Ministro na Italia, o qual me quis conceder a honra de com o seu secretario assistir á sessão em que usei da palavra.

— Nestas viagens relacionei-me com arqueologos notaveis, visitei museus e bibliotecas, vi monumentos : emfim, instruí-me o mais que pude, pois creio que convém a quem dirige um museu, como o Etnologico, ter alguma instrução. Além d'isso, consegui que o *Archeologo* se trocasse com varias revistas estrangeiras congeneres, o que serve de enriquecer a biblioteca do Museu.

Das outras vezes que saí de Portugal não tive encargo de representar o Govêrno ; fui para meu estudo

---

[1] [Agora já publicada : saíu tambem nO *Arch. Port.* XVIII, 57 sgs.)].

proprio. Essas viagens tambem não foram improfícuas. Já não contando os conhecimentos que adquiri, como provarei com documentos, se fôr preciso, e que me ajudam a desempenhar-me melhor dos meus cargos oficiais, bastava ter descoberto em Leiden o manuscrito provençal de *Sancta Fides* (sec. XII), e em Viena d'Austria o *Fabulario Português* (sec. XV), para ter compensado plenissimamente as minhas estadas lá fóra. As pessoas que entendem do assunto deram a esses descobrimentos o devido valor : a) a respeito de *Sancta Fides* vid. : *Annales du Midi,* XV, 133 ; *Zur Metrik der Sancta Fides,* de Apell (Breslau) ; *La patria e la data della Santa Fede,* de P. Rajna ; *Journal des savants,* Junho de 1903, p. 337-345 ; *Facsimili di docum.* de Monaci, 1910, p. 25-26 ; Crescini, *Manueletto provenzale,* 2.ª ed., p. 188 ; *Zur provenzalischen Verslegende von der h. Fides von Agen,* de Gröber (1907) ; *Zeitschrift für romanische Philologie,* XXVII, 251 ; b) a respeito do *Fabulario* vid. : *Romania,* XXXVI, 155 ; *Litbl. f. germ. u. rom. Philol.,* 1907, col. 161 ; *Bulletin Hispanique,* IX, 310 ; *Zs. f. rom. Philol.,* XXXII, 88 ; *Rev. des l. rom.,* LI, 373 ; Th. Braga, *Hist. da literatura* (medieval). — A par com o que fica mencionado lembrarei que em Roma descobri um importante adagiario português manuscrito[1], e em Madrid adquiri para o Museu um precioso texto do sec. XV[2]. A isto juntem-se os numerosos objectos que, não incluindo os já acima indicados, obtive na Suiça, na França, na Alemanha, na Hespanha, — entre eles um fundo-de-pátera de prata, da epoca lusitano-romana, muito importante (objecto que havia saído de Portugal, e que assim restituí á Arqueologia nacional)[3]. — Quem perante tantas provas de que aproveitei o meu tempo, se deterá a pedir-me relatorios? Os relatorios seriam peças literarias, quando muito. E isto são documentos positivos e uteis.

Lisboa, 10 de Abril de 1913. — *José Leite de Vasconcellos,* Director-organizador do Museu Etnologico Português.

---

[1] [Vid. os meus *Ensaios Ethnogr.,* III, 312 sgs.].
[2] [Vid. adiante, parte IV, «Biblioteca do Museu», p. 272].
[3] [Vid. *O Arch. Port.,* X, 400].

APENDICE AO CAPITULO I

Carta-circular dirigida ha anos pelo director do Museu Etnologico a varias pessoas que ele entendeu que o podiam ajudar

Ex.^{mo} Sr.:

O Museu Ethnologico Português, instalado numa das alas do monumental mosteiro dos Jeronimos em Belem (Lisboa), tem por fim archivar documentos archeologicos, ethnographicos (modernos) e anthropologicos (antigos e actuaes), que sirvam para se conhecer, cada vez melhor, a vida, origem e caracteres do povo português.

Embora ele já contenha importantes collecções, sobretudo archeologicas, que muito podem utilizar, e tem realmente utilizado, aos estudiosos, não possue ainda tantas como seria mister. Julgo pois indispensavel darlhe constante incremento.

Numa viagem que ultimamente (1905) realizei pela Grecia, Italia, Suiça, França e Hespanha vi tantos museus, e em geral tão ricos e tão bem organizados, que ardo no desejo de que o Museu Ethnologico, como estabelecimento nacional que é, e de mais a mais central, por existir na capital do reino, corresponda o melhor possivel ás exigencias da sciencia moderna, e esteja á altura da dignidade da patria.

Visto que, com relação a instituições d'esta natureza, não bastam os recursos oficiais, e se necessita muito em especial o auxílio do público, resolvi dirigir-me particularmente a varias pessoas, que, tendo collecções archeologicas, ethnographicas ou anthropologicas, estiverem no caso de dispensar duplicados, ou, possuindo apenas objectos avulsos, quiserem privar-se d'elles em proveito de uma nascente instituição scientifica, — e sollicitar-lhes quaesquer donativos em beneficio do Museu.

Esses donativos podem consistir, por exemplo, no seguinte:

1) moedas antigas (gregas, romanas, byzantinas, portuguesas);
2) medalhas, contos, condecorações, veronicas, sinetes;
3) lapides com inscripções (portuguesas, arabicas, latinas, ibericas, hebraicas);
4) figuras de pedra (estatuas, cabeças), pedras esculpturadas, mosaicos;
5) vasilhas antigas, ou grandes telhões, achados em ruinas, em excavações agrarias, etc.; candeias de barro ou de bronze; pesos de barro ou de bronze;
6) figurinhas de metal antigas que representem animaes, divindades ou seres humanos; fivelas e varios ornatos de bronze, de vidro, de osso, de marfim;
7) machados de pedra, que o vulgo costuma chamar RAIOS, CORISCOS, CENTELHAS, FAISCAS, PERIGOS;
8) cunhas ou machados de cobre ou de bronze;
9) lanças, espadas, facas, punhaes, de bronze ou de ferro;
10) gravuras portuguesas executadas em papel, e pinturas feitas em pergaminho, em tela, em madeira, em cobre;
11) louças portuguesas antigas, e azulejos;
12) vestuarios hoje desusados;
13) instrumentos musicos d'outr'ora;
14) manuscritos; pergaminhos com escritura antiga; ex-libris portugueses;
15) armas e armaduras antigas, de epoca portuguesa (espadas, punhaes, capacetes);
16) certos objectos ethnographicos modernos, mas raros ou curiosos (polvorinhos ornamentados, amuletos, etc.), — tanto do continente como das colonias;
17) ossadas humanas encontradas em estações archeologicas.

Caso V. Ex.ª possa concorrer com algum objecto d'esta especie, ou analogo, para o augmento e lustre do Museu, rogo a V. Ex.ª muito encarecidamente que concorra; e ao mesmo tempo peço desculpa da liberdade que tomei, ao que fui levado por confiar na illustração de V. Ex.ª, que comprehende perfeitamente qual é o

alcance e a significação de um museu como o Ethnologico[1].

Sou com toda a consideração, de V. Ex.ª muito att.º e v.or, *Dr. J. Leite de Vasconcellos,* Director do Museu Ethnologico Português, Belem (Lisboa).

P. S. — Escusado sería dizer que junto dos objectos ficarão no Museu os nomes das pessoas que os offerecerem.

Se V. Ex.ª quiser que a offerta *seja consagrada á memoria de uma pessoa que já morreu* (um parente, um amigo), isso se declarará tambem ao pé dos objectos.

As despesas com os transportes ficam a cargo do Museu.

---

[1] A lista que apresento é necessariamente incompleta; todavia entende-se que o Museu receberá com fervor todos os objectos, que lhe mandarem, de valor archeologico, ethnographico ou anthropologico,—mesmo de procedencia estrangeira.

Não é indispensavel que os objectos offerecidos sejam inteiros ou estejam em bom estado; servem mesmo, á falta de melhor, objectos quebrados e velhos (o caso é terem merecimento).

Pede-se a fineza de remeter com cada objecto um papel em que se indique o local e data em que este appareceu, ou a região a que pertence.

CAPITULO II

Sindicancia do Museu Etnologico Português

Resposta do Director do mesmo Museu

aos

Quesitcs apresentados pelo Sr. Sindicante

SUMÁRIO

Preliminar. — Determinação das causas que motivaram as acusações. — Súmula das acusações. — Resposta ás acusações, uma a uma. — Remate.

Perante esta sindicancia imagino-me nas condições de um individuo particular a quem uma pessoa estranha fosse pedir contas do que se passa em casa d'ele, do que lhe pertence como proprio, do que ele obteve com o seu espirito e o seu suor: tanto eu, á fôrça de pensar na criação do Museu, de o ter organizado, desde o princípio, á custa de imensas canseiras, de ter ahi pôsto objectos que me pertencem, de ter constantemente, por toda a parte e por todos os modos, envidado esforços para o enriquecer, e o tornar digno e util, me costumei a CONSIDERÁ-LO MEU! E o mesmo proclamam todas as pessoas sinceras que me conhecem. Em tais circunstancias, como que pergunto a mim mesmo: que é que querem do Museu? Por ventura ha alguem no mundo que possa ter mais cuidado com ele, que mais se afligisse se nele existissem faltas e irregularidades, do que o seu organizador e mantenedor? Ministros, deputados, sindicante, público, que vem cá fazer?

Mas que digo eu? Que ilusão é a minha? Eu sou funcionário público, sou director do Museu Etnologico: e embora, pela razão das cousas, devesse ser a mim que competisse o direito de oficialmente acusar quem sobre o Museu lança suspeitas (digo *oficialmente*, porque *particularmente* ninguem me tolhe esse direito), tenho de vir dar contas estreitas e rigorosas d'aquilo que é mais do meu interesse do que do de ninguem; tenho de vir, como um reu, ao tribunal que se constituiu dentro do proprio edificio que com tanta dificuldade obtive para o Museu, responder a acusações, a um tempo vèxatorias e fantasticas, que com o mais leve sôpro se somem, e que nunca seriam formuladas, se quem no Parlamento deu causa imediata a elas procedesse como devia, isto é, se acedendo a um convite que lhe fiz em 1911[1], tivesse vindo ao Museu ver e observar o que nele se passa:

> Que exemplos a futuros escritores
> Para espertar engenhos curiosos
> Para pôrem as cousas em memoria
> Que merecerem ter eterna gloria!

*

Como, pela minha prática das investigações historicas, estou habituado a apreciar encadeados entre si os fenomenos sociais, não desejo responder ás acusações sem primeiro determinar a origem de toda a presente tramoia, de modo que se perceba bem qual é a significação das mesmas.

Resumirei o mais possivel, para evitar enfados.

Ha um sujeito, de nome *ANTONIO MESQUITA DE FIGUEIREDO*, fotografo-amador, e bacharel em Direito, alcunhado de *Xilde* pelos Coimbrões[2], o qual ha bastantes anos, quando ainda era muito novo e estudava preparatorios em Lisboa, se relacionou comigo, porque mostrava certa inclinação para a Arqueologia. Por indole minha, animei-o sempre, e ele o confessa num meigengro folheto que publicou em 1894 intitulado *Breves apontamentos para a historia da pesca em Por-*

---

[1] [Vid. supra, pag. 127].

[2] Esta alcunha provém de ele ter, quando professor provisorio de inglês no Liceu de Coimbra, ensinado os seus alunos a pronunciarem *xilde* a moderna palavra inglesa *child*.

tugal; além d'isso dei-lhe acolhimento n*O Archeologo Português,* publicando-lhe eu aí umas cousas, que primeiro lhe emendára. O rapaz, á proporção que ia crescendo, mostrava-se porém muito maldizente, intriguista, contraditorio, muito superficial no seu estudo, postoque muito soberbo, e tanto que uma vez me disse vocalmente, a mim, a quem ele estava sempre a dirigir perguntas, *que não admitia a autoridade de ninguem.*

Eis as provas, extraídas de cartas que me escreveu, e que eu conservo e mostrei ao Ex.mo Sindicante. São particulares estas cartas, é certo, mas ninguem me póde censurar de me servir d'elas, pois que constituem elementos essenciaes da minha defesa. Noutras condições eu não as utilizaria.

a) *Maledicencia, intriga e contradição:*

1. Em carta de 27 de Junho de 1899 escreveu-me a respeito do Dr. Santos Rocha, fundador do Museu da Figueira, e um dos arqueologos a quem a sciencia portuguesa deve grandiosos serviços:

«Eu não me admira nada que o Santos Rocha não qui»sesse assistir á conferencia do Reinach — estou certo »que elle pouco sabe fallar francês — e de outro modo »se não comprehende, elle que tanto gosta de honrarias »e elogios.»

Note-se que Rocha viajou bastante; e como havia ele de o fazer, se não soubesse suficientemente falar francês?

2. De uma carta de 10 de Setembro de 1899, datada da Figueira, onde ele freqüentava o Museu e convivia com o Dr. Santos Rocha e com um pobre professor primario chamado Pedro Belchior da Cruz, que começava a entusiasmar-se tambem com a Arqueologia, — hoje falecido:

«Pedro Belchior da Cruz[1] agora é um rafeiro do San»tos Rocha, até já tem as chaves do Museu em seu po»der.»

3. Da mesma carta:

«Houve agora ha tempos na Figueira uma notavel »descoberta archeologica. Trata-se de um testemunho »da estada dos Gregos em Portugal *mais dos phenicios* »*e nomeadamente na Figueira onde foram frequenta-*

---

[1] O nome por extenso, por ironia. São chufas por todos os poros!

»dores assiduos da casa do Feteira[1]. *Só á vista lhe con-»tarei a historia que é muito comprida e o assumpto »muito particular — até uma inscripção grega desco-»briram!?? Gloria aos sabios archeologos! Gloria ao »F.*[2], *ao Belchior, a toda a gente!! . . .* »[3].

Eu recebi esta carta fóra de Portugal, por onde andava em viagem de estudo. Ignorava pois o que era isto, e não pouco surpreendido fiquei com a notícia; mas depois vim a saber que todo este chorrilho de insultos tinha por base um dos mais notaveis descobrimentos arqueologicos feitos por Santos Rocha, e que ele consignou num importante estudo da *Portugalia*, II, 310 sgs.: Santa Olaia, castro da 2.ª idade do ferro.

4. Da mesma carta:

«O Rocha agora intertem-se *(sic!)* a concertar *potes*, »como viu no estrangeiro — não tem feito nada de notá-»vel.»

Em carta de 30 de Julho de 1899 dissera-me exactamente o contrário:

«O vaso enorme que o Santos Rocha anda recons-»truindo é muito interessante.»

O ilustre arqueologo Rocha, aproventando simples cacos que encontrou em excavações, e unindo-os entre si, conseguiu restaurar magnificos espécimes ceramicos em que ele vê efectivamente influencia punica, e que todas as pessoas bem intencionadas admiram no Museu da Figueira. É contra estas maravilhas da habilidade e do saber que se insurge a prosa xildiana de 10 de Setembro!

5. A respeito d'*O Archeologo* diz-me na mesma carta de 10 de Setembro:

«... afirmou-me o Dr. Rocha peremptoriamente que »elle ia acabar, assim como o Museu Ethnologico. Elle »que o diz é porque o sabe.»

Eu a esse tempo estava, como disse, fóra de Portugal. Era pois uma noticia que muito bem me devia dispôr! A ela porém faltava todo o fundamento. O signatario da carta só tinha por fim intrigar-me com Santos Rocha.

6. De uma carta de 14 de Setembro de 1899:

«Desappareceu ha dias aqui da Figueira, sem me ter

---

[1] Já não me lembra bem o que era a casa do Feteira, mas creio que era uma taberna.

[2] Omito o nome, por ser de uma pessoa viva.

[3] As admirações são d'ele, e o italico.

»dito para onde ia, o Professor Belchior. — Desconfiei »que tivesse ido a exploração archeologica por conta do »Rocha, de que elle é agora capacho, e investigando um »pouco, antes delle chegar, e agora fazendo-o dar á lin»gua, soube que havia ido ao Cadaval e a Pragança fazer »excavações por conta do Dr. Santos Rocha ! ! O Garcia »tambem entrou na festa. Veja pois o que lhe fazem os »seus amigos.»

O Cadaval e Pragança são dois dos meus principaes campos de investigação arqueologica, porque no concelho tenho parentes e um casal, e aí exerci medicina uns meses. Garcia, professor de Pragança, já falecido, foi-me sempre muito dedicado, como consta d*O Archeologo*, XIV, 245 e 247. O signatario da carta, que, por não ter que fazer, gosta de escabichar as vidas alheias, para zombar perfidamente de tudo, só procurava malquistar-me com os meus amigos !

7. Fazendo-lhe eu algumas observações a cousas desagradaveis que me dissera em uma carta, respondeu-me em 26 de Setembro de 1899 :

«Parece que não gostou muito do que eu lhe disse na »minha ultima carta. Arrependido estou de o ter feito, »porém, como muito bem sabe . . , não tenho papas na »lingua.»

Ao menos falou verdade uma vez !

b) *Superficialidade:*

Em carta de 11 de Julho de 1899 :

«amanhã 12 faço exame de allemão. Vamos a ver se »não apanharei algum *chumbo*. Grammatica sei eu, mas »trad(ucção) *nicht:* poucos significados sei de cór.»

Esta carta pouco prova ; contudo é sintomatica do que depois havia de suceder, pois o signatario d'ela, apesar de estar formado ha alguns anos, e de ser tão mordaz, não só não teve ainda coragem de ir a concursos de empregos que tanto ambiciona (na Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional, e no proprio Museu Ethnologico), mas nunca, que eu saiba, deu a lume cousa em que revele, já não digo a minima capacidade literaria, mas a minima erudição.

c) *Soberba:*

Em carta de 29 de Junho de 1899 :

«Com respeito ao F., o meu Amigo bem sabe que pe»rante a boa e sã logica, o criterio que menos deve ser »seguido é o da *auctoridade*. Ora tambem é sabido, que »elle embora seja muito intendido em terrenos secunda-

»rios, não sabe ou não trata de mais nada, e de prehis-
»toria só lhe meche (*sic!*) *por incidente!*»[1].

Isto refere-se a um geologo distintissimo, a quem a Prehistoria deve tambem importantes trabalhos. Que tal está a vespa!

*

Apesar de tais documentos, que eu possuia, do caracter e esperanças do meu *amigo,* fui-o suportando, por atribuir aqueles desmandos á idade juvenil, e porque eu gostava muito dos páis. Todavia, como uma vez eu, aí por 1900, lhe indicasse muitos erros em certo artigo que me queria dar para *O Archeologo,* as nossas relações esfriaram, visto que ele *não admitia a autoridade de ninguem,* e conservaram-se frias creio que até 1907, em que me tornou a aparecer, para me pedir que o admitisse como ouvinte na minha aula de Numismatica da Biblioteca Nacional, o que eu lhe concedi. A esta concessão generosa seguiu-se a exibição de novas intrigas e maledicencias, que me indispuseram cada vez mais com ele: o que não vale a pena relatar, porque tenho ainda de transcrever trechos preciosos de mais duas cartas, as quais tambem mostrei ao Ex.^mo^ Sindicante:

a) *De uma carta de 13-XI-1908* (de Coimbra):

«Caro Mestre e Presado Amigo:

». . . Quando estudei Antropologia com o Bernardino
»Machado, elle obrigou-nos a todos os alumnos a com-
»prarmos cada um o seu *compasso de espessura do Bro-*
»*ca*, fabricado por Mathieu. Eu possuo ainda este ins-
»trumento, que é excellente, e está completamente novo;
»como não faço estudos da especialidade, ha muito que
»resolvi vendê-lo—custou-me com direitos e transporte
»aproximadamente 8$000 réis — vendo-o por 6$000.
»Acaso o Meu Amigo o quererá comprar para o Museu
»Etnologico, onde elle tem optimo logar na secção d'an-
»tropologia? Está perfeitamente conservado, nunca
»serviu mesmo[2], e é d'um fabricante d'universal reno-
»me. Responda o Meu Caro Mestre . . eu lhe enviarei
»o compasso, caso o queira comprar pelo preço, que é
»barato, fique certo. Receba o Meu Presado Amigo

---

[1] O italico é d'ele.

[2] Este descanso, dado ao compasso, é mais uma prova para juntar ás que acima dei da superficialidade do nosso homem. Compasso e livros, tudo repousa! Só a lingoa não!

»muitos cumprimentos de Meus Paes e um abraço do »seu velho amigo e antigo discipulo : *Antonio Mesquita »de Figueiredo.*»

b) *De uma carta de 20-XI-1908* (de Coimbra) :

Como ele possuia uma colecção de objectos arqueologicos e etnograficos, e me dissesse que os venderia ao Museu, entrámos em negociações. D'isso trata a seguinte carta, que é a mais importante de todas, e para a qual chamo particularmente a atenção de quem me ha-de julgar :

«Caro Mestre e presado amigo,

»Continúo a estar resolvido a vender as minhas col»lecções d'ethnographia e archeologia, e visto que o »Meu Amigo as quer comprar para o seu Museu, estão »ás suas ordens, e de certo faremos negócio, se concor»darmos no preço. Eu vi novamente tudo, e avaliei am»bas as collecções em 100$000 rs. ; é pois este o preço »pelo qual as vendo. Afasto-me d'ellas com muito sen»timento, mas é o fim de todas as collecções particula»res : irem para os museus publicos, onde ficam bem »guardadas, e onde podem servir para *todos* estuda»rem. — Tenho bastante pena que não queira comprar »o compasso de espessura de Broca — é um bello instru»mento e sobretudo barato — se o mandasse vir agora »quanto lhe custaria ? ! com tal cambio, transporte e »direitos alfandegarios ! — SE O MEU AMIGO QUISESSE »ARRANJAR-ME UM LOGAR NO MUSEU, o que lhe seria fa»cil, porque de mais a mais tem vagas no quadro do »pessoal, é claro que as minhas collecções as offerecia . . »Abraça-o o seu velho Amigo : *Antonio Mesquita de »Figueiredo.*»

Não aceitei as propostas da venda, porque do compasso, não obstante a rabulice com que m'o inculcava e oferecia, não necessitava eu, e a colecção era cara de mais ; e muito menos me resolvi a admiti-lo no Museu, pois farto estava eu de o conhecer, como se viu dos trechos epistolares que transcrevi.

O meu *amigo* encheu-se de íntimo rancor, e esperou ocasião de se vingar. Esta ocasião entendeu ele que devia ser logo pouco depois da proclamação da Republica : e de facto iniciou em um jornal d'esta cidade, no primeiro trimestre do ano de 1911, desaforada campanha, já contra mim, já contra o Museu, campanha que se propagou a outros jornais, tais como *O Paiz* e *A Alvorada*. De todos os artigos só li um, o primeiro, por não saber de

que é que se tratava : e muito surpreendido fiquei ao ver que o sobrescrevia um individuo que noutros tempos, tres anos antes, me chamava «amigo» e «mestre». Não li mais nenhum : declaro-o por minha honra. Não li, e por isso não respondi. Desprezei o autor d'eles :

> Julguei sempre o silencio por melhor,
> Por fugir da peçonha que derrama
> A lingoa má do mao murmurador[1].

Todavia sei por alguns amigos que os artigos eram violentos e difamadores. Num, por exemplo, consta-me que se dizia que eu embolsára 540$000 rs. para compra de um mosaico romano de Oeiras, quando, como provo com um oficio de 20 de Fevereiro de 1913, da Direcção Geral das Obras Publicas, nunca me entregaram essa quantia. Noutro dizia-se que eu recebêra do Colegio de Campolide para o Museu uns baús com papéis de jesuitas, quando, como deve provar-se da sindicancia, os baús não continham papéis de jesuitas, nem vieram do Colegio de Campolide, nem se destinavam ao Museu. Noutro, ou noutros, eu era apelidado de ignorante : em verdade, apesar de haver coligido, ou feito coligir com o meu pessoal, os milhares de objectos que formam o Museu Etnologico e os haver classificado, de haver publicado obras (livros e opusculos) em número de duzentas e duas, de possuir quatro cursos superiores (sendo dois d'eles com as maiores distinções escolares), de haver sido conservador da Biblioteca Nacional durante uns 24 anos e professor do Curso de Bibliotecario-Arquivista durante uns 23, e ser actualmente professor da Universidade de Lisboa, onde ensino quatro disciplinas, — não pretendo de modo algum, isso sería loucura ou basofia demasiada, que me chamem sabio ; mas tambem não é o inventor da palavra *xilde* que está no caso de me fazer observações scientificas, ele que, com quanto tenha um curso superior (ao qual contraponho os meus quatro), jamais passou de rabiscar uns miseros e chochos artiguelhos em jornais, e cartas palavreiras a este e àquele, contra um e contra outro!

O que diziam os redactores da *Alvorada* e do *Paiz* nada me afligia, porque nenhum dos dois jornaes tem cotação alguma. O redactor da *Alvorada* é um Mario

---

[1] Diogo Bernardes, *O Lyma*, 1820, pag. 120.

Monteiro, que ha tempos esteve preso no castelo de S. Jorge, e de quem se póde dizer, parafraseando Horacio: *faenum habet in capite, longe fuge!*[1]. O redactor do *Paiz* é um Meira e Sousa, que nem biografia tem:

> .. parto da Terra monstruoso;
> Do humus primitivo e tenebroso
> Geração casual ..[2].

Pelo que toca ás calunias do *Xilde,* que importancia havia eu de tambem ligar-lhes, se, ao passo que, quando se tornou meu inimigo, esgrime contra mim, me tinha

---

[1] Mais um pormenor.

Em 1901 um grupo de estudantes de Coimbra festejou o S. João com fogueiras, danças, e versos. Os versos foram publicados em 1902 em cartões por José de Elyseu. Um amigo meu, que me deu estas informações, enviou-me os cartões, e num d'eles, que se intitula *Rancho Flor da Mocidade—Pateo da Inquisição—1902,* ha a seguinte poesia assinada por *Mario Monteiro:*

> Fui hoje ao campo
> Escolher flores,
> Com que brindar
> Os meus amores.
>
> Uma por uma,
> Busco a mais bella;
> Nenhuma encontro
> Ser digna d'ella.
>
> De correr tudo
> Cançado emfim
> Colhi fragrante,
> Alvo jasmim.
>
> E antes que ao calix
> Desbote a côr,
> Vou a offertal-o
> Ao meu amor.
>
> Vamos todos, raparigas,
> Pela manhã orvalhada:
> Vamos todos, colher rosas,
> Ao jardim da nossa amada...

poesia que depois apareceu transcrita no *Diario de Noticias* de 28 de Julho de 1902 com o seguinte comentario: «Estas »quadras, á excepção da última, são copiadas da *Chronica* »*Litteraria* [*da Nova Academia Dramatica,* Coimbra, t. II], »a pag. 63, e feitas em 1841 pelo Sr. J. F(reire) (de) Serpa». Consta-me que a última quadra vem tambem em um antigo *Almanach de Lembranças,* mas não encontrei o respectivo volume.

Por não se poder admitir que, mesmo com auxílio do espiritismo, Freire de Serpa e o autor da última quadra adivinhassem o que havia de vir a lume passados muitos anos, conclue-se que Mario Monteiro subscreveu como suas, com incrivel desfaçamento, produções literarias que não lhe pertencem. E, ao que ouço, é este compositeiro de versos alheios quem em cima do muladar da *Alvorada* pespega sem rebuço máculas de ladrão em cidadãos puros! Como ás vezes no mundo os nomes andam trocados!

[2] Anthero de Quental, *Sonetos,* Porto 1890, p. 75.

outr'ora, quando se ufanava de me chamar amigo, feito elogios!

Em carta de 27 de Junho de 1899, escrita durante uma viagem que eu fazia fóra de Portugal para estudos etnologico-lingüisticos, diz-me:

«Venha . . o meu Amigo, com muita sciencia e muito »boas disposições para continuar e desenvolver o gosto »pelos estudos d'esta ordem . . »

Em carta de 16 de Julho do mesmo ano, falando em seu nome e no dos pais:

«... ficamos satisfeitos, como sempre, quando temos »noticias dos nossos bons amigos, dos quaes o Meu »Amigo é o principal.»

Em carta de 5 de Maio de 1900 diz-me tambem, a proposito de referencias lisongeiras que me fizera o Dr. Meyer Lübke, professor da Universidade de Viena de Austria:

«Não me admiraram em nada as palavras do Mayer- »Lubke (*sic!*) — o que me admiraria é que elle não »disse-se (*sic!*) nada. Quem tão bem trabalha, e des- »interessadamente, é bem que receba os louros que lhe »são devidos.»

Finalmente, em carta de 13 de Novembro de 1908, escreve-me:

«Passei a minha collecção photographica, e encontrei »muita cousa que lhe póde servir para illustrar a futura »obra sobre ethnographia portuguesa, e que está ás suas »ordens . . e muito orgulhoso me sinto em contribuir »para a parte artistica da sua obra, que como todas as »que sahem das suas mãos, deve ser monumental.»

Diante destes testemunhos, e dos anteriormente transcritos (tudo mostrei no original ao Ex.mo Sindicante), que conceito merecem, repito, os desaforos que publicou em jornaes, e o depoimento que por ventura terá feito contra mim na sindicancia? Que caracter é este?

*

O meu caluniador, que, segundo se provou, o é por despeito, visto que eu lhe recusei a entrada no Museu como empregado (o director é, por lei, quem faz a proposta para o lugar que ele pedia), e lhe não comprei o que ele me queria vender, agregou a si, além dos mencionados Meira e Sousa, e Mario Monteiro (pessoas com quem nenhumas relações tive porém jamais, a quem

nem conheço de vista, e que não sei por que motivo serio me atacaram), agregou a si uns antigos empregados do Museu, que d'ele sairam por irregularidades que aí cometeram, e bem assim o Sr. Cesar da Silva, que, por eu não poder nem dever dar-lhe, a trôco de uma gratificação, o encargo que ele me pedira de catalogar as lapides epigraficas do Museu, se amuou comigo.

Aqui está TODA A BASE DA ACUSAÇÃO que me fazem: vingança e despeitos de um individuo malvado, que não contente com dejectar sòzinho perversidades contra um seu antigo amigo e mestre, como ele proprio lhe chamava em cartas, se socorreu de outros individuos do mesmo jaez.

Por fim, estas verrinas chegaram aos ouvidos do Ex.^mo^ Deputado Eduardo de Almeida, que tambem pessoalmente instigado, como penso, pelo principal promotor d'elas ousou formular no Parlamento umas acusações constantes do *Diario das Camaras* de 12 de Março de 1912; elas me obrigaram a pedir a sindicancia, cujo resultado é a resenha que o Ex.^mo^ Sindicante me enviou em seu oficio de 26 do corrente:

1) que sou acusado de falta de inventario dos objectos do Museu e de falta de conta corrente;

2) que devo dar conta dos objectos de ouro comprados para o Museu;

3) que devo dizer quem foi que me autorizou a guardar numa dependencia do Museu uns baús e caixotes de um particular;

4) que tive freqüentes conflitos com o pessoal;

5) que sou acusado, *sem dúvida injustamente* (acrescenta com toda a nobreza o Ex.^mo^ Sindicante), de desvio de madeiras em obras minhas, e do aproveitamento do trabalho do carpinteiro que servia no Museu;

6) que durante muito tempo houve proibição de os visitantes tirarem cópias e notas dos objectos;

7) que a biblioteca do Museu não está pública,

8) que eu vendia por um vintem (por intermedio dos guardas) um folheto intitulado *Plano sumario do Museu*, em meu proveito;

9) que eu estava fóra do Museu semanas e quinzenas sem dar satisfações a ninguem, chegando a encerrar o ponto pelo telefone.

*

Passarei a retorquir e a justificar-me.

I

Esta acusação decompõe-se em duas : falta de inventario, e falta de conta corrente. Ambas aleivosas.

P r i m e i r a p a r t e. — O Museu foi criado em 20 de Dezembro de 1893. Logo no comêço, embora após muito trabalho, obtive as colecções de Estacio da Veiga, que se compunham do Museu do Algarve, e das que a familia d'aquele falecido arqueologo possuia em Lisboa, e em Cabanas da Conceição, ao pé de Tavira, aonde fui[1]. As tres colecções constavam de centenares de objectos, que vinham, como era natural, em muitos caixotes. Eu não tinha como auxiliar senão um condutor de Obras públicas, e o Museu Etnologico (então chamado Etnografico) dispunha apenas de uma sala provisoria na Comissão Geologica, á qual, por efeito de muitas negociações e fadigas, consegui se adicionasse uma segunda, sem mobilia, e um claustro na Academia das Sciencias, tambem sem mobilia, e igualmente provisorio. Depois, pouco a pouco, arranjei a mobilia. Tudo isto levou muito tempo. Como é que eu havia de fazer inventario de objectos encaixotados, ou instalados provisoriamente, e de mais a mais desajudado de pessoal bastante? — Passados anos, o Museu Etnologico mudou para Belem, para o local que fôra ocupado pelo Museu Agricola. Teve de se desarrumar aquilo que já estava melhor ou pior arrumado, e teve de outra vez se encaixotar tudo. Acresce que eu andava em constante actividade a obter objectos, uns com excavações, outros por compras e dadivas. Quem é que em tais condições, — sem casa definitiva, sem mobilia, porque a que existia no Museu Agricola levaram-na quasi toda para a Sociedade de Geografia, e com o Museu a crescer todos os dias —, poderia pensar em inventario? Por fim o Museu instalou-se onde hoje está. A nova instalação obrigou outra vez a desarrumar tudo. E para esta instalação não havia mobilia bastante, que foi preciso mandar fazer sucessivamente. — Só quem tiver os olhos por inteiro fechados á evidencia, ou fôr muito perfido, é que deixará de pesar as considerações que ficam indicadas. — Apesar de tudo, HA INVENTARIO, que o Ex.^{mo} Sindicante viu e

---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, VII, 157.

examinou : este inventario ou livro de entrada começou a organizar-se em 1906, assim que as condições do Museu melhoraram, e se não está completo, é porque havia grande acumulação de objectos, e porque, por falta de salas, QUE SE ESTÃO FAZENDO, muitos d'eles estão ainda encaixotados. A par do inventario fizeram-se NUMEROSOS CATALOGOS, alguns d'eles já publicados, — como fica dito a pag. 131-132 da Resposta que dei ás perguntas do Ex.^{mo} Deputado Eduardo de Almeida.

Segunda parte. — Ha, nem podia deixar de haver, livros de conta corrente, desde Janeiro de 1894 (pois que o Museu, como fica dito, foi fundado em 20 de Dezembro de 1893). Ao Ex.^{mo} Sindicante os mostrei, e ele os achou em fórma.

II

No Museu ha cento e vinte e um objectos de ouro, que estão catalogados, e além d'isso quarenta e nove moedas de ouro (romanas, barbaras, arabicas e portuguesas). Tudo o Ex.^{mo} Sindicante viu e examinou (objectos e catalogo). — A maioria dos objectos de ouro está encerrada num cofre forte, porque, se estivesse á mostra, corria risco de ser roubada, poisque o edificio do Museu não tem segurança, o pessoal é deminuto, e não ha guarda militar, não obstante a eu ter por vezes reclamado. Se os objectos estivessem expostos, eu seria naturalmente acusado de imprevidente. De modo que me vejo entre a espada e a parede : acusado de ter a bom recato os objectos de ouro ; acusado (na hipotese) de os ter expostos ! Quando se está de má vontade contra um individuo, ainda que contra ele nada com razão haja que dizer, nunca faltam invectivas. É o que infelizmente acontece comigo. — Mas, sem embargo do que fica ponderado, os objectos de ouro do Museu mostram-se a quem, ou por curiosidade justificada, ou para estudo, os deseja ver : assim os viu S. Ex.^{a} o Sr. Presidente da Republica, em 1912, quando me deu a honra de visitar o Museu ; viu-os o seu secretario e os jornalistas que apareceram ; viu-os, por ocasião da inauguração do Museu, S. Ex.^{a} o Sr. Ministro das O. P. Pereira dos Santos, bem como os funcionários superiores do Ministerio que o acompanhavam ; viram-nos outros ilustres Ministros que se têm dignado vir ao Museu, por exemplo os Ex.^{mos} Srs. Dr. Bernardino Machado e Dr. Manoel

Francisco de Vargas, um e outro grandes benemeritos da nossa Arqueologia, pois o primeiro referendou o Decreto da criação do Museu, e o segundo deu-lhe depois o principal incremento ; viram-nos em 1906 os membros do Congresso de Medicina que se realizou em Lisboa , viram-nos muitas outras pessoas (arqueologos, etc.), cujos nomes seria prolixo mencionar ; e o proprio Ex.^{mo} Sr. Deputado Eduardo de Almeida os veria, se quando o convidei para visitar o Museu, houvesse correspondido ao meu convite, com o que evitaria fazer-me em sessão de 12 de Março de 1913 a triste censura que me fez.

III

A esta pergunta respondo que ME AUTORIZEI EU MESMO : eu praticava um acto que não só estava, tão simples como era, nas minhas atribuições, mas que redundava em honra para o Museu, para cujo brilho convergem os meus esforços desde o ano de 1893. Em duas palavras contarei o caso.

O Ex.^{mo} Visconde da Amoreira da Torre ofereceu ao Museu Etnologico duas estátuas romanas de marmore que estão no 1.º pavimento, ao fundo das escadas que conduzem ao 2.º, estátuas que tem muito merito, tanto mais que em Portugal escasseiam os objectos de estatuária romana. Eu conhecia-as desde 1890, de um artigo publicado a respeito d'elas por Gabriel Pereira na *Revista Archeologica*, IV, 169 : e logo que fundei o Museu, ardi em desejos de as obter, o que consegui por intermedio de um amigo. O proprio Governo reconheceu o valor da oferta do preclaro Visconde da Amoreira da Torre, e o louvou por Portaria de 25-II-1902, assinada pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Manoel F. de Vargas, e publicada no *Diario do Governo* de 6 de Março do mesmo ano. Diante d'isto não devia eu estar grato ao amigo que me alcançou as estátuas ? A gratidão é uma qualidade que Cicero diz que tem a primazia entre todas : *nullum officium referenda gratia magis necessarium.*

Ora aconteceu que o meu referido amigo me pediu lhe guardasse em minha casa uns baús e caixotes ; como eu não tinha onde lh'os guardar, e ao mesmo tempo lhe devia o grande e nunca assaz louvado favor de me obter as estátuas para o Museu, mandei ir esses baús e caixotes, não propriamente para uma dependencia d'aque-

le, como se diz na resenha das acusações, mas para um barracão pertencente á secção das Obras públicas da Cêrca dos Jeronimos, e que lá me haviam emprestado para arrumos de mobilia usada, e onde efectivamente (com excepção de uns mosaicos que aí estão encaixotados, e provisoriamente guardados, á espera de outro local) só ha cousas sem valor. — Quem me poderá acusar d'isto? Não procedi eu dignamente? Por ventura sofreu o Museu Etnologico algum prejuizo?

Vê tambem o Ex.^mo^ Deputado Eduardo de Almeida quão longe nos achamos da ideia de pertencerem aos jesuitas do Colegio de Campolide *os célebres baús e caixotes*, conforme S. Ex.ª disse na Camara. Eu é que habíto no bairro de Campolide, e como os baús e caixotes foram primeiro á minha porta, e de lá vieram para Belem, logo os noveleiros vociferaram que andava em tudo contrabando jesuitico. Propalaram, de mais a mais, que nos baús e caixotes se lia «R. A.», o que, segundo eles, significava «R(ainha) A(melia)», quando tais letras significavam «R(icardo) A(ntas)», nome do dono! — Assim se escreve a historia em Portugal! Assim se pretende desacreditar um individuo que, como eu, trabalha ha 20 anos em beneficio da Etnologia nacional! Assim se macúla um instituto da importancia e dignidade do nosso Museu!

IV

Nunca tive conflitos com o pessoal do museu. Dizem isso os meus inimigos para me desacreditarem. Dou como testemunhas os seguintes senhores:

Maximiano Gabriel Apolinario, que foi meu adjunto nos primeiros anos da existencia do Museu;

D. Vasco Bramão, que veio depois, e algum tempo trabalhou comigo no Museu, fazendo em minha companhia algumas excursões arqueologicas, por exemplo, ao Algarve;

Dr. Felix Alves Pereira, que foi oficial ou conservador do Museu desde 15 de Maio de 1902 até 9 de Setembro de 1911, e que pois acompanhou grande parte da vida e evolução do Museu.

Indíco estes senhores por já estarem retirados do Museu, e não dependerem pois de mim, devendo ser considerados insuspeitos os seus depoimentos.

O que deu origem á acusação foi isto :

Uma vez o desenhador do Museu, Guilherme Gameiro, que era muito perito na sua arte e inteligente, e que sempre me respeitára, insurgiu-se inopidadamente contra mim, por eu lhe perguntar por certos desenhos de que o incumbira ; e de encontro a todos os seus hábitos, e ao que eu poderia esperar d'ele, ofendeu-me de palavras. Isto chama-se conflito? ou chama-se insubordinação? Infelizmente, como depois se viu, o êrro cometido por Gameiro era o prenúncio da doença que o levou a um manicomio, e ao cemiterio. Parece-me que estou mais que justificado. Quem disser o contrário do que acima conto, falta absolutamente á verdade ; e ninguem póde aqui, senão eu, fazer afirmações categoricas, porque tudo se passou entre Gameiro e mim, sem testemunhas. Pena tenho eu de, por fôrça das circunstancias, me ver obrigado a proferir, sem ser com pleno louvor, o nome de um empregado como Guilherme Gameiro, a quem eu tanto estimava, e que tantos serviços prestou ao Museu com os seus desenhos, como consta, por exemplo, das minhas *Religiões da Lusitania*, II, 303, III, 99, 144, 182, 183, 187, 200, 231, 232, 233, 237, 245, 306-307, 333, etc., do *Archeologo*, VIII, 165, 172, IX, 167, X, 107, etc., etc., e de um album que se conserva no Museu Etnologico ; um dia se especificará melhor isto no *Archeologo*[1].

Outra vez o colector-preparador Carlos de Amorim, useiro e vezeiro em dar faltas no Museu, como consta do livro do ponto, — após haver respondido insolentemente e com insistencia a advertencias minhas no meu gabinete —, foi por mim mandado sair d'este, ao que ele desobedeceu : então tomei-o de um braço, e pu-lo fóra da porta. Dou como testemunha o Sr. Pedro de Azevedo, conservador e professor da Torre do Tombo, que por acaso estava junto do meu gabinete, e assistiu a tudo. O que se passou com Amorim é acaso tambem conflito? Ou é insubordinação e falta de educação? Alguem nas minhas condições procederia de outro modo? E não mantive eu assim eficazmente a autoridade que me assistia como director do Museu? Bem bastaria, se eu não tivesse fôrça física para fazer o que fiz ; mas,

---

[1] [Vid. o vol. XIX, pp. 188-189 : artigo de J. Saavedra Machado].

se eu proprio não pusesse fóra do meu gabinete o referido colector-preparador, tinha de o mandar pôr por um servente ou por um policia : o que dava o mesmo resultado. — Como comentario acrescentarei que Carlos de Amorim foi suspenso várias vezes do seu emprêgo, como consta dos meus oficios de 22-IX-909, 20-X-909, 23-X-909, 23-IX-910, 30-X-910, até que pediu a demissão, por se tornar incompativel com a regularidade do Museu. Além d'isso consta-me que, já depois de demitido, cometêra novas irregularidades na sociedade e que fôra processado e preso. — Este individùo é um dos que tambem me acusam. Está aqui boa amostra do que é a laia dos meus inimigos !

Muito ao contrário de eu me pôr em conflito com o meu pessoal, tenho sempre aproveitado a ocasião de o elogiar, ou de lhe publicar os serviços.

A respeito dos proprios guardas, que tão deslealmente se levantaram contra mim, — Joaquim Paixão, e Herculano José Pinto — , enviei eu para o Ex.^mo^ Director Geral das Obras Públicas em 18-X-910 um oficio elogiativo, por, segundo eles me afirmaram, não terem desamparado o Museu nos dias e noites da revolução ; em beneficio dos mesmos guardas oficiára eu tambem ao mesmo Senhor em 13 de Março de 1908 a pedir mais um guarda que os aliviasse do serviço.

A respeito de Manoel Joaquim de Campos mandei para o Ministerio das O. P. em 13 de Outubro de 1904 o oficio mais elogiativo que era possivel fazer-se. Ao mesmo empregado me referi tambem com louvor no *Archeologo Português,* VII, 143[1].

A José de Almeida Carvalhaes elogiei, por exemplo, no *Archeologo,* X, 95, XIII, 283 e 314 ; e nas *Religiões,* III, 202.

Do Dr. Felix Pereira falo, por exemplo, nas *Religiões,* III, 173-174 (nota).

Do condutor Bernardo de Sá menciono trabalhos, por exemplo, no *Archeologo,* X, 45, 95, 165 ; XI, 91, 284, etc.

De João Saavedra, e Fulgencio R. Pereira cito desenhos e fotografias, ou outros serviços, nas *Religiões,* III, 596 e 602, e no vol. XVII do *Archeologo,* pag. 205-206.

---

[1] [E na biografia que publiquei d'ele n*O Arch. Port.,* XIV, 250 sgs.].

Prezo-me de ser equitativo : se não ponho dúvida em chamar á razão aqueles que delinqüiram, tambem não poupo louvores a quem os merece. — A sociedade é que nem sempre julga bem os seus membros, ainda os mais dignos. A psicologia das multidões difere muito da do individuo.

V

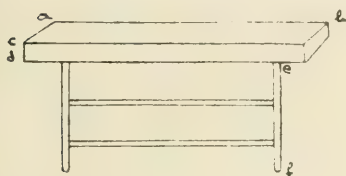
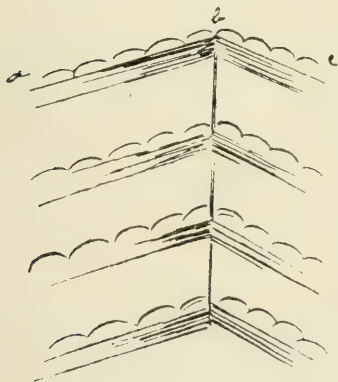
O carpinteiro Eduardo de Sousa não era funcionario do Museu, era jornaleiro, que ganhava ao dia : eu podia pois ocupá-lo no meu serviço particular, com tanto que eu lhe pagasse do meu bolso, e do meu bolso pagasse tambem a madeira. Efectivamente o ocupei : ele fez-me (salvo êrro) dois bancos, quatro prateleiras, uma caixa para verbetes, e uma caixinha de correio, — obras muito singelas, como se vê dos esboços que junto, com as respectivas medidas (prontifico-me a mostrar os originais). Tudo isto lhe mandei fazer em casa. Ele porém disse-me que, por ter no Museu o seu banco, e não ter outro em casa, o fazia aqui, ao que eu anuí, porque, por um lado, era eu quem pagava, por outro o trabalho era feito no vão de uma escada, e nenhum mal advinha ao Museu.

Este assunto foi já tratado num auto de investigação que no Museu se levantou contra os guardas Joaquim Paixão, e Herculano José Pinto, e de que o Sr. Sindicante tomou conhecimento : d'aí vê o mesmo Senhor que o carpinteiro NÃO ME ACUSA DE EU TER DEFRAUDADO O MUSEU, e que se limita a dizer que lhe pagaram, sem ele saber mais nada. A acusação, ou insinuação, provém dos dois referidos guardas, despeitados, como estavam, por eu, em virtude de irregularidades que eles cometeram, e que constam d'aquele auto, os ter suspendido e lhes ter movido um processo, do que resultou serem transferidos do Museu.

Do trabalho do carpinteiro, e das madeiras que empregou, paguei do meu bolso — 6$320 rs. — (seis mil trezentos e vinte reis), como o Ex.^{mo} Sindicante viu do livro das contas particulares da minha casa. Não cobrei recibo, porque pensei que lidava com gente de tão boa fé como eu, e que não vinha depois, em ocasião inoportuna, valer-se de uma cousa tão simples e tão irrisoria, para me enxovalhar. Todavia, se preciso fôr, póde o

Sr. Sindicante inquirir acerca da minha honradez os seguintes Senhores:

Severiano Monteiro, antigo chefe da Repartição de Minas, e antigo director geral de Obras públi-

cas, de cujas repartições o Museu esteve dependente, e com quem lidei, e tratei de contas, durante 18 anos;

Cesar Augusto de Mello e Castro, chefe da 9.ª repartição de Contabilidade, a quem du-

rante muitos anos dei as minhas contas como director do Museu;

A l v a r o G a i a, funcionario superior do antigo Ministerio das O. P., por cujas mãos passaram tambem muitas vezes as minhas contas;

O l i m p i o d e O l i v e i r a, chefe da contabilidade do Ministerio do Interior, a quem actualmente dou as contas;

D r. F e l i x P e r e i r a, antigo oficial e conservador do Museu, que, como já disse, esteve comigo no Museu 9 anos, e que era o encarregado das contas;

D r. V e r g i l i o C o r r e i a, actual conservador, e tambem encarregado das contas, — porque eu desejo que d'estas se ocupe mais de uma pessoa, para haver menos motivo de suspeitas.

Todos estes Senhores muito bem sabem que eu, longe de lesar o Museu Etnologico, muitas e muitas vezes, por no cofre não haver nada, tive de ABONAR DINHEIRO DO MEU BOLSO para acudir a urgentes necessidades do Museu, isto é, para comprar objectos valiosos que de repente me traziam á venda, e que, se não fossem logo comprados, se perdiam. Cheguei a adiantar CENTOS DE MIL REIS! E é perante estes factos que uns miseraveis não se pejam de vir insinuar que eu defraudei o Museu na ridicula quantia de 6$320 reis!

VI

Esta acusação é verdadeiramente estulta. Bem se vê d'ela, e das congeneres, que quem as faz não tem motivos graves que possa invocar, e lança pois mão de ninharias.

No Museu houve em tempo um aviso para que não se tirassem cópias ou desenhos de inscrições ou monumentos sem prévia autorização do director. Este aviso está de acôrdo com os que se vêem noutros museus, por exemplo, no das Janelas Verdes e no Arqueologico de Madrid. Assim, aconteceu-me uma vez num museu ao pé de Roma, querer copiar uma sepultura, e não poder, porque o respectivo guarda me proibiu. Compreendem-se proibições d'estas, porque é natural que o pessoal de um museu que adquire objectos ineditos os queira publicar antes de outrem, principalmente quando eles se

relacionam com trabalhos geraes, ou ha um jornal especial de arqueologia, como entre nós *O Archeologo.*

Apesar d'isto, eu, por um excesso de generosidade, já HA MUITO mandei retirar o dito aviso: mas agora, por isso mesmo que o meu acto não foi bem avaliado, e por isso que eu estou no direito de desejar que apareçam primeiro no *Archeologo Português,* que em qualquer outra parte, desenhos e inscrições que pertencem ao Museu, tenciono, logo que termine a sindicancia, mandar repôr o aviso que d'antes estava: salvo se as estações superiores ordenarem o contrário, o que não é natural, pois que quem melhor entende o que convem ao serviço dos museus são os que imediatamente superintendem nestes.

Quer com o aviso, quer sem ele, o Museu tem porém estado sempre á disposição dos estudiosos, e por mais de uma vez se permitiu que se copiassem objectos ineditos.

Aqui apresento uma lista de algumas pessoas que se tem utilizado do Museu:

Antonio Mesquita de Figueiredo, num artigo do *Bulletin Hispanique,* VIII, 109-110, onde se refere a uma pasta ou album de Estacio da Veiga, diz: *nous avons consulté cette collection au* MUSÉE ETHNOLOGIQUE PORTUGAIS: *elle est, avec l'ouvrage d'Estacio da Veiga,* LA BASE DE LA PRÉSENTE ÉTUDE. Não pode ser mais insuspeito o testemunho, por provir *do verdadeiro fabricador de toda esta tramoia.* O artigo, que alguem lhe traduziu em francês, e que, como o proprio autor confessa, é feito á custa de Estacio da Veiga, teve uma redacção portuguesa destinada ao *Archeologo,* a qual não publiquei por causa dos seus erros, mas que está em meu poder, e que o Ex.mo Sindicante viu; nela diz mais expressivamente o inventor da palavra *xilde:* «Nesta pasta encontram-se preciosos elementos d'es»tudo, e delles nos servimos no presente artigo COM »PERMISSÃO DO DIRECTOR DO MUSEU ETHNOLOGICO »PORTUGUÊS, QUE GOSTOSAMENTE NOS FACULTOU A CON»SULTA DA MESMA PASTA, bem como permitiu a publi»cação de varios desenhos enedictos (*sic!*) nella existen»tes». Vê o Ex.mo Sindicante as contradições em que o autor do artigo cái a meu respeito: ora propala que o Museu está cerrado aos estudiosos, ora se desvanece de declarar que o director lhe permitiu colhêr nele importantes elementos de estudo! Que caracter!

José Queiroz, na *Ceramica Portuguesa,* Lisboa 1907, pag. 10, tece grandes elogios á colecção ceramica do Museu ; a pag. 11 agradece informações que neste lhe foram ministradas ; torna a citar objectos do Museu a pag. 12 e 309.

David Lopes, no *Archeologo,* II, 206, transcreve uma insciçāo arabica por ele copiada no Museu.

Márques da Costa, no mesmo jornal, VIII, 140, enumera varios objectos prehistoricos que estudou no Museu.

Emil Hübner, no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum,* Berlim 1900, cita varios decalques de inscrições que do Museu lhe foram enviados : vid. n.os 301, 303, 304, 314, 320. O mesmo autor, nos *Additamenta nova ad Inscriptiones Hispaniae Latinas,* n.os 4 e 5, cita outra vez decalques que de cá lhe foram.

A. Bezzenberger, num artigo de um jornal alemão, que não tenho aqui presente, mas que li, cita objectos da idade do bronze existentes no Museu[1].

Max Verworn, em Abril de 1906, examinou o Museu, e pediu-me que o acompanhasse a Ota, o que eu fiz, como ele declara na *Zeitschrift für Ethnologie,* 1906, p. 635.

Vergilio Correia, *A igreja de Lourosa,* Lisboa 1912, p. 17-18, cita e descreve quatro aras votivas do Museu. A esse tempo (Janeiro) não era ainda conservador, como hoje é.

Outras pessoas : Pierre Paris, professor da Universidade de Bordeus ; Shulten, professor da Universidade de Erlangen ; Miss J. Moore, dos Estados-Unidos ; Alfredo Ansur, advogado ; Telles de Meneses, agronomo ; H. Schmidt, conservador do Museu de Berlim.

Era impossivel, e inutil, citar o nome de todas as pessoas a quem o Museu liberalmente se franqueia ; basta o que fica dito. A acusação está reduzida a pó.

VII

Aqui temos outra prova da tacanhice do espirito dos meus difamadores.

---

[1] [O jornal é : *Zeitschrift für Ethnologie,* 1907, pp. 567 sgs.].

Serei muito breve e conciso.

1) A biblioteca do Museu não é pública: é privativa d'ele, como por exemplo a da Faculdade de Letras e a da Direcção Geologica o são dos respectivos institutos.

Com isto desfaço a acusação, mas quero ser complacente, e acrescentarei:

2) A biblioteca não póde de direito, nas condições actuais do Museu, ser franqueada ao público, por falta de espaço: a saleta pequenissima em que ela está, serve não só de secretaría, mas de gabinete do conservador.

3) Não obstante o que digo, a biblioteca PATENTEIA-SE A TODOS OS ESTUDIOSOS que cá vem, do que dão testemunho, entre outros, os seguintes Senhores, que a tem freqüentado:

— Esteves Pereira, coronel do Exército;
— Dr. Costa Ferreira, director da Casa Pia;
— Joaquim Fontes, estudante de Medicina;
— Aboim Inglês, professor do Instituto Industrial;
— Victor Fontes, estudante de Medicina;
— J. Santa Rita, estudante de Letras;
— Edgar Prestage, professor inglês;
— Rodolfo Guimarães, major do Exército;
— G. Cirot, professor da Universidade de Bordeus;
— Oliveira e Sousa, proprietario;
— Pedro de Azevedo, conservador da Torre do Tombo.

Será preciso dizer mais?

VIII

Esta acusação é do genero da 5.ª, e reporto-me ao que já disse na respectiva resposta.

Em 28 de Julho de 1906, por ocasião da inauguração do Museu Etnologico [esta foi em 22 de Abril], mandei imprimir um folheto com o título de *Plano sumário*. A impressão importou em 1$500 rs., como consta do livro das contas do Museu, volume 1.º, fls. 54 verso.

Neste folheto [vid. supra, p. 105] dou uma ideia geral do Museu, para os visitantes mais facilmente poderem apreciar os objectos d'este, e a classificação dos mesmos.

Não só aos membros do Congresso de Medicina, no referido ano de 1906, mas depois d'isso a estudantes e a muitas outras pessoas de cá e de fóra, tanto eu, como os conservadores do Museu, temos distribuido gratuitamente numerosos exemplares, porque chegámos á con-

vicção de que quasi ninguem comprava o folheto, apesar de ele custar *20 rs.* Poucas pessoas compraram. A importancia apurada foi enviada á Receita Eventual, como consta de UM RECIBO por ela passado em 29-II-1912, que está no Museu, e o Ex.^{mo} Sindicante viu.

Restam ainda exemplares, que o Ex.^{mo} Sindicante viu igualmente.

Não me cansarei de mais uma vez insistir na aleivosia que a este proposito levantaram contra mim os guardas Pinto e Paixão (hoje fóra do Museu), pois só eles, que eram os encarregados da venda, podiam falar e mentir no caso. Note-se que estes empregados os coloquei eu no Museu. Tão honradamente mostraram a sua gratidão!

IX

Estou já muito fatigado de refutar vilanias, e de perder tempo, que eu podia empregar utilmente nos meus estudos, tempo que eu não perderia, se, em vez de viver em Portugal, vivesse na França, na Alemanha, na Italia, ou noutro país de grande civilização, porque ahi dá-se aprêço a quem trabalha com consciencia e dedicação, e ninguem me forçaria a pedir uma sindicancia INUTIL. — Por isso serei tambem conciso na resposta á acusação 9.^{a} e última.

Esta acusação decompõe-se em tres secundarias: que me ausento do Museu semanas e quinzenas; que não dou satisfações a ninguem; que encerro o ponto pelo telefone.

Primeira parte:

Não só confirmo que tenho estado por vezes semanas e quinzenas inteiras fóra do Museu, mas acrescento que tenho estado meses, — e tudo isto NO PLENO DIREITO QUE ME ASSISTE COMO DIRECTOR DO MUSEU.

Se quando o Museu foi criado, em 20 de Dezembro de 1893, eu fosse para a Comissão Geologica, onde, como se estatue no artigo 1.º do respectivo Decreto, ele se instalou, e me sentasse numa cadeira, como parece que os meus acusadores estupidamente pretendiam, — o MUSEU NÃO EXISTIRIA!

Pois então como é que eu havia de arranjar objectos, arranjar mobilia, arranjar novas salas, e as sucessivas instalações que o Museu tem tido (como já disse), arran-

jar pessoal, arranjar verbas? como é que eu havia de preparar e promover as publicações do Museu? como é que eu havia de tratar de mil negocios nos Ministérios, outr'ora das Obras Públicas e do Reino, e hoje do Fomento e do Interior, cujas escadas hão-de estar gastas das minhas passadas? como é que eu havia de fazer as excavações e excursões que fiz em todo Portugal, do Norte ao Sul, do Oriente ao Occidente? como é que eu havia de percorrer grande parte da Europa e o Egito, para me instruir, e ampliar e representar o Museu? como é que eu havia de fazer tudo isto, sentadinho num mocho, como um reu, ou num trono, como um juiz?

Das minhas viagens fóra de Portugal falam os trabalhos e serviços que citei na *Resposta aos pedidos do Sr. Deputado*, pag. 133-135; das minhas excursões e excavações no país diz-se alguma cousa no *Archeologo Português*:

— vol. I, pag. 65-92, 218, 246, 248, 250, 254, 271, 311, 321, 326, 343;
— vol. II, pag. 1, 118, 143, 225, 248, 249, 280, 320;
— vol. III, pag. 60, 109, 110, 111, 146, 156, 289;
— vol. IV, pag. 97, 103-134, 243, 304-308, 329-336;
— vol. V, pag. 41, 138, 174, 193-201, 225-249;
— vol. VII, pag. 1, 146, 286-288;
—vol. VIII, pag. 15-23, 68-72, 79-81, 163-169, 170-172;
—vol. IX, pag. 144, 180-181, 219, 271-282;
— vol. X, pag. 46, 379;
— vol. XI, pag. 66, 291, 324, 369;
— vol. XII, pag. 107, 108, 109, 110, 218, 220, 221, 222, 279, 346;
— vol. XIII, pag. 300-313;
— vol. XIV, pag. 57, 246, 294-296, 365;
— vol. XV, pag. 242, 247-252, 324;
— vol. XVI, pag. 107;
— vol. XVII, pag. 61, 205-207.

A acusação, segundo se vê, nem resposta merecia; cái por si mesma!

Quem diz que eu não vou ao Museu, é evidente que quer inculcar que eu não trabalho para o Museu. Então, se eu não trabalho para o Museu, quem foi que o fez? Quem juntou e coordenou tantos mil objectos, que enlevam a mente dos estudiosos e das pessoas bem intencionadas que o visitam, ao mesmo tempo que quebram os olhos dos que diante de tanta beleza se roem de inveja?

A verdade é esta : vou ao Museu, quando é preciso ; não vou ao Museu, quando tenho que fazer fóra, pois, alem de me ser necessario sair, como fica dito, para o proprio serviço do Museu, sou actualmente professor da Universidade, e fui conservador da Biblioteca Nacional, o que me toma ou tomou tempo que não posso consagrar ao Museu : — pelo que, EM LUGAR DE TER ORDENADO, como director do Museu, TENHO UMA SIMPLES GRATIFICAÇÃO, e esta auctorizada só de 29 de Julho de 1898 em diante, porque dos fins de 1893 até então, isto é, quasi cinco anos, SERVI DE GRAÇA ; além d'isso, para me ocupar do Museu, deixei interesses particulares que me rendiam mais do que o que nele ganho ; e em viagens de instrucção que fiz lá fóra gastei do meu bolso muitos centos de mil reis. — Mas o Museu NUNCA PERDE COM A MINHA AUSENCIA ; e se nem sempre, como ponderei, lá posso estar durante as chamadas «horas regulamentares», vou muitas vezes fóra d'essas horas, e não raro trabalho de noite para ele.

Em fim, só com grande fôrça de má vontade, se me póde acusar de faltar ao Museu, a mim, que ha 20 anos quasi não penso noutra cousa que não seja esse instituto, que, se tão doces horas de prazer intelectual me tem dado, tantas amarguras me tem tambem feito sofrer, entre as quaes avulta a causada pela presente sindicancia, por ser O MAIOR VÈXAME que eu jámais podia esperar na minha vida!

Se para mostrar o meu zêlo oficial não bastasse o proprio Museu e as minhas publicações etnologicas, eu invocaria o testemunho de CENTENAS de pessoas, de Portugal e de fóra, o que não faço para evitar delongas, — contentando-me com invocar o de SS. Ex.as os Srs. :

— Presidente da Republica,
— Presidente do Govêrno,
— Presidente do Senado,
— Director Geral da Instrução Pública Secund., Sup. e Especial,
— Presidente do Conselho de Arte e Arqueologia,
— Dr. Bernardino Machado,

pelo caracter especialissimo do mesmo testemunho nas circunstancias actuaes.

S e g u n d a   p a r t e :

Nunca saí de Portugal sem autorização superior, e nunca saí de Lisboa com demora, sem o participar ao

respectivo director geral, como podem testemunhar os Ex.^{mos} Srs. Cons.° Severiano Monteiro, Dr. Angelo da Fonseca, e Dr. Queiroz Velloso.

Terceira parte:

Quanto a esta acusação, direi que é falso que eu feche o ponto pelo telefone : dou por testemunhas TODO O PESSOAL ACTUAL DO MUSEU. Só uma vez, no tempo do famoso Carlos de Amorim, eu disse pelo telefone que, por ele não ter chegado à hora a que devia, o oficial do Museu o não deixasse assignar : e isto, porque ele zombava de nós, e era preciso manter a dignidade do Museu. E não estou eu autorizado a ter telefone? Para que é pois o telefone senão para o utilizar? — Por este teor podem qualquer dia acusar-me, e d'aí resultar nova sindicancia, de que eu, por exemplo, lancho no Museu, ou mando buscar agoa por um servente para lavar as mãos! Porventura alguma d'estas supostas acusações não sería tão fundamentada como a de que falo pelo telefone, ou a de que ando por fóra em serviço oficial, ou a de que a biblioteca do Museu não é pública, ou a de que havia um aviso regulamentar á porta, e todas as outras?

*

Ao terminar, tomo a liberdade de fazer ainda umas ponderações.

Em primeiro lugar, peço que não se tome como falta de respeito ao acto a que fui chamado alguma palavra mais incisiva que no calor da minha legitima defesa me escapasse da pena : ninguem é mais respeitador dos poderes constituidos do que eu. Mas *quem não deve, não teme:* e sinto-me cheio de razão, e escaldam-me as faces, ao ver que se deu atenção á campanha ultrajante de um lagalhé, que vai pelas ruas exposto á hilaridade das multidões por causa do ferrete de *Xilde* que a veia comica da mocidade academica de Coimbra, em hora de bom humor, lhe imprimiu na fronte para sempre, — lagalhé inteiramente falho de dignidade pessoal e de meritos sociaes, perverso, vingativo,— ousou promover contra mim, que, por ser livre, e não ter outro cuidado senão o que me dão os meus estudos, em parte derivados das minhas proprias obrigações oficiaes, não faço, nem nunca fiz na minha vida, outra cousa senão dedicar-me a eles.— Quem observar o Museu Etnologico, a quan-

tidade e qualidade dos seus objectos, a classificação rigorosamente metodica e scientifica d'estes, lembre-se de que, em quanto outros estabelecimentos congeneres, hoje grandiosos, resultam da actividade de várias gerações, o meu, que na sua especialidade se póde comparar com aqueles, resulta por ora da actividade de um só homem, embora auxiliado por outros. Não é tudo isto motivo suficiente para que eu me indigne contra os que fecham os olhos á evidencia das cousas, e ainda em cima me cobrem de doestos e de suspeitas? Não hei-de estar magoado, sentido, aflito, e juntamente enfadado com tanta vileza que á roda de mim se entorna?

Em segundo lugar, devo dizer que não é por vaidade que tantas vezes falo de mim e dos meus serviços; faço isto apenas para minha defesa. Pois de que outro modo poderia eu defender-me em um acto oficial, para mim tão solene, senão expondo os documentos que possuo do meu trabalho?

Em terceiro e último lugar, espero que, quer o Ex.mo Sindicante, que pelas razões que nas minhas duas Respostas expendo, pelo que viu e observou no Museu, onde NÃO HA IRREGULARIDADE NENHUMA, e só creio que ha cousas dignas de aplauso, e pela impressão que de certo colheu dos depoimentos das pessoas que convocou, estará convencidissimo de que eu sou vítima de vinganças de UM UNICO INDIVIDUO, quer S. Ex.a o Sr. Ministro do Interior, que pela natureza do alto cargo que ocupa, está acima de influxos pessoais, me façam serenamente justiça. Do mesmo modo espero que o Ex.mo Deputado Dr. Eduardo de Almeida se inspire melhor do que até aqui se inspirou, e num rasgo de cortesania que muito o honrará, desfaça no Parlamento, em homenagem á verdade que me assiste, as acusações que indevidamente aí formulou contra mim.—Só assim me julgarei oficialmente lavado do vèxame em que me vejo, e me sentirei com fôrça moral para continuar a dedicar a minha actividade ao serviço do Museu e da Patria. Se outros póde o Govêrno encontrar mais capazes e mais habilitados do que eu, não encontrará quem com maior amor, porfia e sinceridade sirva a causa a que me votei, qualidades essas de que provém o desassombro com que me exprimo.

Lisboa, 27 de Abril de 1913.

ADVERTENCIA FINAL

Tanto S. Ex.ª o Sr. Ministro, como o Sr. Sindicante, Prof. Agostinho Fortes, atenderam já, e do modo mais lisongeiro que para mim podia ser, as minhas reclamações. Falta apenas que o Sr. Deputado tambem atenda[1].

O Sr. Prof. Agostinho Fortes publicou o seu relatorio no *Diario do Govêrno*, n.º 147, de 26 de Junho de 1913[2], relatorio que consta de tres partes : na 1.ª, que serve de introdução, o Sr. Sindicante define com exactidão pungente a psicologia do inicial promotor de toda a campanha que se moveu contra mim ; na 2.ª enumera e destroe, uma a uma, as acusações que me foram feitas ; na 3.ª propõe a S. Ex.ª o Sr. Ministro vários alvitres.

Este relatorio motivou a seguinte Portaria :

«Tendo sido pública a suspeição levantada ao Direc- »tor do Museu Etnologico Português, originando a sin- »dicancia a que se procedeu : manda o Govêrno da »Republica Portuguesa que se publique essa sindicân- »cia, reintegrando-se o referido Director nas suas fun- »ções, abonando-se-lhe os vencimentos durante o tempo »em que esteve suspenso[3], e louvando-o pelos »valiosos e porfiados trabalhos pres- »tados á Sciência e á Pátria.—Paços do »Govêrno da República, em 19 de Junho de 1913. — »O Ministro do Interior, *Rodrigo José Rodrigues.*»

*

Depois de assim terminada, com tanta honra para mim, a sindicancia, poderia parecer desnecessario vir

---

[1] [Ainda não me consta que, por brio seu, se penitenciasse !].

[2] [Reproduzido nO *Arch. Port.*, XVIII, 178 sgs.].

[3] Eu propriamente não estive suspenso ; só estive afastado da direcção do Museu, como pedi em meu oficio de 13 de Março de 1913.

eu á imprensa com o presente opusculo ; todavia, como o *Diario do Govêrno* não é muito lido, e como, nos vai-vens que as cousas do mundo sofrem, póde acontecer que se solte e transvie do processo da sindicancia alguma envenenada folha que um *quidam* de futuro encontre, sem saber ao certo a significação do que nela se diz, acho prudente aclarar tudo de ante-mão. Ao mesmo tempo ficam quebrados, de uma vez para sempre, os raivosos dentes de Xilde & companhia.

PARTE IV

ESTADO ACTUAL DO MUSEU ETNOLOGICO

(1914)

O escrito que constitue a Parte IV foi feito expressamente para aqui, e está pois inédito. Consta dos seguintes capítulos:

I

ANTIGUIDADES NACIONAIS

As antiguidades nacionais estão dispostas por ordem cronologico-geografica em dois pavimentos do Museu, no I (ou rés-do-chão) e no II (ou 1.° andar). Por necessidade de acomodação, e por outras circunstancias, formaram-se, a par da serie principal, varios grupos de objectos que a completam, a saber: joias de ouro e prata; figurinhas de bronze; monumentos lapidares; moedas, medalhas e tésseras. As pedras estão colocadas em parte nos pavimentos I e II, em parte em dois barracões anexos ao edificio do Museu, chamados «lapidario I» e «lapidario II»; os restantes objectos estão no pavimento II. Tratarei de tudo separadamente, embora de modo breve, visto que d'esta secção ha muitas notícias, e ás vezes com bastante desenvolvimento, e com ilustrações, n*O Archeologo Português* e nas *Religiões da Lusitania*.—Tambem por comodidade da arrumação, varios marmores e telhões romanos, mós, quadros de mosaicos e anforas ocupam no pavimento I e II lugares fóra da classificação metodica (anomalias inevitaveis, e que em todos os museus acontecem); a esses objectos me referirei na devida altura da minha descrição.

I. Conspecto cronologico-geografico da nossa Arqueologia

Outr'ora certos cronistas, faceis de contentar, compraziam-se de atribuir grande e nebulosa antiguidade a Portugal, fazendo entroncar a historia d'ele na dos patriarcas biblicos [1]. A sciencia moderna destruiu as

[1] O cap. III do livro I da *Monarchia Lusytana*, de Fr. Bernardo de Brito, Alcobaça 1597, trata «de . . como Tubal, neto de Noé, veo povoar nosso Reyno da Lusytania, e fundou nelle a povoação de Setubal». Não só o fabulador alcobacense

patranhas, mas nem por isso se provou que fôsse menos antiga, do que d'antes se supunha, a origem do povo a que pertencemos, pois, — abstraindo do que se tem escrito acêrca do homem terciario e seus silices, problemas por ora ainda muito embrulhados—, é já do periodo pleistocenico que datam os primeiros objectos arqueologicos do nosso país : com efeito, na camada inferior, ou paleolitica, da gruta da Furninha, em depósito geologica e paleontologicamente bem definido, encontrou Nery Delgado um magnifico *coup-de-poing*, ou «faztudo», de pedra lascada (silex), do tipo de Chelles ; d'ele existe uma reprodução no Museu Etnologico.

Não aparecidos em grutas, mas á superficie do solo, possue o Museu metade de um instrumento de silex do tipo de Saint'Acheul, vindo de uma quinta das abas da serra do Brunheiro (Chaves), um instrumento de quartzite, do alfoz das Caldas da Rainha, e numerosos outros, de silex e quartzite, do Casal do Monte e de várias estações congeneres que avizinham Lisboa. A estação paleolitica do Casal do Monte, descoberta pelo S.or Joaquim Fontes, estudante da Faculdade de Medicina de Lisboa, é por ora a mais rica de Portugal ; os objectos lá aparecidos são de muitas especies, e certamente de diversas epocas : os mais arcaicos talvez tenham a mesma idade que o *coup-de-poing* da Furninha.

Do exame dos espolios industriais que tão remotas eras nos deixaram, e dos raciocinios que a Etnografia comparativa nos permite arquitectar, deve concluir-se que a existencia dos primitivos habitadores do nosso país corria precaria, cheia de perigos, de incertezas, de miserias : mui diferente da que os cronistas assinavam aos descendentes de Noé! Ainda não se descobrira a agricultura, nem a ceramica ; o sustento provinha da caça, da pesca, dos frutos e hervas espontaneas da terra ; de moradas serviam grutas[1], e humildes cabanas feitas de ramos ou de pedras mal assentes ; os vestuarios consistiam em peles cosidas com o auxilio de fura-

---

cita como autoridades obras que o não são, mas serviu de base para analogas mentiras a muitos crendeiros que se lhe seguiram. — Acêrca da origem remota da lenda vid. o que escrevi n*O Arch. Port.*, VII, 5.

[1] Por curiosidade literaria lembrarei que Rodrigues Lobo, *Obras*, ed. de 1774, t. II, p. 21, fala de grutas como refugio bucolico.

dores de pedra ; modestos instrumentos fabricados da mesma substancia, e de pau, serviam para a caça da hiena, do urso e do lobo, e para a guerra.

Um pouco mais recente que a estação do Casal do Monte creio ser a de Monsanto (*Mons Sacer*)[1], onde, igualmente á superficie, aparecem compridas folhas de faca, e outros objectos de belo silex lascado, de que no Museu Etnologico se podem ver abundantes espécimes. Falando aqui da estação de Monsanto, refiro-me á da epoca mais antiga, pois ha na serra outra mais moderna, onde apareceram machados de pedra polida.

Os kjökkenmöddinger do vale do Tejo estão representados no Museu (mostrador 45 do rés-do-chão) por conchas de ameijoa (*Lutraria compressa*) e de berbigão (*Cardium edule*), e por laminazinhas, pontas de seta trapezoidais e um nucleo, de silex. As conchas indicam qual era um dos meios de alimetnação das pobres tribus de pescadores e caçadores que formaram os *kjökkenmöddinger*; as pedras, qual um dos generos de industria. Tanto as laminas de silex como o nucleo são iguais aos que aparecem em Liceia ; d'isto e da existencia das setas resulta que a civilização dos *kjökkenmöddinger* se distanciava já bastante das do Casal do Monte e Monsanto.

Ás primeiras fases da Prehistoria portuguesa, não só tão modestas, senão ainda pouco conhecidas, sucedem outras cujos espolios, por serem muito copiosos em todo o sentido, nos dão mais luz para penetrarmos no passado. Sabe-se polir o xisto, a diorite, a fibrolite, para se prepararem machados, enxós, goivas, sachos, instrumentos de trabalho campestre e caseiro, e tambem alguns d'eles armas de guerra e de caça[2]. O Museu Etnologico encerra inaudita quantidade de tudo isto. No fim da fase a que, por causa da perfeição do trabalho da pedra, conveio chamar-se *neolitica*, principiou o uso do cobre e do bronze : de comêço os instrumentos fabricados

---

[1] Cf. o meu opusculo *Objectos paleol. do Casal do Monte*, Lisboa 1905, p. 7

[2] Siret, *Quest. de chron. et d'ethnog. ibériques*, I, 12, diz que os machados de pedra eram habitualmente ferramentas e não armas ; mas alguem duvidará de que eles pudessem servir de armas ? De machados como armas de guerra em povos selvagens (Brasil, Africa, Nova Zelandia) se dão notícias no *Handbook to the ethnograph. collections* do Museu Brita-

d'estas substancias, sobretudo os de cobre, coincidem com os de pedra (*periodo calcolitico*); por último o cobre e o bronze suplantam a pedra, e ela apenas continúa a empregar-se em circunstancias especiais, analogamente ao que hoje em parte acontece. A civilização neolitica e a do bronze contém elementos comuns ao resto da Peninsula, ao Ocidente, Centro e Sul da Europa, ao Egipto, á Grecia, á Asia Menor, como da propria secção comparativa do Museu Etnologico se póde até certo ponto verificar.

Para o estudo do periodo neolitico o investigador português dispõe de objectos achados avulsamente á superficie da terra, ou no interior, por ocasião do trabalho agrario; de objectos achados em estações arqueologicas, ou moradias; e de objectos achados em sepulturas (dolmens, grutas). Estações ou sepulturas completamente neoliticas, isto é, puras de metal ou de artefactos que costumam aparecer com ele[1], raras serão porém: de modo que nem sempre se torna facil, numa classificação arqueologica, distinguir o periodo neolitico do calcolitico.

Os objectos que o Museu possue d'estes dois periodos acham-se expostos no pav. I (mostrador 1 a 28 e 30 a 39), e no pav. II (armarios 1 a 12, com um armario intermedio, sem número). Considerando Portugal dividido em tres zonas, Sul (Algarve, Alentejo, Extremadura Transtagana e Extremadura Cistagana), Centro (Beira Alta, Beira Baixa e Beira Ocidental ou Maritima), e Norte (Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes), observa-se que a exposição dos objectos no Museu se faz partindo-se do Sul para o Norte. Isto tanto acontece com os objectos dos periodos de que estou falando, como com os dos periodos subseqüentes. A minha

---

nico, 1910, pp. 283-284, 213-214, e 16, alguns d'eles de pedra. Nos Germanos são bem conhecidas tais armas, quer para combate de perto, quer para arremêsso: Meyer, *Konversations-Lexikon*, s. v. «Axt»; Forrer, *Reallexikon*, s. v. «Franziska». Acêrca dos Indo-Europeus em geral vid. o *Lexikon* de Schrader, 1901, p. 56. Na nossa propria literatura antiga temos a expressão *facha* (d'armas), por exemplo no *Archivo Hist. Port.*, I, 280 (sec. XV).

[1] Numa *orca* (dolmen) da Beira achei um vaso de barro que é semelhante aos da 1.ª idade do bronze da Boemia (vid. o desenho d'estes em Déchelette, *Chronologie préhist. de la Pén. ibérique*, p. 43).

intenção foi colocar no centro do pavimento I os objectos do periodo neolitico, e no pavimento II, ala do Norte, os objectos da idade do bronze, incluindo nesta os dos periodos calcolitico, do cobre, e do bronze propriamente dito. Todavia, como a distinção absoluta é impraticavel, e o Museu aumenta constantemente, e não se ha-de estar a mudar á proporção dos aumentos a ordem preestabelecida, encontram-se no pavimento II objectos que poderiam estar no pavimento I, e em certos mostradores de ambos os pavimentos objectos que poderiam estar junto de outros dos mesmos pavimentos: inconvenientes que se remediarão quando, depois de concluidas as obras que se estão fazendo no edificio, se publicar uma guia do Museu mais desenvolvida do que as que ora existem.

No que toca a dolmens, a estações, e a artefactos neoliticos, achados avulsamente, estão representadas no Museu todas as provincias de Portugal, ainda que umas melhor do que outras. As provincias melhor representadas são, primeiro as do Sul[1], depois a Beira[2]; as duas do Norte[3] são menos ricas que as restantes, não porque

---

[1] Algarve, pav. I, mostrador 1-6 (excavações de Estacio da Veiga, constantes das *Antiguid. mon.;* colecção organizada por Judice dos Santos, e outras proveniencias); Alentejo, pav. I, mostrador 7-13 e 30, pav. II, mostradores 71, 62, 60, 59 (por exemplo: antas de Marvão, Castelo de Vide, Sousel, Avis, Ponte-Sor, Alandroal, Pavia, Montemor; objectos avulsos de Serpa, Elvas, Evora, Arraiolos, Aljustrel, Mertola); Extremadura Transtagana, pav. I mostradores 14 e 31 (por exemplo: Sines, S. Tiago de Cacem, Alcacer, Azeitão, Coruche, Salvaterra); Extremadura Cistagana, pav. I, mostradores 15-20 e 32-39 (por exemplo: antas da Arruda e de Belas; centenas de machados de pedra, e outros objectos, dos concelhos do Cadaval, Obidos, Caldas, Lourinhã, Peniche, Torres Vedras, e Novas, Leiria, Santarem; silices, percutores e machados de pedra de Liceia; lanças e facas de silex de Monte Real).

[2] Pav. I, mostradores 21-24 e 27 (por exemplo: antas de Medelim, Idanha, Nelas, Rio Torto, Sátão, Mangualde; objectos avulsos de Mangualde, Nelas, Castendo, Viseu, Condeixa, Figueira, Mondim, Cinfães, Sabugal, Fozcoa).

[3] Trás-os-Montes, pav. I, mostradores 25-26 (por exemplo: antas de Parafita, Alvão; machados de pedra e outros objectos de Moncorvo, Vila Real, Tralhariz). Entre-Douro-e-Minho, pav. I, mostradores 27-28 (por exemplo: antas de Paços de Ferreira, Vila do Conde, Alto Minho; instrumentos de pedra ou vasos de barro de Baião, Bouro, Marco de Canaveses).

nos tempos prehistoricos essas duas provincias estivessem falhas de população[1], mas porque de um lado as civilizações posteriores, e do outro o grangeio dos campos absorveram e destruiram muita cousa. Note-se mais o seguinte : na Extremadura, no Alentejo, no Algarve, o povo considera «pedras de raio», isto é, amuletos contra o raio, os machados de pedra, e por isso guarda-os em casa, crente de que «onde está um raio não cai outro» ; no Entre-Douro-e-Minho chama «pedras de raio» aos cristais de rocha, e não guarda pois os machados ; na Beira e em Trás-os-Montes a superstição não é tão viva como no Sul, e se ha machados que são tidos como raios, não falta quem chame «raios» a meros seixos rolados.

Independentemente das diferenças de riqueza arqueologica, isto é, de abundancia, as provincias de Portugal distinguem-se entre si a outros respeitos, quando se examina o conteudo dos dolmens. Falo sempre com relação ao que existe no Museu. Nos dolmens, ou *antas*, de Montemor (Alentejo) apareceu louça semelhante, no aspecto geral ou fórma, á dos dolmens ou *orcas* de Sátão (Beira), porém aqui os vasos apresentam asas curvas e sulcadas no dorso, que faltam ali. Em Sátão faltam contas e chapões de lousa ornamentados, que abundam em Montemor ; e várias orcas são pintadas interiormente, o que não acontece no Alentejo ; todavia o trabalho do silex (facas, setas, lanças) é apurado por igual, e muito, nas duas provincias. Em dolmens de Trás-os-Montes descobriram-se setas e lanças de silex como nas duas mencionadas provincias, e ha pinturas, como na Beira, mas faltam contas e lousas. Em *mamôas* do Minho encontraram-se vasos de fórma de chapeu de côco, e ao de cima da terra fragmentos ceramicos ornamentados ; loiça ornamentada é rara noutras regiões. Em Sátão encontrei tambem, e só lá, discos de pedra, que creio serem testos, semelhantes aos que ainda hoje o povo usa na Beira. — Estas diferenças dependem de circunstancias multiplas, e não excluem por inteiro a contemporaneidade dos respectivos monumentos : basta notar que uns mesmos machados polidos, umas mesmas facas e setas de silex, se observam em todos eles. Porventura hoje não diversifica tanto Portugal, tambem do

---

[1] Cf. o meu artigo «Le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques» nO *Arch. Port.*, XVII, 255 sgs.

Norte para o Sul? Ainda assim, se na epoca mais adiantada d'estes monumentos podemos admitir que eles são contemporaneos uns dos outros, não ha dúvida que certas diferenças podem corresponder originariamente a distintas epocas, e portanto a distintas fases de civilização. Na civilização actual observam-se cousas semelhantes.

Aos dolmens das regiões graniticas e xistosas correspondem grutas noutras regiões menos favorecidas de pedra. As grutas mais importantes que tem representação no Museu são as de Torres Novas, com fino espolio de silex, chapões de lousa ornamentados, contas de pedra, um amuleto triangular de ribeirite, uma helice de fio de cobre (anel), cranios. No entanto ha objectos de outras grutas funerarias: da Rotura, de Monte-Junto (Pragança), de Obidos, de Santo Adrião (Vimioso), quasi todas, ou todas, tambem com amostras metalicas, como os dolmens.

Não são as grutas naturais e os dolmens as unicas jazidas funebres do homem dos tempos neoliticos e calcoliticos. Por imitação das grutas naturais fez o homem prehistorico grutas artificiais em Palmela e Alapraia, ambas representadas no Museu, aquela com objectos (vasos lisos ou ornamentados, chapões de lousa, silices, cobre), esta com uma gravura. Mais amplas que os dolmens, construiu sepulturas cupuliformes em Alcalar (Algarve) e em Sintra, as quais, por considerações geograficas, chamei «micenenses» n*O Arch. Port.*, VII, 129, mas que cronologicamente podem ser pre-micenenses (cf. Déchelette, *Chronologie préhist. de la Pénin. Ibér.*, p. 22); podem comparar-se-lhes os monumentos do Barro e das Mutelas (no concelho de Torres Vedras), ambos de base circular[1]. Nessas sepulturas aparceram, numas ou noutras, instrumentos de pedra e de cobre, objectos de ouro, idolos cilindricos de calcareo, loiça, etc., o que tudo se guarda no Museu. Á mesma categoria parece pertencerem as sepulturas da Torre (Portimão)[2]. De outros tipos sepulcrais estudados por Estacio

---

[1] De um se trata n*O Arch. Port.*, XIV, 354 sgs. (Alves Pereira), e do outro *ibidem*, 264 sgs. (Vergilio Correia). No segundo d'estes artigos compara-se o monumento das Mutelas ao da Folha das Barradas, que porém não tinha revestimento interno (*Religiões*, I, 239 sgs.).

[2] Vid. *Arch. Port.*, IX, 173-177 (B. de Sá).

da Veiga trato nas *Religiões*, t. I, cap. III, § IV : os espolios estão igualmente no Museu.

Ás estações ou moradias do homem neolitico referir-me-hei adiante, visto que, nitidamente caracterizadas, não as ha, ou não se conhecem, que estejam isentas de metal.

Quando se compara o periodo neolitico, em seu apogeu, com as primeiras fases da nossa civilização prehistorica, muito adiantamento vemos naquele : melhoria, já acima assinalada, na industria da pedra ; construções dolmenicas, que denotam ritos funerario-religiosos muito desenvolvidos ; variada ceramica ; uso corrente de mós chatas e concavas (grais) para se moerem cereais ou hervas de que certamente se faziam pães e papas[1]. Em virtude da mistura que geralmente se vê de objectos da civilização dos metais em estações e sepulturas da da pedra, é por abstracção que melhor se estuda a civilização neolitica pura, não porém em toda a extensão, pois que ficamos não raro em dúvida se certos objectos, como as contas de lousa e de ribeirite, são de uma civilização ou de outra. Ás vezes ha cousas minimes de que se inferem conseqüencias de certa importancia : em 1898 encontrei numa anta da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo) uma conta de pedra verde com o orificio tão esgaçado, que, como muitas vezes tenho dito ás pessoas a quem mostro o Museu, só podia ser produzido por fio metalico, d'onde concluí que a anta chegou ao comêço dos metais, — conclusão para logo confirmada pelo aparecimento de uma haste de cobre e por outras circunstancias. As chapas ou medalhões amuletiformes de lousa, tão vulgares nas antas do Alentejo e Algarve, e que tambem aparecem, embora menos, na Extremadura e na Beira, julgo do mesmo modo serem proprias

---

[1] É sugestivo a este respeito o que dos Indios do Brasil diz Damião de Goes, *Chron. de D. Emanuel*, Lisboa 1566, pt. I, fls. 53 : «Comem pão feito d'hũas raizes . . estas raizes pisam em hũas pias de pedra . . e depois de bem pisadas lhes premem ho çumo . . e . . poem a massa a secar em çestos . . e sêcca ha moem em farinha . . de que fazem hum pão tão saboroso, que hos nossos Portugueses ho comem de milhor vontade que pão de muito bom trigo». A estas pias correspondem as mós concavas ou grais de que falo no texto.—Cf. tambem o que digo n*O Arch. Port.*, XVIII, 80, n. 1.—Já nos *kjökkenmöddinger* aparecem algumas mós de tipo primitivo.

do comêço dos metais[1] ; e como em algumas de fórma humana parece se figurou tatuagem[2], temos aqui mais um elemento etnografico do periodo calcolitico. Aos fins do periodo neolitico pertencerão, segundo alguns autores[3], as pontas de seta e de lança, de silex, que entre nós ostentam perfeição maravilhosa, e de que muitissimas no Museu se admiram.

Além do que deixo apontado, o fim do neolitico e comêço dos metais manifesta-se por outras particularidades. Os dolmens são sepulturas colectivas : nelas se depositavam sucessivamente os cadaveres ou os esqueletos de muitos individuos[4], como o prova o número de cranios, ossadas, dentes, de lá por vezes desenterrados. Agora porém aparecem sepulturas individuais[5], o que denota rito diverso : cistas de Alcacer do Sal, onde os cadaveres se depositavam encolhidos e de banda, com objectos de pedra e de metal ao pé[6] ; cistas do Algarve com urnas ossuarias (Estacio), e acaso com restos de incineração[7]. Importante sepultura feminina, em que apareceu um diadema de ouro e uma adaga de cobre, é a da Agoa-Branca (Alto-Minho)[8], cujo espolio o Museu adquiriu. Á classe das sepulturas individuais pertencem tambem as do Alentejo, descritas n*O Arch. Port.*, XI, 184-185, e XIII, 300-310, muito notaveis pelas lages insculturadas que as cobriam, onde se representam armas de bronze.

Se houve propriamente um p e r i o d o d o c o b r e, distinto ou não do d o b r o n z e, é assunto que os arqueologos ainda ventilam, e em que as opiniões se contradizem. Aqui não me pertence discutir isso, tanto mais que boa porção de objectos metalicos prehistoricos do Museu estão por analisar. Em todo o caso algumas

---

[1] Cf. *O Arch. Port.*, XI, 341.

[2] Cf. *O Arch. Port.*, XII, 244-245.

[3] Vid. : L. Siret, *Questions d'arch. et d'ethnogr. ibériques*, I, 30, 87, e o texto que acompanha a est. XII ; Colini, in *Bullet. di Peletnologia ital.*, ano 25.°, pp. 246, 271, 279, etc. ; e L. Pigorini, *Gli abitanti primitivi dell'Italia*, p. 11, e nota 3.

[4] Cf. *Religiões*, I, 317-318.

[5] Cf. : Santos Rocha, *Materiais para o estudo da idade do cobre*, Figueira 1911, p. 66 ; L. Siret, *Quest. de chron. et d'ethn.*, I, 71.

[6] Excavações (ineditas) do Museu Etnologico.

[7] *Religiões*, I, 410-411.

[8] *Portugalia*, II, 241.

análises se fizeram, e assim se provou que, por exemplo, os machados chatos que compõem o tesouro de Espite são de cobre. Além dos machados d'este tesouro, possue o Museu muitos outros analogos, tambem de cobre, como de cobre são várias pontas de seta aparecidas em dolmens, e em castros ou perto. Pelo contrário, não faltam objectos de bronze : machados canelados, machados de alvado, belas espadas.

Portugal abunda de minas de cobre, e embora, apesar das asserções de Estacio da Veiga em contrário, se possa admitir que o conhecimento dos processos metalurgicos nos veio de fóra, não ha dúvida que a indústria do bronze (e quando digo bronze, digo ao mesmo tempo cobre) se desenvolveu nas mãos dos nossos antepassados. Que eu saiba, não se descobriu ainda entre nós nenhuma fôrma de fundir machados, mas os de canelura apresentam por vezes uns apendices, que são restos do fabrico[1] ou *boutons de coulée*[2], e que em português chamarei *gitos*, por analogia com os apendices que ficam semelhantemente dos tipos de imprensa, quando os fundem ; no pavimento II, mostrador 10, ha uns machados chatos, ou cunhas, da Beira-Baixa, de cobre ou bronze, com as superficies cobertas de depressões, que, no meu parecer, provém das asperezas das fôrmas, feitas de granito local[3]. Realmente não se compreenderia que, havendo, como noto a cima, tanto cobre em Portugal, os Lusitanos não o soubessem trabalhar nem ligar com o estanho.

Como a respeito dos tempos neoliticos, tambem a respeito do do cobre & bronze todas as provincias portuguesas tem representação no Museu, com variados objectos. Percorra-se o pavimento II, ala do Norte, e aí, nos mostradores 1-12, se encontrará a prova do que digo : espolios alcalarenses, e machados, lanças, etc., de Alcoutim, Silves, Bensafrim, Portimão, — no Algarve ; espadas de Safára e de Evora, e machados, escopros, foices, de Almodovar, Mertola, Arraiolos, Fronteira, Estremoz, Avis,—no Alentejo ; objectos vários

---

[1] Vid. : *Compte rendu* do Congresso de Lisboa, 1880, p. 365 ; e *O Arch. Port.*, VIII, 134 (Alves Pereira).

[2] Siret, *Quest. de chron. et d' ethn.*, I, 461.

[3] Para confirmação do que digo, coloquei no Museu ao pé dos dois machados uma amostra d'essa rocha, colhida no local do aparecimento dos mesmos.

(vasos, instrumentos), de S. Tiago de Cacem, Grandola, Salvaterra, — na Extremadura Transtagana; tesouro do Carvalhal (braceletes, lança ou punhal, espada, machado de alvado), tesouro de Espite (machados chatos), tesouro de Alcainça (braceletes), variados objectos, como punhais, machados, braceletes, vasos, da Cezareda, Leiria, Minde, Lourinhã, Peniche, Santarem, Abrantes, Bombarral, Cadaval, Alvaiazere, Obidos, Caldas da Rainha, — na Extremadura Cistagana; machados e outros objectos de Medelim, Mondim, Castelo Branco, Celorico, Sabugal, Tondela, Cinfães, Viseu, Idanha, Castendo, Sátão, Penela, Figueira, Montemuro,—na Beira; machados e outros objectos de Vila Real, Mesão-Frio, Torre de Moncorvo, Vimioso, — em Trás-os-Montes; tesouro de machados de argola de Paredes de Coura, objectos vários de Guimarães, Paços de Ferreira, Penafiel, Barcelos, Baião, Melgaço, Santo Tirso, Valença, Viana, Arcos de Valdevez,— no Entre-Douro-e-Minho. — Ou por causas particulares, ou por deficiencia de investigação, ou porque muita cousa se perdesse no cadinho dos fundidores (que são implacaveis e brutos inimigos da arqueologia da epoca do bronze!), ha objectos que só se encontram em certas regiões: os machados canelados, só no Norte e na Beira; as foices, só no Sul.

Posto que os objectos de ouro hajam de ser mencionados em capítulo especial, devo aqui dizer que com alguma freqüencia se encontram no país fios helicoidais d'essa substancia: uns em jazidas bem determinadas, por exemplo nas sepulturas calcoliticas do Barro (Tores Vedras) e de Agoa Branca (Alto Minho), outros avulsamente. Os fios de tamanho e diametro pequenos são sem dúvida aneis, como se prova da comparação com aneis modernos, e de terem aparecido em estações arqueologicas analogos fios de bronze junto de ossos do dedo esverdeados do metal [1]; os fios grandes podem ter sido enfeites do cabelo (tranças)[2], mas tambem podiam ter outros usos[3]. No Museu Etnologico ha bastantes d'estas helices de ouro, provenientes do

[1] Vid. *Zeitsch. f. Ethnologie*, 34 (123), e 1896, p. 87.

[2] Vid. W. Elbig, *L'épopée homérique*, trad. fr., Paris 1894, pp. 306-308, e figs. 91-100. Cf. Déchelette, *Manuel d'Arch.*, II, 351-352.

[3] Cf. *O Arch. Port.*, XI, 352.

Sul. Vem a proposito dizer que tambem o mesmo Museu possue helices de bronze (aneis de Abrantes)[1]. Á epoca do bronze pertencem outros obejctos de ouro do Museu, não só as helices : diademas e braceletes. — Este uso do metal nobre em tempos tão remotos explica-se pela riqueza aurifera do nosso solo[2], pois é natural que muitos dos objectos se manufacturassem *in loco*.

Até aqui falei de espolios metalicos aparecidos em sepulcros, em tesouros, ou avulsos. Em seguida falarei de objectos aparecidos em estações ou moradias. Nestas, como já ponderei, os vestigios da civilização do metal acham-se confundidos com os da pedra. As principais estações d'onde se colheram objectos para o Museu são o Outeiro de S. Mamede de Obidos, e o Castelo de Pavia. Os objectos d'esta ultima proveniencia coincidem em parte com os do môrro dos Vidais, a que adiante aludirei. Do Outeiro de S. Mamede possue o Museu machados, e outros artefactos de pedra polida, percutores, trituradores, mós, instrumentos de silex (facas, setas, punhal ou lança) e lascas, vasos varios inteiros, e fragmentos ornamentados, furadores e outros objectos de osso, pesos de barro rectangulares (de tear), com um orificio em cada angulo, contas de ribeirite, esferas de barro do tamanho de bogalhos, mas perfuradas, um fragmento de medalhão de lousa, um punhal, e outros instrumentos de cobre ou bronze, idolos cilindricos como os de Torres Vedras, uma fita de ouro, talvez diadema. — Poderão acaso excavações mais persistentes mostrar um dia que o Outeiro chegou até a idade do ferro, e do mesmo modo o Castelo de Pavia ; entretanto contentemo-nos com os espolios que nos revelaram as já realizadas, e que nos dão conhecimento de adornos corporais, armas, indústrias caseiras, costumes religiosos. A escolha de eminencias para habitação devemos admitir que datava já da idade neolitica : só assim se explica a sobreposição das duas civilizações.

---

[1] Conheço-as igualmente de prata, achadas em Portugal ; não são porém do Museu. Temos pois no país representados os três metais. O mesmo acontece lá fora : Cf. Elbig, *L'épopée homérique*, p. 306. Acêrca de objectos de prata («anillos» e «espirales») achados em uma sepultura da idade do cobre de Orihuela (Hespanha), vid. *Boletín de la R. Acad. de la Hist.*, LIV, 357.

[2] Cf. : *Religiões*, II, 24 e 104 ; e *O Arch. Port.*, XI, 375 e n. 4.

Na idade do ferro, que sucede á do bronze, são eminencias semelhantes, ou «castros», a nossa principal fonte de informação para conhecermos a etnografia lusitana, como nas idades anteriores o foram as sepulturas. Dizer «castros» é dizer «fortalezas» ou *oppida*; e como d'eles e de seus habitadores já sabemos algo pelos livros e monumentos da antiguidade classica, ou historica, a tais locais e aos seus espolios chamamos *protohistoricos*. Apesar de Portugal estar cheio de castros, não são muitos por ora os excavados metodicamente.

Castro importante do Sul de Portugal, e bem representado no Museu, é o de Pragança (Cadaval): o povo denomina-o «Castelo», palavra que quasi significa o mesmo que a outra. Aí se descobriram objectos como os de S. Mamede, excepto medalhões de lousa, e a mais: um furador de pedra, goivas, loiça provída de orificios, á semelhança das modernas *coadeiras* (Minho)[1], uma colhér de barro, cossoiros de barro, esferas de barro como as de S. Mamede, mas sem orificio (analogas ás de Numancia), um pendente cilindrico de marfim (objecto religioso ou de ornato), lança de alvado, machados canelados, foice, fragmentos de espadas, punhais, setas, argolas de bronze ou de cobre, contas de vidro azul, fibulas de bronze, mós manuais redondas, moedas de prata da Republica romana, fragmentos de tegulas, pesos de bronze. É um castro mixto, onde muitas civilizações se sobrepuseram; infelizmente o terreno foi muitas vezes revolvido, e não ficaram estratificações[2].

Paralela um tanto á civilização de Pragança, mas noutra região, ainda que tambem no Sul, é a dos Vidais (Marvão), môrro que ha pouco mencionei, e que foi explorado ao acaso por um curioso, que aí encontrou vários objectos que vieram parar á minha mão: machados de pedra polida, percutores, vasos de barro grosseiro, medalhões ou chapões de lousa com gravuras, cossoiros e contas de barro, «crescentes» da mesma substancia,

---

[1] Serviriam para qualquer uso doméstico (por exemplo: fabrico de queijos?). As *coadeiras*, ou *coadores*, servem para fazer escorrer a agoa em que se cozeram alimentos. Vid. fig. 176.ª

[2] Na encosta ou escarpa ha grutas onde se sepultavam os mortos na idade do bronze (pelo menos). Apareceram lá objectos d'essa idade iguais aos do castro.

que, segundo imagino, faziam parte de colares[1], pesos, tambem de barro, como os de S. Mamede, e outros objectos de igual materia e fórma, porém mais estreitos[2]; um tubozinho, semelhantemente de barro; escôpro de bronze; fivela de bronze; objectos de ferro; denarios da Republica romana. Vê-se que o barro tinha nesta estação muitas e singulares aplicações, o que tambem se observa no Castelo de Pavia, e mais longe, em Numancia (balas de funda, trombetas, fusos, cossoiros, etc.)[3], em Chipre (contas)[4], em povos selvagens da actualidade[5], etc. — Assim como Pragança indica um estádio adiante de S. Mamede, assim Vidais indica um analogo adiante de Pavia.

Outros castros do Sul: Cola (Ourique), representado no Museu por um desenho, por mós concavas, por um pilão e um percutor; Chibanes (Setubal), representado por um pedacinho de vaso grego.

Do centro de Portugal, ou Beira, ha um castro, Santa-Olaia, explorado e estudado por Santos Rocha: vid.

---

[1] São achatados, para assentarem no colo. Não os creio, nem pela sua fragilidade, nem pelo seu feitio, adequados a braceletes. — Já Estacio da Veiga fala de «crescentes» identicos a estes, achados em Alcalar: *Antiguid. mon.*, III, 214, e figuras respectivas. Eles estão no Museu Etnologico com outros de outras proveniencias. Cf. tambem Siret, *Les premiers âges du métal*, Album, est. I, n.º 130, X, n.º 72, e est. IV («crescentes» de pectunculos). A. de Mortillet, num folheto intitulado *Les anneaux robenhausiens de pierre*, fala de «crescentes» de pedra que considera fragmentos de braceletes, e diz que a objecção da fragilidade da pedra não basta, por haver povos que os usam muito frageis; mas aqui é pedra e não barro! As pulseiras de vidro que hoje se usam são estreitas e não estorvam o pulso.

[2] Parecem-se com os rectangulos de pedra que os arqueologos entendem serviam de protecção do pulso no acto de arremêsso de setas (vid. *De Campolide a Melrose*, p. 90). Ou serviam para isso ou para pesos de tear.

[3] Vid.: Mélida, *Excavaciones de Numancia*, Madrid 1912, pp. 37-39, e est. LV e LIX; A. Schulten, in *Bullet. Hispanique*, XV, 372. No proprio Museu Etnologico ha alguns objectos numantinos de barro.

[4] Dussaud, *Les civilisations préhellen.*, 1.ª ed., pp. 178-179 e 226.

[5] Falando das chamadas *fusaïoles* de Troia, que alguns arqueologos supuseram fossem objectos de adôrno corporal, isto é, contas, diz Perrot: «Les voyageurs ont constaté, de notre temps, chez certaines tribus de l'Afrique, ce même emploi de la terre cuite en vue de la parure». In *Rev. des Deux Mondes*, t. CXV (1893), p. 869.

Portugalia, II, 301 sgs. O Museu Etnologico foi contemplado com alguns fragmentos ceramicos de lá, os quais o benemerito Arqueologo classificou assim: loiça indigena, loiça fumigada (de importação), loiça punica, isto é, iberica (pintada). Tem tambem representação no Museu os seguintes castros beirões: Condeixa-a-Velha (por exemplo: com contas, ceramica pintada); S. Domingos de Queimada (com restos ceramicos); Tintinolho (vista geral das muralhas); Outeiro do Castro de ao pé de Mondim (por exemplo, com instrumentos neoliticos, mós, ceramica vulgar dos castros, cossoiros de barro, fivelas e fibulas de bronze, um disco de pedra como os de Pavia, discos de barro, feitos de cacos e com varios diametros[1]). Objectos avulsos de várias localidades: fivelas de bronze, pesos de barro, etc.

Do Norte de Portugal: castro de Mantel (loiça vulgar dos castros, loiça preta, como alguma de Santa Olaia, um fragmento de caco vermelho com listão preto, cossoiros chatos e conicos, contas azuis de vidro, mós concavas ou grais, uma mó redonda, muito pequena, discos feitos de cacos (como os de Mondim); Citania de Briteiros (alguns fragmentos ceramicos, e fotografias); castro de Santa Luzia (um alfinete e fibula de bronze, pesos de pedra, etc.); Monte-Castro de ao pé de Braga (cacos); Cividade de Bagunte (idem), Cividade de Paderne (aguarela de uma casa circular, pedra com escultura simbolica, grãos de trigo carbonizados, cossoiros); castro de Alvarelhos (prego de bronze, cacos, alguns porém, ou todos, da epoca romana); castro dos Arados (machado de pedra, fragmentos ceramicos ornamentados, fivelas de bronze, conta azul de vidro, cossoiros chatos, um idolo de pedra); castro do Freixo (duas contas de pedra verde); castro de S. Miguel-o-Anjo (espolio que consta do *Arch. Port.*, V, 34 sgs.). Todos estes castros são interamnenses. A outra provincia se-

[1] Tambem em Numancia apareceram discos semelhantes, como se póde ver da modesta colecção numantina do Museu Etnologico; e cf. Mélida, *Excavaciones de Numancia*, Madrid 1912, p. 38.—Um disco que aparecesse avulso poderia interpretar-se por tampa de vasilha; mas quando aparecem séries, como nos nossos castros, e de desiguais grandezas, deveremos preferentemente tomá-los por objectos de jôgo. Tanto do passado como do presente são bem conhecidos em jogos discos semelhantes (tavolas, marcas, etc.).

tentrional está representada d'este modo: castro de Vinhais (fibula de bronze); de Sacoias (machadinho de fibrolite, alfinete de bronze, fragmentos ceramicos); «Cidade» de Nagosa (cossoiro ornamentado de covinhas na base); Castelo de Cigadonha (cossoiro); Castrilhouço (objectos de pedra).

Em Pragança a civilização do bronze teve muita intensidade, ao passo que, segundo parece, a do ferro teve menos; pelo contrário, nas antigualhas que no Museu representam os castros do Norte e Centro de Portugal não se encontram documentos, ou só poucos, da civilização do bronze. A civilização do ferro dominou completamente neles e com grande intensidade. Em todos os castros, porém, tanto nos do Norte e Centro, como em Pragança e em Vidais, faltam espadas de ferro, e as fibulas que se encontram são dos fins de Halstatt ou dos primeiros periodos de La Tène, isto é, da epoca dos Celtas. Ao falar da civilização dos castros, podemos já citar com segurança alguns nomes etnicos, —*Celtici, Igaeditani, Grovii,* etc. —, pois que foi com tribus d'essa civilização que os Romanos se bateram, do sec. II a. C. em diante, e pois que os AA. antigos e as inscrições as mencionam por vezes: vid. *Religiões,* II, 71 sgs., III, 158-159. Estrabão, na sua *Geografia,* III, III, 6-7, esboça um quadro sucinto do viver dos Lusitanos e especialmente dos castrejos, ou habitantes dos castros: usam escudos redondos, adagas, lanças com cúspide de bronze; comem pães feitos de bolotas, que são prèviamente moidas e sêcas; servem-se de vasos de madeira. E estes e analogos costumes são em parte confirmados pela Arqueologia, como acima vimos; outros são-no pela Etnografia, como veremos adiante[1].

Se a par com os castros buscamos estações de outra

---

[1] De excavações metodicas em castros advirão de futuro grandes surpresas á Arqueologia. O povo diz que ha lá muitos tesouros escondidos: todos os castros são em verdade outros tantos tesouros, mas de sciencia, ainda quasi fechados com sete selos cada um. Foi Martins Sarmento um dos primeiros investigadores que começaram a abri-los. Muitas vezes lhe pedi que publicasse um livro com o relato das explorações da Citania e Sabroso; ele, contudo, antes quis aplicar os seus serões a procurar as O e s t r i m n i d e s fugidias e a traçar nova rota aos Argonautas do que a escrever esse livro, que seria ao mesmo tempo um monumento e uma guia. Só deixou apontamentos soltos.

espécie, encontraremos algumas igualmente notaveis e que muita luz lançam tambem no conhecimento do nosso passado, por exemplo as necropoles de Bensafrim e de Alcacer do Sal. Da de Bensafrim vieram para o Museu lapides com inscrições turdetanicas, contas de vidro, etc. : vid. *Religiões*, III, 9. Á de Alcacer consagrarei aqui em especial umas palavras mais. Acharam-se aí armas e instrumentos agrarios de ferro, loiças gregas do sec. IV-III a. C., objectos de adôrno corporal (fibulas e braceletes). De tudo ha espécimes no Museu Etnologico, os quais primitivamente estiveram no das Janelas Verdes e no de Artilharia. Nas armas distinguem-se : arremessões ou *soliferrea*, de mais de seis palmos de comprimento, terminados por um lado em ferro de lança e pelo outro em ponta aguçada ; facas de folha curva ; lanças de alvado ; adagas ou espadas curtas, de antenas, com ornatos no cabo e restos de bainha, armas que os arqueologos tem como caracteristicas de Halstatt II (isto é, 2.º periodo da 1.ª idade do ferro[1]); «espadas falcatas», tambem com restos de bainha, da epoca de La Tène I (ou II)[2]. Algumas das armas acham-se dobradas, segundo um rito funebre a que aludi nas *Religiões*, III, 13-14[3]. As fibulas são anulares ou de arco, e de diversos tamanhos[4]. A necropole

---

[1] Vid. : Déchelette, *Manuel d'Archéolog.*, t. II-2, p. 730 sgs.

[2] Vid. : Déchelette, *Chronologie préhist. de la Pén. ibér.*, p. 65 sgs. ; Sandars, *The weapons of the Iberians*, Oxford 1913, p. 27 sgs. ; P. Paris & Engel, *Osuna*, pp. [55] e [99]. Acêrca da origem d'elas vid. as observações de Hubert in *L'Anthropologie*, XXI, 90-91, e in *Rev. Celtique*, XXXII, 112 : diz que serão de origem celtica.

[3] Cf. : *L'Anthropologie*, XVII, 351 sgs. ; *Revue Archéologique*, 1911, p. 134 ; *Bullet. Hispan.*, XIII, 13 ; Reinach, *Cultes et mythes*, t. III, cp. VII-XI. Nas margens do rio Amur, entre a Siberia e a China, quando morre alguem, quebram o arco de que o morto mais vezes se serviu (*L'Anthropologie*, XIV, 372) : «le mort est un homme brisé : il faut que les objets qui l'accompagnent dans la tombe soient brisés aussi» (*ibid.*, XVII : Reinach). Se, com relação aos arremessões ou outras armas grandes, se póde invocar a necessidade de acomodação na sepultura, que era pequena (sepultura de incineração), ha muitas armas pequenas que tambem estão dobradas. Já os Micenenses quebravam as oferendas destinadas aos mortos : pensava-se que lhes ficavam assim mais ao alcance. Dussaud, *Civilis. préhell.*, 1.ª ed., p. 261.

[4] Com estas fibulas vieram outras do tipo de barca ou *à navicella* dos Italianos (1.ª epoca do ferro), que não ha certeza se são tambem de Alcacer.

de Alcacer (certamente de incineração) é pela qualidade e data dos seus espolios muito comparavel ás hespanholas de Almedinilla (sec. V-IV)[1], Villaricos (3.º grupo de sepulturas : com urnas gregas do sec. IV)[2], e Aguilar de Anguita (2.º periodo de Halstatt e começo de La Tène)[3]. Dos dois tipos de espadas ou adagas pode concuir-se que a necropole de Alcacer se prolongou um tanto : de facto, como já disse, um dos tipos pertence a uma epoca, e o outro a outra. Em Aguilar de Anguita só se encontraram espadas de antenas, que formam o tipo mais antigo (Halstatt). As espadas falcatas são caracteristicas de Almedinilla, e tambem por isso se chamam do nome d'essa localidade. Em Villaricos apareceram os dois tipos. Ás datas que os arqueologos marcam para Halstatt e La Tène podem nem sempre corresponder iguais datas no nosso país. Pelo que toca a Alcacer, seria preciso fazer novas e metodicas excavações, para ver se se poderiam descobrir sepulturas intactas que facilitassem o estudo cronologico ; em todo o caso a necropole existia, pelo menos, no sec. IV-III[4], e continuou a existir até a epoca romana[5]. A loiça grega relaciona-se com outros achados da mesma natureza feitos no Sul de Portugal (já acima citei um exemplo de Chibanes), e indicará influencia do comercio cartaginês[6].

---

[1] P. Paris & Engel in *Revue Archéol.*, 1906, II, p. 49 sgs. ; cf. P. Paris, *L'art et l'industrie*, II, 273 sgs., e num artigo do *Bullet. Hispan.*, XIII, 112.—Todavia Sandars, *The weapons of the Iberians*, p. 51, moderniza muito a data do cemiterio.

[2] L. Siret, *Villaricos y Herrerias*, Madrid 1908 (separata das *Mem. de la R. Acad. de la Hist.*), p. 391 sgs. ; Sandars, *Weapons*, p. 49, supõe que a espada falcata em Villaricos poderia ter durado até o sec. I a. C.

[3] Marquês de Cerralbo in *Compte rendu* do Congresso de Genebra (1912), t. I, p. 593 sgs.

[4] Se realmente as fibulas de barca fossem de lá, deveriamos fazer ascender a origem da necropole a data muito mais antiga.

[5] *Religiões*, III, 13. Acêrca das armas de Alcacer vid. valiosas considerações de Alves Pereira n*O Arch. Port.*, XIII, 219 sgs.

[6] Cf. *De Campolide a Melrose*, pp. 28-29. Os Cartagineses queimavam os cadaveres ; na necropole punica de Bordj-el-Djedid ha vasos gregos a par de vasos punicos : vid. Delattre, *Les tombeaux puniques*, pp. 47-48. Acêrca da acção dos Cartagineses na Iberia vid. um estudo de U. Kahrstedt no *Bulletin Hispanique*, XVI, 372 sgs.

No campo, por ocasião dos trabalhos agrarios, nos montes, etc., aparecem por vezes objectos avulsos, de valor arqueologico, de que no Museu ha bastantes (epoca do ferro), por exemplo: fibulas de Trás-os-Montes, de dois tipos[1]; fibula anular de Beja[2]; espetos de bronze, de Alguber, de Figueiros e de Beja, e duas hastes da mesma substancia que cuido terem feito parte de outros espetos[3]; um vaso pintado, de Faro (de tipo iberico, que Santos Rocha denomina punico); outros vasos, da mesma natureza, provenientes de Serpa e Alcoutim[4], contas de vidro, do Sul[5]. Acêrca de adereços e alfaias de ouro e prata, figurinhas de bronze, esculturas de pedra (de guerreiros e de quadrupedes), e lapides epigraficas, umas ibericas, outras latinas, mas estas consagradas a deuses indigenas, vid. adiante as respectivas secções. — Assim termino o que tinha de dizer da epoca protohistorica, e passo agora á historica.

A conquista romana começou no sec. II a. C., do Sul para o Norte. Depois de dominar ali a civilização do povo-rei, ainda no Norte e no Centro a indigena, isto é, a dos castros, perdurou por bastante tempo. É pois no Sul que aparecem mais monumentos romanos. Nas *Religiões*, III, 164 sgs., expus os principais resultados da conquista, e por isso serei agora aqui muito resumido.

As antiguidades lusitano-romanas (miudas) ocupam no pav. II os armar. 28 a 49, 61 a 68 e 70. As provincias mais ricamente representadas no Museu são as do Algarve (em virtude das excavações e achados de Esta-

---

[1] Vid. *Religiões*, III, 128, e *O Arch. Port.*, X, 106 (C. Beça).

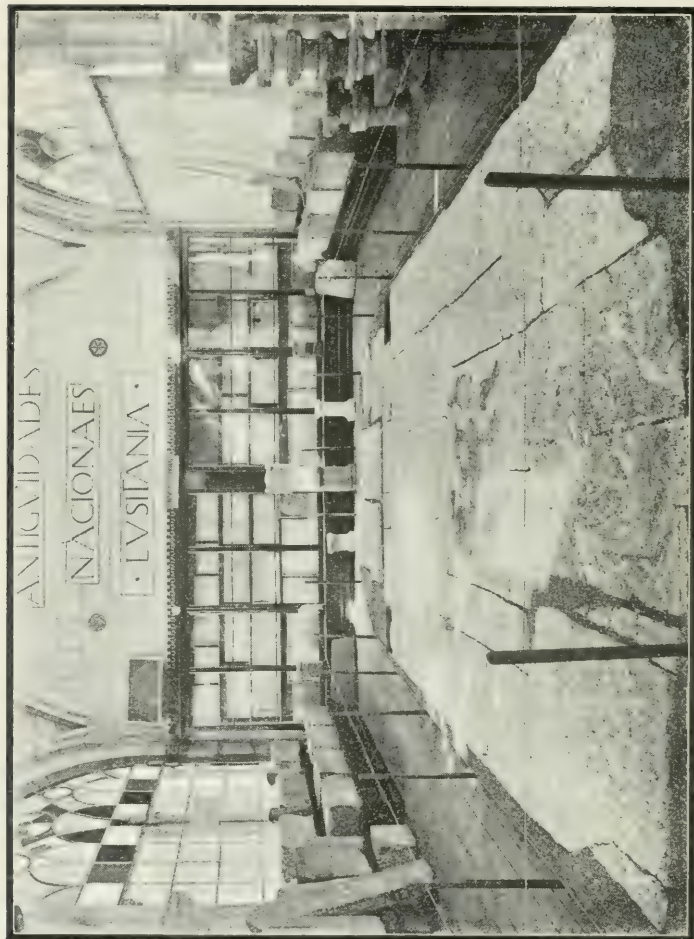
[2] Vid. *De Campolide a Melrose*, p. 61. A fibula anular, ou de Despenãperros, aparece na Peninsula já associada a espadas de antenas na necropole de Aguilar de Anguita (Marquês de Cerralbo: in *Compte rendu* do Congresso de Genebra, p. 599), e depois associada a espadas falcatas em Villaricos (cf. Sandars, *Weapons*, p. 46). Em Alcacer vimos nós acima que ela anda igualmente associada ás duas especies de espadas. Cf. tambem José Fortes in *Portugalia*, II, 18.

[3] Cf. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, t. II-2, p. 797 sgs.— No Museu da Villa Giulia (Roma) vi em 1912 espetos de bronze do sec. VIII-VII, de uns 0^{m}, 73 de comprido, achados em tumulos de Leprignano (Capena) com lanças de ferro e com loiça: a extremidade oposta á ponta dobra-se em fórma de gancho.

[4] Cf. *O Arch. Port.*, XIX, 1-3 (Costa Ferreira).

[5] *De Campolide a Melrose*, p. 22, n. 2, e 23, n. 3.

cio da Veiga) e Alentejo (por ser muito extensa). Quando aos locais em que se descobriram objectos correspondem nomes antigos, estes estão indicados nos respectivos armarios ; temos assim um curioso grupo de cidades da Lusitania.

A primeira cidade que figura é *Balsa* (hoje quinta da Torre d'Ares, no concelho de Tavira), com taças de incineração funeraria, lucernas do sec. I e seguintes, vasos de loiça comum e de loiça arretina, pedaços de «frescos», instrumentos cirurgicos de bronze, anzois da mesma substancia, alfinetes e ungüentarios de vidro, amuletos, varias miudezas. Segue-se *Baesuris* «Castro-Marim», com pesos de barro e um *atramentarium* (tinteiro) arretino ; *Ossonoba* «Faro», com lucerna, vasos, braceletes ; *Portus Hannibalis* «Portimão», com pesos de rede, um espolio funebre da herdade da Torre (se não é visigotico), fragmentos ceramicos com inscrições ; *Laccobriga* «Lagos», com uma asa de anfora em que se lê uma inscrição. Vem depois a região do *Promunturium Sacrum,* com anzois. Intermediariamente a estas localidades do Algarve temos outras, a que não correspondem nomes da geografia antiga : Milreu, com muitos *laterculi* marcados ; Alvor, com uma *glans* (bala de funda) plumbea ; Cacela, com um pifano (*tibia gingrina?*) e candeias ; Alcoutim, com agulhas de rede, de bronze, instrumentos agrarios de ferro, loiças ; Olhão, com braceletes. Do Alentejo : *Myrtilis* com uma balança de bronze (*statera*), lucernas, *glandes* de chumbo, fivelas, vidros, loiça ; o *metallum Vipascense* «mina de Aljustrel» com uma lei gravada em bronze ; ungüentarios de vidro, tinteiro, ceramica ; *Pax Iulia* «Beja», com um *pugio,* pesos, vidros, pedaços de mosaico e de marmore ; a *civitas Calanticensium* «Arraiolos», com um prato de barro em que se lê uma inscrição, e com espolios sepulcrais da Igrejinha (lanças, *pugio,* loiça, etc., etc.) ; *Abelterion* «Alter», com uma vista da ponte romana ; *Ebora* «Evora», com *pondera.* Não propriamente da Lusitania, postoque no Alentejo, mas da Betica : *Serpa,* com lucerna e moedas. Outras povoações alentejanas ou sitios : Ferreira, com lucernas ; Rouca (Alandroal) com espolios sepulcrais, consistentes em loiça arretina, vidros, ouro ; Sousel com objectos de ferro, *tegula, imbrex,* vasilhas ; Montemor-o-Novo, com instrumentos de ferro agrarios ; Viana, com *tegulae* e vasos ; Aramenha, com variada loiça, e linda colecção

Vista de parte do Pavimento I do Museu Etnologico

De fronte da p. 191)

de vidros ; Juromenha, com inscrições. Da Extremadura Transtagana : Alcacer com muita loiça, lucernas, cossoiros, vidros, *cista* de chumbo, pesos ; Grandola com uma fibula, vasos, lucernas, pesos, figurinha de bronze ; S. Tiago de Cacem com um tinteiro metalico, vasos, uma tijela ; Coruche com instrumentos agrarios de ferro. Da Extremadura Cistagana : *Olisipo* «Lisboa», com um pedaço de marmore de umas termas, uma planta das mesmas, e inscrições ; *Scallabis* «Santarem», com uma lucerna ; *Collippo* «Leiria», com pesos de barro e um belo mosaico. Povoações várias : Almoçageme, com pesos e mosaicos ; Chelas, com o friso de um sarcofago ; Ròliça, com uma asa de situla ; Columbeira, com uma inscrição e uma estatueta de Mercurio, de bronze ; Torres Novas, com uma lucerna e uma estatueta da Fortuna ; Pombalinho, com outra estatueta da Fortuna, miudezas de ouro, um *mortarium* (almofariz), e vidros. Da Beira : *Conimbriga* «Condeixa-a-Velha», com uma cabecinha de pedra, pesos marcados, fragmentos de *terra sigillata*, fibulas, pedaços de «frescos» ; a *civitas Igaeditanorum*, com inscrições. Outras localidades : Lamego, com um vaso ; Viseu, com uma inscrição e pesos ; Mangualde, com uma escultura de barro, pesos (um d'eles com uma inscrição) ; Cárquere, com uma asa de situla, fivela, moedas, inscrições. Do Minho : *Bracara* «Braga», com moedas e um disco de barro com uma marca. Outras localidades : Feira Nova (Marco de Canaveses), com abundantes espolios sepulcrais (loiças, cossoiros, pregos de ferro, uma fivela) ; Baião, com loiças e esculturas ; Guilhabreu (Vila do Conde), com espolio funerario, — vasos com grafitos e outros lisos ; Amarante e Paços de Ferreira, com loiça. De Trás-os-Montes : *Aquae Flaviae* «Chaves», com uma escultura e uma vista da ponte romana ; Moncorvo, com um *ponduscul͏um* de barro e inscrições ; Freixo de Espada-á-Cinta, Pinhovelo, Mirandela, Vila Real, com pesos ; Sedielos, com loiça ; Valpaços, com uma fivela. — Não fiz mais do que citar, quasi ao acaso, alguns factos, visto que este livro não é catalogo minucioso.

Conquanto já acima me referisse a mosaicos, devo reservar-lhes aqui lugar especial : o seu tamanho não permite sempre colocá-los na serie cronologico-geografica. O principal mosaico do Museu Etnologico é um de Orfeu, que ocupa o extremo do pavimento I ou rés-do-

chão. Ha tambem mosaicos importantes da Povoa de Cós (Alcobaça) e Almoçageme (Sintra), que por falta de espaço estão ainda encaixotados. No pavimento II estão expostos fragmentos grandes (quadros) com desenhos: hipocampo[1], peixes, figuras geometricas. Foi esta uma indústria que muito floresceu na Lusitania: em todas ou quasi todas as cidades havia mosaicos, tanto no Norte (por exemplo *Bracara*) e Centro (por exemplo *Conimbriga*), como no Sul (por exemplo *Myrtilis* e *Balsa*), e não faltam povoações rurais nem *villae* em que eles aparecem igualmente.

Outras especies arqueologicas da epoca romana, além de mosaicos, se vêem, por identico motivo, deslocadas da serie cronologico-geografica: materiais de construção e anforas. Da primeira especie tem o Museu, no pavimento I e II: *tegulae, imbrices,* pedaços grandes de *opus Signinum,* tejolos ou *lateres* (*laterculi*), tubos de barro e de chumbo (*fistulae*), escadas de pau do *metallum Vipascense.* As anforas estão no pavimento II, quer nos angulos da sala, quer sobre os armarios centrais, que são espaçosos e altos: todas provém do Sul. Ao fundo das escadas que do pavimento I vão para o pavimento II ha rimas de *molae manuariae,* provindas de todo o país, e fóra do Museu, num dos jardins, estão duas mós muito grandes, vindas do Juncal (Extremadura).—A descrição dos objectos lusitano-romanos completar-se ha adiante com a menção das lapides & esculturas, dos bronzes, do ouro & prata, e das moedas.

A quem pois quiser compreender não só o modo como se implantou a civilização de Roma no territorio que hoje se chama Portugal, mas qual era a vida quotidiana dos Lusitano-Romanos patenteiam-se no Museu Etnologico documentos suficientes. Do modo como se implantou a civilização falam as datas das inscrições, e a maior abundancia de objectos e maior grandiosidade d'eles numas provincias do que noutras. Á vida pública pertencem, por exemplo, as leis, as moedas, as armas, os marcos miliarios; á vida privada, por exemplo, as artes industriais e domésticas, as ferramentas agrarias,

---

[1] O mosaico do hipocampo (um pouco restaurado) foi publicado nas *Religiões*, III, 494, fig. 258. Da comparação d'essa figura com a que publiquei n*O Arch. Port.*, VII, 318, vê-se que o mosaico é de Leiria, e não da Aramenha, como supunha quem o vendeu.

o arranjo da casa, os adereços e enfeites corporais, os instrumentos cirurgicos. A uma ou outra pertencem analogamente os ex-votos e as lapides funerarias,—que no Museu abundam.

Ao começar o sec. V invadiram a Hispania os Barbaros do Norte: do seu estabelecimento na Lusitania tratei nas *Religiões*, III, 543 sgs., d'onde vimos que foram os Suevos e os Visigodos os principais ramos etnicos que influiram na nossa civilização. É dificil destrinçar, excepto no que toca á Numismatica, o que pertence como proprio a cada ramo. Por isso no Museu o pouco que representa a arqueologia dos Barbaros está subordinado ao titulo geral de «Epoca medieval» (pav. II, armarios 50 e 51). Aí temos : contas achadas em sepulturas do Algarve, o espolio do cemiterio de S. Geraldo (dois vasos de barro e uma fivela de cinturão), chapas de cinturão do Algarve e do Baixo-Douro, candeias de barro e vasilhas provenientes de várias localidades, aneis de bronze, outras miudezas, e uma aguarela de uma espada de ferro do Museu de Beja. Tambem ha inscrições, joias e moedas, que irão mencionadas nas respectivas secções[1]. — Á secção medieval pertence mais o seguinte : colecção de loiça preta, da Idanha, a que me referi no meu livro *De Campolide a Melrose*, pp. 62 e 142 ; e uma colecção de antigualhas arabicas.

Os Arabes conquistaram o reino visigotico em 711, e estenderam-se depois pela peninsula, mais numas zonas do que noutras. Em Portugal o seu mais intenso poderio foi no Sul, onde dominaram até o sec. XIII. No Museu, além de moedas e lapides, de que falarei mais adiante, e de pratos de tipo chamado «hispano-arabico», que são mais recentes, ha do tempo dos Arabes (pav. II, armarios 52 a 54), uma talha, vasilhas pequenas, muitos fragmentos ceramicos com relevos ou com pinturas, lucernas de barro lisas, uma lucerna com o disco (face superior) ornamentado, outra de bronze[2], tubos e outros objectos de barro, miudezas de metal : tudo isto aparecido no Algarve e no Alentejo.

Na epoca a que somos chegados defrontam-se pois no nosso territorio duas civilizações : a que provinha

---

[1] Talvez o espolio sepulcral da Marateca (Algarve) seja da mesma epoca.

[2] Das lucernas se trata n*O Arch. Port.*, VII, 120-122.

dos Lusitano-Romanos e absorvêra a dos Barbaros, — civilização cristã ; e a dos Arabes. Nem aquela assimilou esta, nem esta aquela, houve só contactos. Ainda hoje a antiga civilização arabica se reflecte entre nós na lingoa (lexico comum e toponimia), nos costumes, e certamente tambem na raça. Dizer no presente caso «civilização cristã» é o mesmo que dizer «civilização portuguesa». A Historia oficial de Portugal começa no sec. XI, embora a nacionalidade tenha elementos muito mais antigos. A menção das antiguidades portuguesas, isto é, respectivas á nacionalidade e civilização propriamente portuguesas, fica para o cap. II, pelos motivos que lá indicarei ; e cf. o que tambem hei-de dizer nos §§ 3, 4, e 5, p. 194 sgs. (joias ; objectos de bronze ; colecção lapidar ; moedas, medalhas e tésseras).

II. Joias de ouro e de prata

Como digo na *Defensão* (vid. supra, p. 151), havia em 1913 no Museu cento e vinte e um objectos de ouro, e quarenta e nove moedas do mesmo metal. Actualmente ha mais. No Inventario estão marcados objectos de ouro com os n.os 1* a 82*, 84* a 99*, e 114* a 145*, e cinquenta e quatro moedas do mesmo metal. A isto acrescem quatorze objectos de prata, um de cobre revestido de prata, e numerosas moedas. A totalidade dos objectos de ouro e prata, excepto as moedas (dos dois metais), é pois de cento e quarenta e cinco.

Os objectos de ouro consistem em diademas, helices, xorcas, aneis, brincos, fibulas, etc. ; uns são pre-romanos, outros são romanos, outros são visigoticos, outros de várias procedencias. Os objectos de prata consistem em fibulas, xorcas, uma vasilha, e um fundo-de-pátera : com excepção talvez do de bronze revestido de prata, de que acima falei, são todos da epoca romana. Das moedas falarei adiante, p. 197.

Nem tudo está exposto ; a maior parte dos objectos e moedas estão arrecadados.

III. Figurinhas de bronze e outros objectos da mesma substância

Ocupam o armario n.º 72, do pavimento II.

Algumas das figurinhas são pre-romanas, outras são romanas, etc. : insignia (homem barbado que tem á ca-

um vaso ou cesto) e respectivo conto, de Alenquer; insignia que representa uma quadriga, de Obidos (não pertence ao Museu, está em depósito); treze quadrupedes, do Algarve, do Alentejo, da Beira, etc.; legionario, de Loulé; carranca fontanaria do Alto-Minho; imagens de divindades, do Algarve e Extremadura (dois Mercurios, duas Fortunas, um *signum pantheum*); canéforo, da Beira; várias estatuetas; lucerna, e *infundibulum* de candieiro, com caras; asas de situlas, tambem com caras.

Tabulas com inscrições: lei do *metallum Vispascense* (a 2.ª, aparecida ultimamente); tabula de Juromenha (*Religiões*, III, 168, nota).

IV. Monumentos lapidares

Incluo nesta designação: lapides com inscrições; esculturas; pedras várias. Estes monumentos estão, uns no átrio, e no pavimento I (em toda a volta e ao centro); outros no pavimento II; outros nos dois lapidarios. Referem-se a todas as epocas da nossa historia.

Da epoca pre-romana tem o Museu: um instrumento de pedra polida, de grandes dimensões (rêlha de arado?), do Algarve; uma pedra com entalhos, achada num dolmen da Beira; um pedaço de esteio de dolmen com uma pintura; as esculturas que descrevi n*O Arch. Port.*, XV, 31 sgs.; pedras com covinhas; tampas sepulcrais insculturadas (uma d'elas, sobretudo, muito notavel, com a representação de armas da idade do bronze: vid. supra, p. 179); um idolo de granito, do castro dos Arados (Marco de Canaveses); nove quadrupedes de granito; tres estatuas de guerreiros lusitanos, e fragmentos de outras; lapides com inscrições turdetanicas, de grande valor (Bensafrim, Salir, Panoias de Ourique)[1], e a lapide a que Estacio da Veiga se refere nas *Antiguid. mon.*, IV, 287, est. 38.

---

[1] Uma das lapides pertence ao Director do Museu, que, antes de existir este, a adquiriu em Bensafrim, por intermedio do Sr. José Joaquim Nunes, actualmente Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: é a que tem o n.º LXXIV em Hübner, *Mon. ling. Ibericae*, e o n.º XXXVI em Estacio. Hübner creio que se engana quando diz que a lapide esteve no Museu do Algarve: se lá esteve, seria de empréstimo, pois nunca lhe pertenceu. — Cfr. supra, p. 24.

Da epoca lusitano-romana ha: umas duzentas e oitenta lapides com inscrições latinas (nem todas porém completas); umas tantas lapides anepigrafas, tres cistas cinerarias; grande quantidade de esculturas (capiteis, frisos, etc.); estátuas (decapitadas) e fragmentos de outras; bustos e cabeças de marmore; um baixo-relevo de granito que representa um sacrificio[1]; pias de marmore; colunas e bases; uma Esfinge (pedaços); um Sileno, de *Olisipo*. Tudo está disposto geograficamente, e com tabuletas elucidativas. O grupo mais importante de lapides é o que se relaciona com o culto do deus Endovelico (*Religiões*, t. II, pp. 111 sgs.): as lapides (inscrições e esculturas) orçam por duzentas e tantas, contando as inteiras e os fragmentos. Depois d'este grupo temos os de Idanha e de Cárquere, ambos, principalmente aquele, igualmente copiosos. As inscrições são de várias espécies: funerarias (a maior parte), religiosas, miliarias, honorificas, de edificios; entre as funerarias ha algumas, ainda ineditas, que são metrificadas (*carmina epigraphica*); as religiosas contém nomes de divindades (pantheon lusitano), ou romanas, ou indigenas, isto é, locais, como, além de Endovelico, já citado, *Trebaruna*, *Bandius-Ilienaicus*, *Revelanganitaecus*, *Arentius*, *Nabia*, *Lares Cerenaeci*, *Macarius*; numa ou noutra inscrição ha nomes etnicos e geograficos, por exemplo, *Bals(ensis)*, *Igaed(itanus)*, *Seurri Trans M(inienses)*, *Bracara*, *Eboro(brittiensis)*. As fórmas das pedras em que as inscrições estão gravadas variam muito: aras, cipos, colunas, pipas, baús, etc.; e algumas das pedras estão ao mesmo tempo esculturadas. A mais antiga inscrição do Museu, datada, é do ano 16 antes da era cristã: do (H)ORARIUM de Idanha; ha outra muito antiga, mas menos, tambem datada: do ano 10, p. C., de Alcacer (*Corpus*, II, 5182).— Com as inscrições latinas guarda-se uma grega, do Algarve, da mesma epoca.—D'esta rapida menção vê-se que, se a colecção de esculturas não é notavel, a epigrafica, pelo contrário, tem bastante valor para a nossa historia antiga.—Devo acrescentar que no lapidario I está um belo sarcofago de marmore, de estrígiles, que, como eu disse nas *Religiões*, III, 626, tanto póde ser pagão, como cristão.—Para melhor se dar ideia dos

---

[1] *Religiões*, III, 482. É propriedade do Director do Museu.

ritos sepulcrais lusitano-romanos, reconstituiram-se no pavimento II diversas sepulturas de enterramento e de incineração.—De algumas lapides que não foi possivel obter para o Museu obtiveram-se reproduções de gesso, que estão expostas em armarios e em estrados.

A epoca visigotica e cristã medieval está representada por umas trinta lapides funerarias de Mertola e por tampas sepulcrais do Alto-Minho, e diferentes esculturas.

Epoca arabica : seis inscrições (uma d'elas numa pia ou taça de marmore), e varios capiteis.

Epoca portuguesa : os monumentos lapidares propriamente portugueses (entrada do Museu, e lapidario I) consistem em lousas sepulcrais, brasões, estátuas, colunas, pias de agoa benta, ediculas, um relogio de sol : a tudo isso terei de tornar a referir-me na secção II, quando especificar a Etnografia.—Ainda que não portuguesa, pertence a esta epoca uma inscrição hebraica do Algarve (seculo XIV), de que o Museu possue uma cópia de gesso, guardada no pavimento II : cf. *O Arch. Port.*, VIII, 35 (artigo de C. de Bettencourt).

V. Moedas, medalhas e tésseras

Até que se prepare a sala destinada a esta secção, as moedas, medalhas e tésseras do Museu acham-se expostas no pav. II, perto da biblioteca, e não todas, porque muitas estão ainda guardadas. Apesar de haver em Lisboa colecções privativas de moedas, medalhas, etc. (Biblioteca Nacional, Paço da Ajuda, Casa da Moeda, Academia das Sciencias), algumas d'elas muito importantes, entendi que podia formar no meu Museu mais uma colecção, que servisse de complemento natural dos outros documentos de civilização aí reunidos. No entanto, a quantia que destino á aquisição é muito deminuta, e obtenho de graça bom número de peças.

Falarei primeiro das moedas.

*

Das moedas umas são propriamente portuguesas, outras não, mas antigas e encontradas em Portugal, e portanto demonstrativas ou da existencia de estações arqueologicas nos locais onde apareceram, ou de outras circunstancias (datas, etc.).

No Museu ha algumas moedas autonomas da Iberia, e entre elas uma colecção de moedas propriamente lusitanicas, ou reproduções (*Eviom-Salacia, Ebora, Pax Iulia, Myrtilis*); varios tesouros (*ripostigli* dos Italianos), de moedas de cobre, do Imperio, e de prata, da Republica,—de Gestaçô e Braga (sec. IV), de Salvaterra do Extremo (sec. III-I a. C.); muitas moedas avulsas, tambem do Imperio e da Republica, — de ouro, prata e cobre; grande colecção de moedas de cobre do sec. IV, provenientes do areal de Troia de Setubal. Ao mencionar as moedas ibericas e romanas, posso citar como apendice umas vinte *tesseras* de chumbo, da mesma epoca, provindas do Algarve. — Da epoca dos Suevos e dos Visigodos ha no Museu uns 21 trientes (ouro). Da epoca arabica ha muitas moedas de ouro e prata, e algumas de cobre; ao passo que as moedas de cobre aparecem pouco, as dos outros metais aparecem bastante, sobretudo de prata: uma vez encontrou-se grande quantidade de moedinhas quadradas de prata em Alcantarilha (Algarve), e o Museu adquiriu várias.

A par com uma serie de moedas portuguesas propriamente ditas, que vão dos primeiros reis aos Felipes[1], ha colecções avulsas de moedas de cobre e prata de diversos reinados[2], e bem assim colecções especiais de patacos, de vintens, de moedas das ilhas adjacentes, de moedas coloniais (India, Africa, Brasil); ha uma colecção completa das moedas de D. Manoel II (1908 a 1910) e da Republica (1912-1913), umas tantas moedas de ouro dos sec. XV, XVI e XVIII, uma colecção de ensaios monetarios, de fôrmas de gravuras, e de estampas (bilhetes postais, etc.); uma imitação artistica, de barro (1895), de um pataco de D. João VI; cedulas da Casa da Moeda, e da Camara Municipal do Porto; notas do Banco de Portugal.

*

Em 1909 publicou-se n*O Arch. Port.*, XIV, 84 sgs. o *Catalogo das medalhas e senhas portuguesas do Mu-*

---

[1] Foram obsequiosamente catalogadas pelo meu antigo aluno de Numismatica na Biblioteca Nacional, o Sr. D. José Luís Saldanha Oliveira e Sousa (catalogo manuscrito).

[2] Algumas foram tambem catalogadas (em verbetes) por outro meu antigo aluno, o Sr. Sanches Ferreira.

(De fronte da p. 199)

seu Ethnologico, elaborado pelo S.or D.or Artur Lamas, que na mesma revista tem inserido outros optimos trabalhos[1]. Nesse Catalogo descrevem-se 249 medalhas, e 22 senhas. De 1909 para cá o número aumentou bastante.

Além de 10 medalhas respectivas ao novo regime, e de 31 de assunto português ou relacionado com Portugal, compradas em 1910 a Fuldauer, negociante de Amsterdão, adquiriu o Museu muitas outras concernentes a acontecimentos, a lendas religiosas, e a personalidades politicas, literarias e artisticas, por exemplo: medalhas de Camões, 1867 (estanho), 1880 (medalhão de ferro fundido), outra medalha de 1880 (Associação dos Jornalistas); de Barbieri (concertos classicos em Lisboa em 1879); de D. Pedro V (medalhão de «*bois durci*»); de José Estevão (porcelana); de D. Luís (medalhão de barro pintado de branco); de João de Deus, 1898; da Academia das Sciencias, 1803; do 1.º Centenario da Guerra Peninsular, 1914; da Senhora da Nazareth (medalhão eliptico, de barro pintado, com o milagre); de Miguel Bombarda (medalhão de barro, de fórma de barrete frigio); reprodução de uma medalha rara de D. João VI (vid. *De Campolide a Melrose,* p. 53); várias senhas (Cozinha Economica, etc.).

Do mesmo modo que no n.º 225 do *Catalogo* figura uma medalha dedicada ao S.or D.or BERNARDINO MACHADO, a quem o Museu Etnologico deve a existencia oficial, tambem agora, entre as medalhas ultimamente adquiridas, figura a que em 1901 os engenheiros portugueses mandaram lavrar em honra do S.or D.or MANUEL FRANCISCO DE VARGAS, que, quando Ministro das Obras Publicas, prestou grande serviço ao mesmo Museu, reformando-o de modo muito eficaz, como já sabemos (vid. supra, p. 3): iguala-se assim em identica homenagem, já o criador do Museu, já um dos seus maiores fautores!

*

Na designação geral de *tésseras* incluo não só as «tésseras» propriamente ditas (i. é, romanas), mas as «senhas», os «contos de contar», e outras peças mone-

---

[1] Do *Catalogo* fez-se edição á parte: volume de 52 páginas e 3 estampas.

tiformes de analoga serventia : cfr. *Elencho das lições de Numismatica,* I, 1[1]. Correspondente ao termo francês *Jetonistique* (cfr. *Elencho,* XI, 4), ou estudo dos *jetons,* que são tambem «tésseras», poderemos pois dizer em português *Tesserologia*. Temos assim : *Numismatica* (moedas), *Medalhistica* (medalhas), e *Tesserologia* (tésseras). — Ás tésseras lusitano-romanas e senhas portuguesas do Museu Etnologico já acima me referi ; «contos de contar», de latão, tem tambem bastantes (ainda porém não catalogados), como tem mais algumas curiosidades d'esta especie, «fichas» da Ilha da Madeira, etc.

---

[1] O meu amigo D.or Artur Lamas tambem concorda com esta denominação.

II

ETNOGRAFIA PORTUGUESA[1]

Uma parte, e a principal, d'esta secção respeita ao viver popular moderno. Outra parte consta de antiguidades e cousas várias, atinentes á civilização geral do país : jornais, livros, relogios de metal, retratos, objectos da religião oficial e da Historia de Portugal, correio, etc. Torna-se dificil, para não dizer impossivel, estabelecer sempre distinções nitidas entre Etnografia e Arqueologia, e entre Etnografia e Historia da Civilização[2]. A este inconveniente taxinomico acresce que muitos objectos susceptiveis de se coleccionarem sob o aspecto etnografico podem, e isso acontece por vezes, coleccionar-se tambem em museus especiais de Arte, Industria, Numismatica, etc. : o Museu Etnologico tem de ocupar-se um pouco de tudo, embora procure de preferencia obter o que fôr tradicional e caracteristico. Dentro do proprio Museu ha por isso cousas que entram em mais de uma classe, por exemplo uma colhér de pau insculturada, que entra na do paramento da mesa, na da Industria, na do Pastoreio, na das Belas-Artes . remedeia-se o mal, estabelecendo remissões ou referencias.

Os objectos que vou enumerar pertencem, uns á vida privada, outros á pública ou social, uns á vida material, outros á psiquica. A separação é inexequivel, porque

---

[1] Na Etnografia de um país podemos, entre outros factos, distinguir : 1) tradições orais ; 2) actos (danças, gestos, etc., etc.) ; 3) objectos materiais. Um museu etnografico é principalmente destinado á 3.ª secção (Tecnografia ou Ergologia), mas póde conter tambem representações graficas da 2.ª, e obras acêrca da 1.ª.— A 1.ª secção e a 2.ª constituem o que se chama *Folklore*. — Cf. o que escrevi na *Revista Lusitana*, XVI, 331 sgs.

[2] A etnografia portuguesa, ou é continuação da lusitanica (pagã, cristã e judaica), ou é reflexo das correntes de civilização estranha que principalmente do sec. VIII (invasão dos Arabes) em diante actuaram na nossa sociedade, ou é criação mais ou menos espontanea.

ha capitulos, como o da Religião, que pertencem á vida pública e á privada (por exemplo os presepes); a chaminé compete á vida material, e contudo póde ser artistica (vida psiquica).

A secção etnografica do Museu Etnologico está instalada quasi toda no pavimento III[1]. Na exposição que adiante se segue não adopto a ordem da instalação, porque esta é por ora meramente provisoria, á falta de sala apropriada; adopto uma ordem que, embora tambem sujeita a ulterior modificação, me parece mais metodica e natural, a saber:

I. Alimentação.
II. Casa e seu arranjo.
III. Epocas e circunstancias da vida do individuo e da familia: trilogia da vida; vestuario e cousas correlativas; vicios de fumar e cheirar; meios de transporte.
IV. Aspectos varios da evolução da humanidade: caça, pesca, pastoreio, agricultura.
V. Religião e Magia.
VI. Vida intelectual propriamente dita: escrita; escola primaria; literatura de cordel; vida academica de Coimbra; historia do livro; jornalismo; sciencia; arte.
VII. Industria.
VIII. Vida social em geral: folganças; actividade comercial; metrologia; historia do correio; papel selado; heraldica; milicia; historia de Portugal.
IX. Vária.
X. Etnografia insular.

---

[1] Eis como estão dispostos os objectos: *A*) Do lado do Norte: colecção de bengalas, varapaus, etc.; mostrador III (aprestos de tear); m. XXXVIII (trajos); azulejos estendidos no chão; quadros pequenos de azulejos; m. VIII (brinquedos e jogos); bancada com instrumentos musicos; m. XXXIII (musica infantil, etc.); m. X (heraldica); ex-votos pendurados; literatura de cordel; bancada com loiça moderna; 1.º mostrador novo (figurinhas de barro); 2.º mostrador novo (loiça do Algarve); 3.º e 4.º mostradores novos (loiça do Alentejo); 5.º e 6.º mostradores novos (loiça da Extremadura); 7.º mostrador novo (faiança antiga); 8.º mostrador novo (loiça de Entre-Douro-e-Minho).—*B*) Ao centro: mostrador I (em cima, arte dos pastores meridionais e beirões; em baixo, loiça antiga); m. II (em cima, arte dos pastores meridionais; em baixo, azulejos e loiça antiga); m. IV (de um lado, etnografia dos vicios; do outro, estampas religiosas

Para amenizar a secura da enumeração que me vejo obrigado a fazer, juntarei aqui e além uma nota bibliografica ou historica. A falta de espaço força-me porém á concisão. Na minha *Etnografia Portuguesa*, de que a secção II do Museu constituirá uma das fontes, explanarei assuntos que no presente livro não posso explanar.

I. Alimentação

Do que é propriamente materia de alimentação possue o Museu muito pouco ainda : bolo marcado (Alentejo) ; *palhaços* de pão (Lisboa)[1] ; um pãozinho dos que

---

de pergaminho) ; armario envidraçado com um Soajeiro ; 9.º mostrador novo (historia do correio) ; 10.º mostrador novo (historia da escrita) ; adufas da Beira-Baixa ; mostrador V (vida agraria) ; m. VI (vida militar) ; m. VII (curiosidades) ; duas estantes verticais e duplas com gravuras (lendas religiosas, etc.) ; mostrador XII (jornalismo) ; m. XX (historia da imprensa) ; m. XXI (historia da encadernação) ; m. IX (impressos e estampas varias) ; m. XVIII (ferragens, algumas com cruzes ; mitologia popular) ; armario XXII (arranjo da casa ; metrologia ; objectos de caça e pesca) ; mostrador XV (ex-libris) ; m. XI (historia de Portugal) ; armario XXIII (faianças antigas) ; mostrador XXIV (amuletos ; veronicas) ; armario XXVI (industrias caseiras) ; m. XV (ex-votos de madeira ; coisas religiosas várias) ; m. XVI (colecção mondinense) ; m. XVII (Igreja Lusitana) ; armario XXXVI (livros de côro ; cousas várias). No tôpo de entrada : dois cofres e arca antiga ; grilhões de ferro e algemas. No tôpo do fim : opusculos e mapas antropologicos. — *C*) Do lado do Sul ou do rio : sala e cozinha alentejanas ; sala estremenha ; modelos de objectos etnograficos do Sul ; modelos de objectos etnograficos e de construções do Alto-Minho ; cangas de bois do Baixo-Minho ; objectos etnograficos de Trás-os-Montes ; objectos etnograficos da Extremadura ; maquineta e cousas de igreja ; berços e objectos de madeira e cortiça ; industria da lata ; industria da cabaça ; industria de cesteiro. — Ha tambem muitas molduras penduradas por todo o pavimento (brasões de povoações ; estampas religiosas ; etc.). —A disposição não é tão arbitraria como ao primeiro aspecto parece, visto que o visitante póde passar facilmente de um lado para o outro em que estejam objectos congeneres dos d'aquele.

[1] Do assunto se trata na *Arte Portuguesa*, 1895, p. 82, com o titulo de «pão pitoresco» : pães figurativos que representam animais, estatuetas humoristicas, passarinhos, navios, barcos, façanhas tauromaquicas. O autor chama *Sitoplastica* a estas esculturas (elas fazem parte da Coroplastica). Cfr. tambem o que escrevi n*O Arch. Port.*, XIX, 326, nota 1. — Acêrca de *bonshommes et bonnes femmes en pain noir* no Museu de Folklore de Antuerpia, vid. *Guide illustré*, 1913.

se costumam dar em Lisboa nas igrejas ; grãos de *garroba*, que moidos se misturam com farinha de centeio, quando ha escassez de pão (Beira-Alta) ; *bolêtas* de azinheira (Alentejo) ; avelãs ; *nogões* do Baixo-Douro. Certas substancias corrompem-se : conquanto possam obter-se desenhos e modelos d'elas, e outras se conservem sem dificuldade em herbarios, etc., não tem havido ocasião de tratar d'isso amplamente.—Com a classe da alimentação correlacionam-se muitos objectos que existem no Museu, *chavões, pintadeiras, fôrmas* de bolos[1], *carretilhas* (de metal e de pau), loiças, paliteiros, palitos ; tudo isso porém vai indicado noutros capitulos : «Casa & seu arranjo», «Arte», etc. Aqui posso tambem indicar : um painel antigo em que figura uma preta a assar castanhas, como ás vezes se vê em Lisboa ainda agora ; e bem assim imitações ceramicas de «pão çaloio» e de um prato cheio de nozes[2].

II. Casa e seu arranjo

Diz um ditado antigo : *Casas, em que caibas ; vinho, quanto bebas ; terras, quantas vejas*[3]. Num país pequeno, como o nosso, onde ha muito pobre, e a população no Norte e Centro está acumulada, não devem as casas do povo ser muito grandes[4] ; no Sul a população é menos densa, mas ha territorios extensos, onde os materiais de construção ás vezes escasseim, e onde por

---

[1] *Chavão* é termo do Alto-Alentejo ; *pintadeira* é do distrito de Evora : designam um mesmo objecto, especie de sinete que serve para marcar bolos. A par de *pintadeira* ouvi dizer pelo concelho de Alandroal *pintura dos bolos* e *fôrma dos bolos*. Temos pois quatro termos para um só objecto. Tambem ha fôrmas de lata para fazer bolos. Alusões literarias antigas a *chavões:* vid. *Rev. Lusitana*, XI, 78 (A. T. Pires).

[2] Em 1911 escreveu-me de Zurich o Sr. Paul Herzog, pedindo-me informações, que lhe mandei em Janeiro de 1912, a respeito de comidas e seus nomes em Portugal. Desejava ele isto para uma tese de Filologia romanica, que não sei se chegou a publicar.— Ha várias indicações de comidas (seus nomes, suas especies, número d'elas ao dia) : na *Tuberculose* (Boletim da Assistencia), 1908-1909, artigos de Pedro Nazareth ; e no excelente trabalho de Silva Picão, *Através dos Campos*, Elvas 1903, p. 124 sgs.

[3] Bluteau, *Vocabulario*, II, 175.

[4] Cf. *Ensaios Ethnographicos*, II, 156.

isso as casas tem dimensões moderadas. As proprias habitações dos fidalgos não eram outr'ora muito espaçosas : da modestia de um paço beirão no sec. XIII nos dá notícia o Sr. Braamcamp Freire no *Archivo Hist. Port.*, IV, 16 : quatro cameras, duas cozinhas, e dois alpendres, e umas abegoarias. Falando do sec. XVII, diz D. Francisco Manoel : «donde hoje não cabe hum pobre escudeiro, antes cabia hum senhor grande»[1].

Da casa popular ha muitas estampas em livros, revistas[2] e bilhetes postais. Tambem pintores e fotografos a tem tomado com freqüencia como assunto de seus trabalhos. Por mim possuo a respeito d'ela, como a respeito de todos ou quasi todos os ramos da nossa Etnografia, variados apontamentos e indicações.

Podemos considerar numa casa, pelo menos : o seu exterior, isto é, o edificio propriamente dito ; o seu interior, ou compartimentos (quartos, cozinha, salas, refeitorio, dispensa, lojas, etc.) ; e o seu arranjo, ou, de modo generico, o seu conteudo[3] (móveis, tapetes, objectos de iluminação, aprestos da mesa, camas, cabides, armarios, receptaculos varios). Como apenso temos o forno, que umas vezes está dentro de casa, outras fóra, estabulos, cortelhos ; a quintã ou patio ; o quintal ; a eira ; os animais domesticos. Refiro-me especialmente á casa popular. Numa casa de estimação acresceria jardim[4], capela, e outras pertenças.

No Museu existe o seguinte : alguns esboços e modelos de choças[5] ; uma aguarela que representa o «Monte» da Grade (Mertola), com a casa de tipo alentejano e o forno exterior ; outras figuras de casas ; esbôços de *re-*

---

[1] *Carta de Guia de casados*, Londres 1830, p. 31.

[2] Cf. *Arte Portuguesa*, 1895, pp. 21 sgs. («Casa Portuguesa») e 141-142 ; *Notas sobre Portugal*, II, 147 sgs.

[3] Ou *recheio*, como lhe chama G. Pereira na *Arte Portuguesa*, 1895, pp. 73-74, onde dá breves indicações. Do recheio de casas antigas ha muitas notícias em inventarios impressos e manuscritos. Não é aqui o lugar de tratar d'isso.

[4] Cf. sobre o assunto Sousa Viterbo, *A jardinagem em Portugal*, Coimbra 1908 : aí fala de muitos jardins artisticos.

[5] As choças ou *çochas* (dos pastos, das eiras, dos meloais, etc.) representam uma das fórmas da habitação primitiva. Para o estudo da evolução da casa em Portugal temos elementos nas estações arqueologicas (grutas prehistoricas, cinzeiros, barros que cobriam os tectos ou as paredes, casas redondas e rectangulares dos castros, casas lusitano-romanas, etc.). Cf. *Religiões da Lusitania*, I, 40 ; II, 83 ; III, 185.

des de tejolo, especie de gradeado, que no Sul guarnece a parte superior das paredes dos patios e varandas, á maneira de parapeito e balaustrada (os tejolos estão dispostos angularmente ou entrelaçados: e d'aí lhes vem o nome, por metafora)[1]; desenhos de chaminés artisticas do Sul[2]; duas telhas de barro datadas de «1700» e «1789», e vindas de Grandola; duas *adufas* da Beira-Baixa[3]. — Por falta de pedra, fazem-se não raro no Sul as casas com paredes de adobe; os adobes fabricam-se acertando-se o barro numa fôrma de pau chamada *adobeira:* no Museu ha uma (E. 5443)[4]. — De azulejos falar-se-ha quando se tratar da «Ceramica».

Porta e suas pertenças: fechaduras de ferro, algumas com chave e respectivo berimbelho (buzio, cortiça com desenhos radiados e sino-saimão gravado nela, ou coração de madeira); argolas de porta; cadeados; *espelhos de porta*, de ferro, artisticos[5], ás vezes encimados de uma cruz[6]; martelo de bater á porta; modêlo de fechadura de segrêdo, feita de madeira.

---

[1] O sr. José Queiroz, *Ceramica Portuguesa*, Lisboa 1907, pp. 300-301, atribue aos Arabes a origem d'esta ornamenção tejolar; todavia no Museu Etnologico ha «redes» semelhantes de marmore, lusitano-romanas, achadas por Estacio da Veiga no Algarve.

[2] Cf. supra, p. 56, e *O Arch. Port.*, XI, 354.

[3] Nas *janelas de adufa* as portas ou adufas tem caixilhos de castanho, e são almofadadas de lata com orificios pequenos, ou ralos, dispostos simetricamente. D'antes usavam-se muito, hoje já pouco. Vi algumas no concelho de Celorico da Beira (Linhares e Rapa). As duas adufas do Museu vieram da Rapa.—O *Dicionario* da Academia dá de adufa uma definição a que hoje corresponde *persiana* (do fr. *persienne*), senão que aquela tomava todo o vão da janela, e substituia os vidros.

[4] «E.» denota o número de entrada que o objecto tem no Inventário. Indico porém neste livro o número apenas uma vez ou outra.

[5] Cf.: *Arte Portuguesa*, 1895, p. 104; Haupt, *Die Baukunst der Renaissance in Portugal*, t. I, Francfort 1890, p. 133; J. Queiroz, *Figuras gradas*, Lisboa 1909, p. 155 sgs. (artigo intitulado «A arte no ferro»).

[6] A cruz deve ser, na origem, para que os espiritos maus não penetrem na casa pela porta, que é a entrada natural. O mesmo intuito tem uma ferradura pendurada detrás da porta, ou pregada exteriormente (no Porto havia, ainda por 1884, uma rua em que quasi todas as portas tinham por fóra uma ferradura; vi isso muitas vezes). Ha outros recursos profilaticos como estes.

Para dar ideia do interior das casas do Sul, formei no pavimento III do Museu, onde está disposta a Etnografia, tres compartimentos que representam uma sala estremenha, e uma sala e cozinha alentejanas. A sala estremenha do Museu tem porta com postigo de rotula[1], tem aldrava, e a chave tem espelho de cruz; dentro está uma mesa de pinho, e cadeiras de pau com assento de fórma de costas de guitarra; das paredes pendem registos encaixilhados, de assunto meridional, e um gato de pano preto com olhos de botões de madreperola e gravata de côr[2]. Na sala alentejana vê-se uma mesa de gavetas pintada, cadeiras de buinho, candieiros antigos de latão, e um *mancebo* giratorio de lata, em que se pendura a candeia, e que representa Neptuno. Na cozinha ha um modêlo da caracteristica chaminé alentejana, e uma serie de utensilios necessarios á vida doméstica: *estanheira*, cheia de loiça[3]; *garfeira* artistica; *copeiro*[4]; *pendurador*, especie de cabide de madeira, fixo, para pendurar as candeias (diferença-se do *mancebo* em este girar); *canudos* para se soprar ao lume[5]; *gato* (ou *cavalo*) de chaminé, de ferro, com o respectivo espêto e pingadeira[6]; *burro* ou banco feito de um tronco de arvore; *tropêço* ou banquinho infantil de cortiça, feito de pranchas, que ou estão sobre-

---

[1] Antes da generalização dos vidros de vidraça, a rótula, como a adufa, era muito usada; hoje as adufas são raras, e as rótulas, conquanto ainda apareçam bastante, estão em decadencia. As rótulas tem muita voga entre os Arabes (vi muitas, por exemplo, no Egipto), e vir-nos-iam d'eles.—Em vez de *rótula* dizem em alguns pontos do Alentejo *porta arrendada* (de um armario, de uma janela, etc.).

[2] Acêrca da origem do gato de pano, cf. *Rev. Lusit.*, x, 74, n. 5.

[3] Primitivamente a *estanheira* devia só conter vasilhas de estanho. Depois a significação da palavra ampliou-se, e esta passou a significar loiceiro em geral, quer a loiça seja de estanho, quer não. No Museu ha bastantes objectos de estanho (pratos, travéssas, etc.).

[4] Ha dois tipos de copeiro, mais ou menos artisticos: um, com uma especie de pulpito ou varanda, em que se mete o copo na sua posição natural; outro, com uma especie de pilar, em que se fixa o copo emborcado.

[5] Ha-os de ferro e de pau; estes ás vezes são ornamentados. Em Miranda do Douro usam-nos tambem ornamentados ou lavrados (*assopradores*), e espero obter um em breve.

[6] Vid. *De Campolide a Melrose*, p. 39.

postas, ou deixam intervalos entre si[1]; taboa de *tender o pão*. O Alentejano, ainda o não-rico, põe sempre um pouco de arte, quanta póde, nas suas cousas: pelo que respeita á casa, já vimos que a chaminé exterior é artistica; dentro a arte revela-se no asseio das salas, no enfeite dos móveis, na disposição d'estes[2]. Pelo contrário, a habitação da plebe do Norte e Centro é quasi sempre desarranjada, miseravel, imunda. Isto em grande parte depende de condições economicas e climaticas. A seguinte cantiga popular,

Fica-te embora, ó Doiro,
Com tuas casas caiadas,
Qu'eu vou para a minha terra
Ver as minhas defumadas,

estabelece consciencioso contraste dos palacetes que alvejam em meio das quintas e vinhedos do Douro, com os humildes casebres das serras da Beira-Baixa, onde ouvi a cantiga.

A cozinha é, na aldeia, e principalmente no inverno, o local onde a familia se concentra: aí se faz a comida, se come, se reza, se contam histórias, se fia; por isso no Museu, além dos aprestos proprios da cozinha alentejana, se coligiram outros de outras proveniencias: *morilho* de Trás-os-Montes (em Fozcoa chamado *moril*)[3]; anteparo de fogão, de ferro, de 1598, com brasão d'armas; *ferrelha* ou pá de cozinha; descanso ou tripeça de barro para vasilha; *têm-te panela* ou *arrumador* (tambem se diz *arrimador*, e *calço*), de barro (com orna-

---

[1] A palavra *tropêço* (ou *trepêço*) é o masculino de *tropeça*, forma popular de *tripeça* (é provavel que tambem haja *trepeça*); cf. *banco* e *banca*.

[2] Da habitação alentejana trata com intimo conhecimento Silva Picão, *Através dos campos*, p. 138 sgs., e dá duas gravuras.

[3] Cavalete de ferro para amparar a lenha na cozinha; d'ela partem lateralmente duas colunas em cujas extremidades ha um sustentaculo em que se coloca loiça, etc. Corresponde ao *trafogueiro*, de pau ou de pedra (do Baixo-Douro, Beira-Alta e outras regiões). A palavra *morilho* é a mesma que a hespanhola *morillo*; o nome provém de originariamente estar figurada no objecto a cabeça de um Mouro ou Moura: vid. Mussafia, *Norditalienische Mundarten*, Viena de Austria 1873, p. 43, n. 2. Do morilho transmontano do Museu Etnologico vem uma gravura no opusculo que H. Schuchardt dedicou *an Mussafia*, Graz 1905, p. 5 (gravura feita segundo um desenho de G. Gameiro, enviado por mim).

mentação), ou de ferro, para se encostar a panela; colecção de desenhos de *bonecas*[1]; *prato de migar*, i. é, prato de madeira com elevação central em que se talha (ou «miga») a carne de porco em miudos para encher os chouriços (Moncorvo); *gadanha* de ferro com o molde de pedra em que foi fundida (Valdevez); *palhêto*, especie de espatula (ornamentada) para mexer a comida na panela (Alcoutim); *abanadores* de varios tipos; *gamelas de pau*, de Guimarães, de fórma de escudela (E. 2592), e de fórma rectangular, com aberturas lateraes para se pegar nelas (E. 2593); *cabaço dos garfos*, de Baião (E. 5435); almofarizes de metal, pedra e madeira; saleiros artisticos, do Sul[2]; *armario de mesa*, do Alto-Minho[3].

Seguidamente á cozinha, convém falar do p a r a m e n t o d a m e s a, pois a mesa é outro elemento fundamental da vida doméstica de ricos e de pobres. Estes muitas vezes comem com a tijela na mão, sem mesa; não poucas a sua mesa é o canto de uma arca, uma pedra do lar, um cepo. Imaginando porém uma mesa propriamente dita, encontraremos no Museu para ela, ou relacionado com ela, o seguinte: loiça «de pau» (escudelas)[4], de estanho, de latão, de barro vermélho e preto, de faiança; pucaros de lata, de barro, de cabaço, de pau, de vidro, de chifre (para vinho, alguns com tampa de cortiça: Algarve), de cortiça (para agoa: *cochos*: Alentejo)[5]; *azeitoneira* de loiça, com dois compartimentos, o maior para as azeitonas, o menor para os caroços (Alentejo)[6]; colhéres de madeira, dos pastores

---

[1] Cf. *Religiões da Lusitania*, III, 605. Não se usam só nas duas provincias do extremo Sul, como eu supunha em 1894 (vid. supra, p. 58); tambem depois as vi nos concelhos do Cadaval e Porto-de-Mós.

[2] Cf. *O Arch. Port.*, t. XVII, est. II.

[3] Acêrca da cozinha mirandesa vid. *Ilustração Trasmontana*, t. I, pp. 86-87 (Carlos Alves).

[4] Ás tigelas ou escudelas chamam no Alto-Minho *cuncas* (concas). Um documento do sec. XIII fala de *concas de aurela*, isto é, de «orelha» ou «aselha»: vid. *O Arch. Port.*, IX, 68 (P. de Azevedo).

[5] Cf. sôbre o assunto *Algumas palavras a respeito de pucaros de Portugal*, por D. Carolina Michaëlis (separata do *Bulletin Hispanique*, VII, 140 sgs.): ha aí preciosas indicações de toda a especie (literarias, etnograficas, artisticas).

[6] Isto dá ideia do asseio dos Alentejanos. Na Beira, por exemplo, os caroços vão para o chão, e ás vezes tropeça-se neles. — Ás *azeitoneiras* tambem chamam *asseios*.

alentejanos, muito artisticas[1] ; colhéres singelas da mesma substancia ; colhéres de chifre ; colhéres metalicas antigas e modernas ; colhér artistica de madeira, que se fecha á maneira de navalha[2] ; garfo de prata antigo ; cabaças para vinho e agoa-ardente[3] ; garrafa de vidro ; garrafa encanastrada artisticamente (trabalho de presos) ; paliteiros de loiça e de metal artisticos, e respectivos palitos de madeira[4] ; galheteiros de loiça, de vidro e de estanho. —Vid. tambem os capitulos da Arte e da Indústria.

Móveis: berços de madeira e cortiça[5] ; baú de couro com ferragens, talvez do sec. XVI ou anterior ; dois cofres de ferro antigos ; arca alentejana antiga de pau, pousada em barras da mesma substancia terminadas em garras[6] ; *pontão* ou descanso de tampa de caixa, de madeira, artistica, de Alcoutim (E. 1653) ; banquinho de cortiça, ou *talho*, de Moncorvo, semelhante ao *tropêço* do Sul ; *cambito* de madeira, de Baião ; escudete metalico, artistico e antigo, de movel. Tambem ha figuras de barro que representam móveis, cadeiras, etc.

Tapetes de Arraiolos, de fábrica antiga[7] ; esteiras do Sul ; tapete de pele (Evora).

Varios recipientes e outros objectos : alforges algarvios, coloridos (E. 5972) ; *alcofas* do Sul ; *tarros*

---

[1] Vid. desenhos de algumas nO *Arch. Port.*, vol. XVII, est. I.

[2] Tambem já tenho visto dispostos da mesma maneira colhér & garfo de madeira (Alentejo). Noutros países acontece o mesmo : cf. Danilowicz, *L'art rustique français*, s. d., cap. IV (madeira e chifre) ; Pitré, *Mostra etnogr. sicil.*, p. 21. Estes e outros objectos de pau são imitação popular de artefactos metalicos, tais como os produz a indústria.

[3] Em Baião é costume os trabalhadores marcarem com incisões (letras, nomes e sinais) as cabaças que levam para o campo.

[4] Cf. : *Portugalia*, I, 625-628 (R. Monteiro) ; e *A industria dos palitos*, por Pinto Brandão, Lisboa 1910.

[5] Vid. os desenhos d'eles na *Rev. Lusitana*, X, 15.

[6] Estas barras chamam-se no Alentejo *bancos da arca* ou *pés da arca*. Dizem das duas maneiras indiferentemente (Estremoz). — Parece que a isto se refere um documento do sec. XIII, que já acima citei, p. 209, n. 4 : *quinquaginta duelas de pedibus archarum*, nO *Arch. Port.*, IX, 68 (P. de Azevedo).

[7] Cf. sôbre o assunto *O Arch. Port.*, XI, 189 sgs. (D. José Pessanha).

de cortiça ; *cornas* artisticas em que se leva toucinho, azeitonas, etc.[1] ; *borrachas* de couro para vinho. E tambem : vasos para flores : de cortiça, para suspender do tecto ; e de loiça, para pousar em mesas ; bacias e jarros antigos, de estanho e de faiança.

I l u m i n a ç ã o. Como amostra de processos de iluminação primitiva possue o Museu *guiços*, de Castro Laboreiro, pinhas sêcas de pinheiro bravo, da Extremadura[2] ; a par porém possue : candeias de ferro, com cruzes abertas nos *espelhos;* candeias de lata, de latão e tambem de ferro, de varios tipos e ornatos ; *candeios* de lata e de barro ; candieiros de metal ; lampeões ; castiçais de estanho, palmatorias de barro ; tesoura, de ferro, de espevitar velas[3] ; *cabaço dos lumes,* de Baião (E. 5519) ; caixa de cortiça artistica, para fosforos (Sousel) ; *velador* do Alto-Minho, com candeia. De alguns dos objectos de que falo se fará ideia pelos desenhos d'outros semelhantes que vem na *Portugalia,* I, 365 sgs., e II, 35-48 ; cfr. *O Arch. Port.*, XI, 350-351, e o meu livro *De Campolide a Melrose,* pag. 33.

O que se refere aos animais tem cabimento em muitas secções ; aqui ocupar-me-hei dos a n i m a i s c a s e i r o s. D'estes, uns são de defesa da casa (cão e gato) ; outros de recreio (passaros, grilos) ; outros para alimentação (galinhas, porcos, pombos, etc.). Ha animais que podem pertencer a mais de um grupo : o gato, o pombo e o proprio cão servem ás vezes só de recreio. Possue o Museu a este respeito : coleiras, guisos ; *capoeira* de vêrgas portatil, de Alcacer ; gaiola de cana para passaros ; gaiola para grilos ; *arganel,* haste de ferro que se espeta no focinho do porco, e se dispõe a modo de argola, para ele não poder fossar, porque se magoa : cfr. *Rev. Lusit.*, II, 260 (Castro Lopo), e V, 27 (A. Moreno).

---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, vol. XVII, est. II e III ; vol. XIX, p. 390, e est. II-III.

[2] Nas aldeias do concelho de Obidos fazem uma especie de archotes de pinhas de pinheiro bravo, que espetam num pau e levam acesas na rua, de noite, quando vão da casa para o curral, ou estão á espera que passe o cirio da Nazaré ; tambem costumam ter d'essas pinhas acesas na bôca do forno, sobre o brazido, para alumiarem para dentro, e verem se o pão tem boa côr, etc.

[3] Em breve entrará no Museu outra tesoura de ferro, artistica.

III. Epocas e circunstancias da vida do individuo e da familia

1. Comecemos pela TRILOGIA DA VIDA : infancia, casamento, morte.

a) Vida infantil. Do *berço* falei na «Casa». Brinquedos que o Museu possue : *rocas* de lata, de varios tipos, cujo uso parece já ascender á epoca do ferro, ou a epocas anteriores[1] ; colecção de loiças pequeninas de lata e de barro[2] ; mealheiros de barro e de lata[3] ; *borboleta* (Baião) e *vira-vento; zangão* (ibidem) ou *zinão* (Coura) ; *bufa-gato* (Cinfães) ou *bufa-gatos* (Baião) ou *zum* (Setubal) ; *moinho de vento* (Lisboa) ; *funga-gatos* (Coura) ou *réla* (Beira), feito de uma noz ; *fura-nozes*, brinquedo infantil (imitação, como creio, de um brinquedo de metal, de origem estrangeira) ; varios objectos de barro, de dimensões minimas (como : par de *tamancas*, canastra, etc.) ; brinquedos comparaveis aos que com o titulo de «Sopravvivenze del rombo in Italia» foram estudados nos *Lares*, t. I, p. 63, e t. II, p. 91 ; *arcabuz* e *arma*, de cana (o primeiro conserva o nome de uma arma antiga) ; varios exemplares de *teimosa* ou *rompe-cabeças* (especie de «paciencia»), de arame, de ferro e de pau[4]. Vid. outras secções : «Instrumentos musicos», «Jogos», «Arte» e «Industria».

b) Amor e casamento. Com o casamento, e com o amor, seu prelúdio, relaciona-se o seguinte : *pucarinhos* de loiça preta da «feira dos pucarinhos», de Vila-Real (S. Pedro), que os namorados oferecem entre si

---

[1] Cf. J. Pages-Allary, «Hochets préhistoriques» in *Bulletin* de la Soc. Préhist. de France, VIII (1911), 549.

[2] Acêrca das de barro, cf. Lepierre, *Ceramica Portuguesa*, 2.ª ed., p. 24 (e nota).

[3] Já na antiguidade as crianças usavam mealheiros : vid. *Dict. des antiquités*, de Daremberg & Saglio, s. v. «crepundia», p. 1562.

[4] Grande parte dos nossos costumes nada tem especial português senão a feição. No decurso do meu livro vou juntando notas comparativas para mostrar isso. Aqui junto mais uma : analogo á *teimosa* de arame se usa um *Teufelskreuz* na Hungria (vid. *Anzeiger der ethnogr. Abteil. der ungarisch. national-Museum*, ano 2.º-3.º, p. 18-19). Sobre brinquedos suiços em geral, vid. *Archives suisses des tradit. pop.*, XVIII, 101, onde ha coisas tambem comparaveis ás nossas.

e põem ao peito, presos por uma fitinha[1]; maçaroca de alfazema, com versos d'amor (Praça da Figueira); ramos de flores artificiais com versos da mesma natureza (ibidem); *pregadeiras* cordiformes, tambem ás vezes com versos em papelinhos adjuntos; pedrinhas que serviram de oraculo casamenteiro (Trás-os-Montes); *roleta dos namorados* (com a tabela dos nomes). — Aos requerimentos d'amor refiro-me adiante, «Religião». — Muitos dos objectos artisticos de que falo noutras secções são «prendas d'amor».

c) Morte. Posso indicar: exemplares de cartas de convite para enterros, ornadas de figuras emblematicas; um sarcofago de pedra[2]; lapides dos secs. XVII e XVIII com inscrições funerarias em português; cabeceiras de sepulturas, de pedra, com figuras (sino-saimão, etc.)[3]; bustos tumulares (Cadaval); dois ossuarios de pedra dos secs. XVI e XVII; castiçais de estanho que serviam numa casa aldeã do concelho de Portalegre para acender quando lá ia «Nosso Pai», ou para alumiar mortos.— Vid. tambem «Arte», e «Religião».

2. Vestuario e cousas correlativas. Armas. — Alguns dos nossos vestuarios tipicos são já mencionados como tais na literatura antiga. Acima, p. 61, vimos uns versos de Gil Vicente alusivos á *manta d'Alentejo;* tambem Camões fala d'ela no *Filodemo,* acto V, sc. III: «Ora notae bem de quantas côres teceo a Fortuna esta *manta d'Alentejo*»[4]. Tanto a manta deu no gôto aos escritores de quinhentos, que Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo,* p. III, a descreve, depois de a já ter citado a p. 76[5]; Gaspar Correia fala tambem d'ela, e diz que em Portugal enforcam um homem por furtar uma[6]. Outras referencias literarias a trajos estão coligidas n*O Povo Português,* de Th. Braga, I, 361 sgs., e nos meus *Ensaios Ethnographicos,* II, 194. Não sobre trajos populares, mas sobre trajos e armas em geral, do sec. XVI, vem muito no *Archivo Hist.*

---

[1] Cf. Lepierre, *Ceramica,* 2.ª ed., p. 23. O Museu possue: *pòtinha, caneca, pipo.*
[2] Vid. *O Arch. Port.,* XI, 369.
[3] Cfr. *Religiões,* III, 607.
[4] Ed. de Hamburgo, 1834, t. III, p. 473.
[5] Ed. de Epiphanio Dias, Lisboa 1905.
[6] *Lendas da India,* II, 386, 752; IV, 731.

Port. II, 381 sgs. ; vid. tambem A. Thomás Pires, *Materiais para a hist. da vida urbana port.* (secs. XVI a XVIII), Lisboa 1899, *passim*. Sôbre trajos actuais vem numerosas notícias em livros e revistas, que porém não posso aqui citar.

No Museu Etnologico ha muitas amostras de tipos populares : manequim que representa um Soajeiro[1] de tamanho natural, com seu trajo e seu varapau ; quadro com uma pastora do Barroso, desenho de Xavier Pinheiro (pertença do Director do Museu) ; desenho de uma Algarvia com capote e biôco ; bilhetes postais coloridos em que se figuram mulheres do Alto-Minho, garridas e oiradas no pescoço e nas orelhas[2] ; outros bilhetes e cartões com pastores da Serra da Estrela e do Alentejo, peixeira da Nazaré, tojeiro de Alcochete, pescador de Setubal ; estampas coloridas (sec. XIX) : estudante de Coimbra, archeiro, moço d'estribeira da antiga casa real, pàdeira saloia, peixeira d'Ovar, almocreve, vendedor de loiça preta, Braguês, Varino, mulher de Leiria que vende pinhões[3], romeiros antigos do Porto, adela de Lisboa, Alcochetanos, galinheiras do Porto, pescadores de Ilhavo, vendedores de briche, Saloios ; colecção de fotografias de tipos populares do Minho e do Alentejo ; fotografia de um lente de Coimbra, de capêlo. — Figurinhas de barro coloridas, umas modernas, outras antigas : gaiteiro, agoadeiro, Alentejano, pàdeira de Lisboa, pescador, fonteira, leiteira, polícia, vendedores das ruas, peixeiro & peixeira, fiandeira, Campino (E. 5528, etc.). Encontraremos adiante menção de factos analogos na classe da «Ceramica» (pratos) e da «Vida religiosa» (presepes). Este costume de representar plasticamente tipos populares com barro póde seguir-se na nossa etnografia pelo menos desde a epoca lusitano-romana (colecções arqueologicas da Biblioteca Nacional de Lisboa e da Biblioteca de Evora), embora com grandes lacunas na serie.

Trajos avulsos, e varios objectos de vestuario e enfeite corporal : casaca de seda antiga, vinda de Braga ;

---

[1] Habitante de Soajo.

[2] Ás saias artisticas faz-se breve alusão na *Arte Portuguesa*, 1895, p. 82.

[3] É freqüente andarem pelas feiras da Estremadura mulheres de Leiria vendendo mólhos de rosarios de pinhões descascados ; tambem vendem *pinhoada*.

capucha de burel, da Serra da Estrela, d'aspecto primitivo; croça de junco, de Valdevez[1]; barrete de retalhos coloridos, de Castro Laboreiro; barrete de clerigo, antigo; brincos das orelhas, comprados numa feira; travéssas e pentes de tartaruga (E. 1796, 1799, 1800, 2108, 2625), e de metal (E. 3409: com um coração e um «L»); luvetes pretos, antigos, de malha; colecções de botões antigos de metal, com figuras; alfinetes de gravata; pulseiras de prata («alianças») e de vidro (E. 3055 e 5480); anel de metal antigo com «I·HS», de Evora (E. 2617); outros aneis antigos; fivelas antigas (E. 597, 3405); sapatinhos ou galochas algarvias (E. 5540); colecção de pregos de ferro de calçado, comprados numa feira em Melgaço (*taxola* de asa de mosca, *taxola* de cruz, *taxa seleira, taxa galega, taxôlo, belmazios*); *testeiras* de tamancos, ferradura de sócos (E. 540-541), outras ferradurinhas de calçado, *biqueira* para o bico do sóco (Melgaço); caixa de pau ornamentada em que se leva o cebo para o campo, para se untar o calçado (Panoias do Alentejo); leques: de seda, antigos (E. 3092) e de madeira (E. 1436 e 5371); lencinhos de assoar, com pinturas ou versos em volta, como: *Vai, lenço da minha alma, — ao meu amorzinho dizer — que não vivo para o mundo, — só para ele quero viver*[2]; uma curiosa mãozinha de marfim encabada, para coçar as costas (E. 1328)[3]; bolsinha de malha para relogio de algibeira; *pendentes* de madeira para a respectiva cadeia; algibeira de retalhos de côres, usada pelas mu-

[1] Embora os dicionários estatuam que a *croça* ou *palhoça* é um capote (ou capa) de palha, ele não é de palha, mas de junco. Por dentro é o junco inteiro, e por fóra e em baixo são tiras finas de junco, isto é, junco esfiado. No Minho e no Baixo-Douro diz-se *croça*, do latim crocea («de côr de açafrão»; ha até *crocea, -orum,* sc. *vestimenta,* vestuarios de seda, de côr de açafrão); o nome provém da côr amarela que tem o capote. Na Beira diz-se *palhoça,* derivado de *palha,* por causa do aspecto (e não por causa da substancia).

[2] Referi-me a êste costume nas *Trad. pop. de Portugal,* p. 216.

[3] Uma feição do nosso povo, do Norte e Centro do país, é o pouco asseio. Com freqüencia se vê nas aldeias gente catando-se, sobretudo ao Domingo. O ser de marfim a mãozinha de que falo no texto mostra que a pecha a que me refiro não é só do povo propriamente dito, é tambem das classes abastadas, que até necessitam de um instrumento especial para acalmarem a coceira!

lheres do Norte ; *cangalhas* para os olhos, e suas caixas (E. 475 e 2182).

Aos enfeites corporais liga-se a tatuagem. Ha muitos anos, desde estudante, que colho elementos para a historia da tatuagem, e já por 1883 copiei desenhos em cadaveres da Escola Médica do Porto e em doentes do Hospital de Santo Antonio ; possuo pois notas, que ainda não aproveitei, nem preciso de aproveitar desde já, visto que outros investigadores tem neste meio tempo tratado do assunto, e dito o principal : cf. *Ensaios Ethnogaphicos*, III, 358-362. Actualmente está cuidando do assunto o Sr. Joaquim Fontes, aluno da Faculdade de Medicina de Lisboa. No Museu formei por ora apenas um quadro em que figuram alguns dos muitos temas que se aproveitam na tatuagem : a Sereia (Mitologia popular), o sino-saimão, ou sòzinho, ou circundado de pontos, que indicam as cinco chagas ; um coração atravessado por uma espada ; a custódia ; uma cruz simples ; uma cruz com Cristo pregado nela. Algumas das figuras estão acompanhadas de datas, e de iniciais de nomes.

Póde entrar no presente grupo tambem o seguinte : uma coleira de escravo, do sec. XVIII, de que já falei no meu livro *De Campolide a Melrose*, p. 36 ; um par de algemas, e um antigo grilhão de condenado, vindos de Marvão. De *cilicios* falo na classe da «Vida religiosa».

Objectos portateis, de abrigo e de arrimo (do Minho e do Sul) : possue o Museu um guarda-sol (ou guarda-chuva) de pano azul, grande, com biqueira de metal amarelo e grossas varetas de barba de baleia ; bengalas artisticas, com castão de cara[1] ; *pau de alquilador* (vara enroscada em cima, para andar enfiada no braço), *moca, forquilha*, um *cajado* artistico e outro não-artistico ; varios bordões.

Como desenvolvimento do último ponto aqui tratado, isto é, dos objectos de arrimo, que são ou podem ser juntamente de defesa, vem a pêlo certamente falar

[1] Uma das caras é de um soldado, de barretina e grosso bigode. A respeito do uso d'êste lê-se em Argote : «Em tempo de nossos pays se costumava entre nós trazer os cabelos que formão os bigodes levantados, e unidos á força de arte, e com ferros quentes, a que chamavam *levantar o bigode ao ferro*». *Memorias* de Braga, I (1747), 618.

das *armas*. As armas constituem em verdade um assunto muito especial, *Vida militar,* que compete ao Museu de Artilharia; mas, pois que ha armas que não são de guerra, e ha outras que ao mesmo tempo são de guerra e de defesa, ou de guerra, de defesa, e de caça, como poderá estabelecer-se distinção absoluta? No grupo das armas do Museu Etnologico conto: fundas de pastores do Sul, e de rapazes do Minho, aquelas ás vezes um tanto enfeitadas, estas geralmente simples[1]; armas várias, pistolas, bacamartes, punhais. Cf. adiante «Vida militar» e «Caça».

3. Vicios de fumar e cheirar.—Dos vicios de fumar e cheirar, o mais corrente hoje é o primeiro. D'antes, aí até o penultimo quartel do sec. XIX, o mais corrente era o segundo. Nas cartas de Ruders, escritas entre 1798 e 1802, nota ele isto, que é muito exacto, pois o verifiquei muitas vezes na Beira, na minha infancia: «Apenas começa uma conversação, aquele que deseja uma resposta favoravel, abre logo a sua caixa de rapé, porque a pitada, segundo se diz, é caminho para a confiança e para a benevolencia»[2]. O rapé, tanto o cheiram os homens como as mulheres. Tabaco, quasi só porém o fumam os homens, embora em Machede, concelho de Evora, as mulheres do povo, conforme lá observei, tenham o hábito de fumar, e andem pela rua, como os homens, com seu cigarro na boca.

Da classe do fumo (tabaco picado) ha o seguinte no Museu: caixas de tabaco, cigarreiras de palha, coloridas; outras de embutidos, feitas nas cadeias por presos; charuteira (ou *pataca*) de couro, antiga; *chisme* com isca, pederneira e fusil, de Moncorvo; *fusileira* (tubo de isca, fusil e pederneira, — o que tudo constitue os «apetrechos de fumar»); exemplar de fusil e respectivas *falheiras*[3]; *isqueiros*. Da classe do cheiro

---

[1] Como é natural, tambem noutros países os pastores atiram ao gado com fundas, por exemplo em Hespanha: vid. Engel & Paris, *Osuna,* p. 95.—As fundas usavam-se na milicia portuguesa, ainda em tempo do rei D. Fernando: Severim, *Noticias de Portugal,* 1.ª ed., p. 60.—Nos pastores da Beira-Alta a funda consiste apenas numa «alça» (suspensorio) dobrada, colocando-se a pedra na curva da dobra.

[2] Vid. *Diario de Noticias* de 12 de Maio de 1908.

[3] Os instrumentos com que se preparam as *pederneiras de ferir lume* são um *ferro* (marreta achatada) e um *marte-*

(rapé e simonte): caixas de rapé, rectangulares, com figuras de fantasia; caixas redondas, com alusões historicas (D. Miguel, D. Pedro, D. Maria II); caixas várias, de estanho, de lata, de chifre, de cortiça (as de cortiça e chifre, com desenhos, obra de pastores); caixinha do rapé, antiga, com «fava da India» dentro, para aromatizar o rapé; instrumento de madeira, de moer o simonte, com uma colher no extremo, para o tirar para a caixa (Moncorvo); *tabaqueiras* ou caixinhas de fórma de bota; *arrelás, patifes, suspiros,* com um tubo que se introduz no nariz[1]. — Ao pé dos objectos está posto um exemplar dos *Serões,* de Outubro de 1906, em que vem um artigo de João Barreira sobre «caixas de rapé».

Antes de estar generalizado o sistema metrico, pesava-se nas lojas, ao que parece, o tabaco e o rapé com pesos de metal monetiformes, de varios modulos, que tinham num das faces as letras «T. S. P.», designativas do Contracto do «T(abaco), S(abão) (e) P(olvora)», e na outra «RXX.» (os maiores), ou «R. X.» (os menores), o que creio significa «R(apé) vinte (reis)» e R(apé) dez (reis)». No Museu ha alguns d'estes pesos, e outros semelhantes. São da primeira metade do sec. XIX[2].

4. Transporte.—O que toca ao transporte por terra pertence, na parte artistica e historica, ao Museu Na-

---

lo. De cada um d'eles, bem como de silices que representam as fases sucessivas do trabalho, ha exemplares no Museu, vindos da Azinheira (Rio Maior). O operario tem o nome de *pederneireiro.*—Cf.: Natividade, *La taille du silex,* Alcobaça 1893; e *Portugalia,* II, 36.

[1] Nos povos ribeirinhos do Douro (Penajoia, etc.) é vulgar os trabalhadores não fumarem, mas cheirarem. Compram cigarrilhas que partem em fragmentos, e põem numa telha a secar ao lume; depois de sêca deitam-na em uma tigela de barro e moem-na com uma «joga do rio». Moida, é deitada num *patife* que trazem no bôlso e por onde a cheiram. Os *patifes* são: 1) de corno (alguns já antigos, outros creio que vindos da Galiza); 2) de cana, feitos pelos proprios trabalhadores.

[2] A secção dos vicios será em breve aumentada com outros objectos: cachimbo artistico, de madeira, feito por um pastor; *fusileira,* bolsinha de pano bordada, para isca e fusil; *alicate,* i. é, pinça de ferro, para apresentar uma brasinha de lume ao fumador que quer acender o cigarro. Tudo isto do Alentejo.

cional dos Coches[1]; o que toca ao transporte por ágoa é da competencia especial dos museus maritimos.

Da primeira classe contém o Museu Etnologico: estribos artisticos, antigos; esporas; *travincas* de pau; *copo* de madeira, para a boca dos bois (Guimarães: E. 2600); modelos, de madeira, de *carro de bois* do Alto-Minho (com *caniço* para estrume e espigas, e com *fueiros*), de *aguilhada* do Baixo-Douro, de *enderença*[2] de Trás-os-Montes; gravura e desenho de um *carro alentejano* ou de «canudo», acompanhado do respectivo *almocreve;* gravura de agoadeiro alentejano, que acompanha um burro com *cangalhas* (onde vão as bilhas da agoa); bilhete postal com um coche de D. João V; desenho de uma liteira do primeiro quartel do sec. XIX[3]; oito exemplares autenticos de jugos de bois do Baixo-Minho, artisticamente ornamentados[4]; *azeiteiro* ou chifre adaptado a frasco, com pregaria em volta da bôca, e tampa de cortiça (é para ir o azeite com que se unta o eixo do carro: Alentejo); desenhos de *bordados* ou *enrameados* que os *tosquiadores* costumam fazer no pes-

---

[1] Além de coches, constituem-no berlindas, carruagens de gala, cadeirinhas, liteiras, jaezes, etc.: vid. o respectivo *Regulamento* (31-VI-914), art. 1.º — A direcção d'este Museu está entregue á competencia artistica do Sr. Luciano Freire.

[2] A *enderença* é uma travéssa de pau, ondulada, de cêrca de $1^m,10 \times 0^m,75$, com orificios, para se enfiar nos *estadulhos* ou nas *estacas* (estadulhos pequenos) de cada lado do carro, a fim de os fixar e segurar (Moncorvo).—Etimologicamente a palavra é um substantivo verbal derivado de *enderençar* (cf. *Rev. Lusitana,* IX, 20) = *en-derençar:* in + *d i r i g e n - t i a r e, do tema do participio presente de *dirigere*.

[3] Cópia (por Saavedra Machado) de uma estampa colorida de *L'Espagne et le Portugal,* de Breton, t. VI, Paris 1815, entre pp. 10 e 11. A proposito d'este meio de transporte veja-se o que diz C. Castelo Branco na introdução das *Vinte horas de liteira* (a 1.ª ed. é de 1864); e cfr. tambem o começo do canto III do *Hyssope* de Cruz e Silva.

[4] Cf. o meu «*Estudo Ethnographico* a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois», Porto 1881, que é, em data, o primeiro trabalho que apareceu sôbre o assunto, e um dos primeiros em que se chamou a atenção para a escultura popular. Já antes eu me havia referido a isto em artigos: vid. o cit. opusculo, p. 7-8. De jugos fala tambem Joaquim de Vasconcelos na *Arte,* t. IV, Porto 1908, p. 15-16, e dá desenhos a p. 24. O mesmo A. refere-se á escultura popular em geral, e aos jugos em especial, no *Commercio do Porto* de 1-V, e 11-IX de 1887. O jugo português figura como elemento comparativo no opusculo de Arazandi y Unamuno, *El yugo vasco,* San Sebastian 1905.

coço e na anca do gado muar, no Sul, — elemento de arte popular a que já me referi num artigo publicado em 1888[1]; *peias* de ferro para o gado cavalar, quando anda no pasto, não fugir, ou o não roubarem (E. 523).

Da classe dos transportes aquaticos existe no Museu: um *Caderno* de barcos do Tejo (gravuras), 1785; um desenho de *barco rabêlo;* e um modêlo de barco do rio Lima e seus afluentes (Vez, etc.), o qual serve para a travessia, para a pesca e para recreio.

Vid. tambem o capitulo da «Ceramica» e da «Pesca».

IV. Aspectos varios da evolução da humanidade

1. Caça. — Dou á palavra «caça» acepção ampla, incluindo tambem neste capítulo outros meios de apanhar animais.

Do *reclamo*, de que fala Camões na canção que começa «Por meio de hũas serras mui fragosas»,

> A leda codorniz vem ao *reclamo*
> Do sagaz caçador[2],

possue o Museu varios exemplares (Sousel, Guimarães, etc.), que combinam melhor com a definição que d'eles dá Bluteau[3], do que com o comentario de Faria e Sousa àquele passo do nosso Poeta[4]. Outros objectos: instrumento para fazer a chamada do pombo-negaça; *aljava*, de lata, para caçar pombos (Alcacer); *chumbeira* de coiro com mola metalica; polvorinhos de couro e de metal; polvorinhos de chifre, artisticamente lavrados por pastores; *cacifro* de andar o furão; caixinha de cortiça, ornamentada, para fulminantes (Grandola: E. 1937); punhal de ir á javarda (Sousel); rede e cabaça.—A caça propriamente dita é hoje em Portugal, com raras excepções individuais, mero divertimento, e não modo de vida.

Para apanhar passaros: *costela* e outras armadilhas; *ratoeira* (para pardais: Cadaval); *canudo* para apanhar toupeiras (Alto-Minho). — Conheço um livro manuscrito (não pertence porém ao Museu) intitulado «*Descripção historica e creação das aves domesticas,*

---

[1] Vid. *Ensaios Ethnographicos*, IV, 343-344.
[2] *Obras*, ed. de Hamburgo, t. II (1834), p. 353.
[3] *Vocabulario*, s. v. «reclamo».
[4] *Rimas varias*, de Luís de Camões, parte II, 1689, p. 113.

posta em ordem por Antonio Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, tenente-coronel, governador d'Aveiro (1822)», a que vem apenso uma estampa onde se figura á pena uma «*costela* para apanhar os rouxinoes» : na *costela* distingue-se a *concha* e o *cabo* & *punho*. A proposito diz o autor que os rouxinois se apanham com quasi todas as especies de laços : rede, reclamo, visco, gaiola de alçapão, etc.

Vid. os capitulos do «Vestuario e cousas correlativas», da «Vida militar» e da «Arte pastoril».

2. PESCA. — Apesar dos bons desejos que exprimi no opusculo que fica reproduzido na Parte I d'este livro (vid. supra, pag. 70), e de poderem agora adicionar-se outros escritos aos aí indicados[1], não contém ainda quasi nada o Museu no que toca á pesca e vida maritima. Obsta a isso principalmente a falta de espaço para pôr objectos, e a dificuldade de alcançar peças e modelos ; em todo o caso espero ampliar de futuro o pouco que ora ha, e que é apenas o seguinte : um *cacifro* para levar o peixe que se pesca ; varios pesos de rede ; boias de cortiça ; colecção de anzois ; desenhos de barcos de pesca. —Vid. tambem o capitulo dos «Transportes» (barco), dos «Trajos» (tipos), da «Ceramica» (figurinhas de barro).

3. PASTOREIO.—O Museu documenta a vida dos pastores, principalmente a dos do Alentejo (onde ela está organizada de modo muito especial), da Beira e do Algarve com valiosos e abundantes objectos artisticos fabricados por eles : A r t e p a s t o r i l.

Visto que os pastores[2] passam nos montados e nas serras longo tempo em descanso, solitarios e meditati-

---

[1] Vid. : *Portugalia*, I, 147, 379, e II, 448 (artigos acompanhados de gravuras) ; *Catalogo da Secção Maritima Portuguesa* na exposição de Madrid em 1892, Lisboa 1892 ; etc.

[2] Emprégo aqui *pastor* em sentido generico, pois o pastor alentejano chama-se *ganadeiro* (na pronúncia popular *ganadêro*) ; a palavra *pastor* significa na linguagem usual do Alentejo apenas guardador de ovelhas e carneiros.—Vid. sôbre o assunto Silva Picão, *Através dos campos*, p. 104 sgs. Tambem tenho tomado a este respeito muitas notas no Alentejo : cf. os meus *Dialectos alentejanos*, passim.—Do regime pastoril do Gerez se trata na *Portugalia*, II, 459 (Tude de Sousa).—Os pastores da Serra da Estrela são já célebres nas obras de Gil Vicente.

vos, em quanto o gado pasce, entretem-se lavrando ou talhando madeira, chifre, cortiça, osso: manufacturam e exornam assim utensilios de toda a especie, uns de que eles proprios se servem ou que permutam entre si, outros que oferecem ás namoradas, aos amos e aos amigos. Exemplos do que existe no Museu: *a) colhér, garfo, cópeiro, garfeira, saleiro, corna,* com ou sem *sampa* (tampa), *cocho, tarro, rôlha* (avulsa) de infusa, *pratinho, caixa* para fosforos; *b) pintadeira* ou *chavão, carretilha; c) banquinho, pontão; d) gancho-da-meia* ou *tecedor, cossoiro, roca, fuso, agulheiro, furador, teiga,* ou *costura* (especie de açafate); *e)* «caixa do tabaco», «pendentes» de várias especies, *cajado, bengala; f) castanhetas; g) sovino; h) polvorinho*[1]; etc. De alguns d'estes tipos de objectos, não só já a cima falei, mas ha mais de um exemplar no Museu.

E tambem os pastores fabricam objectos artisticos de outras especies: tem o Museu um vaso feito de palha e espigas por um *miaoral* de cabras; e espero obter *fundas* de couro, ornadas de botões amarelos.

Nestes «artistas» está muito bem definido o sentimento da simetria. O desenho que resulta d'ela é o melhor, ou o unico digno de aprêço: figuras geometricas e figuras estilizadas, geralmente flores, folhas, plantas inteiras, corações. Quando os artistas querem reproduzir a natureza viva, ou edificios e artefactos manuais, falham quasi sempre, e são então ingenuamente infantis, pois que a sua arte não se aperfeiçoou com estudos escolares, e só resulta de habilidade ingenita, prática individual, e imitação uns dos outros. No *Arch. Port.*, XVII, 288 nota (est. I-III), e XIX, 390 ss. (com estampas), dei espécimes da Etnografia artistico-pastoril, e fiz considerações sobre ela[2].

---

[1] Já em 1890 me referi aos polvorinhos artisticos do Alentejo no meu «Esbôço da historia da Numismatica portug.», p. 8, nota (separata da *Rev. de educação e ensino*, V, 329-336).

[2] No primeiro dos artigos citados comparei a nossa arte pastoril, isto é, os seus espécimes, com os da arte pastoril italiana; póde o leitor estabelecer por si mesmo a comparação, vendo: *L'art rustique en Italie* (do *Studio*, 1913), por exemplo da fig. 341 em diante; G. Pitrè, *Mostra Etnografica siciliana*, Palermo 1892, p. 19 sgs.; *Catalogo della Mostra di Etnografia italiana*, Roma 1911, p. 7, 45, etc. No Museu do Trocadero (Paris) tenho visto polvorinhos, copos, etc., analogos aos nossos; cf. Danilowicz, *L'art rustique français*,

O manifestarem os pastores do Alentejo, Algarve e Beira tamanha aptidão para a Escultura não significa que os habitadores d'essas provincias possuam melhores dotes artisticos do que os das restantes. Mais ou menos em todas as provincias se nos depara gôsto de um ou outro ramo de Arte (de Arte em geral): rendas em Peniche, bordados em Guimarães, colorida indumentaria no Alto-Minho, ourivezaria nos arredores do Porto, tapetes em Arraiolos, e a propria Escultura nos jugos do Baixo-Minho. Os pastores, porém, pela sua vida ociosa, dispoem de muito tempo, como disse acima, e podem aplicá-lo demoradamente a trabalho que demanda paciencia e geito, e cuja execução, sem complicada tecnica, só depende de principios elementares, e por assim dizer, intuitivos, de Geometria[1].

---

s. d., cap. IV, e Aymar & Charvillat, *L'art rustique auvergnat* (in *Revue d'Auvergne*, 1913, p. 217 sgs.). Na Exposição de Paris de 1900 observei muitos objectos artisticos de pastores hungaros, semelhantes aos dos pastores alentejanos (o *Studio* publicou tambem um trabalho intitulado *Peasant art in Austria & Hungry*, 1911, mas só o conheço de um anúncio; directamente conhéço muitos artigos que vem publicados no *Anzeiger der ethnograph. Abteil. des Ungarischen National-Museum*). Acêrca da Russia li um artigo in *La Vulgarisation scientifique*, VI (1909), 186-187, e vejo igualmente anunciado mais um *Peasant art*, 1912; de outras regiões do N. da Europa conheço directamente *L'art rustique en Suède, Laponie et Islande* por Charles Holme, 1910 (do *Studio*). Na Hespanha a arte popular tem manifestações analogas ás que cá tem: no Museu Etnologico guarda-se uma roca artistica que não difere das nossas.—Encontram-se por toda a parte uns mesmos temas e uns mesmos processos, que, se por vezes se devem a relações etnicas ou imitações, outras resultam de analogias psicologicas ou mesologicas. Localmente ha variedades, que tem especiais razões de ser.

[1] Em Trás-os-Montes tambem a vida pastoril tem certa importancia, em algumas regiões (Barroso, Vinhais, Miranda, etc.). Ha pastores que o são apenas até á idade de poderem dedicar-se a trabalhos viris, e ha outros que o são profissionalmente, isto é, durante toda a vida. Os pastores trasmontanos, á semelhança dos alentejanos, dedicam-se nas horas vagas a trabalhos artisticos: fazem *ligas para chapeus* ou «tranças» (de palha de serodio) com que depois fabricam chapeus; fazem rocas á navalha, e bem assim palitos, bordões, *espadelas* do linho, colhéres, saleiros, flautas, fusos, *cabos* de foices, tudo lavrado com tal ou qual delicadeza. Estão aqui outros centros de arte popular que merecem estudo, mas, embora eu os conheça, e espere dentro em pouco poder representá-los no Museu com alguns espécimes, ainda neste momento nada possuo.

Julgo curioso recordar que já os nossos poetas bucolicos dos secs. XVI, XVII e XVIII cantaram o costume pastoril de que estou falando: é certo que seguiram mais ou menos a pista de Vergilio[1], como este seguiu a de Teocrito[2], e que vão a par de poetas estrangeiros que do mesmo modo se inspiraram na literatura classica da antiguidade[3], mas encontraram-se com a etnografia verdadeiramente nacional, e aproveitaram-na. Diogo Bernardes:

> Certo, que s'alguem foy, que foy Maria,
> Qu'anda de mim raivosa, pela roca
> Lavrada, que me vio dar a Luzia[4];

Rodrigues Lobo diz que um pastor, entre outras cousas, deve fazer o seguinte á sua pastora:

> Emquanto a manada | Lhe lavre cantando
> Anda apascentando, | A roca pintada[5],

e falando de um cajado, nota que «alem de estar subtilmente lavrado, tinha no remate uma figura de mulher, tirada ao natural»[6]; Gonzaga, na *Marilia de Dirceo:*

> Ah quantas vezes, | Eu lhe lavrava
> No chão sentado, | As finas rocas
> Em que fiava[7]!

É provavel que bem rebuscando, e bem raciocinando, se descortinem muito além do sec. XVI os avoengos da nossa arte pastoril, já que ela tem base natural e imutavel (o gado e o campo), e por isso tão antiga, que uma das glórias da história lusitanica, Viriato, era

---

[1] Egloga II, vv. 36-37; III, 37 sgs.; V, 85, 88 e 90; VI, 64 sgs.

[2] Idilio I, v. 27 sgs.; VIII (se é de Teocrito), 18-24; etc.

[3] Por exemplo, Juan del Encina:

> Que goces la flauta que antaño heciste
> Cuando a Cetira pusimos el mayo.

«Egloga de tres pastores», *Teatro completo.* Madrid 1893, p. 196.—Cf. Sannazzaro, *Arcadia,* ed. de Veneza, 1725, pp. 11 e 30.

[4] *O Lyma,* egl. 9.ª (na ed. de 1820). Cfr. egl. 16.ª (ed. cit., p. 100), onde mais chegadamente imita a Vergilio, egl. III, v. 47.

[5] *Primavera,* nas *Obras,* t. II, ed. de 1774, p. II.

[6] *Obras,* t. II, p. 24. E ha outros lugares: p. 12 (tambem cajado); p. 199 (planta mitologica).

[7] Ed. de 1817, p. 150.

maioral ou proprietario de rebanhos[1]. Anterior a Viriato é Teocrito (sec. IV a. C.), e já ele, nos cantos que atribue a seus pastores, reproduz scenas do tempo, ainda agora vigentes na Italia[2]. Não seriam em grande parte pastores os homens que construiram as antas do Alentejo? E não ha lá dentro tantos testemunhos de «Arte popular», a unica Arte de então[3]?

Voltando ao Museu. Objectos de várias localidades relacionados com o pastoreio: coleiras de ferro, de rafeiros, com puas, para eles poderem atacar os lobos; chocalhos, sendo um muito grande, de Alcacer do Sal; badalos de madeira, avulsos; *barbilho* ou travéssa de pau para andar na boca dos cabritos (presa atrás das orelhas com um cordel), a fim de eles não mamarem; *surrão* de pele de cabrito, de Alcoutim (E. 4874: o surrão ou çurrão é muito celebrado na poesia bucolica).

Vid. tambem o capitulo dos «Trajos» (fundas; arrimos; estampas de tipos), da «Casa» (tarro; corna), etc., etc.

4. VIDA DO CAMPO. — Da cultura do solo provém a principal riqueza de Portugal. Ás variedades que se notam nela de uns pontos do país para os outros, subordinadas a condições geologicas e meteorologicas, aqui searas, ali vinhas, acolá figueiras, olivedos, pinhais, soutos, correspondem variedades etnograficas muito dignas de nota. Cada um dos actos da vida do campo, ou conexos com ela, a vessada, a ceifa, a malha, o fabrico do pão, a vindima, é acompanhado de curiosos costumes, superstições e cantares, e executado com instrumentos de fórmas tradicionais e de nomenclatura sempre expressiva e até por vezes pitoresca. Todavia o Museu não póde ainda, sobretudo por falta de espaço, representar tudo quanto neste genero possuimos. O que contém é apenas leve amostra.

---

[1] *Religiões*, III, 157.

[2] A. & M. Croiset, *Manuel d'hist. de la littérat. grecque*, 8.ª ed., p. 656.

[3] Das possiveis relações da Arte popular portuguesa actual com a Arte prehistorica falei, já em 1881, no *Estudo Ethnographico*, p. 43-44 e 45. Cf. tambem: Joaquim de Vasconcelos, na *Arte*, t. IV (1908), p. 16; e Aymar & Charvillat, *L'art rustique auvergnat* (na *Revue d'Auvergne*, 1913, p. 220-221). Em tal estudo de Etnografia comparativa torna-se necessaria a maior prudencia, se se quiser chegar a alguma conclusão.

Objectos relacionados com o cultivo dos cereaes: dedeiras de couro chamadas *manipulos* (Sado), e de cana, usadas na ceifa do trigo[1]; *bicos, sovinos* e *esfolhadores,* de *escamisar* e de *escarapelar* ou *escarpelar* milho, feitos de osso e de madeira, alguns muito bem esculturados; modelos de *espigueiro* (de balaustres) e de *canastro* rustico, do Alto-Minho.

A moagem dos cereais faz-se em duas especies principais de moinhos: de *vento* e de *agoa,* conforme esta abunda ou escasseia. Se cada um tem tecnica propria, tambem cada um imprime diverso cunho á paisagem: este, acaçapado ao pé de um rio, e semi-oculto em amieiros e salgueiros; aquele, branco e airoso, erecto numa altura como um castelo, com velas movediças, e *buzios* de barro que zoam. Chama-se *acenha* (pronúncia já antiquada) ou *azenha* o moinho que se move com agoa de nascente e não de rio (Baixo-Alentejo); *moinhola,* o moinho pequeno, dos ribeiros ou ribeiras, em ocasião de pouca agoa (Alto-Alentejo); *zangarra,* o moinho de tracção animal, quando ha grande sêca (Beira-Baixa). Com a primeira d'estas tres últimas variedades coincide o rifão que diz: *A cabra e a acenha* || *é de quem a ordenha,* isto é, mais proveito tira quem traz a cabra e o moinho, do que o dono.—No Museu ha o seguinte: modêlo de um moinho de agoa, do Alto-Minho; desenho de um moinho de vento da Extremadura; exemplares de *rela* e *aguilhão,* de pedra[2]; *molineta* de pedra, do Algarve, que tem a sua origem imediata na *mola manuaria* lusitanica; maquia de ferro (ou cacifo), antiga, do Peral[3]; *fole* de pele de carneiro ou cabra, para se levar do moinho a farinha (Valdevez).

Objectos relacionados com a vinicultura: *unhas* de lata, para se cortar o pé do cacho (Baixo-Minho); *podilhos* de Monção, ou «podõezinhos», para o mesmo fim; modêlo de um lagar (Alto-Minho); modêlo de uma *esgranadeira,* especie de caixa aberta no fundo, em que

---

[1] Cf. *De Campolide a Melrose,* p. 89, n. 1.

[2] Tanto o *aguilhão* como a rela são de seixos rolados ou *jogas* (lingoagem do Baixo-Douro); o *aguilhão* fórma a extremidade ou ponta do *rodizio,* e gira na *rela,* que por isso é escavada. Na Extremadura (Caldas) diz-se respectivamente *veio* (que é metalico) e *rala,* nos moinhos de vento.

[3] Medida que o moleiro tirava de cada alqueire de pão (milho ou trigo), como paga do seu trabalho.

se *esgranam* ou esfregam com as mãos os cachos sôbre a dorna (Beira-Baixa); *chifarro* de madeira para transvasar vinho (Obidos); *funil* feito de uma cabaça, de Avis; *forcado* de pau, para voltar os *calcadoiros* (trigo espalhado na eira, para debulha), do Cadaval. — E vid. adiante «Historia da escrita».

Objectos relacionados com a queijaria. Entre outros, são famosos os *queijos da Serra* (da Estrela), tambem chamados *de Cima-Côa*, e os *do Alentejo*. Áqueles se refere Gil Vicente, II, 441-442; a estes D. Francisco Manuel, *Carta de guia de casados*, Londres 1830, p. 144: «ha casas dõde se perderão cem queijos de Alentejo antes que dar hũ a hũ criado». Não propriamente da Serra da Estrela, mas de outros locais da Beira, tem o Museu: *aros* de lata (*cincho:* Celorico; *acincho*, Vilarôco, a par de *aro*) e de madeira. Do Alentejo tem um modêlo (de madeira) de *francela* ou *queijeira* ou *banca* de fazer queijo (uns versos do Natal, de Fozcoa, dizem: Um queijinho na *francela* / para dar ao [Deus-] Menino, / que é cousa nova na terra); um modêlo (de madeira) de *baralha*, especie de queijeira, com varas atravessadas.

Objectos relacionados com a criação das abelhas: cortiços do Sul; *viros* ou pregos de esteva que servem para *coser* as laminas dos cortiços das colmeias (Grandola). Estes pregos chamam-se em Avis *pinos*. Dá-se tambem em Avis o nome de *pinos* a pregos conicos de madeira que servem para fixar a tampa e o fundo do cortiço: ha exemplares no Museu.—Acêrca de outros costumes respectivos ás abelhas, vid. *Religiões da Lusit.*, II, 282, n. 1.

Varios utensilios: *forquilha, forcado, gravanço*, e *ancinho*, de ferro, da Extremadura; *calagouça* ou *roçadoura*, de Moncorvo; *podões*, e *bujarca* para a condução dos mesmos; *badalo*, de madeira, para trazer a foice á cinta (E. 571); *cabrita*, de ferro ou madeira, para o mesmo fim (Baião); pedras de amolar *gadanhas;* estojo de chifre em que se levam para o campo as mesmas pedras (Montemor-o-Novo); cabos de sachos enfeitados, para as mulheres trabalharem no campo (Alcoutim); *cabaços*[1], de cabo muito comprido, para tirar

---

[1] *Lagenaria vulgaris* (Seringe): vid. Pereira Coutinho, *A flora de Portugal*, 1913, p. 598.

agoa (Obidos)[1] ; *sementeiro,* feito de uma cabaça (Avis) ; *estaca* ou *plantador* de horta (Avis) ; *buzio* para chamar os trabalhadores (Baião) ; modelos : de arado, de Baião ; de arado de rodas, do Alto-Minho, e de outro, sem rodas, ou *cabrita,* da mesma região ; de *grade* de gradar as terras, tambem do Alto-Minho ; *roca,* de apanhar fruta (Avis)[2] ; *gancho,* destinado a aproximar um ramo de arvore frutifera, para se chegar com a mão á fruta (tanto do chão, como em cima da propria arvore).

A par com o que fica mencionado, ha algumas estampas (bilhetes postais ilustrados) que representam fases do trabalho campestre. Póde indicar-se tambem aqui uma *taramela* do Alto-Minho, destinada a espantar das sementeiras a passarada.

Complete-se este capitulo com o que vai indicado nos da «Industria» (lata ; linho) do «Transporte» (carros de bois, jugos), da «Caça» (*canudos* de toupeiras, armadilhas).

V. Religião e Magia

O Catolicismo toma entre nós, como em toda a parte, uma fórma oficial, e uma fórma popular, derivada d'aquela. A segunda é que é verdadeiramente valiosa para o etnografo ; mas a primeira tambem lhe importa, tanto por causa dos contactos que mantem com a outra, como porque adquire aqui e acolá feição local (Igreja lusitana). Com estas duas fórmas d'uma mesma religião coexistem elementos pagãos, semiticos, etc., que, ou vivem avulsos, ou se infiltraram no Catolicismo.

Vou pois, conquanto a distinção não possa sempre estabelecer-se nitidamente, considerar em quatro grupos os objectos do Museu : 1) Igreja lusitana, e Catolicismo em geral ; 2) Catolicismo popular ; 3) Mitologia e superstição ; 4) Amuletos e objectos congeneres.

1. Igreja lusitana, etc.—Constituições episcopais d'estas dioceses : Lisboa, 1656 ; Guarda, 1686 ;

---

[1] Além d'estes *cabaços,* e dos objectos da mesma substancia, de que se fala noutros lugares d'este livro, ha no Museu uma colecção de utensilios analogos, vindos de Avis em 1912 : vid. *O Arch. Port.,* XVII, 287.

[2] O nome provém de ter a fórma de roca, sem a metade superior, ou conica, do bojo. O bojo da roca chama-se *rocal, rocanço, rocão,* conforme as regiões.

Elvas, com a *Relação do bispado*, 1635 (exemplar pertencente ao Director do Museu). Rito bracarense: *Officia propria sanctorum* da Igreja de Braga, 1713; *Breviarium Bracharense*, Braga 1724; *Manuale secundum consuetudinem Bracharensis curiae*, Salamanca 1538 (pertence ao Director); *O rito bracarense*, de Abundio da Silva, 1907. Exemplares do *Ordo officii divini* de várias dioceses e conventos: *Proprium sanctorum* da Sé do Porto, 1760 e 1794 (dois volumes); *Officia ecclesiae Lisbonensis*, 1745; *Concilium provinciale* de Braga, 1567 (pertence ao Director). Outras obras relacionadas com a Igreja lusitana: *Definiçoens da ordem de Cistel*, 1593; *Cultos de devoção de Santo Antonio de Lisboa*, 1761; *Sermão prègado* em Santa Catrina do Monte Sinay (Lisboa), Coimbra 1664; *S. Vicente, patrono do Algarve*, Lisboa 1795; *Vida de S. Torcato*, 1885. Varios livros e impressos: papeis respectivos a conventos de Borba; *Diario eclesiastico*, 1819; bula luxuosa da Cruzada; bula da Irmandade dos Clerigos de Obidos, 1674; carta da Irmandade de Jerusalem, 1826; bula de graças e indulgencias, 1674; diplomas de familiares da Inquisição, do sec. XVII, e de 1729 e 1748; carta de convite para assistir a um lausperene, sec. XVIII (E. 1819); *Patente da Senhora dos Escravos*, 1865; compendio de doutrina, antigo; papeis com orações e hinos; outros livros de caracter religioso[1].

Objectos varios: santinhos de marfim (E. 953, etc.); quadro em que se representa o paroco d'aldeia a *tirar o folar;* colecção de gravuras religiosas, papel; numerosos pergaminhos (com imagens de santos) que serviam de marcas de livros (breviarios, etc.); outras marcas de papel ornamentadas, e com deprecações religiosas (algumas tem cruzes coloridas, e uma tem a cruz de S. Bento, que é amuletica); crucifixos e cruzes metalicas, para andarem ao pescoço; rosarios de osso, de pau com embutidos de madreperola, etc.; disciplinas

---

[1] Todos os livros aqui indicados como do Museu adquiri-os por preços baratos, pois o meu intuito é apenas dar ideia metodica de como o assunto póde ser tratado. Livros raros e caros pertence ás bibliotecas adquiri-los: só por excepção compro alguns para o Museu (quando convém não os deixar sair do país, etc.).

fradescas ; cilicio (com coiro) provindo de Felgar ; dois cilicios freiraticos, de ferro, do convento de Santa Clara de Vila do Conde ; senhas, ou bilhetes, de desobriga ; paineis com imagens religiosas ; vistas de templos ; cruzes de pedra ; cruz de madeira (E. 3401) artistica, do genero das *teimosas* (vid. supra, p. 211), que me disseram, não porém ao certo, ter sido feita por um pastor.

Cousas de igreja ou de oratorio : castiçais de estanho ; lampada pequena ; quadro de madeira com registos de padres ; lanternas processionais ; rico veu de calice, de seda, com *conclusiones* academicas impressas nele, segundo antigos costumes religioso-escolares.

Vid. tambem «Vestuario», «Morte», e «Arte» (livros de côro).

2. Catolicismo popular.—Objectos : presepe, dos que costumam fabricar-se em casa ou nas igrejas, pelo Natal[1] ; nora de madeira, pequena, que fazia parte de outro presepe, perante o qual se representavam em Setubal autos do Natal (E. 3431) ; madreperola cordiforme, com o desenho de um presepe ; figurinhas de barro avulsas (cf. o capitulo da «Arte») ; *maquineta*, especie de oratorio pequeno e envidraçado, com crucifixo, palmas bentas e santinhos de papel ; oratorio de pedra antigo, esculturado, vindo de Santa Marinha do Zezere (Baixo-Douro) ; outro oratorio pequeno, ou nicho, tambem de pedra (Lisboa) ; *matracas* infantis da Semana-Santa (Alandroal) ; azulejo com as «alminhas» do Purgatorio ; desenho de um cruzeiro da Penajoia (edicula com a Virgem que sai d'uma toca).

Colecção de gravuras, papel, que reproduzem lendas, como a da Senhora do Cabo («a um Caparicano e velha de Alcabideche se descobriu em sonhos esta portentosa imagem»), da Senhora da Rocha[2], da Senhora de Naza-

---

[1] O costume de armar presepes ou *presepios* encontra-se, como é natural, noutros países catolicos. Acêrca dos de Portugal vid. Bluteau, s. v. «presepio» ; acêrca dos de Italia, cf. *L'art rustique en Italie*, p. 38 sgs. (havia-os com pastorinhos de barro, como os nossos, e de pano e de pau), e *Catalogo della Mostra di Etnogr. ital.*, 1911, p. 94. Tanto a literatura portuguesa como a hespanhola abundam de autos do Natal.

[2] Cf. *O Arch. Port.*, I, 182 (artigo meu), II, 241 (id.), e XIX, 245 (artigo de Luís Chaves).

ré; muitas outras gravuras, referidas á Senhora da Atalaia, S. Gonçalo (com a sua ponte), Senhora da Penha, Santo Antão, Santa Isabel, Santo Antonio, Senhor dos Passos, Bom Jesus, etc., a que andam ligadas romarias e cirios. Todas estas lendas iconograficas são bastante curiosas, e fazem um contrapêso das lendas escritas e das orais. Com a lenda da Senhora da Rocha relaciona-se uma *Memoria* de Fr. Claudio da Conceição, Lisboa 1817, que porém não pertence ao Museu. Da Senhora de Nazaré é que existem, que eu saiba, iconografias mais antigas: possue o Museu, entre outras estampas de varias idades, o *Dialogo da antiguidade da Senhora de Nazareth*, Lisboa 1684, com uma gravura do «milagre», e possue um medalhão de barro com o mesmo «milagre». As gravuras sôltas de que tenho falado constituem propriamente registos, que se vendem nos respectivos santuarios, por ocasião das festividades, e que os romeiros compram e levam para casa (na Beira-Alta os homens costumam ostentá-los metidos na fita do chapeu). Ha centenas de registos no Museu Etnologico; nessa colecção avulta a que foi comprada no espolio do bibliografo A. Fernandes Tomás, composta de quatro volumes in-folio[1]. Ás romarias do Norte e Centro de Portugal correspondem no Sul os «cirios», com «anjos» que cantam hinos ou *loas*, que eles depois distribuem em folhas impressas: tem o Museu algumas d'estas folhas, por exemplo, uma, de 1825, do cirio da Senhora da Pena. Com o que tenho dito se relaciona outro objecto do Museu: raminho de flores

---

[1] Contém *registos* das especies de que até aqui tenho falado, e de outras. Estes registos são valiosos não só para o estudo da religião popular, senão tambem para o da gravura (cf. o artigo de A. Sousa, «Gravura popular», nos *Anais das Bibl. e Arquivos de Portugal*, vol. 1, n.º 2). Alguns são coloridos. Embora quem estuda scientificamente as religiões veja em tudo isso fraquezas do espirito humano, que só de vagar e com custo se aproxima da verdade, é impossivel deixar de tributar afecto a tantas imagens, ora graciosas, ora extravagantes e grosseiras, sempre porém ingenuas e poeticas, que encantaram a mente das gèrações qúe nos precederam, e encantam ainda agora a de muitas pessoas simples.—Encarreguei de catalogar e estudar os quatro albuns de F. Tomás o Preparador do Museu, Luís Chaves, que actualmente se está ocupando d'esse serviço com toda a diligencia. O trabalho será publicado n*O Archeologo*.

artificiais, entre as quais figura um registinho circular da Senhora da Rocha.

Não menos importante que a colecção dos registos é, para o conhecimento da religião popular, a dos ex-votos. No Museu existem : ex-votos pintados ou «retabulos» ; ex-votos de madeira que representam figuras de animais e membros do corpo humano ; ex-votos de prata, que representam olhos e outros orgãos ; *gargantilhas* de pau, de arame, de renda, oferecidas como ex-votos para cura das doenças de garganta ; ex-votos de cortiça que representam cruzes[1]. Não dou mais informações, porque esta colecção foi catalogada e substanciosamente estudada pelo Sr. Luís Chaves, Preparador do Museu, n*O Arch. Port.*, XIX, 152 sgs. e 245 sgs. ; cf. tambem um meu artigo no *Boletim* da 2.ª classe da Academia das Sciencias de Lisboa, VIII, 253, nota. Da capela do Paço episcopal de Viseu veio em 1911 uma colecção de objectos oferecidos *ex voto* á *Senhora do Fastio*, e relacinados com esta invocação : colher, malguinha, etc.

Nos mostradores em que estão alguns dos mencionados ex-votos (gargantilhas, etc.), ha varios *vestigia* ou plantas do pé de Cristo e da Virgem com dizeres impressos[2] ; ha *medidas*, registos cordiformes, e um saquinho com cinco folhinhas de *oliveira da Senhora* da Boa-Nova de Terena, que tem relação com um costume local. Á secção da religião popular pertence igualmente uma colecção de requerimentos dirigidos ao Senhor dos Martires, de Alcacer[3].

3. Mitologia e Superstição. — Conquanto as superstições que existem no nosso povo sejam, por assim dizer, quasi sem conta, os objectos materiais que lhes respeitam não correspondem ao número d'elas. Por isso ha poucos no Museu (exceptuados os amuletos : vid. adiante). O mesmo direi do que toca á Mitologia. Em todo o caso, ainda não pude coligir quanto nestas duas classes existe.

---

[1] Tambem ha ex-votos de cera (seios, cabeças, braços, etc.). D'eles virão um dia alguns para o Museu. Cfr. p. 65.

[2] Correlaciona-se com isto o que se lê nas *Religiões*, I, 381 sgs. (pègadas maravilhosas).

[3] Cf. *O Arch. Port.*, I, 87-89.

Indicarei aqui : *sinas,* isto é, papelinhos com profecias impressas acêrca do destino do homem e da mulher, os quais se vendem em Lisboa nas festas de Junho, porque Santo Antonio, S. João e S. Pedro representam antigos mitos da Natureza (solsticio do verão) desfigurados e cristianizados ; assobios de barro com fórma de Sereia, figura que nos ficou da Mitologia romana[1] ; reprodução de uma aguarela (de Casanova) que representa um tapete de Arraiolos em que se vê a mesma figura[2] ; aguarela (de Guilherme Gameiro) de um prato do Museu de Beja em que se pintou a scena popular da *serração da velha,* que é outro costume que provém de degeneração de antigos mitos da Natureza, e com o qual se relacionam engraçados folhetos da nossa Literatura de cordel. Não sei se poderei incluir nesta secção umas figurinhas de osso a que vagamente ouvi numa feira do Cadaval chamar *Bruxas,* e uma figurinha de barro que representa um lagarto fantastico e colorido (Praça da Figueira). Num dos lapidarios do Museu ha uma curiosa escultura magica, do sec. XV-XVI (figura que arremessa saliva com o dedo indicador) ; d'ela falarei n*O Archeologo Português.*

4. AMULETOS E OBJECTOS CONGENERES. — A colecção dos amuletos do Museu Etnologico serviu de base, como se disse na *Rev. Lusitana,* III, 233 (supra, p. 65) e n*O Archeologo Português,* V, 287, uma colecção portuguesa minha, que eu havia começado a formar muito antes da fundação do Museu, e de que já em 1882 publicára parte na *Rev. da Soc. de Inst. do Porto,* II, 395 sgs. De 1893 em diante a colecção primitiva foi sucessivamente aumentada com dadivas e compras, e hoje, se não abrange todos os amuletos portugueses, abrange porém a quasi totalidade d'eles.

Consta de : amuletos pre-romanos, romanos, medievais e modernos. Nos primeiros compreendo pendentes de pedra e dentes (com orificios), chapões de lousa, figurinhas (quadrupedes de ribeirite, etc.) : cfr. *Religiões,* I, 111 sgs. Dos romanos falei *ibidem,* III, 524

---

[1] Cf. *Religiões,* III, 594, e um artigo do Sr. Adolfo Coelho lá citado.

[2] Vid. *O Arch. Port.,* XI, estampa entre pp. 196 e 197 (artigo de D. José de Pessanha).

sgs. Nos medievais podem incluir-se alguns aneis da epoca visigotica, de que falei tambem *ibid.*, pag. 586-587, e as moedas de D. João I que tem um furo para andarem penduradas. Nos amuletos modernos distinguirei : os que são propriamente populares, embora ás vezes de origem cristã (clandestina), como a *pedra d'ara ;* e os amuletos cristãos, como *bentinhos* (*breves, escapularios, nominas*), *medalhas* ou *veronicas* (*veneras*), *cruzes*[1], *agnus-Dei, rosarios,* etc.

Os amuletos modernos tem variada origem (consoante as classes que indiquei) : pre-romana, por exemplo, os dentes com orificios, e as pedras de raio ; romana, por exemplo, a figa, e talvez a meia-lua ; semitica, por exemplo, o sino-saimão, muito usado nos Arabes e Judeus. Ha amuletos cuja virtude depende ou apenas da sua fórma, ou ao mesmo tempo da sua fórma e substancia : figa, sino-saimão, moedas, meia-lua, noz de tres esquinas, cornicho ; e ha-os cuja virtude depende apenas da sua substancia, ainda que possam ter fórma definida : contas (de azeviche, de coral), aneis metalicos, ferraduras, mãos de toupeira, dentes, pedras de raio, e outros. Um cornicho actua fundamentalmente pela sua substancia ; mas póde ser imitado de osso, e então actua pela sua fórma. As moedas actuam ou só por serem de metal, ou porque nelas se representam figuras. Chamarei *amuletos mortos* ou *degenerados* àqueles que outr'ora gozaram de virtude, mas que a perderam, sendo hoje trazidos unicamente a titúlo de enfeite ou como objectos de uso : coração, peixe que serve de gancho da meia, fitas de côr, campainhas e espelhos que andam na testa dos animais de tracção. A mór parte dos amuletos são fabricados expressamente para funcionarem como tais, por exemplo figas ; outros são objectos naturais, por exemplo aipo, cebola albarrã, chifres ; ou artefactos caseiros aplicados casualmente ao intento, por exemplo uma tesoura aberta, uma vassoura. Varios amuletos são complexos, por exemplo uns de prata que se compoem de uma Virgem da Conceição associada a um sino-saimão, etc. ; outros andam agrupados. O unico grupo natural é o que se chama *fé, esperança & caridade ;* os restantes grupos

---

[1] Entre elas a de S. Zacarias. Cf. *Ensaios Ethnographicos,* III, 171 e 398.

são acidentais, e o povo denomina-os de modo geral *arreliques*, isto é, «reliquias» ou «arreliquias». Os amuletos servem : 1) para proteger pessoas em geral, por exemplo as pedras de estancar sangue ; ou as mulheres em especial, por exemplo as contas leiteiras ; ou as crianças, por exemplo a meia-lua de aroeira (tambem os haverá para proteger os homens, talvez amuletos de caça, porém não me ocorrem neste momento) ; 2) para proteger os animais, por exemplo os cornichos ; 3) para proteger a casa e suas pertenças (tear, etc.), por exemplo as ferraduras ; 4) para proteger os campos, por exemplo um chifre espetado num pau. Os amuletos existem por todo o país, com leves variedades de umas regiões para as outras. A fé neles vai porém decaindo visivelmente, e são sobretudo as mulheres do povo quem lhes concede alguma. — Espero publicar um trabalho a respeito dos nossos amuletos, e por isso agora não dou mais explicações.

Ao pé dos amuletos e objectos congeneres ha estampas de caracter magico-religioso, folhetos como o *Sumario das indulgencias da veronica de S. Bento*, Porto 1779, e uma tira de pergaminho (Elvas) com estas letras : Z :DIA BIZ SAB HG F BPR (cf. a nota de p. 234).

VI. Vida intelectual propriamente dita

1. Historia da escrita.—Quem não sabe escrever, e precisa de apontar contas, etc., o modo mais simples que tem de o fazer é traçar riscos numa taboa com sabão ou giz : assim fazem os vendeiros da Beira-Alta nas portas das tabernas. Noutras regiões os processos variam[1]. Um dos mais curiosos d'estes processos é certamente o que se usa no concelho de Bragança para se indicarem as coimas do gado : «Dá-se o nome de *talas* a uns paus, pouco mais ou menos, de metro de comprimento, divididos por traços transversais de espaço a espaço, respondendo o número d'estes ao dos vizinhos do povo

---

[1] Vid. : Vieira Natividade, *Note ethnographique* (marcas de lagareiros de Alcobaça), Alcobaça 1891 ; Rocha Peixoto in *Almanaque ilustrado do «Commercio do Lima»*, pp. 217-223 (marcas usadas em varios pontos do país) ; Alves Pereira, n*O Arch. Port.*, XIX, 335-336 (notação de uma taberna do concelho de Sintra).

(tantos espaços, tantos vizinhos). É nestes espaços que se tomam as notas por sinais incisos a pontas de navalha»[1]. O Museu possue exemplares de talas, tanto do concelho de Bragança, como de uma vizinha povoação hespanhola, Calabor. Outro processo curioso, usado em Baião, para contarem os cantaros que saem do lagar ou do tonel, consiste em talhar riscas numa haste de pau, ou assentador (a cada dez cantaros faz-se uma risca, e diz-se *dez e talha*) : no Museu ha exemplares. Todos os referidos processos lembram as escritas de caracter antigo, como a ogamica, a cuneiforme, etc.[2].

Na mesma secção da historia da escrita possue o Museu o seguinte : livros com regras de caligrafia, vendo-se num d'eles a figura do professor á mesa, e sobre esta uma palmatoria ; canetas de pau e de osso artisticas, e de pena de pato (ou «penas» propriamente ditas) ; tinteiros antigos de loiça, de pedra, de pau (fradescos), de metal, e um moderno de chifre (Beira)[3], a mór parte d'eles com os respectivos areeiros ; facas de cortar papel ; amostras de papel antigo ; campainha metalica, de escritorio ; espécimes de escrita antiga ; retratos de personagens que tem ao pé um tinteiro e uma caneta ; exemplares de cartas do sec. XVIII ; pergaminhos antigos com letras floreadas ; colecção de manuscritos pergaminaceos de varios seculos ; carimbos ou sinetes, e selos pendentes.

2. Escola primaria.—No parágrafo precedente vimos menção de um livro com a figura de uma palmatoria. Possue o Museu tambem uma palmatoria autentica, de pau, ou «menina de cinco olhos», como lhe chamam na Beira (por causa dos cinco orificios do disco). A este triste instrumento de tortura escolar se refere já um autor nosso do sec. XVI[4] ; ele tem o mesmo nome

---

[1] P.e Francisco Manuel Alves na *Illustração Trasmontana*, 3.º ano (1910), pp. 139-141.

[2] Citarei a este proposito *Das Buch der Schrift*, de Faulmann, Viena 1880, de que o falecido e saudoso filologo Gonçalves Viana deu desenvolvida notícia n*O Positivismo*, t. III e IV (quatro dos artigos tiveram edição separada, Porto 1881).

[3] Na *Mocidade de D. João V* de Rebelo da Silva, cap. I, faz-se alusão a um tinteiro de chifre.

[4] Barros, apud Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, 1.ª ed., p. 317.

de *palmatoria,* e a mesma fórma, na Hespanha[1]. Tão pouco simpatico foi sempre a todos, que por vezes figura em caricaturas de mestre-escolas, como se vê de uma do Museu, de 1841[2]. Outros objectos escolares: lousa[3] e ponteiro; cartinha de aprender a ler, com figuras.

3. Seguidamente á escrita e escola popular citarei a LITERATURA DE CORDEL, assim chamada porque d'antes vendiam-se pendurados em cordeis os respectivos folhetos[4]. No Museu guardam-se muitos exemplares, uns encadernados juntos, outros avulsos (e alguns bastante raros): do sec. XVII a XIX. Notavel poeta popular do nosso tempo foi o cantador de Setubal[5]; o seu retrato figura tambem no Museu.

4. Curiosidades da VIDA ACADEMICA de Coimbra: impressos respeitantes a ela; estampas de trajos de estudantes e de lentes (cf. «Vestuario»); vistas da biblioteca e sala dos capelos; medalhinhas satiricas.

5. HISTORIA DO LIVRO.—O assunto é da competencia especial das bibliotecas públicas. No Museu só se esboça, por assim dizer, o plano, para orientação dos visitantes.

a) Tipografia. Livros de varios seculos, por exemplo: *Tratado da fórma dos libellos,* Coimbra 1592; *Loci communes,* Evora 1559; *Manuale missalis Romani,* Coimbra 1596; *Regimento dos tabeliaens,* Lisboa 1616; *Remissiones doctorum,* Lisboa 1620; *Obrigações do frade menor,* Carnota 1627; *Philippica Portuguesa,* Lisboa 1645. Alguns d'eles são raros. Em geral os livros impressos em Portugal no sec. XVI tem muita raridade, principalmente os de lingoa portuguesa; os do sec. XVII vão tambem rareando. Além do que fica mencionado, possue o Museu reproduções de

---

[1] Segundo me informa um amigo, tambem se usou na Argentina, aonde foi importado de Hespanha: a um professor que fosse rude chamavam de escarneo *maestro Palmeta.*

[2] Cf. outra, do Museu de Antuerpia (mestra que castiga uma menina) no *Guide illustré du Musée de Folklore,* 1913, p. 63.

[3] Vid. *De Campolide a Melrose,* p. 43.

[4] Cf. Th. Braga, *O povo portuguez,* II, 449.

[5] Vid. *Rev. Lusitana,* VIII, 45.

portadas de obras raras do sec. XVI, e amostras sôltas de gravuras ornamentais antigas (letras iniciais e remates de capitulos).

b) Encadernação. Espécimes do sec. XVI a XIX, de varios formatos: livros de capas de pergaminho, algumas das quais se atam com correias; capas de madeira cobertas de coiro, douradas, e com fechos; capas simples de coiro gravadas; livros com capas de veludo ou seda, alguns tambem com ornamentos; grande colecção de folhinhas (em parte pertencentes ao Director do Museu); livros religiosos e outros, tudo com capas de carneira pintada e dourada. Algumas das folhinhas tem caixas de papelão ou coiro apropriadas, e igualmente com dourados artisticos.

c) Ex-libris. A maneira mais natural de indicar a posse de um livro é pôr nele um sinal do possuidor, o que se faz, por exemplo, assim: 1) á pena, escrevendo-se dentro o nome, ou simples, ou acompanhado de desenhos ou de dizeres, pela mór parte rimados; 2) colando-se no verso da capa anterior, ou noutro lugar interno, um papelinho em que esteja impresso o nome, o brasão, ou um emblema ou ornato; 3) gravando-se dentro do livro qualquer das cousas que constam do § 2.°; 4) gravando-se isto mesmo por fóra, na capa anterior ou em ambas. Como muitas vezes a posse é indicada em latim, *ex libris illius*, chamou-se *ex-libris* aos referidos papelinhos, ou aos outros modos indicativos da posse. Este uso entre nós parece que não ascende além do sec. XVI[1]. Apesar de Fernandes Tomás dizer que os *ex-libris* manuscritos, os que aqui incluo no § 1.°, não tinham para ele a menor importancia, salvo se apresentavam a assinatura de alguma pessoa notavel[2], eles são pelo contrário curiosos, e, ás vezes, de algum valor para a Etnografia, como documentos de literatura semi-popular, os quais tem os seus germes na antiguidade[3]. Conservo muitos na minha biblioteca particular (os mais antigos datam, pelo menos, do sec. XVII), e um dia os publicarei; no Museu Etnologico coligi dois como espécimes. De *ex-libris* da 2.ª classe

---

[1] Vid. A. Fernandes Tomás, *Os ex-libris ornamentais portugueses*, Porto 1915, pp. 1 a 60.

[2] Ob. cit., ibidem.

[3] Cf. as minhas *Trad. Pop. de Portugal*, p. 153, nota, e o meu opusculo *Notícia do poema de Santa-Fé*, p. 11(-12), nota.

(avulsos) e da 3.ª ha muitos no Museu, todos os que tenho podido alcançar: do sec. XVIII e XIX, alguns artisticos, e de pessoas célebres, como Barbosa Machado, Cenaculo, Garrett; outros de comunidades ((mosteiro de Alcobaça, etc.). Aos da 4.ª classe chamam os autores absurdamente *super-libros:* devemos chamar-lhes *ex-libris exteriores,* ou de modo semelhante[1]; tambem d'eles existem varios em Belem (gravuras douradas)[2]. — Além d'isto possue o Museu exemplares de livros com os *ex-libris* da 2.ª classe colados no lugar habitual, e possue (o que é uma raridade) a chapa original (sec. XVIII) que serviu para a gravura do formoso *ex-libris* do Arcebispo Cenaculo[3].

6. Jornalismo.—É tambem da competencia das bibliotecas. No Museu colijo sobretudo exemplares curiosos, por sua pequenez, antiguidade, etc. Reprodução da *Gazeta* de 1641, e do *Mercurio da Europa* de 1689, que são dos nossos mais antigos jornais[4]. Originais: *Jornal Enciclopedico,* 1791; *Almocreve das petas,* original manuscrito, selado e com a licença de correr (1799); *Gazeta de Lisboa,* 1818; *O amigo dos Portugueses,* 1830; *A Aurora,* 1832; *Chronica constitucional do Porto,* 1833; *O Correio das damas,* 1836; *O Ramalhete,* 1837; *A Aurora,* 1837 (tipo diverso da de 1832, já citada); *O Recreativo,* 1838; *O Alcance,* 1838; *Revista Universal Lisbonense,* 1842; *O Tribuno,* 1843; *A Semana,* 1850; *O Jardim Literario,* 1853; *A Mosca,* 1882; *O Antonio Maria,* 1883; *Cabrion,* 1890; *O Diabo,* 1908.

7. Sciencia. — Neste paragrafo apenas tenho de mencionar o que se refere ao cómputo do tempo. Possue

---

1 Vid. o que escrevi na *Revista Lusitana,* XVI, 344.

2 Dos ex-libris do Museu (classe 2.ª, 3.ª e 4.ª) fez o Dr. Alvaro de Azeredo amavelmente o catalogo, o qual será impresso n*O Archeologo.*

3 Comprei-a á familia de Borges de Figueiredo; este tinha-a descrito e figurado na *Revista Archeologica,* IV, 88.

4 Ainda anteriores a estes são as *Relações* mss. de Severim de Faria: vid. o que escrevi no *Boletim* da 2.ª cl. da Academia das Sciencias de Lisboa, VIII, 240. Acêrca da historia do nosso jornalismo ha varios trabalhos (Eduardo Coelho, Silva Pereira, etc.): vid. Alfredo da Cunha, *O Diario de Noticias* (sua fundação e fundadores), Lisboa 1914, pp. 253, 281, etc.

o Museu : uma meridiana, de marfim, do sec. XVI ; um relogio de sol, de pedra, de 1711 ; varios relogios de sol ou meridianas, de pau[1] ; uma ampulheta, ou relogio de areia (não, porém, de caracter popular) ; um relogio de prata, de caixas, do tipo chamado vulgarmente «cebola». O protótipo dos nossos relogios de sol póde buscar-se num horarium lusitano-romano dos *Igaeditani*, que o Museu tambem possue[2]. Livros e folhetos relacionados com o assunto : um exemplar do *Lunario Perpétuo;* repertórios. —Vid. «Historia do Livro» (folhinhas) e «Religião» (calendarios, diario eclesiastico, etc.).

O que se refere á Medicina popular vai mencionado nos «Amuletos». De um diploma de boticario falarei nas «Industrias & profissões».

8. Arte. — Num museu etnologico podem em verdade incluir-se obras artisticas que revelem genio nacional, e outras cujo caracter esteja só em serem antigas ; mas como separar isso das que pertencem a um museu de Arte propriamente dito? Portanto no Museu Etnologico Português, sem enjeitar qualquer obra de Arte, isto é, de *Arte culta,* que me apareça, tento sobretudo coligir obras de *Arte popular.*

Da primeira classe (Arte culta) ha nele, por exemplo : capiteis de pedra, de várias epocas ; um capital de madeira (talha) ; uma taboa de movel antigo, do Algarve, com embutidos ; várias telas, de assunto historico (D. Maria II) e religioso ; quadros de madeira e cobre (assunto religioso) ; albuns com desenhos e aguarelas de Guilherme Gameiro, Desenhador do Museu, já falecido, e de Saavedra Machado, Desenhador actual ; um desenho, á pena, de Cirilo Machado ; gravuras antigas (de Vieira Lusitano, de Sequeira, de Luís Antonio, etc.) ; retratos, estampas várias. Ás Belas-Artes liga-se

---

[1] Na Exposição de Paris de 1900 vi meridianas de pau como as nossas, as quais tinham este distico : «cadrans sosolaires allemands (XVIII^e siècle)». No Museu de Innsbruck vi no mesmo ano outras parecidas, tambem antigas. — O P.^e Antonio Carvalho da Costa publicou em 1678 em Lisboa um *Tratado dos relogios do sol* (que porém ainda não tive ocasião de compulsar). Sei tambem de obras estrangeiras d'este assunto.

[2] Vid. *De Campolide a Melrose*, p. 15, e supra, p. 196.

a M u s i c a, e a este respeito tem o Museu Etnologico tambem alguma cousa[1] : livros de côro antigos, canto-chão (pergaminho e papel), de igrejas do N. e S. de Portugal) ; solfas várias (papel) ; *Exame instructivo sobre a Musica* por Francisco Ignacio Solano, Lisboa 1790 ; *Principios de Musica* de José Monteiro Pereira, Porto 1815 ; nove instrumentos de sôpro, sec. XIX, sendo seis de metal : *a*) trompa lisa, trompa com uma *rotação*, trombone de varas (sem bocal), serpentão, cornetas de chaves, figle ; *b*) oboé, *flageolet* de Gautrot & C^e^, clarinete de Haupt, de treze chaves[2]. Com a Musica prende-se a D a n ç a. Parece que foi célebre nesta arte um Mercês, de quem tem o Museu um retrato em que se lê :

> Vera effigie do Mercês,
> Mestre de dança na Baixa,
> Que encinou gente fina,
> E muita outra com tacha.

As nossas danças de sala são em parte imitações francesas, como outros muitos elementos da civilização portuguesa ; já de 1760 é o seguinte livrinho que está no Museu : *Arte de dançar á franceza*, tradução de Joseph Thomás Cabreira (impresso em Lisboa). — Noutras secções do Museu ha evidentemente muitos objectos cuja menção encontraria lugar tambem aqui : medalhas, etc.

A «Arte popular», ou nascida do povo, passa de pais a filhos, mais ou menos imovel na sua inspiração e tecnica ; nisto se distingue da «Arte culta», de que falei acima, a qual procede de aprendizagem em escolas regulares, e póde beber inspirações fóra do ambito em que germinou. Todavia não esqueço que os campos de ambas não raro se tocam ou confundem, e que de ordinario numa classificação precisamos de nos contentar com um meio termo. Não é o veio popular susceptivel de receber direcção apurada e regular? Não descem da al-

---

[1] O Sr. Michel'Angelo Lambertini está trabalhando para a constituição de um Museu nacional de instrumentos : vid. o seu opusculo intitulado *Museu Instrumental de Lisboa*, 1914. Por vezes dizem os jornais que o Govêrno vai comprar a importante colecção musical deixada por A. Keil ; mas até hoje ela não foi ainda comprada.

[2] Acêrca de Haupt (1792-1871), fabricante alemão de instrumentos musicos estabelecido em Lisboa, vid. *Arte Portuguesa*, 1895, p. 89 sgs. (com desenhos).

tura muitas vezes os artistas para se aproximarem do viver simples do vulgo?

Outra dificuldade com que esbarra quem se ocupa de taxinomia museografica está em separar «Arte» e «Industria» (i. é, «Industria tecnica»), embora, além de outras diferenças[1], a segunda seja essencialmente utilitaria e interesseira, ou destinada á vida prática, e a primeira essencialmente bela, ou destinada a encantar o espirito. Nem sempre um objecto industrial se desacompanha de arte, nem sempre a Arte se fecha em um circuito meramente espiritual. Um prato é um produto industrial, um objecto de uso, mas póde ter fórma esbelta e ser decorado, e torna-se pois artistico. Por comodidade considerarei neste parágrafo, em primeiro lugar, as «Artes maiores» ou «Belas-Artes», e em segundo as «Artes menores» ou «industriais» (Industria tecnica). Para o capitulo seguinte, ou VII, deixo a menção de ferramentas ou instrumentos profissionais e objectos correlativos, bem como a dos mesteres de cujo exercicio não resultam artefactos.

Os produtos, quer artisticos, quer industriais, podem ser considerados debaixo de dois aspectos: do do seu fabrico & arte, e do do seu uso. Quanto ao primeiro aspecto, pertencem á classe da Arte e da Industria; quanto ao segundo, deveriam distribuir-se pelas secções a que se destinam: a loiça deveria ir para a secção da «Casa», os trabalhos pastoris deveriam ir para a mesma secção, para a da «Caça» etc., os ex-votos (pinturas) para a secção da «Religião», e assim por diante; todavia em certos casos o visitante gostará de dar um lance d'olhos a um conjunto de amostras de produtos artistico-industriais, para melhor apreciar a respectiva arte e indústria, e por isso se formam no Museu grupos de loiças, de cestos, de latas, não obstante figurarem outros exemplares ao mesmo tempo em secções especiais. É inevitavel haver repetições.

Da Escultura notei o mais importante quando tratei do «Pastoreio» e do «Transporte» (jugos). A par

---

[1] Em geral, uma obra d'arte é unica, e um produto industrial é multiplo (cf. Giner de los Rios, *Teoría de la literat. y de las artes*, Barcelona s. d., pp. 135-136): quem fez a custódia de Belem não fez outra igual; cesteiro que faz um cesto faz um cento. Por isso a obra d'arte póde não ter preço certo no mercado, o produto industrial tem-no quasi sempre.

com os pastores-artistas e os *feitores* de jugos[1], ha «artistas» por todo o país, que esculpem bengalas, caixas do tabaco, colherinhas, rocas, e semelhantes objectos: mas isto é esporadico, e não tem o cunho, por assim dizer, tradicional do trabalho proprio dos artistas que formam os dois grupos anteriores. Tambem os presos constituem um grupo de «artistas», por exemplo nas Caldas da Rainha, d'onde ha muito, e por vezes, tem vindo objectos para o Museu (*abridores* de ilhós, amuletos, canetas, *bicos* de escamisar, ganchos de meia: tudo de osso)[2]. Ao titulo de «Escultura» se subordinam os ex-votos de madeira, tão curiosos, de Sátão, e as figurinhas (Coroplastica) de barro e de massa de pão. Vid. outros capitulos d'este livro. — Para marcar os *pães de sal* usam-se nas marinhas (e existem exemplares no Museu) fôrmas apropriadas e com desenhos graciosos que ficam estampados neles[3]; produzem o mesmo efeito que os *chavões* nos bolos. De Gravura, não propriamente popular, mas destinada ao povo, temos expécimes nos «registos».—A respeito de Arquitectura pouco se póde dizer: guardam-se no Museu desenhos de chaminés e de *redes* (vid. o cap. da «Casa»), de cruzeiros e de *alminhas*[4]. — A Pintura tem modestissimo cultivo, por ser dificil, e exigir preparação e aviamentos que só estão ao alcance de quem faz profissão do assunto. No Museu ha: uma concha com uma pintura de feição popular; amostras de tatuagem (vid. o cap. do «Vestuario»), e numerosos ex-votos pintados em madeira e lata (vid. o cap. da «Religião»).—No que pertence á classe da Musica, isto é, a instrumentos musicos populares e infantis, é que o Museu está melhor provído. «Não se »acha gente, por barbara que seja, que não tenha sua »musica, má ou boa, segundo o que cada hum della al»cança, como vemos em . . os rusticos do campo, a que

---

[1] No Minho chama-se *feitores* aos fabricantes dos jugos.

[2] Vid. nos capitulos dos «Vicios» e da «Indústria» outros exemplos de trabalho de presos. Dos cegos como artistas falo na «Arte» (cestos); eles nos asilos constituem por vezes tambem filarmonicas. Devem-se aos grilhetas os primeiros trabalhos de empedrado artistico que houve em Lisboa (dirigidos, segundo consta, pelo Governador do Castelo de S. Jorge, o Brigadeiro Eusebio Candido, por 1842).

[3] Vid. Vergilio Correia, *A arte no sal*, Porto 1914 (separata da *Aguia*).

[4] Cf. *Religiões*, III, 602, e n. 1.

»não faltão suas gaitas», diz Barros no *Panegirico da infanta D. Maria,* § 51. Lista de instrumentos, populares e infantis, do Museu : *a*) De percussão: *castanhetas* feitas de conchas, castanhetas de madeira de varios tipos, algumas pintadas ou artisticamente insculpidas[1] ; *pandeireta* ou *tamboreta*[2] ; *adufe* (quadrangular : de Castelo Branco) ; *ronca* (de Elvas)[3] ; *ferrinhos* (compostos de *asas* e *batente* ou vareta), de Baião. Pertencem aqui as *campainhas,* com suas variedades (chocalhos, guisos) : ha-as metalicas, e de barro ; e pertence a *matraca,* de que falei na «Religião». *b*) Instrumentos de sopro ou de vento: várias «gaitas» de cana, como *pifre* ou pifano, *corneta,* flauta ; *corneta* de barro, colorida ; gaita de lata ; *gaita de capador,* feita de cana, de seis tubos que diferem entre si no tamanho (Beira)[4] ; *cuco,* especie de ocarina de barro fino e artistico (Prado) ; *assobios* ou apitos[5] : um de cana ; dois de caroços (Obidos) ; dois de pau do ar (*apito de ponta* e *apito curto:* Braga), um de madeira, duplo, feito artisticamente (Serpa) ; muitos de barro[6]. Dos

---

[1] Cf. *De Campolide a Melrose,* p. 44.—Ha iguais noutros paises, por exemplo na Sicilia : vid. *Mostra Etnografica* de Pitrè, p. 22.

[2] Cf. uma cantiga popular do concelho da Pesqueira :

> Menina, que está á janela,
> Com a mão na chapeleta,
> Pote me cá dez-reizinhos,
> Qu'eu toco-l'a *tamboreta*

(variante : *pandeireta*). — A palavra é um deminutivo de *tambor,* o que corresponde á fórma do objecto.

[3] Vid. a descrição em A. T. Pires, *Estudos e notas elvenses,* VI, 9, e em Lambertini, *Museu Instrumental,* 1914, p. 71.

[4] Tambem usada pelos amoladores de navalhas. É a conhecida «flauta de Pan» ou *arundo,* de que disse Tibulo, *Eleg.* II, V, 31 : *fistula, cui semper decrescit arundinis ordo,* e acêrca da qual ha muitas noticias nos AA. romanos e gregos. Esse instrumento encontra-se, como é natural, noutros povos modernos, por exemplo em França («flûte de Pan en roseaux» : Danilovicz, *L'art rustique français,* sem paginação). Cfr. Martigny, *Dict. des antiq. chrét.* (syrinx).

[5] *Apito* parece que era originariamente uma variedade de *assobio* ou *assovio,* isto é, como diz Jeronimo Cardoso, *Dictionarium,* Coimbra 1570, *sibilatorium nauticum,* e cf. tambem Bluteau, *Vocab.,* s. v. ; mas na lingoa comum da actualidade *apito* e *assobio,* como instrumentos, são sinonimos.

[6] Ha tambem um de prata, antigo, que representa uma ave : não sei porém qual é a data d'ele, nem a proveniencia certa.

assobios de barro uns são pintados, outros vidrados, e figuram animais, tipos populares, satiras politicas, objectos de uso, etc., por exemplo: galinha & pintainhos, cesto com sino-saimão ou pentalfa, berço com um menino, menino com um bacio, bois jungidos com o caracteristico jugo do Baixo-Minho (vid. supra, pag. 219), cabeça bifronte, quadrupede de duas cabeças, tocador de viola, fadista, cavaleiro, soldados de infantaria e cavalaria, fogueteiro, cavalo com carga, gato no momento de apanhar o rato que vai ao saco da farinha (deve ser a fabula da doninha e dos ratos, que chegou ao povo ou pelas aulas de latim, fabulario de Fedro, ou pela colecção de Manuel Mendes, sec. XVII)[1]. Do gaiteiro, ou tocador da *gaita de fole*, ha representações antigas em figurinhas de barro e numa gravura colorida[2]. *c*) Instrumentos de c o r d a : *viôlo* infantil de Valdevez, machête de cordas d'arame (tambem chamado *manchête* e *marchete*: ouvi dos tres modos no conc. de Portalegre[3]). Em pratos de faiança antigos (talvez dos principios do sec. XIX), que o Museu possue, ha figuras que representam um tocador e uma tocadora de viola; acima falei já de uma figurinha de barro da mesma especie, e ha mais. *d*) I n s t r u m e n t o s v á r i o s : *berimbau*; *carriça*, de cana (Baião), *lingoreta*, de cana (Baião). Acêrca de instrumentos musicos populares e infantis vid. tambem *Ensaios Ethnogr.*, IV, 299 sgs. Ás vezes não é facil distinguir entre «instrumentos» e «brinquedos»; vid. pois o capitulo em que falo d'estes. Quer os brinquedos, quer os instrumentos infantis, são não raro imitação, digamos assim, de objectos «se-

---

[1] Os assobios de barro enchem-se de agoa para se tocarem ou gorgearem melhor, e chamam-se por isso *rouxinois*. Acêrca d'estes instrumentos vid. *Revista Lusitana*, III, 82 sgs. (artigo de Ferraz de Macedo). — Cf. tambem José Queiroz, *Figuras gradas*, Lisboa 1909, p. 71 sgs. — Diz Jorge Ferreira (sec. XVI): «sois todo hũa mangana, mayormente se for descantada com nesparas, e *roixinol de barro*», na *Comedia Eufrosina*, ed. de Lisboa, 1615, fls. 104-verso. O nome é pois antigo.

[2] Cf. *De Campolide a Melrose*, p. 83. A gaita de fole já figura como ornato no *Missal* de Estevão Gonçalvez (1610), na página da ascenção da Virgem.

[3] Cf. a seguinte cantiga que lá ouvi:

O tocador do manchete
Tem dedos de marfim,
Tem olhos d'enganar otro,
Não m'ha-d'enganar a mim.

rios». — Com a Musica relaciona-se a D a n ç a. Assim como aquela se representa em pinturas de pratos e figurinhas de barro, tambem esta. Tem o Museu: prato antigo com um dançador que ao mesmo tempo toca viola; outro com uma dançarina que toca castanhetas; figura de barro, homem que toca; outra figura, mulher que dança; outra, mulher que toca pandeireta e dança; outra, igualmente moderna, beata ou freira que dança tocando *castanhetas* (satira religiosa). — Umas artes ajudam assim a conhecer outras.

Passemos ás artes menores, ou artes industriais.

A c e r a m i c a é a indústria mais generalizada, e uma d'aquelas que ascendem a remotissimo passado. No Museu procuro coligir principalmente: espécimes antigos, e entre eles os que representam fábricas de renome; objectos que expliquem as fórmas ceramicas populares da actualidade; tudo o mais que, de origem popular, ou não, se relacione com o viver tradicional ou o simbolize: e isto, tanto pelo que se refere á loiça propriamente dita, como a outros produtos da indústria do barro (azulejos, pesos, figurinhas, etc.). Para o que vai ler-se convem ter presente a classificação adoptada pelo Sr. Ch. Lepierre no seu estudo da *Ceramica Portuguesa Moderna*, 2.ª ed., Lisboa 1912, pp. 16-17, á qual em parte me cinjo.

a) *L o i ç a c o m u m* (não-vidrada e vidrada). A loiça comum não-vidrada póde ser preta, e póde ser amarela ou vermelha. Foi a primeira que se fabricou, e restam entre nós amostras d'ela desde o tempo neolitico. Quem se désse ao trabalho de comparar a ceramica popular actual com a que nos legaram os povos da Lusitania (pre- e proto-historicos, Romanos, etc.), verificaria muitas semelhanças entre as fórmas e decorações do vasilhame antigo e as do moderno (tigelas, pucaros, pratos, bilhas, testos, vasos de manjaricos, potes, talhas). Isto porém não é estudo compativel com o espaço de que disponho. Da Idade-Media possue o Museu, além dos vasos da Idanha (vid. p. 193), um vasinho de barro vermelho, que será do sec. XIV[1]. Ao sec. XVI pertencerão as loiças vindas da Rua do Bemformoso, e que apareceram em um entulho que em camadas bastante superiores continha moedas de D. Sebastião. Algumas

[1] Vid. *O Arch. Port.*, IX, 301-303 (M. J. de Campos).

das peças que se encontraram nas excavações e demolições do convento de Sant'Ana, e que entraram no Museu em 1898 (ao todo oitenta e quatro), assemelham-se não só ás que José Queiroz (*Cerâmica Portuguesa*, Lisboa 1907) dá como dos secs. XVI e XVII, mas a várias de Evora[1], e lembram acaso vasilhas romanas, no tamanho e na fórma; outras datarão do sec. XVIII. Igualmente bastante antigos são uns vasinhos de loiça vermelha que estão na secção dos «Indeterminados», e apareceram no Sul. Possue mais o Museu, de epocas antigas: tigelinhas de barro, de Evora; um vasinho de loiça preta, encontrado em Numão; dois pedaços de loiça igual, cada um com as armas reais portuguesas, aparecidos nas muralhas de Montalegre e Chaves; fragmentos de vasos vidrados de amarelo, provenientes de entulhos do castelo de Mértola. Da epoca presente estão representadas diversas fábricas, do Algarve, do Alentejo, da Extremadura e do Minho, com peças não-vidradas (barro de diferentes côres) e vidradas: *terrina, pucaro, bicado, quarta, barril, tigelinha, cantaro, caldeirinha, bacio* de criança, *cafeteira, bilha, almotolia, prato saloio, pratinho, caçarola, frigideira, chocolateira, panela, pingadeira, moringa, moringo, porrão* para mel, *vinagreira*, etc. (E. 555 sgs., E. 3797 sgs., E. 3828 sgs., E. 5542 sgs., E. 5606 sgs., E. 5621 sgs., etc.). Da loiça de que me estou ocupando ha numerosos centros de fabricação, por causa dos muitos jazigos argilosos do nosso solo, e por ser a que mais usam os aldeões[2]: a loiça preta fabrica-se exclusivamente nos distritos de Viana, Braga, Vila-Real, Viseu, Aveiro, Porto (muito pouco), Coimbra (Oeste) e Portalegre (muito pouco); a loiça comum vermelha ou amarela não-vidrada e a loiça vidrada fabricam-se em todos os distritos[3]. Eis aqui uma especie etnografica em que o Museu póde enriquecer-se num momento, logo que tenha salas suficientes: basta que um dos empregados percorra o país e vá a certas feiras. A par de processos primitivos no fabrico, o oleiro usa fórmas elegantes e decorações variadas que testemunham, sobretudo as primeiras, excelente gôsto artistico, como os especialistas reconhecem. Este gôsto

---

[1] Vid. Camara Manoel, n*O Arch. Port.*, II, 302 e estampa.
[2] Lepierre, *Ceramica*, 2.ª ed., pp. 29 e 31.
[3] Lepierre, p. 174.

julgo-o comparavel ao que patenteiam os trabalhos pastoris; num caso como no outro tem-se avigorado um tanto com o longo, secular exercicio. Á elegancia das fórmas ceramicas alia-se quasi sempre a utilidade prática, que é por via de regra quem dá o impulso.

b) *Faiança esmaltada* ou loiça vidrada branca (pasta còrada, vidrado estanifero). Distinguirei: azulejos; fábricas de renome; e loiças várias[1]. De azulejos ha uma serie de quadros, do sec. XVIII, ainda estendidos no chão, e que em breve vão ser melhor dispostos; ha outro quadro mais antigo, talvez do sec. XVII, e azulejos avulsos: uns, talvez do sec. XVI (vindos de Santarem, do tipo chamado hispano-mouresco), e outros de diferentes epocas; nestes ultimos ha dois em que se pintou um mapa geografico, e uma figura de compendio de geometria, azulejos que provavelmente faziam parte do revestimento de uma sala de aula, como os seus congeneres que se vêem no Liceu de Evora. Fábricas famosas nossas antigas (sec. XVIII e XIX) representadas no Museu, são por exemplo: Rato, Bica do Sapato, Rocha Soares (Porto), Viana, Juncal, — com travéssas, terrinas, tinteiros, pesos de tear, etc. Faianças várias, do sec. XVII a XIX: tinteiros e areeiros; pias de agoa benta (uma d'elas, que me pertence, e aqui depositei com outros exemplares ceramicos, representa um oratorio: sec. XVIII); jarras para flores; boiões de botica (sec. XVII, etc.); prato com a cruz de Malta (sec. XVII); pratos com figuras humanas e figuras de animais e outras; jarrões; canecas; molheiros; bacias e jarros; pratos que serviam em cerimonias de igreja, como consta da inscrição LAVA PES. De faiança vulgar moderna tambem ha espécimes, por exemplo um prato em que se lê: *ofereço á minha pindérica.*

c) *Ceramica artistica e de fantasia.* Já no cap. dos «Vestuarios e noutros me referi a figurinhas de barro que o Museu possue, antigas e modernas. Algumas das antigas eram de presepes que se armavam nas igrejas e nas casas, pelo Natal[2].

[1] Ao meu amigo e ilustre critico d'Arte o Sr. Antonio Arroyo agradeço algumas indicações que me deu quanto ás datas que aqui estabeleço; todavia não lhe atribua o leitor as inexatidões que por ventura eu cometer.

[2] Dos nossos escultores barristas ou fabricantes de bonequinhos de barro (Machado de Castro, etc.) tratam

As modernas usam-se para se terem em cima da mesa como enfeite, e para as crianças brincarem : matança do porco ; paliteiro com a fábula do lobo e do grou (cfr. outra fábula, supra, p. 245[1]) ; paliteiros varios (oratorio, etc.) ; sátiras á politica contemporanea (personagens) ; e assim por diante. Os mercados da Praça da Figueira (festas de Junho) e as feiras de Alcantara e outras de Lisboa são os centros em que o Museu mais se tem abastecido. Das Caldas da Rainha ha objectos de loiça artistica que provém de fábricas antigas, por exemplo, velho sentado numa cadeira a ler, e outros que provém de fábricas modernas ; da última classe especializarei uma boneca de faiança colorida (obra de M. Bordalo Pinheiro) que como que põe ao vivo o episodio da Mofina Mendes, que vai *cõo pote dazeyte aa cabeça* e o deixa cair[2]. O que no decorrer do presente trabalho tenho dito das figurinhas de barro, que á mór parte das pessoas parecerão meras bogigangas, mostra bem qual é a importancia etnografica que elas tem, como representantes da vida e genio do nosso povo. E o que acontece com as figurinhas, acontece com muitos outros produtos artisticos e industriais, cada um na sua especie.

d) *Ceramica vária.* Nesta classe incluo os tejolos de construção, usados por todo o país, mas mais no Sul, onde a cada passo os pavimentos são feitos com eles, como na epoca romana ; cp. supra, p. 206, onde falei da «rede», de telhas antigas, e da *adobeira*. Vid. tambem o que disse de campainhas, candeias, tubos, e pesos de pescador. De pesos de barro de tear, que já ascendem aos tempos prehistoricos, e tiveram grandissima voga entre os Lusitano-Romanos, falarei adiante.

J. Queiroz, *Ceramica*, p. 273 sgs. ; Lepierre, *Ceramica*, p. 138 ; Ferreira Girão, *Industria ceramica da 1.ª circunscrição*, Lisboa 1913, p. 15. Todos eles mencionam as fábricas respectivas : Aveiro, Alcobaça, Batalha, Lisboa, Caldas, Estremoz, Barcelos, Devesas, etc. Vid. tambem *Arte Portuguesa*, 1895, pp. 115-117.

[1] Tambem na literatura oral tenho encontrado fábulas do tipo das esopicas.

[2] Gil Vicente, *Obras*, I, 115-116. Cf. *O Arch. Port.*, XIX, 368 (Luís Chaves). Este episodio foi estudado na sua génese por Vasconcelos Abreu, n-*Os contos, apologos e fabulas da India*, Lisboa 1902.

Demorei-me um pouco com a indústria ceramica, por ser a melhor representada no Museu. Quanto ás restantes, falarei de fugida.

De trabalho de cesteiro possue o Museu, entre outros objectos: cesto de vime, grande, adquirido na feira das Mercês (E. 5637), *cabanejo* de Evora, *capoeira* de Alcácer, cesto adquirido em Colares, cesta do Redondo (E. 572), cesta de meia (Gerês: E. 2583), uma cestinha feita no Asilo dos Cegos de Castelo de Vide, várias cestas ornamentadas (Sul: E. 5665, etc.), cestinha arrendada (para fruta), *alcofas* de esparto (Lisboa: E. 5178-5179), *costuras* (E. 5651), vários cestos e cestas, alguns artisticamente feitos (E. 5656, etc.), cesta de Alcains (E. 2722), cesto e cesta de vime das Caldas da Rainha (E. 3881-3882).

De trabalho de latoeiro: cabaço para tirar agoa (especie de vaso, com cabo muito comprido)[1]; colecção de varios utensilios fabricados em Lisboa (E. 5427, etc.): *pucaro, aro, migalheiro* (mealheiro), *lata para chá, corredor, ripadeira, funil; bacia* da cara e das mãos (Freixo de Espada á Cinta); *tigelinha* para os meninos comerem. Outros objectos de lata são mencionados nas secções da «Iluminação», da «Casa», etc. — Muitos objectos de lata imitam os de loiça.

A trabalhos de serralheiro, corticeiro e de fabricante de palitos refiro-me noutras secções: «Vida do Campo», «Várias indústrias», «Casa», etc.

VII. Várias indústrias e profissões[2]

Comparativamente com o que poderá obter-se, logo que haja espaço, não é muito o que o Museu possue por ora.

a) Indústria téxtil: *espadana* (Beira), *espadadouro* para o linho (E. 2590), *espadela* e *cortiço* respectivo (Guimarães); modêlo de madeira de um tear do

---

[1] De «cabaços» naturais falei na «Vida do campo», p. 227.

[2] Acêrca da classificação das indústrias vid. em especial o *Boletim do trabalho industrial*, n.º 23 (Oliveira Simões), Lisboa 1908; e cf. outros n.os do mesmo *Boletim*: 52, 60, 64. Vid. tambem G. A. Pery, *Geografia e estatistica geral de Portugal*, Lisboa 1895, p. 145 sgs. — De algumas outras industrias que falo supra, parte I, p. 70 sgs. (§ 12).

Alto-Minho; pesos de tear[1], de faiança (fábrica do Juncal), de barro (com ou sem ornato), de pedra, de madeira; *cambos* artisticos (acessorio de tear)[2]; fuso artistico de pau, revestido de finas laminas de palha, com pinturas (corações, chave, vaso de flores, cinco pontos ou «chagas», aves, brasão português, letras iniciais de um nome), obra de um preso politico da praça de Almeida no tempo de D. Miguel (E. 939); um exemplar da *Olivença Ilustrada pela vida e morte de Maria da Cruz,* de Fr. Jeronimo de Belem, Lisboa 1747, em que ha uma estampa que representa Maria da Cruz a dobar, e ao pé um tear e uma tecedeira; modêlo, de madeira, de um *fulão* ou «pisão» do Alto-Minho; rocas de diferentes fórmas, e algumas artisticamente decoradas[3]; àprestos respectivos ás mesmas: *fusos, parafusos* e *parafusas,* de pau ou de ferro, *cossoiros,* ou volantes de fuso, artisticos[4]; dobadouras de varios tipos, antigas e modernas; sarilhos, *fôrmas de fazer cordão* (Alentejo); moldura com a imagem de Santa Genoveva, que está fiando sentada, ao mesmo tempo que tem um livro (de orações) no regaço, e lhe pasta ao pé o rebanho; prato de faiança antigo, com uma figura de mulher pintada, que tem um sarilho na mão; outros pratos antigos de faiança, com pinturas de mulheres que fiam.

b) Indústria do vestuario e anexas: utensilios de costura (*cesta da costura;* açafates, chamados no Alentejo *costuras* e *teigos,* de cortiça, etc.; *furadores* de fazer ilhós); *canhões* de que as mulheres do norte de Trás-os-Montes se servem para fazer meia, espetando-os na cintura; *ganchos da meia* de varios tipos chamados *tecedores* em Avis, e quasi sempre, quando de pau, muito artisticos)[5]; agulheiros artisticos

---

[1] Cf. *De Campolide a Melrose,* p. 41-42.

[2] Vid. Vergilio Correia, *Velhos teares,* Lisboa 1912, p. 9 sgs.

[3] Cf.: *Rev. Lusit.,* V, 311-312; *Portugalia,* II, 638 sgs.; e *Arquivos da Univ. de Lisboa,* II, 235.

[4] Cf. *O Arch. Port.,* VIII, 168-169.

[5] Cf. *O Arch. Port.,* XIX, 390. Ha-os simples, e outros compostos de tres partes móveis, que porém são feitas de uma só peça, ou inteiriças. Objectos semelhantes se encontram: em França (Danilowicz, *L'art rustique français,* sem paginação); nos Pretos de Africa, segundo se vê na secção colonial que formei no Museu Etnologico; etc. Os Alentejanos fabricam outros objectos de modo analogo.

de fórma de *boleta*, etc.) ; colecção de fôrmas de madeira destinadas a distender *meias* de mulher e de menina, *coturnos* de homem e de rapaz, e *meúcos* de crianças dos dois sexos (de Mondim da Beira, que outr'ora se chamou *das Meias,* por causa da intensidade com que as mulheres lá exercem esta indústria) ; *preguiças* em que se metem as agulhas da meia quando o trabalho se interrompe (Alentejo) ; aprestos para rendas (bilros, almofada, e *pique* ou desenho de papel[1] : Setubal)[2] ; tres *ganchas* ou *cavaquinhas* de fazer renda, artisticas (Vilarôco) ; *riscos* para bordados manuais (Portalegre)[3] ; ferros de engomar, alguns d'eles artisticos.

c) Indústria dos c o r t u m e s[4] : de objectos relacionados com esta indústria, possuidos pelo Museu, falei n-*O Arch. Port.*, XIX, 388.

d) Indústria da m a d e i r a : modêlo, de pau, de *engenho de serra,* para serrar taboas de toros de pinheiro (Alto-Minho) ; *tràdinha* (Mogadouro) ou *verruma* ou *rivela* (Moncorvo).

e) Indústria m e t a l u r g i c a : *talhadeira* e *assentador,* de ferreiro ; figurinha de barro que representa um ferreiro que trabalha na bigorna.

f) P r o f i s s õ e s : bacia de barbeiro (loiça vidrada) ; certidão de aprovação no oficio de *çapateiro* e *borzegueiro,* 1829 ; diploma de um *boticario,* sec. XVIII ; ponta de seta, de cobre, prehistorica, que ainda ha pouco servia de lanceta de *sangrador* (está espetada numa cortiça : Miranda do Douro).

Os objectos mencionados nos paragrafos *a*) e *b*) pertencem á classe que costuma chamar-se *das industrias caseiras* ou *domésticas.* — A proposito de indústrias vid. outras secções : «Vestuario», etc.

---

[1] Cfr. *L'art rustique en Italie,* p. 439 sgs.

[2] A respeito das rendas vid. : *Arte Portuguesa,* 1895, p. 196 sgs. ; *Boletim do Trabalho Industrial,* n.° 94, Lisboa 1914 (Costa e Sousa).

[3] Na Beira dizem *riscos,* na Extremadura *debuxos.* Os de que falo no texto devem ser de 1840, pois esta data se lê num pedaço de jornal em que um d'eles está pregado. — Em colecções nossas de *riscos* do sec. XIX tenho visto de mistura desenhos franceses, que por vezes serviram de modêlo àqueles.

[4] Cfr. tambem sobre o assunto o *Boletim do Trabalho Industrial,* n.° 43, Lisboa 1912 (Cunha Côrte-Real).

VIII. Vida social em geral

Sem dúvida que certas cousas que mencionei nos capitulos precedentes («Religião», «Escolas», «Vestuario», etc.) pertencem á vida social; todavia, como já por mais de uma vez tenho ponderado, nunca se fazem divisões rigorosas.

1. Folganças: brinquedos, jogos, espectaculos. — De alguns brinquedos falei na «Vida infantil». Outros brinquedos de rapazes: *pião* de pau, *piasca, piôrra, rapa* (exemplares antigos de pau e marfim), etc.[1]; *péla,* peças de bronze e de pedra do jôgo da malha, muito popular. Cartões com figuras do tipo de «onde está o gato?» (de origem moderna). Jogos de salas: taboleiro das damas e gamão com copos e tavolas de marfim; gravuras antigas de cartas de jogar[2]; cartas de jogar («para crianças»), antigas. Espectaculos: bilhetes dos teatros de D. Maria e S. Carlos, de 1841, 1851, 1852; bilhete (cartão) de uma tourada do Campo de Sant'Ana em 1861[3]; outros bilhetes de várias datas (1841, 1884); bilhete de touros da praça do Salitre, de 1805; *Preceitos de tourear,* Lisboa 1822, folheto com uma gravura de madeira que representa uma tourada; *Relaçam da festividade de touros,* Lisboa 1752, folheto de literatura de cordel com a gravura de um picador e o touro; um exemplar do jornal chamado *O Toureiro.*

2. Actividade comercial. — Como outras secções, é esta tambem ainda pobre, postoque se possam colher com facilidade muitos elementos de estudo em feiras, tabernas, botequins, casas de adelo, lojas de ferro-velho, etc. Tem o Museu: figurinhas de barro

---

[1] Vid. *De Campolide a Melrose,* p. 44(-45), nota 2. — Um dos piões de pau é colorido, e tenho-o por imitação de pião metalico (estrangeiro).

[2] Para a historia das cartas de jogar, no que toca a Portugal, vid.: Jorge Ferreira, *Eufrosina,* ed. de 1786, p. 148; Fr. Bernardo de Brito, *Sylvia de Lisardo,* 1597, fls. 4; Stork & D. Carolina Michaëlis, *Vida de Camões,* p. 310; J. Vitorino Ribeiro, *A Imprensa Nacional de Lisboa,* 1912, p. 8; *A Imprensa,* jornal (num dos numeros de 1890).

[3] Tem no reverso a impressão de um carimbo, com legenda, que diz: *municipalidade da vila d'Ourem.*

que representam vendedores ambulantes ; uma taboleta de loja de venda (Evora)[1] ; uma chapa de agoadeiro lisbonense (sec. XIX)[2] ; varios anuncios de venda impressos (antigos) ; carta de seguro com gravuras artisticas e simbolicas, de 1796. —Vid. tambem os capitulos dos «Vicios», do «Vestuario», etc.

3. METROLOGIA. — Na *Hist. da sociedade em Portugal*, de Costa Lobo, Lisboa 1903, pag. 243 sgs., ha um capitulo importante sôbre a nossa metrologia antiga ; cf. tambem T. de Aragão, *Moedas*, t. I, p. 38. Em 1852 foi decretado o sistema metrico decimal, e de então para cá as medidas velhas tem ido pouco a pouco desaparecendo do uso do povo, nem sempre porém propenso a innovações. No Museu ha algumas colecções de medidas antigas, de capacidade (para secos e liquidos), de pêso, e lineares : *quartiho* de barro, com asa ; *oitava*, de pau[3] ; *meio-celamim*, de pau, com datas de aferições, dos anos de «57» a «63» ; pesos de pedra, de ferro, de bronze (estes são de fórma de taça conica, e encaixam uns nos outros) ; medidas de vidro, para agoa-ardente ; *vara & covado ;* dois pesos de ferro, padrões da comarca de Sousel. E ha tambem : *ganchos* de ferro, para pesar ; balanças de ferro gandes. — Cfr. supra, p. 218.

Em seguida ás medidas poderia falar das m o e d a s, mas estas vão com as medalhas em secção á parte.

4. CORREIO e cousas anexas.—Amostras de como se indicava o preço do porte das cartas antes das estampilhas (estas começaram em 1853) : sobrescritos antigos em que se imprimiu um carimbo : BRAGA, sem data, com «20» rs. ; CASTRO DAIRO, com «20» rs., de 1830 ;

---

[1] Ha pelo país muitas taboletas onde o etnografo encontra algo que lhe importe : umas com versos, outras com emblemas, etc. Cfr. *Letreiros celebres* (de Lisboa) de A. Maria do Couto, 2 partes, Lisboa 1806. Nos proprios balcões das mercearias se lêem por vezes versos : Eu de fiar tenho pena, || E a pena me dá cuidado, || E p'ra não viver com pena, || Não quero vender fiado || , ou avisos do teor d'este : *Hoje não se fia, amanhã sim.* — Cf. *Rev. Lusit.*, V, 309.

[2] O agoadeiro de Lisboa (geralmente Galego de origem) é um tipo que vai a desaparecer com seu barril e seu pregão Vid. uma estampa (colorida) no *Album de costumes portugueses*, Lisboa (Corazzi), s. d. e sem paginação.

[3] Ás de pau chamam *medidas de cepo.*

LISBOA, com «40» rs., de 1840 e 1845, com «25» rs., de 1844, com «30» rs., de 1841; PORTO, com «30» rs., de 1839. Tres carimbos antigos vindos de Alcobaça, que serviam para fazer carimbos como os que ficam indicados: um diz ALCOBAÇA, e os outros respectivamente «30» e «40», isto é, reis. Outras amostras de carimbos postais antigos (sobrescritos): CASTRO DAIRO 1827; AMARANTE, sem data; COVILHÃ (sec. XVIII); PORTO, 1851; LISBOA, 1840. Exemplar de um seguro do correio, antes de 1813. Amostras de como se fechavam ou dobravam as cartas antes do uso ou generalização dos sobrescritos: sec. XVIII e XIX (ainda hoje assim se fecham por vezes). Amostras de estampilhas e bilhetes postais de diversas epocas. Impressos (folhetos e mapas): *Regulação da pequena posta*, Lisboa 1801; *Decreto para a nova regulação do correio*, 1812; *Mapa dos correios de Portugal* (1.ª metade do sec. XIX).

5. Possue o Museu Etnologico boa porção de exemplares de PAPEL SELADO antigo, do sec. XVII para cá, e de SELOS forenses de diversos anos (sec. XIX).

6. HERALDICA. — Tanto á entrada do Museu, como num dos lapidarios, ha brasões de pedra, de casas fidalgas. No pavimento III temos o seguinte: cartas de brasão concedidas pelos reis, dos secs. XVI, XVII e XVIII; varios brasões pintados; sinetes com brasões artisticos, e cabo de marfim ou metalico; um brasão bordado de seda; botões brasonados de criados de casas nobres; impressão de selos brasonados antigos posta em obreia, cera e lacre; carimbos metalicos; vistas de castelos e solares; *Nobiliarchia Portuguesa*, de Villasboas, ed. de 1708; *Memorias dos grandes de Portugal*, de Caetano de Sousa, 1755. — Os titulos nobiliarquicos, distinções honorificas e direitos de nobreza foram abolidos pelo Governo da Republica em 1910[1]; só houve excepção para a Ordem militar da Torre & Espada.

7. MILICIA. — Capacetes metalicos e parte de uma armadura de ferro (peito), espadas (uma d'elas diz: *Viva Dom João V rei de Portugal*)[2], lanças, espin-

---

[1] *Diario do Govêrno*, de 18 de Outubro.
[2] Cf. *O Arch. Port.*, XIX, 389.

garda com baioneta, espingarda de pederneira; balas e pelouros; botões e chapas de fardamento; duas baleiras (aparelho de fundir balas de espingarda); vistas do castelo de Almourol e das muralhas de Guimarães; retrato de Massena (E. 2541); mapa de Portugal com a indicação dos distritos do recrutamento e reserva (moderno); um papel manuscrito com a *Inscrição arabica* da peça de Dio, tradução de Fr. João de Sousa (E. 903); uma gravura da *Malta Portuguesa* (peças, balas e guerreiro com a cruz de Malta na loriga); varios livros de assunto militar: *Memorias militares*, de Couto de Castelo Branco, Amsterdão 1719 (com mapas e figuras); *Direcções para coroneis*, etc., tradução de D. Joaquim de Noronha, Lisboa 1767; *Diccionario militar* por V. A. Ferreira da Costa, Lisboa 1825; *Traduçaõ das manobras*, feitas pela 2.ª ed., Rio de Janeiro 1813, manuscrito. —Vid. tambem «Armas», supra, p. 217.

8. Coisas várias, atinentes á HISTORIA DE PORTUGAL: colecção de paineis com brasões de vilas e cidades; cartões com outros; azulejo azul com um navio e a palavra ALCACER (brasão de Alcacer do Sal); outro azulejo com as armas reais portuguesas; retratos de monarcas e principes portugueses e de outros personagens notaveis da nossa historia politica, militar, artistica e literaria, e entre estes ultimos Camões, o P.^e Antonio Vieira, Diogo de Paiva de Andrade, Luis Antonio Verney, Marquesa d'Alorna, Barbosa Machado, Filinto Elisio, Castilho, Inocencio da Silva; *Repertorio das Ordenações do Reino*, Lisboa 1604; *Aplausos academicos* (victoria do Ameixial), Lisboa 1673. Tudo o que fica dito relaciona-se com o regime passado. O novo regime está representado por: alegorias da Republica (figura de barro, etc.); moedas com carimbos que traduzem ideias republicanas[1]; miniatura da bandeira e brasão portugueses actuais (1 de Dezembro de 1910); retrato do S.^or D.^or Manuel d'Arriaga, 1.º Presidente; um exemplar do jornal intitulado *Republica*. — Ha tambem medalhas tanto da Monarquia como da Republica, que vão indicadas noutra secção.

---

[1] Cf. *O Arch. Port.*, XIX, 86 e nota.

IX. Vária

Compreendo sob esta denominação dois grupos :

a) Secção mondinense. — Designo assim um grupo de objectos pertencentes ao antigo e extinto concelho de Mondim das Meias ou da Beira. «Esta he a ditosa patria minha amada», e por isso releve-se-me a excepção que fiz, visto que, no que toca á Etnografia, e á Arqueologia propriamente portuguesa, não posso formar capitulos especiais para todos os concelhos de Portugal. Nesta secção ha : papeis respeitantes ao antigo concelho ; *Tratado da circulação do sangue*, por Alexandre da Cunha, natural da vila de Mondim, Porto 1761 (é do Director do Museu) ; meio-tostão de D. Manuel I, achado numa fonte em Mondim de Baixo (idem) ; *Arte de orar*, do P.e Diogo Monteiro, 1630, que tem ex-libris externo na capa da frente : SALZEDAS, pois pertenceu á livraria do respectivo mosteiro (é hoje tambem do Director, por dadiva de A. Fernandes Tomás) ; manuscritos do convento de S. João de Tarouca, com o sêlo monastico ; fotografias do mesmo convento ; cópia d'um livro manuscrito do sec. XVII, do mosteiro de Salzedas ; foral do couto do mesmo mosteiro, pergaminho iluminado, de 1540 ; dois veus de calix, de seda, com *conclusiones* academicas, sec. XVIII, dos mosteiros de S. João e Salzedas ; duas varas de camaristas municipais com as armas do reino ; dois *dobadores* de madeira. De fôrmas de meia falei supra, p. 252. — A presente secção é, como se vê, de Arqueologia portuguesa, e de Etnografia ; na secção de Arqueologia romana e pre-romana do Museu ha outros objectos. Tudo isto será aproveitado numa obra que estou preparando acêrca do antigo concelho de Mondim da Beira.

b) Curiosidades.—Objectos varios que ou não podem entrar facilmente em nenhuma das outras secções, ou que não bastam para constituirem secções novas : bilhetes de visita antigos, com cercaduras ; bilhetes de lotaria, 1815 ; recibos antigos ; letras de dívida antigas ; rosa dos ventos (pintada) ; reprodução de uma vista de Lisboa ; outras vistas antigas, de Lisboa e de Coimbra ; *Descrição do novo invento aeorostatico*,

com uma figura colorida, 1783 ; *Roteiro terrestre*, de J. B. de Castro, 1767 ; mapas geograficos antigos ; caricaturas antigas ; figuras de ferro do pelourinho de Sousel ; esfera armilar, tambem de ferro ; duas receitas médicas, de 1825 e 1828 ; etc., etc.

X. Etnografia insular

Os Arquipelagos dos Açores e Madeira foram descobertos (sec. XV) e pela maior parte povoados pelos Portugueses, sob o dominio dos reis de Portugal ; por isso, e pela proximidade do continente, estão considerados como apendice d'este, e a sua Etnografia não passa de um ramo da Etnografia geral portuguesa.

O Museu Etnologico possue os seguintes objectos etnograficos dos Açores e Madeira : candeias de ferro, indústria popular da Ribeira-Grande (S. Miguel : E. 2941 e 2942) ; aguilhada de luxo dos Arrifes (S. Miguel : E. 2943) ; colcha, indústria caseira do Nordeste (S. Miguel : E. 2944) ; modêlo do *carrinho do Monte* ou cesto (especie de trenó) para descer o caminho da Senhora do Monte, que vai do Monte (séde da freguesia) ao Funchal ; loiça de barro (panelas, pucaros e bilha) ; figurinhas de barro que representam animais, pessoas e objectos caseiros (galinhas, Reis Magos, cesta, etc.) ; modelos da carapuça da *vilôa* da Madeira e da *bota* de coiro ; colecção de tipos populares e de fotografias : *vilão* da Madeira, *lavrador* de S. Miguel ; instrumentos musicos madeirenses (*rajão, braguinha, viola de arame*, E. 4592 sgs.).

III

SECÇÃO ANTROPOLOGICA

Representar na secção antropologica do Museu quer os povos que habitaram a Lusitania e o Portugal medievo, quer os que habitam o Portugal moderno (em parte provenientes d'aqueles), seria em verdade um ideal muito apetecido; infelizmente ela é por ora extremamente exigua, apenas consta de alguns cranios, ossos varios, e dentes.

No pavimento III ha armarios especiais com cranios e ossadas, com os seguintes titulos:

a) Raças da Lusitania: colecção de vinte e dois cranios antigos, e outros ossos, do Algarve, entregues ao Museu Etnologico pelo D.or Ferraz de Macedo em 9 de Setembro de 1905, por terem feito parte do Museu do Algarve organizado por Estacio da Veiga[1]; outros cranios, pela maior parte lusitano-romanos, tambem do Algarve; cranios de um cemiterio do seculo IV-V de Viana do Alentejo.

b) Ossadas antigas: provenientes de excavações na Torre d'Ares (séde de *Balsa*, — Algarve).

Noutros armarios: ossadas do cemiterio lusitano-romano do Cortiçal (Arraiolos); dezoito cranios portugueses modernos.

Nos pavimentos II e I ha igualmente cranios e ossos prehistoricos e lusitano-romanos, colocados ao pé dos respectivos espolios arqueologicos.

---

[1] Cf. *O Arch. Port.*, X, 6 e 71, e XI, 285; e supra, p. 103, nota 1.

Á secção antropologica pertencem, além do que fica mencionado, mapas que estão expostos em quadros, e uma colecção de opusculos que tratam da nossa Antropologia[1].

---

[1] Conquanto a Antropologia portuguesa não atingisse ainda o florescimento que outros ramos scientificos tem ultimamente atingido entre nós, ha porém já bastantes e meritorios trabalhos: vid. Mendes Correia, *Lições de Antropologia*, Porto 1915, pp. 11-12, e 125-130, onde eles se acham referidos quasi todos. E além d'isso: *Arch. Port.*, XIII, 189 (artigo transcrito de um jornal francês acêrca de Ferraz de Macedo), e XVIII, 201-205 (artigo de José Fortes acêrca de Fonseca Cardoso); *Archivo de Anatomia e Anthropologia*, publicado pelo Instituto de Anatomia da Universidade de Lisboa, sob a direcção do D.or H. de Vilhena (o 1.º fasc. é de 1913); *Contribuições para o Estudo da Antropologia*, publicação do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, começada em 1914, e feita pelo D.or Barros e Cunha; artigos na *Revista da Universidade de Coimbra* (de Ribeiro Gomes, Barros e Cunha, e Tamagnini); e *L'Anthropologie*, XXVI, 441-446 (notícia de opusculos de Costa Ferreira, Mendes Correia, Barros e Cunha, e Ribeiro Gomes). Ao movimento antropologico português até 1910 me referi nos *Ensaios Ethnographicos*, IV, 346, nota; e já na *Rev. Lusitana*, I, 386, eu falara de Paula e Oliveira, e Arruda Furtado; cfr. tambem *Portugal Prehistorico*, Lisboa 1885, p. 27 sgs.

IV

SECÇÃO COMPARATIVA

Ha quatro colecções nesta secção : objectos coloniais ; objectos estranjeiros antigos e modernos ; objectos varios (estante móvel com desenhos) ; objectos modernos que servem para explicar o passado.

a) Colecção colonial.

As principais colecções públicas portuguesas de Etnografia colonial são as da Sociedade de Geografia e da Academia das Sciencias de Lisboa, e a do Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra[1]. A colecção que organizei no Museu Etnologico tem por fim sobretudo, além de estabelecer comparações gerais, pôr diante dos olhos dos que visitam a secção prehistorica exemplares etnograficos dos selvagens que ajudem a entender o modo de viver e a arte dos homens primitivos, bem como o uso de instrumentos e outros artefactos prehistoricos, ou porque muitos d'aqueles objectos são realmente supervivencias do passado, ou porque, postas em condições semelhantes, as sociedades humanas podem chegar aos mesmos resultados, afastadas entre si, no tempo e no espaço.

Objectos de Africa : azagaias com cabo de madeira ; armas de ferro, com lamina serpentiforme ; lanças de ferro duplas, de cabo enleado com fio metalico , lanças de cabo de madeira simples ; setas encabadas, e arcos respectivos ; escudos de coiro ; punhal de ferro, de cabo ornamentado ; espada de ferro com bainha de coiro ; machados com cabo de madeira revestidos de missanga ; porrinhos ; manipansos ; amuletos de coiro e de chifre ;

[1] Acêrca dos nossos mais antigos museus de Etnografia colonial vid. o que escrevi no *Arch. Port.*, XVIII, 167-168.

milongos ou bentinhos do pescoço (S. Tomé); copo de madeira com asa, ornamentado; concha de tirar agoa; colhér grande, enfeitada; galheteiro de madeira, cabaça grande, enfeitada; copo com colhér adjunta; tigelas feitas de tecidos; loiças de madeira; cabaço com cabo ornamentado; objectos de vestuario (faixa de algodão, chapeus de fibras vegetais, xorcas de metal e de marfim, tanga de missanga, barretes, pentes); travesseiros de madeira enfeitados; cachimbo; polvorinho; instrumentos musicos; cadeia de pau inteiriça, terminada em duas figuras, comparavel ás que faz o nosso povo (Alentejo, etc.: vid. supra, p. 251, n. 5); caixa de pau com figuras (Guiné), comparavel do mesmo modo aos produtos da nossa arte popular.— Ha igualmente na secção africana um objecto de bronze decussato, isto é, de forma de X, que serve de moeda no Congo, e um raspador prehistorico de pedra achado no territorio dos Bijagós[1].

De Timor: recipiente para agoa, e guarda chuva, feitos de folhas de palmeira (E. 5219 e 5218); modêlo de uma casa *lúlik* («tabú»: E. 5220); armas de cana; objectos arcaicos de bronze, semelhantes aos prehistoricos da Europa.

Dos gentios da India guarda tambem o Museu alguns poucos objectos.

b) Objectos estranjeiros antigos e modernos.

Da Oceania: varios instrumentos de pedra polida encabados, que dão ideia de como se encabavam os machados prehistoricos.— Da America: instrumentos de pedra polida; desenho que representa um tatuado (em ponto grande). — Colecção de objectos egipcios: machados de pedra polida, semelhantes aos da Europa; chapas de lousa; tabulas de oferendas aos deuses, figurinhas, fragmentos de papiros, uma mumia, almofariz de pedra, esculturas várias, lucernas de diversos tipos, amuletos, loiças, anel magico, calamo, etc.—Da Asia antiga: cilindro assirico; barro com inscrições cuneiformes. — Da Grecia antiga: fragmentos ceramicos pintados, vindos das ruinas de Micenas e Argos; vasinhos dos sec. V-IV a. C.; esculturinhas várias; cabeci-

[1] Cf. a respeito d'este raspador *O Arch. Port.*, XIII, 5 (artigo de Felix Alves Pereira).

nhas de barro, de Tánagra ; moedas.—Da Italia antiga (antiguidades italicas e romanas) : machados de pedra e silices neoliticos ; espada de bronze ; fibulas, contas, vasos, figurinhas de bronze ; lucernas ; urna cineraria ; cacos arretinos com inscrições (*terra sigillata*) ; pesos ; *acus;* tabulas de pedra com inscrições latinas. — Da Italia moderna : contas de Veneza coloridas (para comparar com as antigas) ; amuletos. — Da Austria : ponta de flecha, de ferro, romana ; tejolo romano de *Carnuntum* com uma inscrição que diz *Leg(io) decima.* — Da Alemanha : loiça prehistorica do tipo da *Bandkeramik;* objectos romanos de Tréveros.— Da Suiça : antiguidades lacustres (machados polidos, encabados em chifre de veado ; fragmentos ceramicos) ; fragmentos de tegula romana de *Vindonissa,* com inscrição que diz *C(ohors) tertia Hi(spanorum).*— Da Belgica : objectos prehistoricos (machados e facas de silex) ; objectos dos Francos ; amuletos modernos.— Da Inglaterra : machados de pedra prehistoricos ; meia-lua de bronze amuletiforme ; amuletos modernos.— Da França : machados paleoliticos e neoliticos ; pontas de seta, de silex ; machados de bronze ; taça de barro galo-romana ; antiguidades merovingeas ; *jetons;* amuletos ; numerosas estampas populares, e veronicas. — Da Hespanha : antiguidades prehistoricas (machados, chapões de lousa) ; reprodução de um idolo do tipo do de Moncarapacho ; machados e espada de bronze ; contas protohistoricas de Menorca ; fibulas ; moedas ibericas ; antigualhas de Numancia e de Mérida. — No que fica dito não fiz mais do que dar indicações sumárias. Apesar de ser pequena a colecção estranjeira, já muita lição se póde tirar do exame d'ela, quer para comparação com as nossas proprias antiguidades, quer até para instrução geral.

c) Cousas várias.

Numa estante de caixilhos móveis, no pavimento II expõem-se estampas que representam : monumentos e estações prehistoricas da Europa (sepulturas, instrumentos, insculturas de Aveyron), antigualhas da epoca do ferro, antiguidades da Grecia (porta de Micenas, planta de Tirinta, Via dos Sepulcros, templos), de Roma (Foro, Coliseu, Via Apia, arcos), de Pompeios (frescos, Via dos Sepulcros), de França, da Alemanha ; antigualhas medievais ; vistas de museus ; retratos de arqueologos célebres.

d) Comparação do presente com o passado.

Para comparação da propria Etnografia portuguesa moderna com a antiga comecei a formar uma secção que será pouco a pouco aumentada, segundo as ideias que expus no meu livro *De Campolide a Melrose*, pag. 65, n. 1. Aí ha por ora: um *assentador* e uma *talhadeira*, instrumentos de ferreiro (cfr. supra, p. 252), que, pelo modo por que são feitos (laminas de ferro metidas em hastes rachadas), mostram como é que os machados de pedra podiam encabar-se; brinquedo infantil chamado *seta*, isto é, formado de arco e seta (esta de madeira), imitação de armas dos selvagens; lascas de pedra de petiscar lume (cf. supra, p. 217); pedra que serve para alisar ou aparar os nós dos cajados (Cadaval); *veio* ou *guilho*, com a resepectiva *renga*, dos moinhos (cf. supra, p. 226); objecto natural que imita um machado de pedra polida; reprodução de uma choça de guardar as eiras e meloais, feita de madeira e canas de milho. Acêrca de objectos feitos de cabaça, vid. supra, p. 228, n. 1. Temos nestes exemplos verdadeiras supervivencias, e tambem processos espontaneos de trabalho que se repetem através dos tempos. As pedras naturais de fórma de machado apresentavam ao homem primitivo um modêlo que ele podia imitar. Quando já pelo progresso da civilização se conhece o uso do aço para fazer girar o rodizio dos moinhos e para aplainar a madeira, e a electricidade para produzir chamas, ainda em certos casos se adopta para o mesmo fim a pedra. Vê-se que o nosso espirito, embora caminhando sempre, nem sempre caminha depressa, e que vai deixando na sua passagem através da historia rastos que permitem ao investigador moderno traçar o percurso secular da humanidade.

V

OBJECTOS INDETERMINADOS

No armario 55.º do pavimento II formei uma secção de objectos indeterminados, de várias epocas: chamei-lhes assim, porque de uns não se sabe a proveniencia, d'outros não posso indicar ao certo a epoca ou a serventia. É possivel que alguns se vão determinando pelo tempo adiante, como já com varios que d'antes aí estiveram aconteceu.

A par de vasos (cfr. p. 247), lucernas, fivelas, instrumentos, miudezas de metal, contas, pesos, que estão dentro do armario, sobresai fóra d'ele, mas ao pé, um objecto de ferro, vindo do Algarve, que pergunto se seria instrumento de suplicio: consta de duas cruzes sobrepostas, da altura de um homem, uma das quais (a posterior) tem uma passagem para a outra correr ao comprido; os braços da primeira são encurvados, e como que formam argolas.

VI

BIBLIOTECA DO MUSEU

A biblioteca do Museu Etnologico compõe-se de livros de uso, de uma colecção de monografias locais & posturas municipais, de incunabulos (estrangeiros), de livros portugueses do sec. XVI a XVIII, e de manuscritos portugueses e estrangeiros.

I. LIVROS DE USO[1]. Além de dicionarios de lingoas mortas e vivas (*Alt-celt. Sprachschatz* de Holder, *Thesaurus ling. Latinae* em publicação, *Dict. grec-fr.* de Bailly, *Dict. lat.-fr.* de Theil, *Lat.-Engl. Dict.* de W. Smith), de Enciclopedias e obras gerais de Arqueologia (*Dict. of. Greek & Rom. ant.*, *Diz. epigraf. di antichità romane*, *Dict. of classical ant.*, *Dict. des antiq.* de Rich, *Lexique des antiquités* de Cagnat & Goyau, *Reallexikon* de Forrer, *L'Archéologie* de Déonna, *Handbuch der Archäelogie* de Bulle), de colecções epigraficas (Orelius, Wilmanns, Dessau), dos *Monumenta linguae Ibericae* e do vol. II do *Corpus* e seu *Supplementum*, de alguns classicos antigos, edições boas (Plinio, etc.), de catalogos do Museu Britanico (*lamps*, *jewllery*, *Roman pottery*, *finger rings*, e catalogos pequenos) e de muitos outros museus (Milão, Roma, Madrid, Paris, Saint-Germain, Berlim, Oxford, etc.), de muitos relatorios de congressos, e de importantes tratados de Prehistoria, Antiguidades protohistoricas, gregas e romanas, Historia da Arte, Epigrafia, Numismatica, Mitologia, Historia das Religiões, Etnografia,

---

[1] Esta parte da biblioteca do Museu foi classificada metodicamente, e catalogada, pelo antigo Conservador, Alves Pereira. Dos livros ultimamente entrados vai fazendo registo o actual Conservador. Quando estiver pronta a nova sala destinada á biblioteca, esta será reorganizada.

Historia antiga, possue a biblioteca do Museu estas publicações periodicas : *L'Anthroplogie, Archaeological (The) Journal, Revue Archéologique, L'Homme Préhistorique*, e *Wörter und Sachen*, obtidas por assinatura ou compras, e mais as seguintes (entre outras), obtidas por permuta com *O Archeologo Português*, embora nem todas estejam em dia, ou continuem a aparecer :

American Journal of Archaeology—American (The) Journal of Philology — Ami (L') des mon. et des arts— Analecta Bollandiana — Annales du Cercle Archéologique d'Enghien — Annales de la Soc. d'Archéol. de Bruxelles — Annales de la Soc. d'Arch. de Namur — Annals of de Transwaal Museum — Annual (The) of the British School at Athens — Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte — Anthropos — Anzeiger der ethnographischen Abteilung des ungarischen National-Museum — Anzeiger für schweizerïsche Altertumskunde — Archaelogical & ethnolog. papers of the Peabody Museum — Archiginnasio (L') — Archives des traditions populaires suédoises — Archivio stor. per la Sicilia Orientale — Archivo de Anatomia e Anthropologia—Archivo Historico Português—Atti della R. Accademia dei Lincei — Atti dell' I. R. Accademia degli agiati in Rovereto — Battaglie di Archeologia — Bergens museum: Aarsberetning — Berliner Blätter f. Münz-, Siegel-, u. Wappenkunde — Berliner Münzblätter — Biekorf — Boletim da 2.ª cl. da Academia das Sciencias de Lisboa — Boletim dos Archeologos do Carmo — Boletim da Assoc. dos Condutores de Obras Publicas — Boletim da Direcção Geral de Instrução Pública — Boletim da Figueira — Boletim da Soc. de Geog. de Lisboa — Boletín de la R. Academia de Buenas Letras de Barcelona — Boletín de la R. Academia Gallega — Boletín de la R. Academia de la Historia[1] — *Boletín de la Comisión Provincial de Mon. d'Orense — Boletín de la Soc. Arqueol. de Toledo — Boletín de la Soc. Castell. de Excursiones — Bolletí de la Societat Arqueologica Luliana — Bolletino dell' Associaz. Archeol. Romana — Bolletino Ital. di Numismatica — Bolletino del Museo Civico de Padova — Bonner Jahrbücher — Bulletin des Antiquaires — Bulletin Archéo-*

[1] Os vols. XVII (1890) a XXV (1894) pertencem ao Director.

logique — Bulletin de l'Institut Archéologique Liégeois — Bulletin Numismatique — Bulletin de la Soc. des Antiq. de l'Ouest — Bulletin de la Soc. Neuchateloise de Géographie — Bulletin de la Soc. Scientifique de Limbourg — Bulletino di Paletnologia Italiana — Bulletins et mém. de la Soc. d'Anthropologie de Paris — Communicações da Direcção dos Trabalhos Geologicos — Comptes rendus de l'Académie des Inscript. et Belles Lettres — Contribuições para o Estudo da Anthropologia Portuguesa — Correspondenz-Blatt der deutschen Gessellsch. f. Anthropologie, Ethnolog. u. Urgeschichte — Cultura (La), Roma — *Cultura Española — Gazette (La) Numismatique — Gazette Numismatique française — Jahr-Buch der Gessellsch. f. lothringische Altertumskunde — Notes d'Art et d'Archéologie — Notizie degli scavi di antichità — Numismatikai Közlöny — Numismatische Correspondenz — Numismatisches Literatur-Blatt — Oriente (O) Português — Papers of the British School at Rome — Portugalia — Prähistorische Blätter — Praehistorische Zeitscrift — Proceedings of the Cambridge Antiquar-Society — Publications de la Soc. Archéolog. de Montpellier — Instituto (O) — Journal des Collectioneurs — Journal International d'Archéologie numismatique — Limia — Man — Madona Verona (Bollett. del Museo Civ. di Verona) — Mélanges de la Faculté Orientale* (Beyrouth) — *Mém. de la Soc. des Antiq. de France — Mitteilungen der antiquarischen Gessellschaft* (Zurich) — *Monatsblatt der Numismatischen Gessellschaft — Monthly Numismatique Circular — Nachrichten über deutsche Alterthumsfunde — Rassegna numismatica — Records of the Past — Répertoire d'Art et d'Archéologie — Revista de Aragón — Revista de Archivos, Bibl. y Museos — Revista de la Asociación Artístico-Arqueolog. Barcelonesa — Revista do Centro de Sc. e Artes de Campinas — Revista de Engenharia Militar — Revista de Extremadura — Revista da Figueira — Revista de Guimarães — Revista de Historia — Revista de Menorca — Revista do Museu Paulista — Revista de Obras Públicas e Minas — Revue Anthropologique — Revue d'Archéolog. et d'Anthropol. Préhist. des Pays Tchèques — Revue Belge de Numismatique — Revue de l'École d'Anthropologie — Revue Épigraphique — Revue mens. de la Soc. de Saint-Jean (Notes d'Art & d'Archéolog.) — Revue des Pyrénées —*

Revue Suisse de Numismatique — *Revue des Universités du Midi* — *Rivista Archeologica Lombarda* — *Rivista Ital. di Numismatica*—*Rivista Storica Italiana*—*Sitzungsberichte der Altertumsgesellsch. Prussia* — *Sonntagsblatt f. Sammler* — *Tombo Heraldico Português* — *Travaux de la Sect. Numism. et Arch. du Musée de Transylvanie à Kolozsvár* (Hongrie) — *Upplands Fornminnesförenings Tidskrift* — *Verhandlung f. Anthropologie* — *Zs. für Ethnologie* — *Zs. des Vereins zur Erforschung der rheinischen Geschichte u. Alterthümer.*

2. Monografias e posturas. De monografias e varios trabalhos de historia local, tanto do continente, como das ilhas e do ultramar, ha oitenta e nove volumes no Museu Etnologico, uns que lhe pertencem, outros que me pertencem a mim. — Pelo que toca a posturas municipais, estão aqui representados por ora uns cincoenta e tantos concelhos, mas espero que pouco a pouco fiquem representados todos aqueles que as tiverem. — Cf. o meu livro *De Campolide a Melrose*, p. 6, n. 4.

3. Incunabulos. Os incunabulos portugueses são muito raros, e não tem nenhum o Museu. Tem porém os seguintes, de procedencia estrangeira : *Cõpendio de la salud humana*, Çaragoça 1914 ; *Terentius* (Comedias), Veneza 1497 ; *Paulus Orosius*, Veneza 1494. Além d'estes volumes, que estão datados, possue, sem data, mas que pertencem certamente ao sec. XV : *Exemplario contra los engaños y peligros del mundo* (incompleto), e *Metamorphosis*, de Ovidio, ed. de Veneza.—O terceiro dos mencionados volumes relaciona-se com Portugal, visto que Orosio crê-se que era de *Bracara* «Braga». cf. *Religiões*, III, 545.

4. Livros portugueses do sec. XVI a XVIII. Por exemplo : *Regra e perfeyçam da conversaçam dos monges*, Coimbra 1531 ; *Cartilha . . ẽ lingoa Tamul e Português*, Lisboa 1554, livro rarissimo ; *Origem da lingoa portuguesa*, de Nunes de Lião, Lisboa 1606 ; *Os Lusiadas*, com comentarios de Manuel Correia, Lisboa 1613 (o rosto é reprodução) ; *Varias antiguidades*, de Gaspar Estaço, Lisboa 1625 ; *Vida e martyrio da Gloriosa Santa Quiteria*, por Pedro Henriquez de Abreu, Coimbra 1651, onde vem uma notícia do castro de Ci-

dadelhe (Mesão Frio); *Numismalogia*, de Bento Morganti, Lisboa 1737; *Vida do Glorioso S. Topes*, por Estevão de Lis Velho, Lisboa 1746, onde vem o primeiro desenho que se publicou de um chapão prehistorico de lousa, p. 178 (cf. *O Arch. Port.*, XIX, 318 sgs.). No decurso do presente livro vão citadas outras obras portuguesas antigas. Tambem na mesma secção bibliographico-arqueologica em que estão expostos os referidos trabalhos de Estaço (sec. XVII) e Morganti (sec. XVIII) está o de André Rèsende, intitulado *De antiquitatibus Lusitaniae*, Evora 1593 (o respectivo exemplar pertence porém ao Director do Museu): ficam assim representados tres seculos[1].

5. MANUSCRITOS. De parte dos manuscritos do Museu foi já publicado n*O Arch. Port.*, vol. XVII a XIX, um catalogo, eruditamente organizado pelo ilustre Professor de Paleografia o Sr. Pedro de Azevedo (separata: *Catalogo de manuscritos*, Lisboa 1914, 74 páginas), o qual abrange documentos de S. Pedro de Obidos: 167 pergaminhos, e 20 documentos cartaceos. Além d'estes pergaminhos e papeis, muitos outros, bem como volumes, possue o Museu, obtidos quasi todos pacientemente em alfarrabistas (de Lisboa, de Madrid, etc.). Os volumes manuscritos orçam por uns duzentos, pela mór parte portugueses (ha porém conjuntamente manuscritos latinos, hespanhois, italianos, etc.); a par estão numerosos maços com papeis avulsos (poesias, cartas, discursos, etc.). Aqui relaciono, um pouco ao acaso, algumas especies de uma e de outra classe. Começarei pelos volumes:

Cancioneiro chamado «de Fernandes Tomás», porque o falecido bibliografo Anibal Fernandes Tomás o possuira, tendo-o comprado a um livreiro de Holanda. Consta de 174 fls., e encerra poesias (e prosas) de autores notaveis do sec. XVI e XVII. Ao todo figuram nele quarenta e cinco poetas, não contando algumas poesias anonimas. Codice do sec. XVII, que comprei a um herdeiro de Fernandes Tomás. A respeito d'este *Cancioneiro* disse-me, em carta, a Sr.ª D. Carolina Michaëlis: «é, depois do de Luís Franco . . , o mais rico e im-

---

[1] A par com a obra de A. de Rèsende, poderei citar algumas de Aquiles Estaço (sec. XVI), escritas em latim, como aquela, e igualmente possuidas pelo Museu.

portante que conheço. Leva mesmo vantagem a esse em certo sentido» ;

Satira da felice he infelice vida do Condestavel D. Pedro, ms. do sec. XV.—Comprei este codice em Madrid. Ha outro texto, já publicado por A. Paz y Mélia nos *Opúsculos literarios de los siglos* XIV a XVI da «Sociedad de bibliófilos españoles», Madrid 1892, p. 45 sgs. Não só o texto publicado difere do nosso, mas o editor supriiniu as glosas ou anotações, de modo que o ms. do Museu Etnologico, que é em parte anotado, tem muito valor ;

Terceira parte da Chronica del Rei Dom Joam I, per Gomez Eanes de Zurara (conquista de Ceuta), sec. XVII ;

Descripción de España, trad. hespanhola da chamada «Chronica do Mouro Rassis», sec. XVII. Cf. os meus *Textos Archaicos,* 2.ª ed., p. 45 ;

Historia de D. Paulo de Lima, por D. Antonio de Ataide, sec. XVII ;

Cronicas, de Duarte Galvão e Ruy de Pina, seguidas de uma descrição de Entre-Douro e Minho, sec. XVII ;

Livro da origem dos reis, por Antonio Coelho Gasco, 1645 ;

Livros de orações, pergaminhos iluminados, sec. XV (estrangeiro), sec. XVI (português, mas incompleto) ;

Cronica de Lucas de Tuy, sec. XVI, tambem comprada em Madrid. —Vid. a proposito um trabalho de G. Girot, começado a publicar-se no vol. XI do *Bulletin Hispanique,* p. 259 ;

Fundação do mosteiro da Visitação em Lisboa, 1784 ;

Perda da nau Gallega, sec. XVI ;

Livro da Casa da Moeda de Dio, de 1685 a 1729 ;

Cartas de José da Cunha Brochado, por D. Luis da Cunha, 1713 ;

Vita patruum, sec. XV ;

Livro de assentos do mosteiro de Belem, sec. XVII ;

Balança intellectual, com estampas, sec. XVIII ;

Copiador de cartas da Bahia, sec. XVIII ;

Diccionario iconologico, sec. XVIII ;

La ventura en la desdicha, sec. XVIII ;

Novela do mais sem ventura, 1627 ;

Estatuto de Santa Clara, 1527 ;

Vida e morte de D. Affonso de Castel Branco, por João de Almeida Suares, cópia do sec. XVIII (cfr. Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*, s. v.) ;

Malhoada, poema heroe-comico, sec. XVIII ;
Rimas, de José Daniel, 1794, com o retrato a lapis ; *Obras,* do mesmo, 1828 ;
Diccionario lat.-português de Geografia, por Damião de Froes Perim (pseudonimo de Fr. João de S. Pedro), sec. XVIII ;
Diccionario de nomes proprios latinos, com tradução portuguesa, t. I, sec. XVII ou XVIII ;
Poesias de Nicolau Tolentino ;
Opuscula poetica Emmanuelis Pimentel, 1671 ;
Odes, de Antonio Dinis da Cruz e Silva, 1792 ;
Várias cópias do *Hyssope;*
Taboadas gerais para medir com facilidade qualquer obra de pedreiro, por João Nunes Tinoco, 1733 ;
Regimento das coutadas de Lisboa, sec. XVII ;
Jardim de Apollo, 1673 e 1724 ;
Jornada da Rainha á Grã Bretanha, pelo Padre Fonseca Paiva, 1661 ;
Rimas, de João Xavier de Matos, t. IV ;
Memoria das agoas medicinais da Atalaia (Tavira), 1787 ;
Compendio historico e chronologico assim da paz como da guerra, por D. Luís Caetano de Lima, 1718 ;
Discursos espirituais, sec. XVII ;
Várias obras de Fr. Antonio das Chagas ;
Interesses de Portugal, pelo Conde de Tarouca & D. Luís da Cunha, 1715 ;
Primeira parte da Cronica do Emperador Belliandro, sec. XVII ;
Instituição da Capela de S. João do Souto, pergaminho de 1527 ;
Postilla sirurgica (*sic*), sec. XVIII ;
A Logica, sec. XVIII ;
Grinalda poetica, sec. XVIII ;
Parnaso jocoserio, de Fr. Lucas de Santa Catherina ;
Collecção das Obras de Garção, 1777 ;
Foral de Rèriz, sec. XVI (oferecido ao Director do Museu) ;
Carta politica escrita ao Conde de Castelo Melhor, sec. XVII ;
Poesias, de Elpino Nonacriense, pt. I e II (apografo), sec. XVIII ;
Tradução de Horacio, sec. XVIII ;
Memorias de hua alma sentida (versos), sec. XVIII ;

Odes e outras poesias, do Padre Francisco Manuel, sec. XVIII ;
Processos de varios relaxados, t. II, sec. XVIII ;
Obras metricas, de João da Sylva Moraes, sec. XVIII ;
Dois «*Devocionarios*», em arabe, sec. XVII, obtidos em *Madrid* ;
Um livro de Cristovão Barroso (assunto eclesiastico), sec. XVI ;
Tratado de Astrologia (e de Astronomia), sec. XVII ;
Feitos do Principe Belifloro, sec. XVII ;
Encoberto egregio, 1659 ;
Apparatus Latino-Lusitanus, t. I, 1725 ;
Poezia do D.or Gregorio de Matos e Guerra, escrita pello Padre Alexandre de Souza Marques, 1704 ;
O perfeito privado, sec. XVII ;
Cópia de notícias mandadas do Porto á Academia das Sciencias de Lisboa, por Cerqueira Pinto ;
Mil vocabulos, 1866 (oferecido pelo antigo Conservador do Museu, F. Alves Pereira) ;
Regimento do feitor e oficiaes da Casa de Guiné e das Indias ;
Livro da Odrem 3.a de Borba, sec. XVIII ;
Sintaxe latina ;
Memorias historicas, politicas e ecclesiasticas de Portugal, t. II (miscelanea curiosa, com inscrições romanas, etc.) ;
Físeca, em latim ;
Miscelanea: Inconstancia da Fortuna, Antiguidades de Beja, de Felix Caetano, etc. ;
Decada nona da Asia, abreviada por Diogo do Couto (cópia antiga) ;
Memorias de Domingos Vandelli ;
La Lusiada, traduzida por el Maestro Luis Gomez de Tapia (cópia) ;
Monografia de Ourique, 1821 ;
Retorica ;
Noviclaustreida ou claustros reformados, poema critico-didatico ;
A Estupidez, poema ;
Diccionario portuguez-malaio (Vide *Rev. Lusitana*, XII, 268) ;
Copia de cartas, de Alexandre de Gusmão, sec. XVIII ;
Obras de Antonio Lobo de Carvalho, Vimaranense, sec. XVII ou XVIII ;
Geometria de Euclides, sec. XVII ou XVIII ;

Livro da Conquista de Coimbra, por Coelho Gasco ; *A Musica,* poema, tradução portuguesa por I. M., 1788.

Segue-se falar agora de colecções de papeis avulsos. Estas colecções abrangem, por exemplo : cartas autografos de João Pedro Ribeiro, Antonio Nunes de Carvalho, Francisco Ribeiro Guimarães, Herculano, Camilo, Pinheiro Chagas, J. V. Barbosa du Bocage, Julio Cesar Machado, José Silvestre Ribeiro ; maço de cartas de Fr. Caetano Brandão (sec. XVIII-XIX) ; cartas várias ; versos contra o Marquês de Pombal ; poesias várias ; documentos varios ; muitas miscelaneas (prosa e verso) ; documento pergaminaceo com a assinatura de D. Miguel ; discursos ; rolos de pergaminho com textos hebraicos (comprei-os em Paris) ; traduções portuguesas do latim, etc.

Se alguns dos manuscritos comprados o foram mais caro (embora porém não em demasia), a quási totalidade comprei-a muito barato. Até houve uma ocasião em Lisboa em que apareceram á venda numerosos manuscritos por preços modicos, e eu aproveitei-a.

A seu tempo se publicará a continuação do catálogo dos manuscritos do Museu, e se darão a esse respeito as necessarias indicações bibliograficas (menção de quais os ineditos, e quais os já publicados, etc.), e se dirá tambem quais foram os comprados (e onde), e quais os oferecidos (e por quem).

*

Seguidamente á descrição da biblioteca do Museu, posso dizer que tambem nele ha mapas geograficos de Portugal e da Lusitania, vistas de monumentos nossos antigos (templo romano de Evora, arcos, mosaicos, etc.), e retratos de arqueologos portugueses (falecidos).

OBSERVAÇÃO FINAL ACÊRCA DA PARTE IV

Lendo a resenha que fica feita do estado actual do Museu Etnologico, ninguem dirá que o programa elaborado em 1894 (vid. supra, pt. I) não fosse cumprido; até foi excedido, porque se constituiu a secção antropologica (vid. supra, pp. 3 e 92), embora a esta não se désse ainda toda a atenção que merece, — bastam as outras duas secções, para absorverem a actividade do Director e do restante pessoal!

Quem quiser conhecer o conjunto das nossas antiguidades, e muitos dos elementos materiais da nossa Etnografia moderna, escrever acêrca das nossas origens etnicas, da Prehistoria portuguesa, da civilização dos Lusitanos, da conquista romana, de Epigrafia turdetanica e latina, da implantação do Cristianismo no territorio que hoje se chama Portugal; tratar de moedas e medalhas, e de varios pontos de Historia literaria; dedicar-se a estudos de arte popular, e pretender conhecer a ceramica regional, e a escultura tão nativa e ás vezes tão delicada e sempre tão atraente dos pastores meridionais, que com cortiça, chifre e madeira produzem maravilhas que lembram as que os Chineses produzem com marfim, e as rendeiras de Peniche com linha; quem houver de estudar a religião do vulgo e a magia, os brinquedos e os jogos infantis: tem no Museu Etnologico materiais variadissimos, e não deverá, sob pena de ficar incompletamente informado, dispensar-se de o visitar.

Antes de 1893 não se tornava facil fazer esses estudos tão de pronto, nem tão de seguida, e só parcialmente se podiam fazer (cf. supra, parte II, n.º 8). Agora, porém, qualquer leigo que venha ao Museu, e que de assuntos

da especialidade nada conheça, enfronha-se de repente em Arqueologia e Etnografia. E tanto isto é assim, que uma vez certo individuo, muito mais mais novo do que eu, e que ao Museu Etnologico deve principalmente algumas noções que possue d'aquelas duas sciencias, exprobrou-me, com jubiloso desvanecimento, que eu na sua idade não sabia tanto como ele agora : ao que retorqui que, em verdade, talvez não soubesse, porque ninguem até então havia ainda fundado um museu para meu uso!

APENDICE

I

PRELIMINAR DA CRIAÇÃO DO MUSEU

Bilhete do S.or D.or Bernardino Machado

Quando em principios de 1893 me dirigi ao S.or D.or Bernardino Machado, então Ministro das Obras Publicas, e lhe

propus a criação de um Museu Etnografico, S. Ex.ª dignou-se enviar-me o bilhete que fica reproduzido zincograficamente na página anterior, e que com a devida autorização aqui publíco, por ser documento importante da historia do Museu. Diz :

«5-4-93 — Meu caro amigo — Abraço vivamente a sua ideia. Posso falar-lhe aqui[1] á noite. O melhor, para virmos já conversando pelo caminho, é procurar-me depois de jantar na secretaria. Creia-me deveras seu amigo obrigado, B. MACHADO».

---

[1] [Em casa].

II

LEGISLAÇÃO DO MUSEU

1. Decreto da criação do Museu, com o titulo de «Etnografico», em 1893

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

Secretaria geral

Senhor.— Um museu ethnographico, onde esteja representada a parte material da vida de um povo, as suas industrias, os seus trajos, os seus usos, etc., tem grande valor educativo. Em relação á historia, serve elle para ministrar documentos de toda a ordem, pelos quaes se apreciarão melhor, assim em globo, os caracteres d'esse povo, e as relações d'elle com outros, tanto no presente como no passado. Pelo que toca ao sentimento da nacionalidade, faz que o povo, tendo de si mais amplo conhecimento, e sabendo as rasões historicas da sua propria existencia, ame e venere a patria com conhecimento de causa, e siga afouto na via do progresso. Quanto ás artes, contribue para que ellas se aperfeiçoem, porque é só quando o artista allia ás impulsões do seu genio e á largueza do seu estudo a inspiração nas tradições do paiz, que produz obras verdadeiramente de cunho. É por isso que em todos os paizes cultos ha museus d'esta natureza.

Temos, pois, a honra de propor a Vossa Magestade o seguinte projecto de decreto.

Ministerio dos negocios das obras publicas, commercio e industria, em 20 de dezembro de 1893.— *João Ferreira Franco Pinto Castello Branco* — *Bernardino Luiz Machado Guimarães.*

Attendendo ao que me representaram os ministros e secretarios d'estado dos negocios do reino e das obras publicas, commercio e industria ;

Considerando que em Portugal, pela passagem ou permanencia de varios grupos ethnicos, e pelas diversas circumstancias da nossa vida historica, ficaram materiaes abundantissimos com os quaes se póde constituir um museu ethnographico digno d'este nome;

Considerando que já ha muitos materiaes archivados, mas se acham dispersos, convindo pois reunil-os, porque só assim adquirem real importancia;

Considerando que muitos outros jazem ainda nos proprios locaes em que desde tempos antigos os deixaram, e são por isso como se não existissem, se não forem devidamente aproveitados:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º É organisado um museu denominado *Museu Ethnographico Portuguez*, que sirva em parte como que de desenvolvimento do museu de anthropologia, installado na Commissão dos Trabalhos Geologicos.

§ unico. O museu dividir-se-ha em duas secções, podendo porém de futuro, se as circumstancias o exigirem, ser ampliado. Estas secções são:

a) *Secção archeologica*, comprehendendo monumentos desde os tempos prehistoricos até o seculo XVIII;

b) *Secção moderna*.

Cada uma d'estas secções dividir-se-ha ainda em subsecções.

Art. 2.º Tanto a uma como a outra secção ficam pertencendo desde já os objectos que existem espalhados pelos diversos estabelecimentos do estado, sem fazerem parte integrante das collecções respectivas aos mesmos estabelecimentos, nomeadamente o Museu do Algarve, provisoriamente depositado na Academia de Bellas Artes, e quaesquer outras collecções adquiridas pelo governo.

Art. 3.º De futuro farão parte do museu ethnographico todos os objectos, ou cópias (photographias, moldes, desenhos, etc.), que se puderem obter, quer por compras, dadivas, depositos, quer directamente.

Art. 4.º O Museu Ethnographico terá catalogo impresso, e poderá fazer, ou facultar á iniciativa particular, uma publicação illustrada dos materiaes existentes no Museu, com o fim de os tornar conhecidos e de despertar interesse no publico.

Art. 5.º A commissão dos monumentos nacionaes, e todas as auctoridades municipaes, administrativas, ecclesiasticas, militares, etc., são obrigadas não só a

auxiliar o Museu Ethnographico, ministrando-lhe informações e facilitando acquisições para elle, mas a dar-lhe parte de todas as descobertas archeologicas de que tiverem noticia.

Art. 6.º O Museu Ethnographico poderá estabelecer relações com outros museus, ou estabelecimentos analogos, tanto do paiz, como de fóra.

Art. 7.º A direcção e conservação especial do Museu Ethnographico serão incumbidas a um individuo de reconhecida competencia, sem vencimento inherente ao cargo.

Art. 8.º A dotação do Museu Ethnographico sairá da verba orçamental destinada a exposições, concursos, etc.

Art. 9.º O governo fará publicar o regulamento necessario para a execução d'este decreto.

Os ministros e secretarios d'estado dos negocios do reino e dos das obras publicas, commercio e industria, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, aos 20 de dezembro de 1893.—REI.—*João Ferreira Franco Pinto Castello Branco — Bernardino Luiz Machado Guimarães.*

Repartição dos serviços technicos de minas e da industria

1.ª Secção

Ha por bem Sua Magestade El-Rei encarregar o conservador da bibliotheca nacional de Lisboa e professor da cadeira de numismatica (do curso de bibliothecario archivista), José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello, da direcção e conservação do Museu Ethnographico Portuguez, annexo á direcção dos trabalhos geologicos do reino, que exercerá sem vencimento especial, nos termos do artigo 7.º do decreto d'esta data, que creou o referido museu.

Paço, em 20 de dezembro de 1893.— *Bernardino Luiz Machado Guimarães.*

2. Mudança do titulo de «Museu Etnografico» em «Museu Etnologico», em 1897

Hei por bem decretar que o museu ethnographico portuguez, creado pelo decreto de 20 de dezembro de 1893, passe a denominar-se «museu ethnologico portuguez».

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino e o ministro e secretario d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 26 de junho de 1897.—REI.—*José Luciano de Castro — Augusto José da Cunha.*

3. Reforma e melhoria do Museu, em 1899

Senhor. — É dever das nações civilisadas promover, quanto possivel, o derramamento dos meios educativos que imprimam no povo a noção dos seus caracteres, quer considerados em si, quer nas suas relações com os dos outros povos, as rasões historicas da sua propria existencia e o culto pelas obras da antiguidade, que a um tempo traduzem o sentimento artistico e o trabalho dos povos em diversas epochas do passado.

Em dezembro de 1898 tive a honra de submetter á regia approvação o plano organico dos serviços destinados á classificação, conservação e restauração dos monumentos nacionaes. Venho hoje sujeitar á sabia apreciação de Vossa Magestade uma providencia de caracter complementar, no intuito de melhorar uma instituição existente no paiz desde 1893 —o museu ethnologico portuguez— tornando-o mais conforme ao pensamento da sua creação, e, até certo ponto, mais util e valioso, principalmente sob o ponto de vista archeologico, aos referidos serviços, hoje subordinados ao «conselho superior de monumentos nacionaes».

Predominam actualmente, com effeito, no mencionado museu objectos que pertencem á archeologia prehistorica e historica ; e é natural, em virtude da riqueza do nosso paiz, n'esta especie, que esse predominio constitue[1] no futuro, contribuindo assim para o mais efficaz funccionamento dos trabalhos commettidos áquelle conselho.

Julgo, por isso, de vantagem relacionar as duas instituições, a que me tenho referido, e estabelecer uma direcção superior unica, que superintenda em todos esses serviços, de fórma a tornar mais harmonica e proveitosa a sua mutua cooperação.

---

[1] [Deve ser *continue*].

Tenho, pois, a honra de propor a Vossa Magestade o seguinte projecto de decreto.

Secretaria d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, em 28 de dezembro de 1899. — *Elvino José de Sousa e Brito.*

Attendendo ao que me representou o ministro e secretario d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, e usando da faculdade conferida ao governo pelo artigo 16.º da carta de lei de 26 de julho do corrente anno : hei por bem decretar o seguinte :

Artigo 1.º O museu ethnologico portuguez, a que se referem os decretos de 20 de dezembro de 1893 e 26 de junho de 1897, é aggregado aos serviços a cargo do conselho superior de monumentos nacionaes, creado por decreto de 9 de dezembro de 1898.

§ 1.º Este museu constará das seguintes secções principaes :

1.ª Secção de archeologia prehistorica e historica ;
2.ª Secção de ethnographia moderna ;
3.ª Secção de anthropologia, antiga e moderna.

§ 2.º As secções, de que trata o § 1.º, referem-se a objectos nacionaes, mas poderá ser creada, opportunamente, uma secção de objectos congeneres estrangeiros, para o estudo de comparação com os do paiz.

§ 3.º São vogaes natos do conselho superior dos monumentos nacionaes o director dos serviços geologicos e o director do museu ethnologico portuguez.

Art. 2.º Ficam pertencendo ao museu ethnologico portuguez, cumprindo ao conselho superior de monumentos nacionaes promover a sua acquisição :

1.º Os objectos de merito archeologico, ethnographico e anthropologico, dispersos pelos diversos estabelecimentos do estado, quando não façam parte integrante das collecções respectivas aos mesmos estabelecimentos.

2.º Os objectos analogos aos mencionados em o n.º 1.º, que se descobrirem por ocasião de se proceder a obras publicas, ou que estejam em terrenos ou edificios, pertencentes ao estado, e possam, sem prejuizo, ser transportados para o museu.

Art. 3.º O museu será augmentado, successivamente, com objectos obtidos em explorações e escavações archeo-

logicas, ou por copias (photographias, moldes ou desenhos), ou, ainda, por compra, quando superiormente approvada, de objectos de reconhecido valor, cuja acquisição não seja possivel ou facil realisar.

Art. 4.º O museu poderá acceitar offertas e depositos de objectos, e, com auctorização superior, trocar por outros, que lhe convenham, aquelles que podér dispensar.

Art. 5.º Aos agentes dependentes do museu ethnologico portuguez é garantido o direito exclusivo da exploração de todas as estações archeologicas situadas em terrenos publicos, montes, campos, matas, caminhos e outros, cumprindo ás auctoridades administrativas e policaies impedir que elles sejam extorvados n'esses trabalhos de exploração.

§ 1.º As estações de que trata este artigo comprehendem, principalmente, as seguintes;

1.º Castros, ou montes com vestigios de habitação humana, revelada, quer em restos de casas e muralhas, quer em objectos avulsos, que appareçam á superficie, quer nos montes conhecidos pelos nomes de Crasto, Castello, Cêrca e outros;

2.º Dolmens, que em algumas provincias se denominam antas, orcas, arcas, casas dos moiros;

3.º Grutas naturaes e artificiaes;

4.º Minas[1] de quaesquer povoações ou edificios, que pertençam a epochas anteriores á actualidade;

5.º Cemiterios ou simples sepulturas, que datem da idade media e de epochas anteriores.

§ 2.º Poderá o governo conceder o direito de exploração, a que se refere este artigo, aos directores de outros museus publicos, ou a simples particulares, mediante parecer favoravel do conselho superior dos monumentos nacionaes.

Art. 6.º Os objectos destinados ao museu, serão transportados gratuitamente pelas vias ferreas, maritimas e fluviaes do estado.

Art. 7.º O museu ethnologico terá catalogo impresso, e poderá fazer publicações especiaes, relativas a objectos n'elle existentes, ou quaesquer outros, com o fim de os tornar conhecidos e despertar interesse no publico.

---

[1] [Leia-se *ruinas*].

Art. 8.º Todas as auctoridades e corporações do estado são obrigadas, não só a ministrar informações á direcção do museu, e a facilitar-lhe acquisições, mas a communicar-lhe todos os descobrimentos archeologicos de que tiverem noticia.

§ unico. Os funccionarios que superintenderem immediatamente em obras publicas são, em especial, obrigados a não destruir nenhum objecto archeologico que se encontre n'essas obras, e a communicar o descobrimento ás estações competentes, a fim de que, pelo museu ethnologico, se possam tomar ácerca da sua conservação as providencias necessarias ou possiveis.

Art. 9.º O logar de director do museu ethnologico será desempenhado por individuo de reconhecida competencia, proposto pelo conselho superior de monumentos nacionaes e nomeado pelo governo.

§ unico. Será conservado no seu logar o actual director do museu ethnologico, que continuará a receber a retribuição, que lhe fôra fixada, de 500$000 réis por anno.

Art. 10.º Haverá, para auxiliar o director do museu, um ou dois adjuntos, do quadro de conductores de obras publicas ou de minas, um escripturario e dois guardas ou serventes.

§ unico. Os logares de escripturario e de guardas ou serventes serão desempenhados desde já pelos empregados, de categoria identica, dos extinctos museus agricola e industriaes, os quaes continuarão percebendo os seus actuaes vencimentos.

Art. 11.º Todas as despezas com o pessoal e material, incluindo a retribuição do director, serão abonadas pela verba inscripta no orçamento do estado para os serviços dependentes do conselho superior de monumentos nacionaes.

Art. 12.º O conselho superior dos monumentos nacionaes proporá, ouvido o director do museu, um regulamento especial para a execução d'este decreto.

Art. 13.º O governo publicará regulamento e instrucções para a execução d'este decreto.

Art. 14.º Fica revogada a legislação em contrario.

O ministro e secretario d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 28 de dezembro de 1899. — REI. — *Elvino José de Sousa e Brito.*

4. Nova reforma e grande melhoria do Museu, em 1901

Senhor. — Em todos os paises cultos se cuida, com affecto e interesse, da manutenção de museus nacionaes que, ao mesmo tempo que sejam outros tantos motivos de attracção para as cidades em que estão estabelecidos, contribuam efficazmente para o conhecimento, cada vez mais amplo e exacto, das origens, historia e caracteres dos povos a que pertencem. Sem citar o exemplo dos paises grandes e populosos, basta lembrar o que se passa naquelles que, pela sua extensão, podem comparar-se ao nosso, como a Suissa, a Hollanda, a Dinamarca, a Belgica, etc., onde os museus d'esta natureza se consideram como indispensaveis instituições sociaes, analogas ás universidades, lyceus, academias e outras.

Para que o Museu Ethnologico Português, que existe desde 1893, corresponda o melhor possivel ao intuito com que foi criado, convem dotá-lo de maiores elementos de vida do que aquelles que até o presente tem tido, e augmentar-lhe, nos limites impostos pelas actuaes condições do Thesouro Publico, os indispensaveis meios de acção.

Temos, pois, a honra de propor a Vossa Magestade o seguinte projecto de decreto.

Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, 24 de dezembro de 1901.— *Manuel Francisco de Vargas.*

Attendendo ao que me representou o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria, e usando da auctorização conferida ao Governo pelo artigo 18.° da carta de lei de 12 de junho do corrente ano : hei por bem approvar a organização do Museu Ethnologico Português que, com o presente decreto e d'elle fazendo parte integrante, baixa assignada pelo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria.

O Conselheiro de Estado, Presidente do Conselho de Ministros e Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, e os Ministros e Secretarios de Estado de todas as Repartições, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 24 de dezembro de 1901. — REI. — *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro* — *Arthur*

Alberto de Campos Henriques — Fernando Mattozo Santos — Luiz Augusto Pimentel Pinto — Antonio Teixeira de Sousa — Manuel Francisco de Vargas.

Organização do Museu Etnologico Português

Artigo 1.º O Museu Ethnologico Português, a que se referem os decretos de 20 de dezembro de 1893 e 26 de junho de 1897, e o decreto com força de lei de 23 de dezembro de 1899, fica immediatamente dependente da Direcção Geral das Obras Publicas e Minas, como direcção de serviço externo. Este Museu destina-se principalmente a salvaguardar e archivar objectos portateis que se relacionem com a nossa ethnologia, quer pertencentes ao pasado, quer ao presente.

§ 1.º O Museu Ethnologico Português constará das seguintes secções principaes :

1.ª) Secção de archeologia prehistorica e historica ;
2.ª) Secção de ethnographia moderna ;
3.ª) Secção de antropologia, antiga e moderna.

§ 2.º As secções de que trata o § 1.º referem-se a objectos nacionaes, mas poderá existir nelle concomitantemente uma secção de objectos congeneres estrangeiros, para o estudo de comparação com os do país.

§ 3.º Junto do Museu haverá :

a) Uma bibliotheca especial das obras mais indispensaveis, constituida em parte por trocas com as publicações do Museu ;

b) Um gabinete photographico e de desenho ;

c) Uma officina de preparação e concerto de objectos que d'isso necessitarem.

Art. 2.º Ficam pertencendo ao Museu Ethnologico Português :

1.º Os objectos de merito archeologico, ethnographico e anthropologico, dispersos pelos diversos estabelecimentos do Estado, quando não façam parte integrante das collecções respectivas aos mesmos estabelecimentos ;

2.º Os objectos analogos aos mencionados em o n.º 1.º, que se descobrirem por occasião de se proceder a obras publicas, ou que estejam em terrenos ou edificios pertencentes ao Estado, e possam, sem prejuizo, passar para o Museu.

Art. 3.º O Museu será augmentado successivamente com objectos originaes obtidos por compra, exploração,

escavações e excursões archeologicas; e com copias (photographias, moldes, desenhos) de objectos de reconhecido valor, cuja acquisição não for possivel ou facil realizar.

Art. 4.° O Museu poderá acceitar offertas e depositos de objectos, e, com auctorização superior, trocar por outros, que lhe convenham, aquelles que puder dispensar.

Art. 5.° Aos agentes dependentes do Museu Ethnologico Português é assegurado o direito exclusivo da exploração e escavação de todas as estações archeologicas situadas em terrenos publicos, — montes, campos, matas, caminhos e outros, cumprindo ás auctoridades administrativas e policiaes impedir que elles sejam estorvados nesses trabalhos de exploração.

§ 1.° As estações de que trata este artigo são principalmente as seguintes:

1.° Castros, ou montes com vestigios de habitação humana, revelada quer em restos de casas e muralhas, quer em objectos avulsos que appareçam á superficie ou enterrados, — montes que são conhecidos vulgarmente pelos nomes de Crasto, Castello, Cêrca, Cividade e outros;

2.° Dolmens, que em algumas provincias se donominam antas, orcas, arcas, casas dos Moiros, etc.

3.° Grutas naturaes e artificiaes;

4.° Ruinas de quaesquer povoações ou edificios, que pertençam a epocas anteriores á actualidade;

5.° Cemiterios ou simples sepulturas, que datem da idade media e de epocas anteriores.

§ 2.° Poderá o Governo conceder o direito de exploração, a que se refere este artigo, aos directores de outros museus publicos, ou a simples particulares, mediante parecer favoravel das repartições competentes.

Art. 6.° Os objectos destinados ao Museu serão transportados gratuitamente nas vias ferreas do Estado.

Art. 7.° O Museu Ethnologico possuirá catalogo impresso; e, alem de continuar a publicar a revista intitulada *O Archeologo Português*, terá a direcção do Museu a faculdade de fazer publicações especiais relativas a objectos nelle existentes, ou quaesquer outras, com o fim de servir a sciencia e de despertar interesse no publico, podendo ser illustradas todas estas publicações.

Art. 8.° Todas as auctoridades e corporações do Estado são obrigadas não só a ministrar informações á

direcção do Museu, e a facilitar-lhes acquisições, explorações e escavações, mas a communicar á Direcção Geral das Obras Publicas e Minas a noticia de todos os descobrimentos archeologicos de que tiverem conhecimento.

§ unico. Os funccionarios que superintederem immediatamente em obras publicas são em especial obrigados a não destruir nenhum objecto archeologico que se encontre nessas obras, e a communicar o descobrimento ás estações competentes, a fim de que, pelo Museu Ethnologico, se possam tomar acêrca da sua conservação as providencias necessarias ou possiveis.

Art. 9.º O Museu Ethnologico terá um director, que será pessoa de reconhecida competencia, nomeada pelo Governo, sendo esta nomeação vitalicia.

§ 1.º A nomeação de director do Museu Ethnologico Português só poderá recair em pessoa que possua um curso superior, e que tenha feito publicações ethnographicas, archeologicas ou anthropologicas.

§ 2.º O cargo de director do Museu continua a ser remunerado com o vencimento annual de 500$000 réis.

§ 3.º É conservado no seu logar o actual director do Museu Ethnologico Português.

Art. 10.º Poderá haver para auxiliar o director do Museu:

1.º Um official do Museu, que possua um curso superior ou especial, e será nomeado pelo Governo, sob proposta do director do Museu, tendo de vencimento annual 360$000 réis;

2.º Um ou dois conductores do quadro de obras publicas ou de minas;

3.º Um escripturario ou apontador, dos respectivos quadros de obras publicas;

4.º Um photographo, nomeado pelo Governo, e que perceberá o vencimento annual de 360$000 réis, tendo tambem a seu cargo os trabalhos de desenho;

5.º Dois guardas e tres serventes, que perceberão de ordenado annual, os guardas, cada um, 180$000 réis de categoria e 80$000 réis de exercicio, e os serventes, cada um, 120$000 réis de categoria e 60$000 réis de exercicio. Estes cargos poderão ser exercidos por outros empregados effectivos ou addidos de igual categoria do Ministerio das Obras Publicas, ou por militares reformados, tendo neste ultimo caso cada um dos guardas

uma gratificação de 95$000 réis annuaes e cada um dos serventes a 80$000 réis ;

6.º Dois collectores-preparadores, que terão de ordenado annual, cada um, 270$000 réis.

Art. 11.º A disposição dos n.os 1.º, 4.º, 5.º e 6.º do artigo 10.º do presente decreto só se tornará effectiva depois de auctorizadas as respectivas verbas no Orçamento do Estado.

Art. 12.º Quando a secção de anthropologia, auctorizada pelo artigo 1.º, § 1.º, n.º 3.º, tomar tal incremento que se necessite de um funccionario especial para se encarregar d'ella, poderá o Governo providenciar para que para esse cargo seja nomeada pessoa idonea.

Art. 13.º A verba para as despesas do Museu, com acquisição de objectos, livros e instrumentos, concerto e preparação dos objectos, copias, escavações, explorações, excursões, expediente, transportes e outras, não será inferior a 1:200$000 réis annuaes.

Art. 14.º Todas as despesas do Museu, bem como os vencimentos especiais, serão inscriptos no Orçamento Geral do Estado, em verbas proprias. Estas verbas sairão da verba geral destinada aos edificios publicos e monumentos.

Art. 15.º O Museu continua a ficar installado no edificio do extincto Mosteiro dos Jeronymos em Belem, e será aberto ao publico.

Art. 16.º O Governo fará os regulamentos que forem necessarios para a execução d'este decreto

Art. 17.º Fica revogada a legislação em contrario.

Paço, em 24 de dezembro de 1901. — *Manuel Francisco de Vargas.*

5. Modificações na organização do Museu feitas de 1911 a 1913

a) Serviços Artisticos e Arqueologicos:

Da *Reorganização dos Serviços Artisticos e Arqueologicos*, Decreto, com fôrça de lei, de 26 de Maio de 1911, Lisboa, Imprensa Nacional, 1911 :

Art. 25.º Os Museus ficam subordinados aos Conselhos de Arte e Arqueologia das respectivas circunscrições, sob a superintendencia da Direcção Geral de Instrução Secundaria, Superior e Especial.

Art. 26.º Na 1.ª circunscrição haverá os seguintes Museus:

1.º Museu Nacional de Arte Antiga;
2.º Museu Nacional de Arte Contemporanea;
3.º Museu Nacional de Coches;
4.º Museu Etnologico Português.

Art. 29.º No Museu Etnologico Português serão expostos todos os objectos que se relacionem com a Etnologia do povo português, quer pertencentes ao passado, quer ao presente.

§ unico. Este Museu fica constituido pelo actual Museu Etnologico Português, que é transferido do Ministerio do Fomento para o Ministerio do Interior, com as respectivas verbas orçamentaes.

Art. 33.º O pessoal do Museu Etnologico Português compor-se-ha de um director, um conservador, dois preparadores, dois guardas e tres serventes.

No artigo 34.º diz-se que o lugar de director será de nomeação do Governo, sob proposta do Conselho de Arte e Arquelogia, que atenderá á competencia especial do proposto; no artigo 35.º que o lugar de conservador será de nomeação do Governo, por concurso de provas escritas; no artigo 37.º que a nomeação do restante pessoal será proposta pelos directores.

No artigo 4.º, 18.º, e 56.º n.º 4.º diz-se que o director do Museu Etnologico será vogal efectivo do Conselho de Arte e Arqueologia, da comissão executiva do mesmo Conselho e do Conselho de Arte Nacional.

b) Anexação do Museu á Faculdade de Letras:

«Ministério de Instrução Pública — Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial — 1.ª Repartição. — Atendendo ao que representou o director do Museu Etnológico Português sôbre a conveniência de anexar à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa o referido Museu, que até agora estava subordinado ao Conselho de Arte e Arqueologia da 1.ª circunscrição;

Considerando que desta anexação só podem advir vantagens a todos os estudiosos, e muito principalmente aos alunos da Faculdade de Letras que no Mu-

seu ficam tendo valiosos elementos e subsídios para o estudo de diversas disciplinas da sua Faculdade ;

Tendo em vista o parecer favorável do director da Faculdade de Letras :

Sôbre proposta do Ministro de Instrução Pública : hei por bem decretar que o Museu Etnológico Português que, por decreto com fôrça de lei de 26 de Maio de 1911, está subordinado ao Conselho de Arte e Arqueologia da 1.ª circunscrição, seja pedagógicamente anexado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O Ministro de Instrução Pública assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Govêrno da República, em 16 de Agosto de 1913.—*Manuel de Arriaga*—*António Joaquim de Sousa Júnior*».

c) Passagem do Museu para a Repartição de Instrução Universitaria:

Do Regulamento do Ministerio de Instrução Pública, Decreto n.º 193, de 29 de Outubro de 1913 :

Art. 7.º Competem á R(epartição) (de) I(nstrução) U(niversitaria) os assuntos referentes a :

. . . .

4.º Museus etnograficos e arqueologicos.

*

N. B. Tomou-se aqui «etnograficos» por «etnologicos».

6. Regulamento do Museu

Decreto n.º 559

Atendendo ao disposto no artigo 41.º do decreto com fôrça de lei de 26 de Maio de 1911, na portaria de 16 de Agosto de 1913, e no decreto de 29 de Outubro do mesmo ano ;

Conformando-me com o parecer do Conselho de Instrução Pública :

Hei por bem aprovar o regulamento do Museu Etnológico Português, que faz parte integrante dêste decreto, e vai assinado pelo Ministro da Instrução Pública.

O Ministro de Instrução Pública assim o tenha entendido e faça executar. Dado nos Paços do Govêrno da República, e publicado em 11 de Junho de 1914. — *Manuel de Arriaga* — *José de Matos Sobral Cid.*

Regulamento do Museu Etnológico Português[1]

CAPÍTULO I

Do carácter do Museu

Artigo 1.º O Museu Etnológico Português destina-se a contribuir para o estudo das origens, carácter e evolução histórica do povo português, pela exposição permanente de objectos arqueológicos e etnográficos, e restos antropológicos, provenientes principalmente de Portugal.

§ 1.º O Museu Etnológico Português constará das seguintes secções maiores (subdivisíveis noutras menores) :

a) De Arqueologia preìstórica, protoìstórica e histórica.

b) De Etnografia moderna (continental e insular) ;

c) De Antropologia antiga e moderna.

§ 2.º As secções de que trata o § 1.º referem-se a objectos nacionais, mas poderá existir no Museu concomitantemente uma secção de congéneres objectos estrangeiros, para comparação com os do nosso país, e melhor estudo dos dêste.

§ 3.º Tambêm poderá haver uma secção de etnografia colonial portuguesa para comparação com a do continente e ilhas, sem prejuízo da da Sociedade de Geografia.

§ 4.º Junto do Museu haverá :

a) Uma biblioteca especial das obras mais indispensáveis acêrca dos assuntos do Museu, constituída por compras, e por trocas com as publicações dêste ;

b) Um gabinete de fotografia e de desenho ;

---

[1] Saíu primeiro no *Diario do Govêrno* de 11 de Junho de 1914, e no de 28 de Agosto do mesmo ano (com correcções), e depois num opusculo de 16 páginas, Lisboa 1914.

c) Uma oficina de preparação e concêrto dos objectos que disso necessitarem.

Art. 2.º O Museu Etnológico é subordinado, no Ministério de Instrução Pública, à Repartição de Instrução Universitária, visto estar pedagógicamente anexado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a cujas cadeiras serve de exemplificação prática (Etnografia, Arqueologia, Epigrafia, Numismática, Paleografia, História antiga, Geografia antiga, etc.).

CAPÍTULO II

Da aquisição das colecções

Art. 3.º Ficam pertencendo ao Museu Etnológico Português:

a) Os objectos de mérito arqueológico, etnográfico e antropológico, dispersos pelos diversos estabelecimentos públicos (paroquiais, municipais, distritais e do Estado), quando não façam parte integrante das colecções respectivas aos mesmos estabelecimentos;

b) Os objectos análogos aos mencionados na alínea *a*) que se descobrirem por ocasião de se proceder a obras públicas, ou que estejam em terrenos ou edifícios públicos, e possam sem prejuízo passar para o Museu.

Art. 4.º O Museu será aumentado sucessivamente com objectos originais obtidos por compras, explorações e escavações arqueológicas, e com cópias (fotografias, moldes, desenhos, etc.) de objectos de reconhecido valor, cuja aquisição não fôr possível ou fácil realizar.

Art. 5.º O Museu poderá aceitar ofertas e depósitos de objectos, e, com autorização superior, trocar por outros, que lhe convenham, aqueles que puder dispensar.

Art. 6.º Ao Museu Etnológico é assegurado o direito de exploração e escavação de todas as estações arqueológicas situadas em terrenos públicos (paroquiais, municipais, distritais e do Estado), montes, campos, matas, caminhos e outros, cumprindo às autoridades administrativas e policiais impedir que êle, na pessoa dos seus agentes, seja estorvado nesses trabalhos de exploração e escavação.

§ único. As estações de que trata êste artigo são, por exemplo, as seguintes:

1) Castros ou montes com vestígios de habitação hu-

mana, revelados quer em restos de casas e muralhas, quer em objectos avulsos que apareçam à superfície ou enterrados, — montes que são conhecidos vulgarmente pelos nomes de *Crasto, Castelo, Cêrca, Cividade* e outros;

2) Dólmenes, que em algumas províncias se denominam *antas, orcas, arcas, casas dos mouros,* etc.

3) Grutas naturais e artificiais;

4) Ruínas de quaisquer povoações ou edifícios, que pertençam a épocas anteriores à actualidade;

5) Cemitérios ou simples sepulturas, que datem da idade-média e de épocas anteriores.

Art. 7.º Os objectos destinados ao Museu serão transportados gratuitamente nas vias férreas, marítimas e fluviais do Estado.

CAPÍTULO III

Da exposição e arrolamento dos objectos do Museu

Art. 8.º O Museu continua a ficar instalado no edifício do extinto Mosteiro dos Jerónimos, em Belêm.

Art. 9.º Os objectos estarão expostos ao público metódicamente, tanto quanto isto fôr compatível com o tamanho dos mesmos, e com as condições do edifício.

§ 1.º Os objectos manuseáveis estarão fechados em mostradores ou armários envidraçados; os objectos de grande tamanho poderão estar a descoberto.

§ 2.º Os objectos de grande valor intrínseco (ouro, etc.) poderão estar ocultos e a bom recato, emquanto não houver melhores condições de resguardo do que as que o Museu actualmente possui; mas expor-se hão, tanto quanto possível, desenhos, fotografias ou reproduções dêles.

Art. 10.º Os objectos do Museu terão um ou mais números especiais, ou comuns a um grupo, de modo que êles possam mais fácilmente ser arrolados e estudados.

Art. 11.º Haverá um livro de entrada em que os objectos se irão inventariando à proporção que forem sendo numerados, e haverá um ou mais catálogos ou gerais ou por secções.

§ único. Nos inventários ou catálogos serão postas todas as indicações que se julgarem necessárias para a história externa dos objectos.

CAPÍTULO IV

Da abertura do Museu ao público

Art. 12.º O Museu estará patente ao público durante seis horas todos os dias, excepto um dia na semana, destinado à folga do pessoal que tiver de a ter, e excepto os dias de feriado nacional.

§ 1.º Os visitantes tem o direito de examinar todos os objectos expostos, de pedir aos empregados informações acêrca dêles, de tomar notas, e de reproduzir por desenhos e fotografias aqueles que já estiverem publicados.

§ 2.º Dos objectos inéditos poderá o director permitir também a cópia, quando assim o entenda.

§ 3.º Dos objectos de valor que estão reservados poderá êle igualmente facultar o exame ou a cópia às pessoas que o reclamarem, quando essas pessoas os quiserem ver para estudo.

Art. 13.º Os visitantes, ao entrarem no Museu, deixarão ao guarda, que estiver à porta, bengalas, guarda-chuvas, ou quaisquer embrulhos que tragam consigo, e êste entregar-lhes há uma senha que lhes permita receber à saída os mesmos objectos.

Art. 14.º Só será permitida a entrada aos visitantes que se apresentarem decentemente vestidos; nenhum visitante poderá tocar nos objectos expostos, nem fazer ruído que perturbe o sossêgo desta mansão de estudo.

§ único. A visita do Museu é gratuita, e é proìbido ao pessoal receber gratificações dos visitantes.

CAPÍTULO V

Das publicações do Museu

Art. 15.º O Museu continuará a publicar a revista intitulada *O Arqueólogo Português*, e terá, alêm disso, a faculdade de publicar os seus catálogos, ou outras obras, com o fim de servir a sciência e avigorar o gôsto do público, podendo ser ilustradas todas estas publicações.

§ 1.º As publicações do Museu poderão ser, como já se tem feito, trocadas com publicações congéneres de outros museus, sociedades, etc., com o fim de se enriquecer a biblioteca privativa dêle.

§ 2.º O director poderá continuar a oferecer as publicações do Museu às pessoas que prestem serviços a êste, ou a outras a quem, pelos seus estudos especiais, elas sejam úteis, como professores, estudantes, etc., ou a bibliotecas de sociedades e de estabelecimentos públicos.

CAPÍTULO VI

Do pessoal do Museu

Art. 16.º O quadro do pessoal do Museu é constituído pelos seguintes funcionários, por ordem de categoria: um director, um conservador, dois preparadores, dois guardas e três serventes.

Art. 17.º O director será nomeado pelo Govêrno, sob proposta do conselho da Faculdade de Letras.

§ único. A nomeação do director do Museu só poderá recair em pessoa que possua um curso superior, e escrevesse trabalhos arqueológicos, etnográficos ou antropológicos, e preferentemente, dadas iguais circunstâncias, em um professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Art. 18.º Compete ao director:

1.º Cumprir e fazer cumprir as leis e os regulamentos em vigor, e as ordens que lhe forem transmitidas superiormente.

2.º Dirigir o Museu e o respectivo pessoal, fiscalizar a boa aplicação das verbas destinadas ao serviço do Museu, promover o aumento das colecções, superintender na disposição, classificação, conservação, numeração, arrolamento e catalogação dos objectos, e em tudo quanto respeitar ao Museu.

3.º Abrir a correspondência e corresponder-se com o Ministério de Instrução Pública, por intermédio da Repartição de Instrução Universitária e da de Contabilidade, e directamente com as diversas autoridades.

4.º Propor às instâncias superiores tudo o que êle tiver por conveniente para melhoria do Museu, regularidade e bom serviço dêste e disciplina do pessoal.

5.º Tomar, em casos urgentes, as resoluções extraordinárias que as circunstâncias reclamarem, participando logo à Repartição superior as providências adoptadas.

6.º Advertir e repreender os empregados, quando para isso houver motivo (desacato, irregularidades,

etc.), e em casos mais graves dar parte à Repartição superior.

7.º Facilitar quanto possa o estudo do Museu às pessoas que isso desejarem.

8.º Conceder licença aos empregados até oito dias em cada ano, ou qualquer dispensa justificada.

9.º Propor a nomeação do preparador, dos serventes e dos guardas, nos termos do artigo 37.º do decreto com fôrça de lei de 26 de Maio de 1911.

Art. 19.º O lugar de conservador só pode ser obtido por concurso de provas escritas, perante um júri nomeado pelo Govêrno, composto do director do Museu Etnológico, de um professor da Faculdade de Letras de Lisboa, e de um membro do Conselho de Arte e Arqueologia, o qual júri elaborará o programa.

§ 1.º Só pode ser admitida a concurso pessoa que tenha um curso superior ou especial, e será preferida no concurso, em igualdade de circunstâncias, a que fôr autora de trabalhos de Arqueologia, Etnografia ou Antropologia.

§ 2.º O concurso será principalmente sôbre assuntos de Arqueologia (com inclusão da Epigrafia e da Numismática) e Etnografia portuguesas, mas também abrangerá de modo geral a Antropologia ; além disso os candidatos devem mostrar que sabem escrever francês e traduzir latim, e devem ter boa caligrafia.

Art. 20.º Compete ao conservador :

1.º Substituir ou representar o director na ausência ou impedimento dêste, no que toca ao expediente, ou a assuntos que reclamem urgente resolução.

2.º Velar pelo bom estado do edifício, e pelo asseio e boa disposição das colecções do Museu, e propor ao director as melhorias que nesse sentido julgar convenientes.

3.º Dirigir as escavações e excursões de que fôr encarregado, e apresentar relatórios delas.

4.º O serviço da secretaria, da biblioteca, das contas e do expediente das publicações do Museu.

5.º Arrolar, numerar, rotular, catalogar os objectos do Museu.

6.º Auxiliar o director em tudo quanto concorrer para o aumento e importância das colecções do Museu e biblioteca.

7.º Elucidar os visitantes que lhes pedirem informações acêrca dos objectos do Museu.

8.° Promover, quanto em si caiba, o aumento das colecções, de acôrdo com o director.

9.° Auxiliar o director nas publicações do Museu, quando fôr necessário.

10.° Cumprir as ordens do director em tudo quanto respeitar ao serviço do Museu.

Art. 21.° Para preparadores serão escolhidas pelo director pessoas idóneas e que pelo menos possuam certidão de exames de português, francês, latim, história e geografia, e tenham boa caligrafia.

Art. 22.° Compete aos preparadores:

1.° Saírem para fora do Museu para colheita de objectos para êle, ou em estudo.

2.° Repararem os objectos do Museu que disso necessitarem, e instalá-los e acomodá-los convenientemente.

3.° Auxiliarem ou substituírem o conservador nos trabalhos de campo (escavações e excursões arqueológicas), quando pelo director isso fôr julgado necessário, e elaborarem os respectivos relatórios.

4.° Auxiliarem ou substituírem o conservador no serviço da biblioteca, da secretaria, das contas, do expediente, das publicações do Museu, da disposição, arrolamento, rotulação, numeração e catalogação dos objectos, e das compras, quando tudo isso fôr julgado necessário.

5.° Elucidarem os visitantes do Museu acêrca de preguntas que a respeito dos objectos dêste êles lhes fizerem.

6.° Concorrerem, quanto possam, para tudo o que constituir aumento e importância do Museu, e brilho das publicações dêste.

7.° Executarem desenhos e fotografias de objectos do Museu, quando para isso tiverem habilitação, e pintarem objectos de deminutas dimensões.

8.° Cumprirem as ordens superiores em tudo quanto respeitar ao Museu.

§ único. Na escolha dos preparadores atender-se há, quanto possível, a que pelo menos um dêles satisfaça às condições do artigo 22.°, n.° 7.°

Art. 23.° Para guardas só podem de futuro ser nomeadas pessoas que tenham exame de instrução primária, 1.° grau, o qual poderá ser substituído por um exame análogo feito perante o director do Museu e o conservador.

Art. 24.º Obrigações dos guardas:

1.º Aos guardas compete vigiar o Museu, de dia e de noite, para o que distribuìrão competentemente o serviço entre si, de modo que esteja lá sempre um dêles.

2.º Os guardas executarão as ordens dos seus superiores em tudo o que respeitar directa ou indirectamente ao serviço do Museu.

3.º Ao cuidado dos guardas fica repararem se tudo está limpo, espanejado e arrumado, devendo, no caso de haver alguma falta, avisar o respectivo servente ou a secretaria, para que se limpe ou arrume o que não o estiver; igualmente fica ao cuidado dos guardas não consentirem que sôbre os monumentos lapidares se pousem objectos estranhos.

4.º O guarda que estiver de serviço à porta durante a hora de abertura do Museu tomará nota do número de visitantes diários; guardará, emquanto estes estiverem no Museu, as bengalas, guarda-sóis ou embrulhos que êles trouxerem, e entregará a cada um uma senha de entrada, a qual receberá à saída; dará, quando souber, as explicações que lhe forem pedidas acêrca dos objectos do Museu; não consentirá que do Museu saiam embrulhos, livros ou outros objectos, sem que a pessoa que os levar apresente bilhete de saída assinado pelo director do Museu ou por quem o substituir.

5.º Meia hora antes do encerramento do Museu, o guarda que estiver de serviço irá ver se todos os armários e mostradores ficam fechados: não o estando, dará parte na secretaria para se irem fechar.

6.º À hora do encerramento do Museu tocará para a saída, e não consentirá no Museu pessoas estranhas fora das horas oficiais da visita excepto alguêm de família que lhe traga comida.

Art. 25.º Para serventes devem escolher-se pessoas que saibam ler, escrever e as quatro operações aritméticas.

Art. 26.º Aos serventes compete:

1.º A limpeza total do Museu e suas dependências, bem como o espanejamento, lavagem, etc., dos objectos.

2.º Acompanharem carroças ou moços que transportem objectos pesados que vierem das estações ferro-viárias ou doutros pontos da cidade para o Museu ou vice-versa; transporte de objectos manuseáveis, e da

correspondência ; distribuição das publicações do Museu ; e outros quaisquer recados.

3.º Acompanharem os visitantes do Museu, quando fôr preciso, e dar-lhes as explicações que estes lhe pedirem, e que êles souberem dar.

4.º Auxiliarem os guardas na polícia e vigia do Museu durante as horas em que lhes pertence estar neste.

5.º Auxiliarem os seus superiores na acomodação e reparação dos objectos, bem como nas excursões, escavações e explorações que o Museu fizer.

6.º Cumprirem as ordens dos seus superiores.

Art. 27.º Os guardas estarão no Museu, de dia e de noite, como fica dito no artigo 24.º, n.º 1.º Os serventes terão de serviço seis dias semanais, entrarão para o Museu uma hora antes da abertura ao público, e estarão até o encerramento. O restante pessoal, excepto o director, estará no Museu seis horas por dia e também seis dias por semana. Todos assinarão um livro de ponto. O director, pela natureza do seu cargo, não tem horas fixas nem dias fixos para estar no Museu, mas estará sempre que o julgar necessário, durante ou fora das horas regulamentares.

§ 1.º O pessoal sairá para fora do Museu em serviço todas as vezes que isso fôr necessário.

§ 2.º Quando algum empregado estiver fora do Museu em serviço de exploração, escavação ou estudo, não tem horas fixas de trabalho, sujeitar-se há às circunstâncias do momento, de modo que o serviço do Museu não se prejudique, e pelo contrário lucre.

§ 3.º O serviço, tanto nos dias de semana como nos domingos, será distribuído de maneira que assista sempre no Museu ou o conservador ou um dos preparadores.

§ 4.º Em casos urgentes ou extraordinários poderá ser prolongado o tempo do serviço diário e normal.

Art. 28.º Apesar da especificação que nos artigos 18.º, 20.º, 22.º 24.º e 26.º fica feita dos encargos, cada funcionário do Museu poderá, quando o director o entender, ajudar ou substituir outro, ou ser ocupado em outros serviços compatíveis com a respectiva categoria e habilitações.

Art. 29.º Se algum dia o quadro do pessoal do Museu fôr aumentado, de modo que haja um desenhador-fotógrafo e um escriturário privativos, serão distribuídos

por estes novos funcionários alguns dos serviços que ora impendem no conservador e nos preparadores.

Art. 30.º O pessoal apresentar-se há ao serviço convenientemente vestido.

Art. 31.º Assim como o director tem de usar de cortesia com os seus subordinados, também estes tem de o respeitar, e de acatar com solicitude e prontidão as ordens que êle lhes der no exercício das suas funções. Alêm disso todos os funcionários viverão na melhor harmonia entre si, e tratarão com delicadeza os visitantes. Quando houver falta de respeito mútuo entre os empregados, ou dêstes para com o público, o director tomará as providências que julgar necessárias ; e quando o director exorbitar dos seus direitos, o pessoal seu subordinado poderá reclamar perante as instâncias superiores.

Art. 32.º Alêm do pessoal permanente, cujo quadro está estabelecido por lei, e que tem verba fixa no Orçamento, haverá o pessoal assalariado que fôr necessário, pago pela verba do Museu, tal como : carpinteiro, jardineiro, etc. Quando não fôr possível obter preparador que satisfaça às condições do artigo 22.º, n.º 7.º, serão os trabalhos de desenho ou fotografia confiados a pessoa estranha, a quem se pague pela verba do Museu, ou confiados a outro empregado competentemente habilitado, nos termos do artigo 28.º

Art. 33.º Aos empregados que estiverem fora de Lisboa em serviço do Museu (excursão[1], escavações, visitas a monumentos e museus, ou qualquer outro) será abonada a despesa que fizerem consigo em transportes, comedorias e extraordinários.

CAPÍTULO VII

Disposição geral

Art. 34.º Nas deficiências ou omissões que houver neste regulamento resolverá o director como fôr de direito, tendo sempre em mente a utilidade do Museu.

Paços do Govêrno da República, em 11 de Junho de 1914. — O Ministro de Instrução Pública, *José de Matos Sobral Cid.*

---

[1] [Deve ler-se *excursões*]

III

NUCLEO DO MUSEU

O nucleo do Museu, como se disse a p. 2, constituiu-se com objectos que foram coligidos por Estacio da Veiga, e com objectos meus proprios.

1. A colecção feita por Estacio da Veiga consta de duas partes: arqueologica e antropologica.

Os objectos arqueologicos são muito numerosos, e na maior parte provém do Algarve (mas ha alguns de localidades que ficam fóra d'aquela provincia): pertencem a todas as epocas da nossa historia, e a todas as classes etnograficas (industrias da idade da pedra e da do bronze; adornos corporais; instrumentos de ferro; ceramica; vidros; figuras metalicas; esculturas de marmore; inscrições ibericas, romanas, arabicas, portuguesas; mosaicos; moedas; etc., etc.). Nas secções algarvias do Museu (epoca neolitica e do bronze, epoca do ferro, epoca romana, epigrafia) ainda hoje, apesar de passados vinte anos de trabalho, muito d'ele aplicado ao extremo Sul, predominam os elementos deixados por Estacio. Tão bons serviços prestou ele á Arqueologia portuguesa!

A parte antropologica tem menor importancia do que a outra, por ser pequena; contudo nem por isso deixa de apresentar aos estudiosos alguns espécimes de valor: cranios encontrados em sepulturas pre-romanas e romanas.

O nome de Estacio da Veiga não se apagará pois nunca do Museu, nem da memoria dos que amam a sciencia nacional. Os documentos assim colhidos com intrinseca paixão pelo desvelado Archeologo iam-lhe servindo de base para a construção das *Antiguidades*

Monumentais do Algarve, de que publicou 4 volumes, e para cuja continuação restam alguns apontamentos, que começaram a aparecer á luz n*O Archeologo*, IX, 200.

Acêrca dos objectos que ele adquiriu em Mertola, e que tambem estão no Museu (lapides visigoticas, etc.), vid. supra, p. 33.

Devo acrescentar, sem vaidade, mas porque só digo o que é verdadeiro, que a colecção arqueologico-antropologica deixada por Estacio da Veiga, e ao tempo da sua morte dispersa na sua casa de campo do Algarve (*Arch. Port.*, VII, 157), na sua habitação em Lisboa (*ibid.*, *ibid.*), na Academia das Belas-Artes (*ibid.*, *ibid.*), e em poder do D.^or^ Ferraz de Macedo (vid. supra, p. 259), quasi me custou tanto a reunir no Museu, como se eu proprio fizesse as excavações e as buscas que ele fez. Ninguem imagina os passos que dei, as cartas que escrevi, as ralações que tive!

2. A minha colecção particular, que eu possuia antes da constituição do Museu[1], e que depositei nele, compõe-se, entre outros, dos seguintes objectos:

a) Epoca prehistorica (cfr. supra, p. 21):

Um machadinho de Mafra (vid. *Trad. pop. de Portugal*, 1882, p. 63: foi o primeiro machado de pedra que eu obtive); um machado de Paços de Ferreira, que me deu o meu condiscipulo Lião de Meireles por 1884; um machado de Baião (*Religiões da Lusitania*, I, 14); vários objectos de Mangualde (de orcas, etc.: *Religiões*, I, 16 e 271; *O Arch. Port.*, IX, 303, onde por engano se lê «1902» em vez de «1892»; X, 28 sgs.; XIV, 246). Mais de duzentos objectos do concelho do Cadaval, obtidos de 1883 a 1893 (vid. *Religiões*, I, 43, nota 3, e cfr. p. 18); uma goiva, e um *nucleo* de silex, do Cadaval, obtidos em 1887; muitos objectos de outros concelhos da Extremadura e do Alentejo: Leiria, Porto de Mós, Caldas, Peniche, Obidos, Sintra, Liceia, Mafra, Evora, Ponte de Sôr, Juromenha, Alandroal (vid.

[1] A ela se refere Estacio da Veiga, *Antiguid. mon. do Algarve*, IV, 151. A parte prehistorica da minha colecção esteve algum tempo depositada no Museu da Comissão Geologica (vid. *Religiões*, I, 42, nota, e supra, p. 21). A parte protohistorica e historica esteve-o na Biblioteca Nacional (cf. supra, pp. 21 e 24).

Religiões, I, 17 a 19, e 51, nota 2); objectos de uma anta da Capela (Avis) e da Ordem (ibidem), — contas, amuletos, medalhões de lousa, que me deu o D.or Matos Silva em 1892 (*Religiões,* I, 21, nota); quatorze machados de Alcobaça, que obtive entre 1887 e 1893; uma ponta de seta de silex, do Algarve, que me deu Estacio da Veiga; um vasinho alentejano de barro, que me deu Sande e Castro, em Leiria; um quadrupedezinho de ribeirite que me deu em 1891 o D.or Rodrigues de Gusmão, de Portalegre; um machado chato de cobre, do Cadaval, obtido em 1887 (cfr. Estacio da Veiga, *Antiguid.,* IV, 151); dois machados chatos de cobre, de Espite, que me deu Sande e Castro (cfr. Estacio da Veiga, *Antiguid.,* IV, 153-154); varios objectos de cobre ou bronze, do concelho de Obidos, adquiridos com o concurso de meu primo Jaime Leite; e outros do concelho do Cadaval; dois machados chatos de cobre ou bronze, que obtive de um ferrador em Extremoz.

b) Epoca protohistorica:

Uma lapide com inscrição iberica de Bensafrim (vid. supra, p. 24).

c) Epoca romana:

Um unguentario de barro, do Algarve, que me deu o D.or Teixeira de Aragão; uma candeia de barro, que me deu o mesmo; um prato de Barcelos com marca figulina (armario n.º 46); um vasinho de duas asas, de Trás-os-Montes (armario n.º 48); um *fascinum* (vid. *Religiões.,* III, 528, nota 1); um *sigillum* de bronze, do Fundão (*Religiões,* III, 496: canéforo); uma pedra de estojo cirurgico, que me deu Teixeira de Aragão; um *pondus* de barro, e um pedaço de tejolo com uma marca, de Guifões (*Arch. Port.,* IV, 270); um cipo de Mercurio (*Religiões,* III, 274, nota 2); uma cabeça de marmore, que comprei na Feira da Ladra; o baixo-relevo de Frende, publicado nas *Religiões,* III, 483.

d) Epoca visigotica:

Uma chapa de cinturão, que obtive em Leiria (*Religiões,* III, 578, fig. 298).

e) Epoca arabica:

Uma candeia, que me deu o D.or Aragão.

f) Arqueologia portuguesa e Etnografia moderna:

Varios ex-votos ou retabulos (vid. supra, p. 65 e 233); uma colecção de amuletos (vid. supra, p. 65) e de veronicas; um polvorinho (vid. supra, p. 70); uma

caixa do rapé, de chifre, muito bem esculturada (vid. infra, p. 401, n.º 145); varios objectos artisticos, feitos por pastores do Alentejo; bengalas artisticas, do Norte; pratos, e boiões de botica, de faiança; uma travéssa de loiça do Rato; um oratorio de faiança, do sec. XVII; tinteiros de faiança; folhinhas e outros livros com encadernação de luxo; manuscritos, *registos* e gravuras; livros antigos e modernos; medalhas e moedas; várias miudezas.

Omito muitas cousas; e ha tambem no Museu muitissimas que me foram dadas particularmente a mim, já depois de fundado o Museu (cfr. supra, p. 130).

IV

PONTOS PARA DISSERTAÇÃO DO CONCURSO

para provimento do lugar de Conservador do Museu Etnologico Português, propostos pelo Director, e aprovados pelo Conselho de Arte e Arqueologia

(1912)

I) Arqueologia :

N.º 1. A Arqueologia em Portugal : esbôço historico-bibliografico, com especiais informações acêrca de algumas obras, referentes a todos os periodos que ela abrange.

N.º 2. Importancia geral da Arqueologia, exemplificada em objectos e monumentos de Portugal, de todas as epocas.

N.º 3. Notícia geral e suficiente da secção arqueologica do Museu Etnologico Português, de modo que se faça um quadro da nossa Arqueologia.

N.º 4. Selvagens e barbaros com relação á Lusitania pre-romana. Insculturas preistoricas. Simbolismo artistico ou religioso da epoca protoistorica entre nós. Alfabetos ibericos. Moedas lusitano-romanas.

N.º 5. Indústrias preistoricas : especies de artefactos ; materiais ; tecnica. Se ha reflexos da civilização mediterranea na Arqueologia portuguesa ; outras correntes de civilização pre- e protoistorica no nosso país. Acção geral da civilização romana.

N.º 6. Estudo teorico de um *castro*, considerado em toda a sua amplitude : epocas, civilização e historia. Exemplos de *castros* portugueses em que o estudo teorico se possa basear — com indicações a respeito de cada um. Modo de explorar um *castro*, para que se tire o maior proveito scientifico possivel. Algumas estações estrangeiras, congeneres das nossas.

N.º 7. A vida dos Lusitano-Romanos (doméstica, religiosa, etc.), manifestada em monumentos de Portugal.

N.º 8. Edificações pre-romanas e romanas, igrejas e castelos da Idade-Media ; principais monumentos religiosos do sec. XVI ; casas solarengas em geral. Tudo com relação ao nosso país.

N.º 9. Ceramica pre-romana, romana, visigotica e arabica de Portugal, com considerações historicas e etnologicas a respeito de cada epoca. Fabricas de loiças portuguesas antigas. Azulejos usados em Portugal.

N.º 10. Ritos sepulcrais e tipos de sepulturas desde os mais antigos tempos preistoricos até o fim da epoca dos Barbaros (sec. VIII), com explanações acêrca dos respectivos espolios, e considerações acêrca da civilização geral de cada epoca. Maneira de explorar as sepulturas.

II) Etnografia :

N.º 1. Importancia geral da Etnografia, exemplificada em cousas portuguesas de todas as provincias.

N.º 2. Notícia geral e suficiente da secção etnografico-antropologica do Museu Etnologico Português e das publicações do mesmo.

N.º 3. Tipos tradicionais de casas portuguesas e arranjo interno. Relações d'esses tipos com a natureza e produções do solo.

N.º 4. Tipos tradicionais de trajos portugueses de homens, mulheres e crianças. Enfeites. Cabelo e barba. Tatuagem.

N.º 5. Indústrias caseiras de Portugal, consideradas etnograficamente : tecidos, rendas, meias. Notícia dos respectivos instrumentos de trabalho ; nomenclatura ; quaisquer explanações.

N.º 6. Aprestos tradicionais de lavoura ; variedade de carros ; jugos e cangas. Instrumentos de caça. Meios gerais de pesca. Tudo com relação a Portugal.

N.º 7. Veículos tradicionais em uso no sec. XIX, por terra. Aparelhos de cavalos. Alguns tipos de barcos de condução de pessoas. Tudo com relação a Portugal.

N.º 8. Instrumentos musicos populares e infantis. Pintura popular. Trabalhos artisticos pastoris (cortiça, chifre, madeira). Tudo com relação a Portugal.

N.º 9. Jogos tradicionais de crianças e adultos; objectos ou instrumentos respectivos; quaisquer considerações historicas ou filosoficas. Brinquedos infantís. Meios de apanhar passaros. Tudo com relação a Portugal.

N.º 10. Religião popular portuguesa: 1) amuletos; 2) ex-votos; 3) registos. Considerações historicas e bibliograficas.

*

Por deliberação do Conselho, estabeleceu-se mais o seguinte: interpretação de uma inscrição latina e de uma moeda; redacção de um texto em francês.

V

TRABALHOS DO PESSOAL DO MUSEU

Muito me aprazeria particularizar aqui os serviços que os meus companheiros do Museu, como fica dito a p. 10, lhe tem prestado; contudo não só isso alongaria demasiado o presente volume, mas (e principalmente) podia escapar-me a menção de algum facto, e parecer que eu o ocultava de proposito, apesar de ser o sentimento da justiça, ou o amor da exactidão, uma das normas da minha vida, pública e privada. Portanto circunscrevo-me, ao menos, em coordenar uma cronologia da vida externa do Museu,— isto é, das principais excursões e excavações efectuadas por todo o pessoal. De alguns d'esses trabalhos ha relatorios já publicados; de outros ha relatorios ineditos, que um dia virão tambem a lume. A cada funcionario fica licito, já se vê, desenvolver como quiser, em livros ou artigos especiais, as sucintas indicações que vou dar; e se por acaso eu omitir (involuntariamente porém) algum facto que devesse ser assinalado, faculto n*O Archeologo* a correcção a quem desejar fazê-la.

1893

Em fins de Dezembro, excursão do Director a Guimarães (Museu) e a Vizela (termas, estação arqueologica).

1894

Em começos de Janeiro, continuação da excursão do Director no Minho: Braga (antiguidades romanas; o deus *Tongoenabiagus*, vid. *Rev. Lusit.*, III, 307 sgs., e IV, 284); regresso por Coimbra (museu, etc.). Em 13 de Janeiro, ida do Director ás Cabanas da Conceição (Algarve), para encaixotar e fazer transportar para Lisboa a colecção arqueologica de Estacio da Veiga (cf. supra, p. 21, e além d'isso *Rev. Lusit.*, IV, 325, e *Ensaios*

Ethnographicos, I, 281); excursão a outras terras da mesma provincia (Faro, Milreu, Tavira, Torre d'Ares, Olhão), e a Beja, em todas as quais fez estudos ou adquiriu objectos. — Em Fevereiro, ida do Director á Senhora da Aboboriz (Obidos), d'onde depois veio para o Museu uma lapide com inscrição romana.— Em Março, nova excursão do Director ao Algarve, d'esta vez acompanhado de Maximiano Apolinario, Adjunto do Museu[1]: visitaram Lagos, Bensafrim, Vila do Bispo, o Cabo de S. Vicente, Sagres, Alcalar, Portimão, Mexilhoeira, Silves, e fizeram varios estudos (cf. *Religiões da Lusitania*, II, 10, e 205, e *Arch. Port.*, IV, 97), e adquiriram objectos.—Em Maio e Junho, excursão do Director, e do Adjunto, a Pragança e ao concelho de Obidos, onde ha importantes estações arqueologicas.—Em Agosto e Setembro o Adjunto fez explorações no «Castelo» de Pragança (já começadas em 1893, a expensas da Comissão Geologica), no Castelo-Velho (*Arch. Port.*, I, 52) e nas grutas do Furadouro (*Arch. Port.*, III, 86), todas com proveito, sobretudo a da primeira d'estas estações. O Director do Museu visitou esses locais na mesma ocasião (em companhia do S.^or^ D.^or^ Bernardino Machado), e continuou a excursão por Alcobaça (museu do S.^or^ Natividade), Nazareth (gruta e lenda), Figueira da Foz (museu) e arredores (mamoinhas), Cova de Lavos (*palheiros*: cf. supra, p. 57), Senhora da Encarnação de Buarcos[2], Montemor-o-Ve-

[1] Antigo Condutor de Obras Publicas (hoje Engenheiro). Foi despachado para o Museu, sem aumento de vencimento, em 20 de Dezembro de 1893; postoque fosse tomando gôsto da Arqueologia, preferiu a esta a Matematica, e deixou o serviço em 6 de Agosto de 1896, por ter de partir para a Belgica.

[2] Junto da igreja ha uma sala com muitos quadros pendurados da parede (promessas ou ex-votos), que simbolizam milagres atribuidos á Senhora. A sala chama-se por isso «dos milagres». Entre os quadros que observei em 1894, e de que tomei nota numa das minhas carteiras (n.º LII, fls. 28 *v*), chamou particularmente a minha atenção um que representa a baía de Lavos: um barco da *companha da Preguïça* está virado no mar, e os tripulantes recorrem á Virgem, que lhes aparece no ceu rodeada de esplendores; na praia as familias dos tripulantes erguem as mãos com ar de aflição, e ao longe, de um lado e do outro, avistam-se os *palheiros* de Lavos, assentes em estacas.—Rocha Peixoto, falando dos «palheiros do litoral» na *Portugalia*, t. I (1899-1903), p. 79 sgs., fala tambem nos de Lavos, e reproduz este «milagre» da Senhora da Encarnação.

lho (Castelo), Porto, Vila do Conde, Póvoa, Baião, Mesão Frio, Marco de Canaveses.—Em 7 de Dezembro, excursão do Director, e do Adjunto do Museu, a Alcacer do Sal : vid. *Arch. Port.*, I, 65 (notícia desenvolvida.)—Em 22 de Dezembro, partida do Director para a Beira Alta (concelho de Mangualde e Nelas), onde visitou várias estações arqueologicas, e explorou várias *orcas* ou dolmens (Fonte do Alcaide, Cova dos Moiros, Carvalhinha, etc.) : cfr. *Religiões*, I, 363 sgs., *Arch. Port.*, I, 218, e X, 312.

1895

Em Janeiro, continuação da excursão ultimamente mencionada ; o Adjunto fez um reconhecimento arqueologico no Outeiro de S. Mamede de Obidos (*Arch. Port.*, I, 220).—Nas ferias da Pascoa o Director foi, com o Adjunto, ao Sul : vid. *Arch. Port.*, V, 225-249.—Em 28 de Junho e seguintes, excursão do Director ao Cadaval (Pragança, Serra da Neve, Vermelha), onde adquiriu varios objectos. — Em Junho e Julho, excavações no areal de Troia de Setubal feita pelo Director e Adjunto, ajudados por varios amigos : cfr. *Arch. Port.*, I, 221, III, 156.—Em 28 de Julho, excursão do Director a Azeitão e Sezimbra (aquisição de alguns machados de pedra polida).—De Agosto a Outubro, excursão do Director, e do Adjunto, a Tomar (ruinas da chamada «Nabancia» ; museu particular do Sr. Magalhães, farmaceutico), Cabaços, Alvaiázere (castro e ruinas romanas de Marouca), Dornes (excavações no castelo), Coimbra, Porto, Vila do Conde (monetario do S.or Rios), Póvoa (museu do P.e Brenha), Gaia (museu do S.or Azuaga), Baião, Mesão Frio, Vila Rial (fragas sagradas de Panoias), Vila Pouca-d'Aguiar (colecção arqueologica do P.e Rafael Rodrigues ; visita ás antas de Alvão, e excavações ; aquisição de uma estatua de guerreiro, *Arch. Port.*, VII, 23-26), Chaves (aquisição de lapides romanas, e de metade de um instrumento paleolitico). Cf. *Arch. Port.*, II, I, e 142-143, III, 60 e 123. Depois (Setembro) o S.or Maximiano Apolinario seguiu para a Beira, onde explorou diversas *orcas :* vid. *Arch. Port.*, I, 325-326.—Em Novembro, o Adjunto fez excavações arqueologicas em Alguber (Cadaval) : *Arch. Port.*, II, 246.—Em 8 de Dezembro, visita do Director ao Museu de Beja, com o Sr. Luís Couceiro, Desenhador da Comissão Geologica (cf. *Arch. Port.*, I, 321).—

No mesmo mês, ida do Director a Alferrar (Setubal).— Pesquisas do Adjunto em Alcafora (Sintra): *Arch. Port.*, I, 237.—Nova excursão do Director ao Sul, no Natal: vid. *Arch. Port.*, IV, 103-104.

1896

Em Janeiro, continuação da excursão do Director no Sul (vid. supra). — Em Fevereiro, ida do Director a Braga (correcção da leitura da inscrição de TONGOE || NABIAGO: *Rev. Lusit.*, IV, 284). — Em Março-Abril, o Adjunto, Maximiano Apolinario, explorou o castro da Rotura: *Arch. Port.*, II, 247. — Em Abril, o mesmo explorou a necropole de S. Martinho de Sintra: *Arch. Port.*, II, 210.—No mesmo mês, excursão do Director á serra do Montejunto (Pragança, grutas, etc.). Cf. *Arch. Port.*, II, 159.—Agosto e Setembro, excursão do Director á Beira, onde, além de outros estudos (museus da Figueira e de Coimbra, castro de Santa Olaia, Viseu, antiguidades de Penalva do Castelo), e aquisições avulsas (objectos etnograficos e arqueologicos), explorou com bom resultado umas onze *orcas* ou dolmens (Tanque, Juncais, Forles, Matança, Fojinho, Seixinho, Bouça, etc.): vid. *Arch. Port.*, III, 108-111, e V, 138 sgs.; e cfr. *Gazeta da Figueira* de 19 e 23 de Setembro e de 10, 14 e 17 de Outubro de 1896, e a *Folha* (Viseu) de 16 de Janeiro de 1902. Regresso por Pragança, onde adquiriu muitos objectos prehistoricos.—Em 24 de Dezembro partiu o Director para o Algarve (Faro, Tavira, Cacela, etc.); exploração da olaria lusitano-romana de S. Bartolomeu de Castro Marim (*Arch. Port.*, IV, 329 sgs.).

1897

Excursões do Director: Janeiro, continuação da de Dezembro de 1896 (vid. supra), e regresso por Mertola (aquisições e excavações), e Beja (museu).—Nas férias do Entrudo, excursão a Coimbra (museu do Instituto) e Condeixa (aquisições): cfr. *Arch. Port.*, III, 146, IV, 308.—Em 5 e 6 de Março, excursão a Leiria (algumas aquisições). — Em Abril, excursão á Arruda (visita de antas que foram exploradas em 1898), e noutra ocasião ao Cadaval e Obidos (aquisição de objectos).—No S. João, excursão de 200 kilometros, em *carro alentejano*, pelo distrito de Beja (Castro Verde, Santa Barbara dos

Padrões, Geraldos, Almodóvar, Ourique, Senhora da Cola, «monte» das Guedelhas, Monte Longo): estudo de costumes, visita de *castelinhos, castelos,* e *alcarias,* aquisição de objectos. — Em 31 de Julho, partida do Director para uma viagem de estudo por Hespanha, França e Belgica; regresso por Cárquere, onde adquiriu inscrições romanas. — Em Novembro, excursão do mesmo a Montemor-o-Novo (visita de antas, que foram exploradas tempos depois, e aquisição de objectos prehistoricos).—No Natal, excursão do mesmo aos coutos de Alcobaça (estudo de inscrições, colheita de objectos).

1898

Em Janeiro, continuação da excursão de 1897 pelos coutos de Alcobaça (vid. supra).—No mesmo mês (21 e 22), excursão do Director e do Condutor de Obras Publicas D. Vasco Bramão[1] ao Algarve (Faro, Loulé, Salir): cfr. *Arch. Port.*, IV, 243. — No mesmo mês, duas idas do Director a Sacavem, onde fez excavações em um cemiterio antigo. Em Fevereiro, ida do Director, e de D. Vasco Bramão, ao Cadaval (aquisições várias) e ~~ás Caldas da Rainha~~ (mosaico de Orfeu). — No mesmo mês, ida de D. Vasco Bramão a Mertola para extrair das muralhas lapides romanas que vieram para o Museu. — Em Março, exploração de um cemiterio em Colaride pelo S.or João Segurado, Condutor de Minas, e Antonio Mendes, Colector da Comissão Geologica. — Em 3 de Abril, partida do Director para Montemor-o-Novo, onde, com o auxilio do S.or José de Almeida Carvalhais, que depois foi Colector-Preparador do Museu, mas que então ainda o não era[2], explorou a Anta Grande da Comenda da Igreja, que continha centenares de objectos (cfr. *Boletim* da 2.ª classe de Academia das Sciencias, I, 65). Excursão dos mesmos a Arraiolos (castelo, Vila Ladra, anta; aquisições). Em 22-25, excursão do Director a Santa Vitoria e Mombeja (aquisição de lapides da idade do bronze: cf. *Arch. Port.*, XI, 184-185). — Em Julho, excursão do Director a Azeitão e ás grutas (artificiais) calcoliticas da Quinta

[1] Esteve uns meses, provisoriamente, ao serviço do Museu.
[2] Serviu desde Março de 1901 até Janeiro de 1912, em que, por causa dos seus negocios particulares, pediu a demissão.

do Anjo.—Em 18 de Agosto, excursão do mesmo a Evora; em 30, nova ida a Leiria, por causa do mosaico de Orfeu, e regresso (Setembro) por Obidos e Cadaval (Pragança), onde fez aquisições.—Em Outubro, excursão do Director á Arruda, onde explorou as antas de que se falou supra (1897). — Nas ferias do Natal, ida do mesmo a Evora e arredores (Outeiro das Vinhas, Machede, Tourega, Barrocal): cfr. *Arch. Port.*, VII, 218-223.

1899

Em Janeiro, continuação da última excursão de que se falou supra (1898): Loulé, Faro, S. Brás de Alportel, Tavira, Cacela, Ayamonte (Hespanha), Castro-Marim, Vila Real de S. Antonio, Sant'Ana de Cãibra, Mina de S. Domingos, Córte-Pinto, Mertola, Beja: estudos e aquisições.—Em Fevereiro, excursão do Director aos concelhos do Cadaval (exploração de um *silo* no Peral) e da Lourinhã (aquisição de instrumentos de pedra e da epoca do bronze). — Em Março partiu o Director para fóra de Portugal: viagem de estudo por Hespanha, França, Belgica, Holanda, Alemanha, Dinamarca e Suiça, e voltou em Outubro: durante ela adquiriu varios objectos para o Museu.

1900

Em Janeiro, excursão do Director no concelho de Cadaval (Vermelha, etc.).—Em 4 de Fevereiro, ida do mesmo á Arruda (estação romana de Rio Cravo). Em 19, excursão pela serra da Cezareda (aquisição de muitos objectos prehistoricos de pedra e de bronze).—Em Março, visita do mesmo á *villa* romana de Tralhariz: vid. *Arch. Port.*, V, 193. No regresso, digressão pelo concelho de Mesão Frio e Baião.—Abril-Agosto: nova viagem de estudo: França, Alemanha, Austria (e Bohemia), Suiça e Hespanha: durante ela fez tambem aquisições para o Museu.—Em 8 de Setembro, partiu de Lisboa o mesmo para o Norte de Portugal, onde esteve até 8 de Outubro: Douro, Panoias, Foz-Tua, Cinfães (cfr. *Arch. Port.*, VIII, 68), Baião (Mosteirô), Marco de Canaveses (Ponte da Aliviada: lenda), Gaia (museu do S.or Azuaga): fez estudos e aquisições arqueologicas.—Em 1 de Novembro partiu o Director para Montemor-o-Novo, em companhia do S.or Almeida Carvalhais, de quem acima já se falou, e de Julio Cesar

Garcia, hoje falecido, e ao tempo Condutor de Obras Publicas em serviço no Museu[1] : visitaram todos o castelo, em cuja encosta haviam aparecido objectos romanos que o Director obteve por intermedio do S.or Carvalhais ; depois o Director e o Condutor foram para o campo, onde, ora um, ora outro, fizeram várias excavações arqueologicas (o Condutor Garcia retirou-se para Lisboa em 9, o Director ficou lá até 20, retirando-se em 21 para a vila, e em 22 para Lisboa) : cemiterio visigotico de S. Geraldo, antas da Veleda, Corralejo, Casa Velha, Rocio do Montinho, Comendinha. Excursão do Director e do S.or Carvalhais ás Brotas (antas do Vale das Antas).—No Natal, terceira excursão do Director ao Norte e á Beira : Cinfães (aquisição da lapide romana de *Mirobieus*), Guimarães (estudos epigraficos no Museu), Braga (estudo de várias antiguidades).

1901

Em Janeiro, continuação da excursão do Director pelo Norte (vid. supra).—Em 4 de Fevereiro, excursão do mesmo aos concelhos do Cadaval e Obidos (aquisição de vinte e cinco machados de pedra, e de um de bronze ou cobre). Em 7, excursão do mesmo a Escaropim, no Ribatejo (aquisição de objectos arqueologicos ; visita de ruinas onde haviam aparecido moedas arabicas). — De Abril a Setembro fez o Director nova viagem de estudo por fóra de Portugal (França, Belgica, Holanda, Alemanha, Hespanha), durante a qual obteve varios objectos para o Museu.—Em Setembro voltou pelo Douro : Mantel (excavações arqueologicas num castro da idade do ferro), Cárquere (aquisição de lapides romanas com inscrições), Frende (estudo de esculturas romanas, que depois vieram para o Museu), etc.—De Outubro a Dezembro, excavações arqueologicas no cemiterio romano do Cortiçal (Arraiolos) feitas por Almeida Carvalhais (que foi quem o descobriu) e Julio Cesar Garcia : encontraram numerosos objectos (vasos, e entre eles um muito importante, com uma inscrição ; vidros ; armas de ferro, etc.). Em Outubro foi o Director ver as excavações, e efectuou concomitantemente uma excursão a Evora (museu), Viana do Alentejo (vid. *Arch.*

---

[1] Entrou em 26 de Outubro de 1900, e conservou-se até meados de 1902.

Port., IX, 271), Cuba, Vidigueira (visita da abadia de S. Cucufate; ruinas romanas), Beja (vid. *Arch. Port.*, VII, 243), e adquiriu uns cinquenta objectos (neoliticos, de bronze, romanos, arabicos, portugueses). Nesta excursão acompanhou-o o falecido Carlos Maria Loureiro, Apontador de Obras Publicas, que no Museu servia de escriturario[1].—Em 3 de Novembro voltou o Director á herdade do Cortiçal, e visitou com o S.or Almeida Carvalhais outras herdades vizinhas onde ha ruinas antigas (Ponteguinhas, Póntega, Fontainhas).—Em Novembro, excavação de um cemiterio antigo na Costa (Oeiras), feita pelo Director, ajudado por José Angelo Rodrigues, empregado da Biblioteca Nacional.—Por ocasião das excavações em Arraiolos, o S.or Carvalhais e o Condutor Garcia fizeram transportar para o Museu as duas estatuas romanas a que se aludiu supra, p. 152. — Em Dezembro foi Garcia a Mertola para tambem fazer vir para o Museu lapides romanas das muralhas e do castelo, lá obtidas pelo Director.

1902

Em Março, excursão do Director ao Norte, onde se demorou até meados de Abril: Cinfães (aquisição de lapide e lucerna romanas); Vila Rial (aquisição de machados de pedra e de bronze, duas lapides com inscrições, ceramica romana, moedas, etc.); Penafiel (aquisição de machados neoliticos). Por essa ocasião fizeram-se por conta do Museu, e sob a direcção de Julio Cesar Garcia e Almeida Carvalhais, excavações em cemiterios romanos da Feira Nova e no castro dos Arados (Marco de Canaveses), com muito proveito: cfr. *Religiões*, II, 287, e III, 129 e 131. O Director foi visitar as excavações em 9 de Abril.—Em 24 de Abril começaram as negociações e trabalhos acêrca de uns importantes mosaicos romanos aparecidos no concelho de Alcobaca, adquiridos e explorados pelo Museu: cfr. *Arch. Port.*, VII, 146 sgs., e *Religiões*, III, 177. A exploração durou bastante tempo: foi feita por Almeida Carvalhais, acompanhado do servente Francisco de Almeida[2]; outros funcionarios

[1] Esteve cá desde 13 de Fevereiro de 1901 até á data da sua morte (1904).

[2] Almeida foi empregado do Museu de Julho de 1902 a Maio de 1913.

do Museu estiveram por vezes no local do mosaico, tais como o Director, o Oficial D.or Felix Alves Pereira[1], o Condutor Julio Cesar Garcia, o Preparador Manuel Joaquim de Campos (hoje falecido)[2], etc. — Em Maio, excursão do Director a Pragança, Reguengo Grande, Reguengo Pequeno, e Moledo, — ido de Alcobaça : aquisição de machados de pedra e de bronze, e de outros objectos.—Em Julho, excavação de um cemiterio romano em Viana do Castelo, feita por Felix Alves Pereira : vid. *Arch. Port.*, IX, 283, e X, 16.—Em 2 de Agosto partiu o Director para o Norte, e fez uma excursão pelo Minho, Galiza, e Trás-os-Montes : Braga (visita da colecção arqueologica de Albano Bellino, e aquisição de objectos arqueologicos e etnograficos), Viana («Cidade velha» de Santa Luzia : *Arch. Port.*, VIII, 15-23 ; aquisição de objectos arqueologicos), Caminha (visita da matriz), Arcos de Valdevez (visita do castro de Cabreiro), Valença (negociações para a aquisição de uma lapide romana, que depois se obteve), Tuy (visita da catedral e de uma colecção particular de machados de bronze), Monção (castelo dos Milagres : *Arch. Port.*, VII, 285-288), Vigo (castelo : *Vicus Spacorum?*), Pontevedra (visita da catedral e do museu), Santiago (catedral : cfr. *Religiões*, III, 537, nota 1 ; museu arqueologico da Sociedade Economica), Coruña (visita da Torre de Hercules), Ortigueira (visita da colecção arqueologica de D. Federico Maciñeira, da *coroa* ou castro de Céltegos e de outras *coroas*, de uma *cetaria* romana, do cabo de Ortegal ou *promunturium Artabrum*), Betanzos (tumulos da igreja de S. Francisco, etc.), Luso (catedral ; etnografia local : jugos com esculturas artisticas),

---

[1] Alves Pereira foi nomeado Oficial do Museu (titulo depois substituido pelo de «Conservador»), em 15 de Maio de 1902, e exonerado, a seu pedido, em Setembro de 1911, por incompatibilidade com outro cargo que exerce. Conquanto saído do Museu (onde, pela sua inteligencia, discernimento, saber, bondade d'alma, seriedade, e educação, deixou saudades imperecíveis), continúa a prestar-lhe serviços, já oferecendo-lhe de vez em quando objectos, já colaborando eficazmente n*O Archeologo* com artigos sempre ricos de informações scientificas. Pena é que num país, que possue tão poucos cultores da sciencia, o Govêrno não possa aproveitar em trabalhos oficiais de Arqueologia uma pessoa dos meritos intelectuais e morais de Felix Alves Pereira!

[2] Vid. a seu respeito o *Arch. Port.*, XIV, 250 sgs. e 384.

Orense (visita da catedral e do museu arqueologico[1]), Chaves (visita da colecção arqueologica do D.^or Liberal Sampaio), Bragança (visita do museu), Coelhoso (aquisição de machados neoliticos), Angueira (leitura de uma lapide romana, depois adquirida pelo Museu: *Arch. Port.*, XV, 325), Malhadas (exame de algumas antigualhas), Miranda (aquisição de varios objectos, e excavações: *Arch. Port.*, VIII, 79-83), Aldeia-Nova (aquisição de lapides funerarias insculturadas: cfr. *Religiões*, III, 417), Duas Igrejas (aquisição de outra lapide: *ibid.*, *ibid.*), S. Adrião (visita da gruta e aquisição de objectos de barro e de bronze), Vila-Chã (aquisição de objectos arqueologicos, e entre eles a bela fibula figurada nas *Religiões*, III, 128), Carviçais (aquisição de objectos arqueologicos e etnograficos), Penafiel (visita das termas romanas de S. Vicente), Guimarães (museu, etc.).—Em 6 de Outubro foi o Preparador Almeida Carvalhais a Montemor-o-Novo (pesquisas arqueologicas). O mesmo fez uma excursão ao concelho de Rio-Maior (excavação de uma gruta).—Em 23 de Novembro, excursão do Director á Rotura (gruta calcolitica).

1903

Em Janeiro, excursão do Director pelo Minho (Tàgilde, etc.); excavações de Almeida Carvalhais em Alfazeirão (*Arch. Port.*, VIII, 90-93); pesquisas do mesmo em Oeiras (mosaico), e ida lá do Desenhador Gameiro e do Director.—Em Fevereiro-Março, excursão do Director a Coimbra (Museu, Biblioteca, etc.: cfr. *Arch. Port.*, VIII, 170), Mangualde (aquisição de uma inscrição romana e de pesos romanos, um d'eles tambem com inscrição: cfr. *Arch. Port.*, XV, 325-326), Castendo (inscrição romana, moedas), Viseu (aquisição de machados, visita de um dolmen). — Em 14 de Março, ida do mesmo a Santarem, para assistir oficialmente á abertura do tumulo de Alvares Cabral; na cidade obteve varios objectos para o Museu.—Em Abril, ida de um empregado a Montemor-o-Novo, e exploração de uma anta em S. Geraldo.—Em Maio, excursão do Director ao Sul, em companhia de Guilherme Gameiro, que de-

---

[1] A Comissão Provincial de Monumentos historicos de Orense publica um *Boletín*, que permuta com *O Archeologo*.

pois foi Desenhador do Museu[1] : ambos visitaram Beja (*Arch. Port.*, VIII, 162-169), Mertola (aquisição de varios objectos), Faro, e outras terras do Algarve (cfr. *Arch. Port.*, VIII, 170-171) : aquisição de objectos romanos, estudos de Etnografia.—Em Maio recomeçou Bernardo Antonio de Sá, Condutor de Obras Publicas ao serviço do Museu[2], as excavações arqueologicas no Outeiro de S. Mamede, concelho de Obidos, as quais haviam sido iniciadas em 1895 (vid. supra) ; estas excavações continuaram em meses e anos seguintes, e sempre com bom exito. No mesmo mês de Maio, continuação das excavações na Feira-Nova (Marco de Canaveses) e no castro dos Arados, feitas por Bernardo de Sá, e Almeida Carvalhais, as quais se prolongam em meses seguintes. Em Maio-Junho, excursão do Director a Tancos (colecção arqueologica), Almourol (castelo), Marco de Canaveses (onde assistiu ás referidas excavações), Paços de Ferreira (Citania de Eiriz). — Em 22 de Junho, excursão do mesmo ao Pombalinho (aquisição de importante espolio sepulcral romano, vidros, etc. : *Religiões*, III, 187).—Em Agosto, exploração do castro de Cabreiro, feita por Felix Alves Pereira : *Arch. Port.*, IX, 214.—Em Agosto-Setembro, nova excursão do Director ao Norte : Braga (aquisição de antigualhas : *Arch. Port.*, VIII, 297), Guimarães (aquisição de um machado de bronze), Melgaço (excavações na «Cidade», ao pé do Pêso), Monção (excavações no castro de S. João de Longos Vales), Baixo-Douro (aquisição de tres vasos romanos de barro), Vila-Real (aquisição de objectos de bronze), etc.—Em Novembro, excursão de Guilherme Gameiro a Evora ; continuação das excavações de Bernardo de Sá em S. Mamede de Obidos (vid.

---

[1] Nomeado em Junho de 1903, serviu até Fevereiro de 1909, em que deixou o serviço por doença mental de que veio a falecer em 1912 : vid. o que a seu respeito diz excelentemente Saavedra Machado nO *Arch. Port.*, XIX, 188-189 ; alem do labor artistico despendido no Museu, Gameiro saiu várias vezes de Lisboa para fazer desenhos e fotografias, e para ajudar outros funcionarios do mesmo em estudos arqueologicos. Foi ele o segundo dos habeis desenhadores que no Museu tem estado. O primeiro havia sido Jorge Colaço (1902-1903). O terceiro foi Torry Carvalhais (Fevereiro-Março de 1912). O quarto, e actual, é Saavedra Machado, desde Março de 1912 (nomeação provisoria ; a nomeação definitiva data de fins de 1913).

[2] Esteve cá desde Março de 1903 até Outubro de 1906.

supra); excursão de Almeida Carvalhais a Montemor-o-Novo; excavações do mesmo e de Bernardo de Sá em Aljustrel (cemiterio romano, com espolio importante); excavações do Oficial do Museu, D.or Felix Alves Pereira, na estação prehistorica da Seara (*Arch. Port.*, IX, 37); excursão do mesmo á Idanha, onde se demorou até Dezembro, e onde fez optima colheita de monumentos epigraficos romanos: *Arch. Port.*, IX, 38, e XIV, 169[1].

1904

Em Janeiro, excursão do Director ao Carvalhal de Obidos, e aquisição de um tesouro de objectos da idade do bronze. Excavações subseqüentes do Colector-Preparador Almeida Carvalhais na mesma localidade.—Em 21 de Fevereiro partiu o Director para o Sul com o Desenhador Guilherme Clodomiro Gameiro; estiveram nas seguintes localidades: Portimão (e arredores), Silves, Mexilhoeirinha, Alvor, Mexilhoeira Grande, Alcalar, Vidigal, Luz, Lagos, Marateca (exploração de um cemiterio antigo), Aljezur, Alcaria (*Arch. Port.*, IX, 181) e Beja. Durante esta excursão adquiriram-se muitos objectos, por exemplo: machados de pedra e de bronze, percutores de pedra, vasos romanos, moedas arabicas; entre os objectos sobresai sem duvida o instrumento de pedra, muito grande, de que se falou nas *Religiões*, I, 166, e no *Arch. Port.*, IX, 321.—Em Março, excavações e aquisições no Algarve feitas pelo Condutor de Obras Publicas Bernardo Antonio de Sá: *Arch. Port.*, IX, 173-179.—Na Pascoa, excursão do Director ao Norte (aquisição de objectos etnograficos, e de uma chapa visigotica, *Religiões*, III, 579).—Maio e Junho, excavações muito frutiferas no Outeiro de S. Mamede, feitas por Bernardo de Sá (continuação das de 1903: vid. supra).—Em 17 de Junho partiu o mesmo Bernardo de Sá para Mertola, onde fez uma exploração arqueologica (*Arch. Port.*, X, 95-100).—No mesmo mês esteve o Director no Alentejo: Estremoz (visita do museu; aquisição de um *conto* de contar, e de moedas), Alandroal (*villa* romana da Tapada da Fonte-Soeiro, excavações em S. Miguel da Mota, exploração da anta dos Apostolos), Benecatel (aquisições), Elvas (visita do

[1] Lê-se aí «em fins de 1904»; emende-se «em fins de 1903».

museu; aquisições arqueologicas e etnograficas). Na mesma ocasião fez uma excursão a Badajoz e Mérida (aquisições várias).—Em Julho entraram no Museu muitas lapides romanas e decalques d'outras, da Idanha-a-Velha, trazidas pelo Oficial Felix Alves Pereira, que aí fôra em companhia do Desenhador Guilherme Gameiro: vid. *Arch. Port.*, x, 45, e cfr. *Religiões*, III, 173(-174), nota 6.—Em Agosto e Setembro, excursão do Director ao Norte: Braga (aquisição de objectos arqueologicos), Viana (machados de bronze e de pedra, e um vaso de barro, de fórma de chapeu de côco), Castro Laboreiro (objectos etnograficos), Monção (machados de bronze), Baião (objectos etnograficos; excavações arqueologicas em Mantel). Cfr. *Arch. Port.*, x, 46-47. — Em Dezembro, excursão do mesmo á Extremadura Transtagana, acompanhado de Guilherme Gameiro: *Arch. Port.*, XIX, 300[1]-323.

1905

Em Janeiro, continuação da excursão de Dezembro de 1904 (vid. supra). Em 30 foi o Condutor Bernardo de Sá a Beja fazer uma excavação arqueologica, e demorou-se até 3 de Fevereiro: cfr. *Arch. Port.*, x, 165-169. — De fins de Janeiro até 23 de Fevereiro esteve o Oficial Alves Pereira no Norte: *Arch. Port.*, x, 381. — Em 12 de Fevereiro foi Bernardo de Sá continuar as excavações de S. Mamede de Obidos (vid. supra: 1904), que se prolongaram até começos de Março. Em Março partiu o Director para a Grecia, para assistir a um congresso de Arqueologia, em nome do Govêrno Português, e pela mesma ocasião visitou outros países (Hespanha Italia, Suiça e França); demorou-se até principios de Julho, e adquiriu muitos objectos, entre eles o fundo-de-pátera lusitano-romano de que se fala nas *Religiões*, II, 310. Vid. *Arch. Port.*, x, 400, e XI, 92, e cfr. supra, p. 135.—Em Abril, fez o Colector-Preparador Almeida Carvalhais excavações arqueologicas em Santa Susana (Alcaçovas).—Havendo o Museu adquirido um mosaico romano em Almoçageme (Colares, — Sintra), começaram em Maio as excavações para

---

[1] Lê-se aí «1905» em vez de «1904»: vid. a errata de p. 431 do mesmo volume d*O Archeologo Português*.

a sua extracção. A estas excavações, dirigidas por Bernardo de Sá, e continuadas muito tempo, assistiram varios funcionarios do Museu, com mais ou menos demora: o Servente Francisco de Almeida (durante meses), Guilherme Gameiro (tambem com demora,—e por vezes), o Escriturario Joaquim Augusto de Oliveira (de 7 de Setembro a 9 de Novembro)[1]; tambem lá foram, por vezes, o Director, o Oficial Alves Pereira, e o Condutor-Preparador Manoel Joaquim de Campos. Cfr. *Arch. Port.*, X, 152, e XI, 288-289. — Em Agosto-Setembro, excursão do Director ao Minho, ao Douro e a Trás-os-Montes: Paredes de Coura (excavações em dolmens: *Arch. Port.*, XIV, 294 sgs.; aquisição de um idolo de pedra: *Arch. Port.*, XV, 32), Braga (*Arch. Port.*, X, 244 sgs.), Mantel (continuação de excavações começadas anteriormente: vid. supra, 1904), Carviçais (aquisição de objectos arqueologicos e etnograficos). — Em 17 de Outubro, partiu para o Sul o Director, acompanhado do Servente Manuel Joaquim Xavier[2]: exploraram o cemiterio romano da Rouca (Alandroal), que tinha abundante espolio, que veio para o Museu. Na mesma ocasião fizeram-se excavações em S. Miguel da Mota, e foram exploradas as antas dos Galvões. — Nas ferias do Natal, fez o Director uma excursão a Alcobaça, Porto de Mós, e Obidos, e adquiriu objectos arqueologicos e etnograficos. — Neste ano de 1905 entrou no Museu, por efeito de uma excursão do Colector-Preparador Almeida Carvalhais, a ara de *Nabia*, de que se fala no *Arch. Port.*, X, 399-400.

1906

Em Janeiro, continuação da excursão do Natal de 1905 (vid. supra); exploração arqueologica da estação prehistorica de Penacova (Valdevez), pelo Oficial Alves Pereira, com bom resultado; ida de Manuel Joaquim Xavier a Beja, para ver umas sepulturas que aí haviam sido descobertas e devassadas.—Em Abril, excursão do Director a Alenquer, e aquisição de machados de bron-

---

[1] Este empregado fez serviço no Museu desde Outubro de 1904 até Agosto de 1906. Pertencia ao quadro das Obras Públicas.

[2] Foi empregado do Museu de Abril de 1904 a igual mês de 1912.

ze, e de uma insignia lusitana de bronze (arte indigena).—Nas ferias da Pascoa, excursão do mesmo a Obidos e Cadaval (aquisições várias : machados de pedra, pergaminhos, etc.).—Em Maio-Junho, continuação das excavações em S. Mamede pelo Condutor Bernardo de Sá (vid. supra) ; ida do Director lá, em Junho. No S. João (24-25), ida do Director á feira de Evora (aquisições várias). No mesmo mês, exploração da Lapa prehistorica da Amoreira de Obidos por Bernardo de Sá.—Em Agosto, ida do mesmo Bernardo de Sá a Evora (quatro dias) para fazer transportar para Lisboa um sarcofago artistico de marmore, aí adquirido pelo Director (cfr. *Religiões*, III, 625).—Em Setembro, excursão do Director a Moncorvo (visita do Olival dos Berrões : cfr. *Religiões*, III, 26 ; das sepulturas da Zambulheira : *Arch. Port.*, XI, 369 ; aquisição da «mulher de pedra» : *Religiões*, III, 613-614 ; e de outros objectos, arqueologicos e etnograficos), ao Baixo-Douro, a Canidelo (aquisições).—Em Novembro, continuação das excavações de Almoçageme (vid. supra, 1905).

1907

Nas ferias da Pascoa (Março e Abril), excursão do Director ao Alentejo : aquisição de objectos etnograficos e arqueologicos ; excavações em S. Miguel da Mota (*Religiões*, III, 196) e Castelo Velho, no concelho do Alandroal, auxiliado pelo Servente Manuel Joaquim Xavier. — Em Julho, excursão do Director a Leiria e Columbeira (aquisições arqueologicas e bibliograficas).—Em Agosto, estudos e aquisições do Oficial Alves Pereira na Ericeira, Sintra, Mafra e Torres-Vedras : *Arch. Port.*, XIX, 324 sgs. — Em Setembro, foi o Director a Numancia, ver as excavações arqueologicas que então aí fazia A. Schulten (cfr. *Bullet. Hispan.*, XI, 1) ; esteve pela mesma ocasião em Madrid, Toledo e Soria. Aquisição de varios objectos hispanicos : uma fibula de bronze, uma arma de ferro, moedas, artefactos de barro, machados de pedra, etc. No regresso veio pelo Douro (Alto e Baixo), e por Paços de Ferreira : continuou as excavações no castro de Mantel (vid. supra, 1905), e explorou uma anta nos arredores de Paços de Ferreira, onde colheu varios objectos (5 e 6 de Outubro).—Em Novembro, excursão arqueologica do Colector-Preparador Almeida Carvalhais a Panoias de Ou-

rique.—No mesmo ano de 1907 entraram no Museu, após uma excursão de Alves Pereira ao Alto-Minho, os belos espécimes esculturais (e outros objectos) de que ele deu notícia no *Arch. Port.*, XIII, sgs.

1908

Em Janeiro, excursão do Colector-Preparador Almeida Carvalhais aos concelhos de S. Tiago de Cacem e Ourique, onde descobriu uma importante lapide da idade do bronze (*Arch. Port.*, XIII, 300-303).—Em Fevereiro-Março, excursão do Director aos concelhos de Obidos e Lourinhã, e aquisição de mais de oitenta artefactos prehistoricos, moedas romanas e portuguesas, objectos etnograficos, e manuscritos dos seculos XVI a XVIII. Em 19 partiu o mesmo Director para o Sul, em companhia de Almeida Carvalhais, e demoraram-se, o primeiro até 5 de Maio, o segundo até fins de Abril: excavações em Panoias de Ourique (*Arch. Port.*, XIII, 305), na Defesa, no Cerro do Enforcado; ida a Garvão e a Beja; excavações no cemiterio visigotico de Mertola; ida a Alcoutim (excursões aos arredores, excavações, ida a Sanlúcar de Guadiana); excursão pelo Algarve (Tavira, Faro, Loulé, Salir); volta outra vez por Beja, e ida a Beringel (*Arch. Port.*, XIV, 57). Aquisição de muitos objectos (de todas as epocas), que encheram vinte e seis caixotes: cfr. *Arch. Port.*, XIII, 380-381.—Como se descobrissem umas grutas prehistoricas em Alcanena (Torres Novas), o Museu obteve autorização para lá fazer excavações, que começaram em principios de Junho, e se prolongaram (com interrupções) até 1909: foram dirigidas por Almeida Carvalhais, que por vezes esteve acompanhado de Guilherme Gameiro, Francisco de Almeida e M. J. Xavier (ora um, ora outro); d'estas excavações provieram para o Museu magnificos e abundantes objectos. As excavações haviam sido precedidas de uma visita (30 de Maio) do Oficial do Museu, Alves Pereira: vid. *Arch. Port.*, XIII, 382-383, onde resumidamente se historiam os trabalhos. Estes, no ano de 1908, duraram de Junho a Novembro.—Em 24-29 de Junho, excursão do Director ao concelho do Cadaval, e nova excursão ao de Obidos: aquisição de quarenta artefactos prehistoricos de pedra, de dois de bronze, e de uma coleira de escravo do sec. XVIII (vid. supra, p. 216).—De 26 de Agosto a 11 de Outubro, excursão

do mesmo ao Norte (Baião, Santa Marta de Penaguião, Mesão Frio, Marco de Canaveses, Guimarães, Vila do Conde) e á Beira (Penajoia, Lamego, Cárquere) : excavações em Mantel ; aquisição de varios objectos, entre eles dois de prata, lusitano-romanos.—Em Novembro (1 a 3), visita do mesmo ás grutas de Torres Novas, e á vila : aquisições várias.—Em Dezembro, ida do mesmo a Coimbra, Condeixa-a-Velha e Figueira da Foz (a excursão continuou em Janeiro seguinte) : aquisição de varios objectos.

1909

Em Janeiro, continuação da excursão de Dezembro de 1908 (vid. supra).—Em Fevereiro prosseguem as excavações nas grutas de Torres Novas (vid. supra), e continuam ainda durante meses. Ida de Alves Pereira lá. Excavação de uma sepultura em Fonte Moreira, na mesma região, por Guilherme Gameiro, sob a direcção de Alves Pereira. De 20 a 25 de Fevereiro, excursão do Director pelos concelhos de Obidos, Lourinhã e Caldas da Rainha : aquisição de uns setenta machados de pedra inteiros, e de tres de bronze. — De 15 de Fevereiro a 7 de Março, excursão arqueologica do Oficial do Museu, Alves Pereira, ao Alto-Minho (estudo de castros).—Em 22 de Março partiu o Director para o Egito, onde foi representar o Govêrno Português no Congresso Arqueologico do Cairo : por essa ocasião visitou outros paises (Hespanha, França e Italia). Regressou em 20 de Junho. Aquisições várias : objectos egipcios, italianos e hispanicos : cfr. supra, p. 134.—Em 25 de Abril foi o Oficial do Museu, Alves Pereira, ao concelho de Torres Vedras iniciar a exploração do monumento prehistorico do Barro : vid. o que ele diz no *Arch. Port.*, XIV, 354 sgs. Nessa exploração trabalhou tambem o Servente Francisco de Almeida.—Em Julho-Agosto, ida de Almeida Carvalhais ao Algarve, onde adquiriu alguns lindos objectos romanos.—De 2 de Setembro a 3 de Outubro, excursão arqueologica do Director ao Norte (estação prehistorica da Penha, em Guimarães, Panoias de Vila Real, Telões, Cinfães, Ervilhais, etc.), e aquisição de objectos da idade da pedra e do bronze, moedas, antigualhas portuguesas. Cfr. *Arch. Port.*, XV, 324.—De 29 de Setembro a 20 de Outubro, nova excursão do Oficial do Museu ao Minho, e aquisição de objectos prehistoricos de Penacova, etc.

1910

Em Fevereiro, excursão arqueologica do Oficial do Museu, Alves Pereira, a Idanha, para continuar trabalhos começados antes (vid. supra, 1903 e 1904). — Em Março, excursão do Colector-Preparador Almeida Carvalhais a Alvega da Ortiga.—De 3 a 21 de Abril esteve o Oficial do Museu, Alves Pereira, em Braga, em estudos epigraficos. Na Primavera, excursão do mesmo a Alter do Chão : *Arch. Port.*, XVII, 209 sgs.—Em Junho foi o Director a Ponte de Sôr, e com ele o Servente Xavier : excursões e excavações (*Arch. Port.*, XV, 247-252). De 25 de Junho a 1 de Julho, esteve Almeida Carvalhais na Beira, onde fez várias pesquisas arqueologicas. — Em Setembro-Outubro, excursão do Director á Beira e ao Norte : Anadia, Rapa, Linhares, Açores, Vila da Feira, Porto, Guimarães, Douro, Cárquere, Marco de Canaveses (aquisição de machados de bronze, fibulas, moedas, miudezas etnograficas ; continuação das excavações em Mantel : vid. supra, 1908.—Em 22 de Outubro, partiu Almeida Carvalhais para Polvorinho (Beira-Baixa), onde começou a fazer excavações arqueologicas que se prolongaram até Dezembro (esteve duas semanas, em Novembro, acompanhado do Servente Xavier) : descobrimento de varios objectos (relatorio inedito).

1911

De começos de Janeiro a começos de Março, continuação das excavações em Polvorinho, feitas por Almeida Carvalhais (vid. supra, 1910).—De Abril a Junho (com interrupções), esteve o D.or Alves Pereira nas Caldas da Rainha e Obidos, onde executou varios trabalhos arqueologicos : *Arch. Port.*, XIX, 135 sgs.—Em Junho, excursão de Almeida Carvalhais á Guarda. — Em Agosto, esteve o mesmo funcionario outra vez na Beira-Baixa.—Em Setembro, excursão do Director a Albergaria-a-Velha (*Arch. Port.*, XVII, 71 sgs.) e ao Norte (aquisições várias). — Em Outubro, tendo ido o Director a Viseu em serviço de exames liceais, aproveitou em excursões o tempo que lhe ficou livre, e fez várias pesquisas arqueologicas, e obteve objectos (entre eles uma lapide com inscrição romana).

1912

Em Março, excursão arqueologica do Director á Beira, com Fulgencio Rodrigues Pereira, Preparador do Museu[1]: *Arch. Port.*, XVII, 205-207, e XVIII, 77-81. — Em Abril, excavações arqueologicas em Condeixa-a-Velha, feitas com proveito pelo D.or Vergilio Correia, actual Conservador do Museu, mas que então ainda o não era[2]. — De 6 a 11 de Junho, excursão do Director a Evora e arredores: aquisição de objectos prehistoricos e etnograficos. Em 26, excursão do mesmo a Torres Novas, com Vergilio Correia: *Arch. Port.*, XIX, 264-270. — Em Agosto, nova excursão do Director ao Alentejo (Avis), etc.): *Arch. Port.*, XVII, 283 sgs. — Em 22 de Setembro partiu o mesmo para a Italia, para, como representante do Govêrno Português, assistir ao Congresso arqueologico de Roma: vid. supra, p. 134. — Em Novembro (21 a 24), excavações do Conservador Vergilio Correia em Vila Verde (Sintra): *Arch. Port.*, XIX, 84 e 200 sgs.

1913

Em Março, excursão do Director ao Cadaval: *Arch. Port.*, XVIII, 205-206.—Em Junho, nova excursão a esse concelho: aquisições várias. — Em 6 de Junho partiu o Conservador Vergilio Correia para a Hespanha, França, Alemanha, Suiça e Italia, em viagem de estudo, e demorou-se até começos de Agosto.—De 3 a 7 de Agosto, excursão do Director a Portalegre, e aquisição de muitos objectos romanos (de vidro e barro), alguns obtidos em excavações: cfr. *Diario de Notícias* de 8 de Agosto de 1913, e *O Seculo* de 18 de identico mês e ano. Em 10 partiu o mesmo para França e Inglaterra, em viagem de estudo, e demorou-se até 8 de Outubro: vid. o seu relatorio, intitulado *De Campolide a Melrose*, no prelo, de umas 180 páginas (com muitas estampas).— De 15 a 31 de Agosto, excavações arqueologicas no Outeiro da Assenta (Obidos), feitas com felicidade por um

---

[1] Entrou para o Museu em 20 de Junho de 1911. Tendo adoecido em Maio de 1913, faleceu alguns meses depois.

[2] Foi nomeado (por concurso) em 31 de Agosto de 1912.

dos actuais Preparadores do Museu, Luis Chaves Lopes[1] (relatorio inedito).—De 14 a 19 de Outubro, excursão arqueologica do Director aos concelhos de Obidos e Lourinhã, e aquisição de muitos machados prehistoricos (de pedra e de bronze).—Em 22-23 de Novembro, excursão do mesmo a Tomar, por incumbencia do Conselho dos Monumentos Nacionais: *Arch. Port.*, XIX, 146-151.—De 26 a 30 de Dezembro, excursão do Conservador ao Alentejo, para estudos e colheitas: cfr. *Arch. Port.*, XIX, 189.

1914

Em 23 de Março partiu o Conservador do Museu, Vergilio Correia, para o Alentejo, d'onde regressou em 14 de Abril; tornou a partir em 26, e voltou em 15 de Maio. No tempo que lá esteve, não só fez excavações no «Castelo» de Pavia, e explorou várias antas da região, —tudo com abundante resultado—, mas adquiriu numerosos objectos etnograficos. Veja-se o que escreveu no *Arch. Port.*, XIX 189-192[2].—De 1 a 19 de Abril, excursão do Director a Evora, Sousel, Fronteira, Avis, etc.: *Arch. Port.*, XIX, 386-398.—Em 8 de Junho partiu Vergilio Correia para a Italia, em segunda viagem de estudo, e voltou em 10 de Agosto.—Em Julho foi o Director a Portalegre presidir a exames no Liceu: por essa ocasião fez algumas excursões pelo distrito, e excavações em antas, e coligiu muitos objectos arqueologicos e etnograficos.—Em Agosto-Setembro, excursão do mesmo pela Extremadura (Cadaval, Rio-Maior): aquisições analogas.—De 16 a 21 de Outubro, excursão do Conservador Vergilio Correia a Viana do Alentejo, Oreola, Evora, Beja, e Faro: aquisições várias (arqueologicas e etnograficas).—Em fins de Setembro partiu o Director para o Norte (Baião), por doença, mas fez por essa ocasião uma excursão á Beira (Vilarôco), onde colheu alguns objectos etnograficos.

*

Se neste relato (1893-1914) não figuram, ou figuram menos que outros, os nomes de alguns funcionarios que

[1] Foi nomeado em 31 de Agosto de 1912.

[2] A p. 190, linha 16, onde se lê «24 de Abril» deve ler-se «24 de Março».

realmente trabalharam para o Museu, é que o trabalho d'eles foi muitas vezes, ou sempre, de portas adentro (colaboração literaria e artistica d*O Archeologo*, revisão de provas, contas, variada escrituração, etc., etc.), ao passo que o meu intuito consistiu em falar dos serviços externos (excursões e excavações), e ainda assim, só geralmente d'aqueles que se realizaram por longe, pois não menciono nem inúmeras voltas dadas na cidade por causa do Museu, nem repetidos e produtivos passeios arqueologicos pelos arredores e proximidades de Lisboa (como por exemplo, Chelas, Agualva, Monsanto, Porcalhota, Cacem, Liceia, Casal do Monte, Malveira de Cascais, Caparide).

Suponho que ninguem de bom senso alcunhará de imodesta a longa lista de labutações que nas páginas precedentes fica feita: convem que se saiba com exactidão que o Museu Etnologico Português não pertence á classe das sinecuras.

VI

PUBLICAÇÕES DO MUSEU ETNOLOGICO

São de seis especies as publicações feitas em nome do Museu:

1) *O Archeologo Português.* Aparecido á luz em 1895 (vid. supra, parte II, n.º 1), perfez, ao findar o ano de 1914, o numero de dezanove volumes, onde se versam os assuntos anunciados no emblema que adorna a 1.ª pagina ou rosto: *Prehistoria, Epigrafia, Numismatica,* e de modo geral *Arte Antiga.* Cada autor consultou as tradições do passado, como Anquises na *Eneida,* III, 102, *veterum volvens monumenta virorum;* e acham-se assim reunidos neste jornal variadissimos documentos que aclaram pontos obscuros da nossa Historia, e que quem se ocupa das eras remotas d'ela não poderá deixar de manusear.

Todos ou quasi todos os que entre nós, de 1895 para cá, tem tratado de Arqueologia, aí depositaram uma dissertação, um artigo, uma nota, que até para alguns constituiram mais ou menos estreias auspiciosas. Houve tambem escritores estrangeiros aos quais a Lusitania e o Portugal velho mereceram que nele lhes dedicassem uma ou outra lembrança. O meu coração transborda de gratidão ao eu contar tais factos. Não foi inutil o apêlo que dirigi aos estudiosos.

2) *Religiões da Lusitania,* vol. II, de XX-376 páginas (tempos protohistoricos), vol. III, de XX-638 páginas (conclusão do assunto respectivo aos tempos protohistoricos; e tempos historicos). — O vol. I, de XL-444 páginas (tempos prehistoricos), havia sido publicado pela Sociedade de Geografia de Lisboa. —Todos eles são adornados de muitos desenhos.

3) Várias notícias reproduzidas supra, parte II (n.^{os} 2 e 4-8), e o opusculo que fórma a parte III.

4) Os volumes IX-XIII da *Revista Lusitana*. — Os primeiros oito, e os seguintes ao XIII, foram publicados por editores particulares. — Esta *Revista* conta dezassete volumes, até o fim de 1914.

5) *De Campolide a Melrose* (relação de uma viagem de estudo). No prelo.

6) De muitos dos artigos publicados n*O Archeologo* fizeram-se separatas, que são pois de algum modo outras tantas publicações do Museu; todavia só me compete relacionar aqui as seguintes, por se referirem especificadamente a ele: o *Catalogo das medalhas e senhas*, pelo D.^{or} Artur Lamas (vid. supra, p. 198); o *Catalogo dos manuscritos*, parte I, pelo S.^{or} Pedro de Azevedo (vid. supra, p. 271); *Esculturas prehistoricas do Museu Etnologico Português*, pelo Director, Lisboa 1910 (14 pag. in-8.°, com gravuras); e o *Catalogo dos ex-votos*, no prelo, pelo Preparador do Museu, Luis Chaves Lopes (vid. supra, p. 232).

VII

BENEMERITOS DO MUSEU

Chamo *benemeritos* do Museu Etnologico àqueles individuos que ou lhe tem oferecido gratuitamente objectos, ou por qualquer modo tem contribuido para o aumento e brilho das colecções. Eles são numerosos, e o leitor encontra em secções especiais d*O Archeologo Português* e nas *Religiões da Lusitania* menção de muitos dos nomes d'eles (os restantes irão sendo publicados sucessivamente). — De outros benemeritos, tais como Ministros, funcionarios superiores de repartições, autores de catalogos, etc., dá-se acima notícia nos respectivos lugares.

Como Director e organizador do Museu, sinto extrema alegria ao ver que a ideia da criação do presente instituto scientifico, que de comêço apareceu timida, ganhou para logo adeptos por toda a parte e em todas as classes sociais. Claro está que ela obtemperava a uma necessidade da nossa civilização, vinha satisfazer os desejos dos estudiosos, abrindo-lhes um fecundo campo de informações, e até póde dizer-se que traduzia uma aspiração do público, a quem faltava esta fonte de gozos espirituais, por igual raros e instrutivos.

VIII

VISITANTES DO MUSEU

A estatistica dos visitantes do Museu durante o ano de 1914 indica 5.911.

O Museu não o visitam únicamente especialistas ou curiosos. Alem de servir para nele se darem as aulas práticas de Arqueologia e de Epigrafia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, costuma ser regularmente freqüentado tambem por estudantes do Colegio Militar, de liceus, de escolas primarias, e de outros estabelecimentos: umas vezes quem lhes prelecciona acêrca das colecções são os professores que os acompanham ao Museu, outras vezes são os funcionarios d'este (o Director, o Conservador, os Preparadores). Ninguem negará o valor pedagogico de tais visitas, hoje que tanto a peito se tomam os assuntos da instrução pública: muito melhor se ficará conhecendo, por exemplo, um periodo da historia da Lusitania, ou um capitulo de Etnografia moderna, á vista de objectos que documentem directamente uma e outra, do que lendo apenas livros, ou ouvindo na aula lições abstractas.

IX

PORTARIA A RESPEITO DO MUSEU

«Ministério de Instrução Pública — Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial — 1.ª Repartição. — Tendo o Ministro de Instrução Pública feito uma demorada visita ao Museu Etnológico Português, da qual trouxe a melhor impressão pela ordem, método e orientação scientífica que preside á disposição das suas diferentes secções: manda o Govêrno da República Portuguesa que ao director do referido Museu, Dr. José Leite de Vasconcelos, seja dado público testemunho do louvor que lhe merece a sua notável competência e desvelado interêsse que tem empenhado no progresso do Museu a seu cargo e no constante aumento e valorização das suas colecções.

Paços do Govêrno da República, em 8 de Agosto de 1913. — O Ministro de Instrução Pública, *António Joaquim de Sousa Júnior*».

(Do *Diário do Govêrno*, n.º 186).

[1] Vid. supra, p. 6.

X

EM PROL DO MUSEU ETNOLOGICO

«Como as obrigaçoens da patria sejaõ taõ grandes, parece que toda a vida estamos obrigados a lhas reconhecer cada hum, como lhe for possivel».

D. FRANCISCO MANUEL, *Cartas*, centur. III, carta 25.

«La haute culture d'une nation est, au moins pour une bonne part, la conscience de sa continuité qu'elle acquiert par l'étude de son passé».

G. PARIS, *La Poésie du moyen âge*, t. I, 4.ª ed., p. 253.

Com a reforma de 1901 o Museu teve como pessoal, além do Director, um Oficial (titulo depois mudado no de Conservador), dois Preparadores, um Desenhador, um Condutor de Obras Publicas (número que podia elevar-se a dois), um Escriturario, dois Guardas, e tres Serventes. Em 1911, porém, ficou o Museu sem Desenhador, sem Escriturario, sem Condutor ; de modo que um dos actuais Preparadores precisa de fazer os desenhos, e os restantes funcionarios precisam de suprir a falta do Condutor e do Escriturario, — o que dificulta o serviço, e sobrecarrega a verba do Museu, porque o Condutor, quando ia fóra em trabalhos, recebia do seu Ministerio as respectivas ajudas de custo. A verba do Museu tambem ultimamente foi no Orçamento Geral do Estado cerceada em um quarto.

É evidente que, para o Museu Etnologico progredir, necessita de que o Govêrno o dote com pessoal e verba suficientes. Nas condições actuais não só deixam de se levar a efeito certas excavações arqueologicas ou compras, que podiam trazer muito fruto á sciencia e brilho ao Museu, mas acontece que o proprio trabalho interno

d'èste instituto e a exposição do seu conteudo andam prejudicados.

Em quanto num museu de Arte os proprios objectos, ainda quando não estejam expostos com luxo, cativam de per si o visitante, por serem belos, num Museu etnologico, onde os objectos desempenham a função de documentos, e podem ser destituidos de beleza material, torna-se indispensavel dar-lhes sempre boa acomodação, para sobressairem : ora, como ha-de mobilar-se e dispor-se com riqueza o Museu Etnologico, se a verba, apesar da estritissima economia com que se administra, nem ás vezes chega para as despesas mais urgentes (papel, tinta, etc.)?

Tenho como uma regra de Museologia apôr a cada objecto que vem á minha posse um rotulo indicativo da proveniencia d'ele: jamais coloquei no Museu um objecto sem rotulo; todavia, por causa do vento, do pó, das traças, do trabalho de espanejamento, e de outras circunstancias, os rotulos muitas vezes obscurecem-se, apagam-se, ou caem. Se em lugar de um papel, se adaptar a cada objecto, ou grupo de objectos, uma chapa com letras fixas, como acontece noutros museus lá fóra, já o Director não será acusado de negligencia por algum visitante que encontre um objecto privado de explicação. Para atenuar o inconveniente que menciono, renova de tempos a tempos a tempos os rotulos ou os numeros um empregado, que em verdade podia ocupar-se de outro trabalho mais scientifico ou mais artistico.

Os visitantes não raro perguntam ao Director, ou aos outros funcionarios, por um catálogo. Este ponto foi já tratado a cima, p. 131-132 : não se tem feito catálogo geral (catalogos parciais ha alguns, e guias), porque os objectos, á falta de salas, não estão completamente expostos (e sem isso um catálogo seria imperfeito e improficuo) ; postoque houvesse salas bastantes, o tempo tambem não chegava para tudo. Devem os visitantes lembrar-se que o Museu é recente : conta 20 anos de existencia, e ainda não passou além da gèração que o fundou. Estes 20 anos hão sido ocupados em o fazer e em o dispôr. Contudo, como das salas, que instantemente tenho reclamado ao Govêrno, se estão construindo umas, e se estão orçamentando outras, espero que não tardará o momento em que se publicará um catalogo geral, embora sucinto, do Museu. Mas bem

se sabe que para as novas salas deve vir mobilia conveniente, a qual não póde sair da verba do Museu, senão vai-se inteira nisto: e ou hão-de adquirir-se objectos, ou ha-de adquirir-se só mobilia!

Em suma: dê o Govêrno os meios necessarios para o progresso total do Museu (verba[1], pessoal[2], salas[3],

---

[1] Restitua-se ao menos a parte que, como se disse a cima, foi suprimida. Numa epoca em que de todos os lados surgem coleccionadores que coleccionam tudo, e a par existem negociantes expeditos que tudo quanto lhes vem á mão exportam para fóra, torna-se indispensavel, e cada vez mais, que os museus, como o Etnologico, acudam aos objectos arqueologicos que estão arriscados a perder-se para a sciencia, porque os coleccionadores, em regra, não o são por amor do estudo, e só por curiosidade ou ostentação, e aquilo que sair de Portugal quem sabe em que voragens irá sumir-se! Os museus tem de certo o direito de pedir que quem superintende nos negocios publicos olhe para eles com o mesmo cuidado com que olha para outros estabelecimentos sociais,— escolas, hospitais, teatros. Cada cousa no seu lugar, já se vê, mas o direito sempre por igual! Aparece numa excavação agraria ou industrial uma lapide romana, um cemiterio visigotico, uma colecção de instrumentos neoliticos; um ourivez põe á venda um *torques* protohistorico de ouro; um caldeireiro tem para fundir um *ripostiglio* de machados de cobre; no esconso de um *monte* alentejano descortinou um alvaneu uma pilha de pratos de faiança de uma fábrica famosa: se se quiser que tais preciosidades não se percam, é preciso correr logo lá de repente com dinheiro na mão para as adquirir!

[2] Por ora, para não onerar o Tesouro, pedirei apenas um Desenhador privativo, mais um Guarda, e que aos dois Preparadores e aos Serventes se aumente o deminuto vencimento que percebem. — Devo, em refôrço do meu pedido de mais empregados, acrescentar que dos nove que compõem o pessoal do Museu está doente de ordinario algum ou alguns, além de outros impedimentos, como sempre tem sucedido, e que os guardas se revezam por lei quotidianamente no serviço: o número do pessoal efectivo é pois de sete individuos, — o maximo!

[3] Para se ver quão necessarias se tornam as salas, basta dizer que, apesar da grandeza e formosura do edificio, ás quais aludi acima, p. 4, os mostradores neoliticos do pav. I estão já muito acumulados, e que a colecção etnografica moderna me vi obrigado a expô-la nas agoas-furtadas, onde de verão o calor é intensissimo, e no inverno entra agoa quando chove. A colecção etnografica é uma das que mais facilmente se podem acrescentar, e tambem uma das que mais atrairão o geral das pessoas. Que encanto e instrução não dará a vista das casas portuguesas, dos trajos nacionais, dos aprestos de lavoura, dos instrumentos industriais, dos espécimes artisticos do povo, quando tudo estiver colocado convenientemente e com abundancia!

mobilia[1], etc.), e dê-os com prontidão, e logo o Museu continuará a progredir correspondentemente á dádiva.

Todas as nações cultas prestam grande atenção aos estudos etnologicos, sustentando-os não só adentro d'elas com escolas regulares, com publicações luxuosas, e com museus que se enriquecem por meio de excavações, e incessantes compras, mas até por fóra, organizando expedições que vão longe colhêr elementos scientificos de variada especie (arqueologicos, etnograficos, antropologicos), e por exemplo a Hespanha, a França, a Italia, a Alemanha, a Austria, a Inglaterra, os Estados Unidos da America, mantendo permanentemente institutos arqueologicos em locais célebres da antiguidade. Em Portugal tambem já alguma cousa se vai fazendo, mas urge fazer muito mais.

[1] A mobilia do Museu, com excepção de alguma do pav. II, é o mais modesta que póde ser. Necessita-se obter para todo o Museu mobília um pouco artistica, e em que a mór parte das prateleiras sejam de vidro.

ESTAMPAS

em que se representam alguns
dos objectos a que se alude no decorrer d'este livro;
e explicações das mesmas

I

ANTIGUIDADES NACIONAIS

Estampa I

1. Instrumento paleolitico de silex, do Casal do Monte. Comprimento $0^m,13$. Tipo de *coup-de-poing* ou «faztudo»[1]. Vid. supra, p. 172.

2. Instrumento paleolitico de quartzite, do Casal do Monte. Comprimento $0^m,096$. Do mesmo tipo que o n.º 1. Vid. p. 172.

3. Machado de xisto, com um orificio junto da base. Da *orca* ou dolmen do Fojinho, Sátão. Comprimento $0^m,15$. Vid. pp. 174-176.

4-8. Vasos da *orca* ou dolmen dos Juncais, concelho de Sátão. Vid. pp. 174-176.

9. Vaso da *orca* ou dolmen do Tanque, concelho de Sátão. Vid. pp. 174-176.

Alguns dos vasos tem restauros.

---

[1] Acêrca da designação «faztudo» vid. *O Arch. Port.*, XIX, 177.

Estampa I

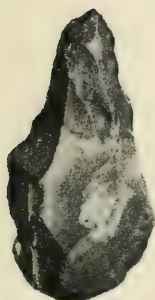



Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

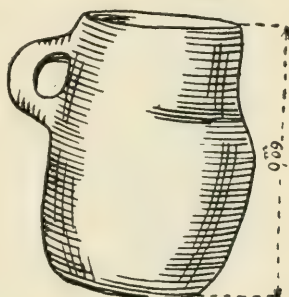



Fig. 5

Fig. 7

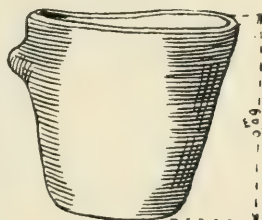



Fig. 8

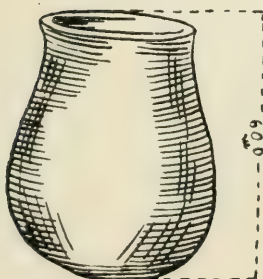



Fig. 6

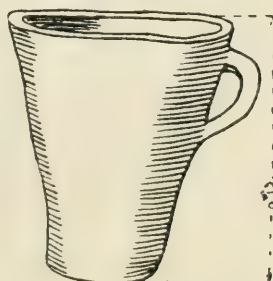



Fig. 9

Estampa II

10-12. Vasos da *orca* ou dolmen do Tanque, concelho de Sátão. Vid. pp. 174-176.

13-14. Pontas de seta de silex, do castro de Pragança. Tamanho natural. Vid. pp. 179 e 183.

15. Folha de lança de silex, de Monte-Real (Leiria). Comprimento 0^{m},156. Vid. p. 175, n. 1.

16. Chapão de lousa, que tem aparentemente fórma de busto humano. Do concelho de Marvão. Altura 0^{m},20. Vid. pp. 178-179.

17. Chapão de lousa, em cuja parte superior se delineou um rosto humano, talvez tatuado. Tem um orificio de suspensão. Do concelho de Mertola. Altura 0^{m},135. Vid. pp. 178-179.

18. Chapão de lousa analogo ao precedente. Tem dois orificios de suspensão. Da anta n.º 6 da herdade dos Cavaleiros, concelho de Ponte de Sôr. Altura 0^{m},185. Vid. pp. 178-179.

Estampa II

Fig. 10

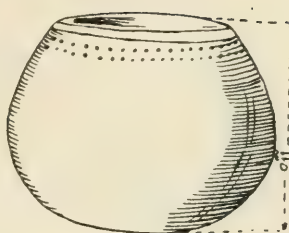



Fig. 11

Fig. 12

Fig. 13

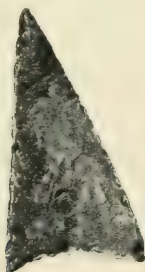



Fig. 14

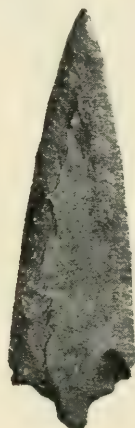



Fig. 15

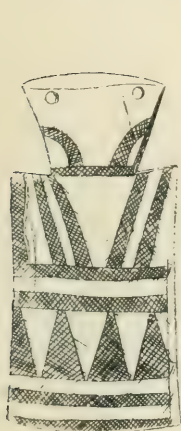



Fig. 16

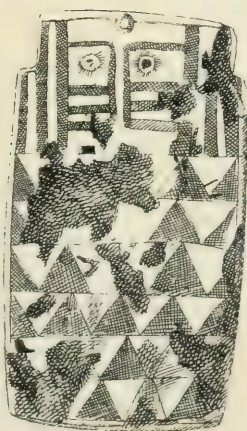



Fig. 18

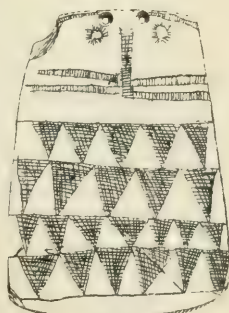



Fig. 17

Estampa III

19. Idolo de calcareo do monumento calcolitico das Mutelas, concelho de Torres Vedras. Altura $0^{m},055$. Cfr. *Religiões*, III, 610, e *O Arch. Port.*, XIX, 264 (Correia) e 270 (Leite). Vid. supra, p. 177.

20. Idolo analogo ao precedente, porém menor, e sem figuração dos olhos. Vid. p. 177.

21. Objecto de calcareo que representa, ao que parece, uma pinha ou uma flor. Metade do tamanho natural. Cfr. L. Siret, *Quest. de Chronolog. et d'Ethnogr. ibériques*, t. I, p. 41, e est. VI, n.os 21 e 22. Do monumento calcolitico de S. Martinho de Sintra : cfr. *O Arch. Port.*, II, 220 (Maximiano Apolinario). —Vid. supra, p. 177.

22. Pendente de marfim, do castro de Pragança. Tamanho natural. Vid. p. 183.

23. Crescente de barro, que fazia parte de um colar. Metade do tamanho natural. Dos Vidais. Vid. pp. 183-184 (e n. 1).

24. Pedaço de barro com sulcos, que fazia parte do revestimento do tecto ou parede de uma casa : os sulcos são-no das varas em que o barro assentava. Dos Vidais. Um pouco deminuido no seu tamanho. Vid. pp. 183-184, e 205, n. 5.

25. Bracelete de cobre ou bronze, de $0^{m},071$ de diametro maximo. Dos Fieis de Deus (Carvalhal), concelho de Obidos. Vid. pp. 181 e 326.

Estampa III

Fig. 19

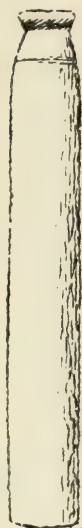



Fig. 22

Fig. 21

Fig. 20

Fig. 23

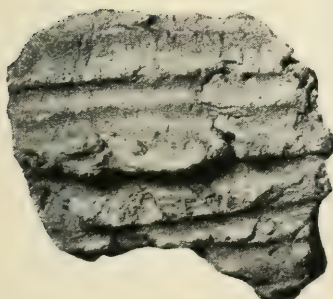



Fig. 24

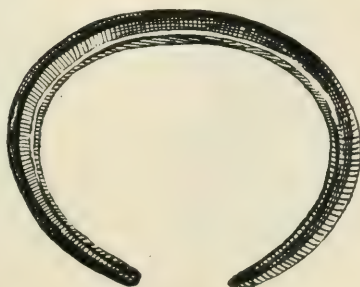



Fig. 25

Estampa IV

26. Ponta de seta de cobre. Tamanho natural.

27. Machado de cobre ou bronze, chato, com os bordos um pouco elevados. De Penafiel. Comprimento 0^m,157. Vid. p. 181.

28. Escopro de cobre ou bronze, do concelho de Santiago de Cacem, com o comprimento de 0^m,201. Vid. p. 181.

29. Machado de bronze, canelado, de duplo anel. Comprimento 0^m,24. Do concelho de Barcelos. Vid. p. 181.

30. Machado de bronze, de alvado, de Montemuro. Comprimento 0^m,163. Vid p. 181.

31. Foice de bronze, do concelho de Mertola. Comprimento 0^m,095. Vid. p. 180.

Estampa IV

Fig. 26

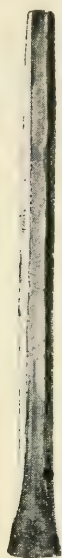



Fig. 28

Fig. 27

Fig. 29

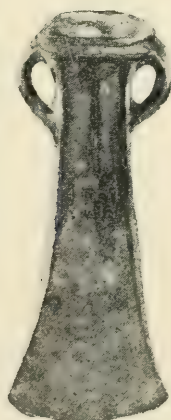



Fig. 30

Fig. 31

Estampa V

32. Espada de bronze dos Fieis de Deus (Carvalhal de Obidos). Comprimento $0^m,57$. Vid. pp. 181 e 326.

33-34. Espadas de bronze do Alentejo. Comprimento da primeira, $0^m,61$; da segunda, $0^m,70$. Vid. p. 180.

35-39. Pesos de tear, do castro calcolitico de S. Mamede. Lado maior do peso n.º 39 : $0^m,082$. Vid. p. 182.

Estampa V

Fig. 32

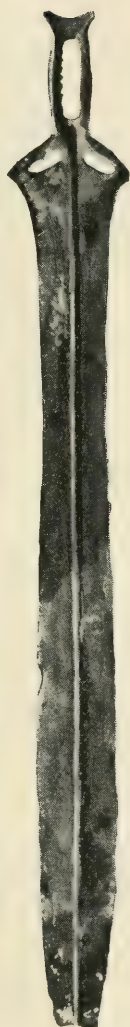



Fig. 33

Fig. 34

Fig. 35

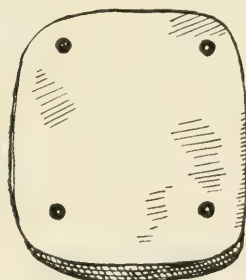



Fig. 36

Fig. 37

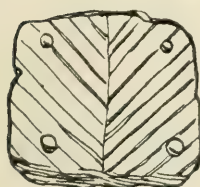
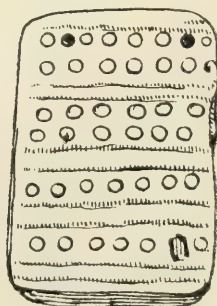



Fig. 38

Fig. 39

Estampa VI

40. Vaso de barro, de quatro asas, achado no concelho de S. Tiago de Cacem. Idade do bronze. Altura $0^{m},33$. Vid. p. 181. — Analogo a este ha outro, de Santarem, mas de duas asas, no pav. I, mostr. 19.

41-49. Para a historia da asa: fragmentos de vasos de barro, de diversos tamanhos, do castro protohistorico de Pragança. Vid. p. 183.

Estampa VI

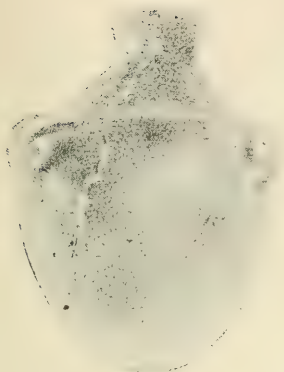
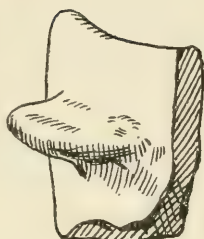
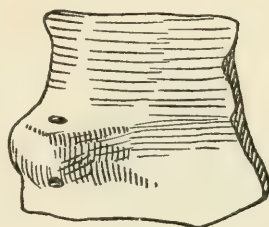
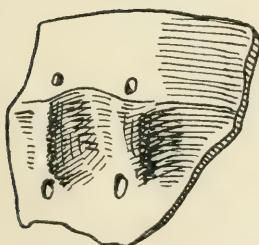
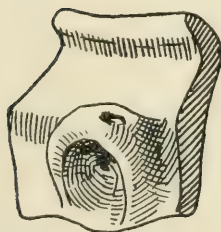



Fig. 40 Fig. 41 Fig. 42 Fig. 43 Fig. 44 Fig. 45 Fig. 46 Fig. 47 Fig. 48 Fig. 49

Estampa VII

50-51. Fibulas de bronze, do castro de Pragança. Tamanho natural. Cfr. *Religiões*, III, 127, e vid. supra, p. 183.

52-53. Cossoiros do mesmo castro. Tamanho natural. Vid. p. 183.

54-55. Xorca de ouro protohistorica, e parte de outra, do concelho de Santarem. Aquela tem de diametro transverso 0^{m},125. Vid. pp. 25 e 194.

Estampa VII

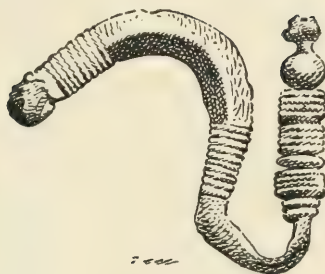



Fig. 50 Fig. 51

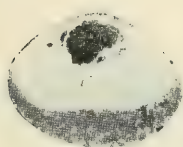
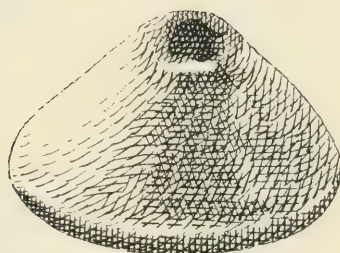



Fig. 52 Fig. 53

Fig. 54 Fig. 55

Estampa VIII

56-56-A. Vaso grego, visto por dois lados. Altura $0^m,23$. De Alcacer do Sal. Vid. p. 187.

57. Vaso de barro, de tres pés (o fundo, com os pés, está desenhado na fig. 57-A). Do Montinho das Larangeiras (Alcoutim). Altura uns $0^m,253$. Arte iberica?

58. Vaso de barro, de fórma de pião alongado, de uns $0^m,40$ de altura, de Lagos. — No Museu de Faro ha um analogo a êste, achado em uma sepultura de Estoi.

59. Vaso analogo ao precedente. Altura uns $0^m,32$. Ignora-se a procedencia.

Estampa VIII

Fig. 56

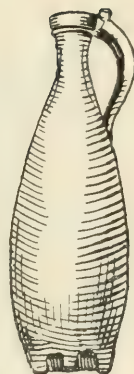



Fig. 57

Fig. 57-A

Fig. 58

Fig. 56-A

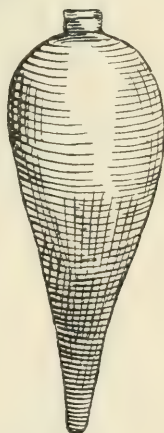



Fig. 59

Estampa IX

60. Xorca de prata, de tres fios torcidos. Diametro maximo $0^m,135$ a $0^m,14$. Do concelho de Idanha, achada com moedas romanas de prata do sec. III-I (a. C.). Vid. p. 194.

61. Lucerna de bronze, romana, de $0^m,135$ de comprimento, achada no concelho de Famalicão (e não no de Paços de Ferreira, como por engano se disse em *De Campolide a Melrose,* p. 32). Vid. p. 195.

62-64. Lucernas de barro, romanas, do Algarve. Cfr. a est. X. Vid. p. 190.

Estampa IX

Fig. 60

Fig. 61

Fig. 62

Fig. 63

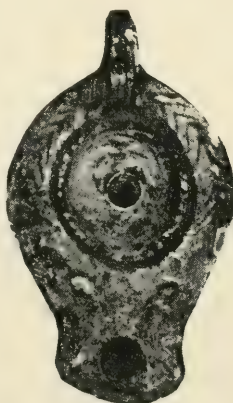



Fig. 64

Estampa X

65-70. Lucernas de barro, romanas, do Sul. O n.º 67 tem de diamero transverso na parte superior 0^{m},074 (por aqui se faz ideia das dimensões das restantes lucernas d'esta estampa e das das estampas IX e XI). Vid. p. 190.

Estampa X

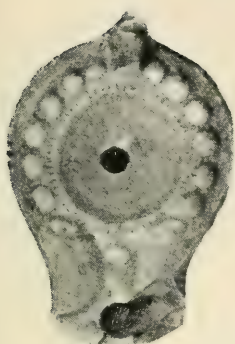



Fig. 65

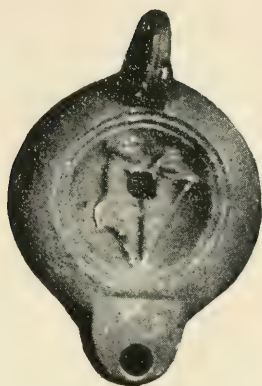



Fig. 67

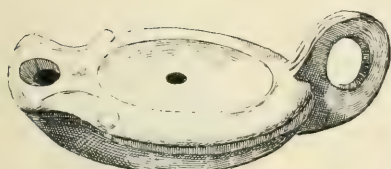



Fig. 66

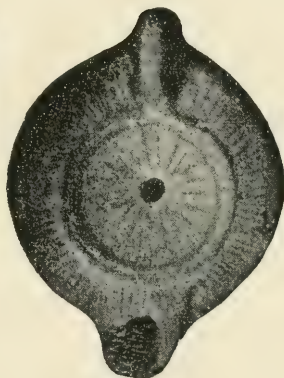



Fig. 68

Fig. 69

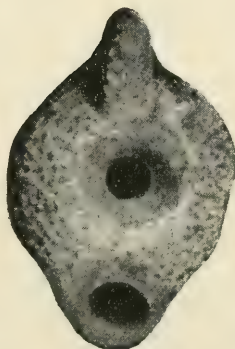



Fig. 70

Estampa XI

71-74. Lucernas de barro, romanas, do Sul do Tejo. Cfr. a est. X.

75-79. Vasilhame romano, de barro, da Torre d'Ares. Vid. p. 190.

Estampa XI

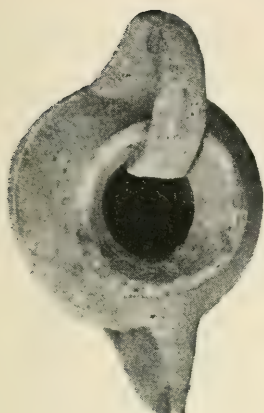



Fig. 71

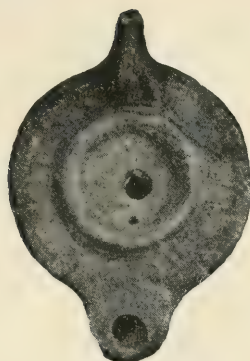



Fig. 73

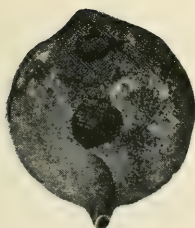



Fig. 72

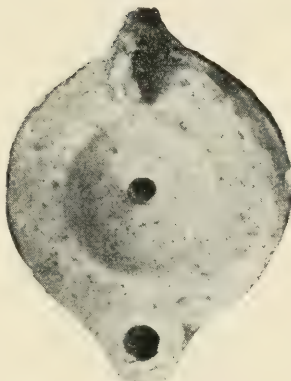



Fig. 74

Fig. 75

Fig. 76

Fig. 77

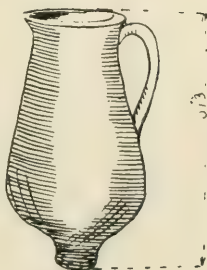



Fig. 79

Fig. 78

Estampa XII

80-82. Vasilhame romano, de barro, da Torre d'Ares. Cfr. a est. XI.

83-87. Vasilhame romano, de barro, do cemiterio da Feira Nova. Vid. pp. 191 e 322.

Estampa XII

Fig. 80

Fig. 81

Fig. 82

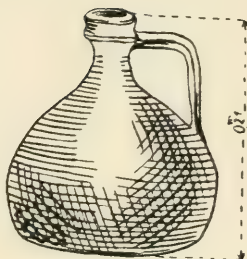



Fig. 83

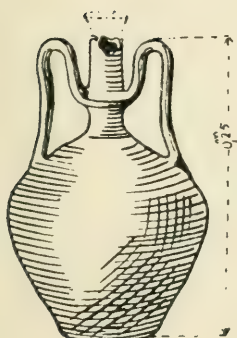



Fig. 84

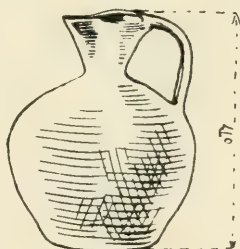



Fig. 85

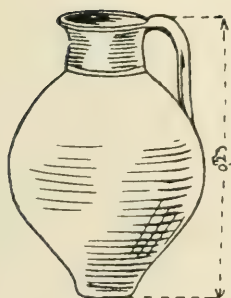



Fig. 86

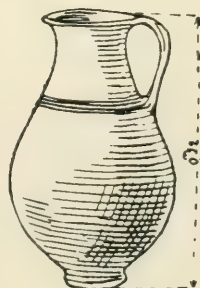



Fig. 87

Estampa XIII

88-95. Vasilhame de barro, romano, do Marco de Canaveses. Vid. pp. 191 e 322 sgs.

Estampa XIII

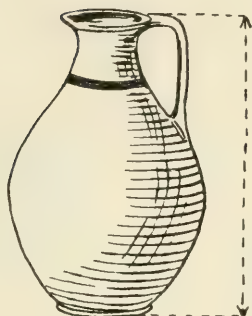



Fig. 93 Fig. 92 Fig. 95

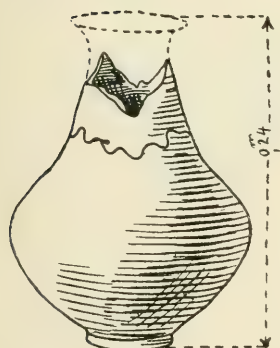
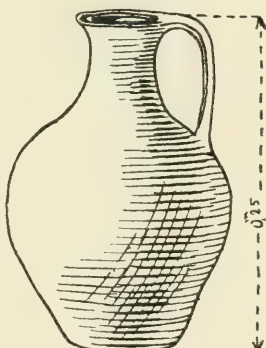



Fig. 90 Fig. 91

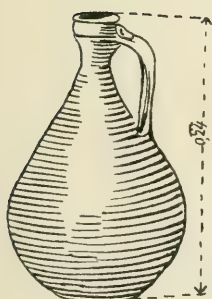
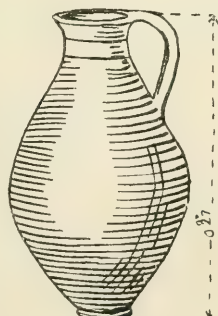
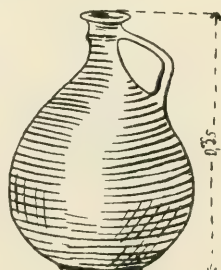



Fig. 88 Fig. 94 Fig. 89

Estampa XIV

96-97. Vasos de barro, romanos, do Algarve (com ornatos: ceramica de importação). O n.º 97 mede de diametro na abertura $0^m,08$. Vid. p. 190.

98. Anfora romana, de barro, de Mertola, antiga *Myrtilis,* de $1^m,12$ de altura. Vid. p. 190.

99. *Statera* de bronze e respectivo peso, ou *aequipondium,* de *Myrtilis.* Comprimento do braço, ou *iugum,* $0^m,55$. Cfr. *De Campolide a Melrose,* p. 40, e vid. supra, p. 190.

Estampa XIV

Fig. 96

Fig. 97

Fig. 98

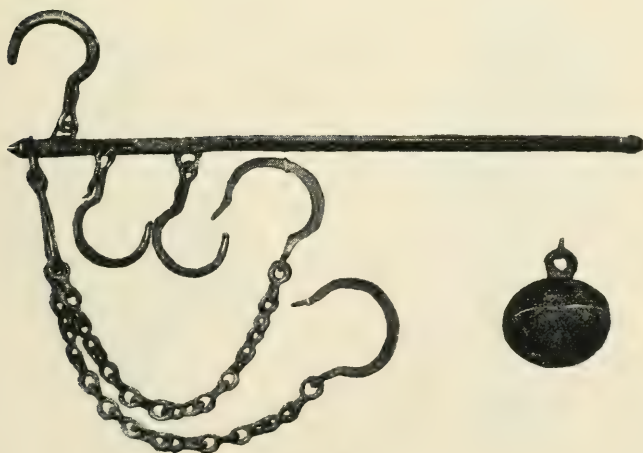



Fig. 99

Estampa XV

100. Candeia cristã (epoca visigotica), que comprei em 1905; o vendedor disse que ela era do Alentejo, porém não sei se é ou não. Vid. p. 193.

101. Lucerna de barro, do Casal do Rio Cravo (Arruda dos Vinhos); tipo cristão, como o n.° 100, mas de fábrica indigena. Vid. supra, p. 193.

102. Candeia de barro arabica do Algarve: já publicada no *Arch. Port.*, VII, 122. Vid. supra, p. 193.

103. Candeia de barro arabica do Algarve, do tipo de bico de pato. Vid. p. 193.

Estampa XV

Fig. 100

Fig. 101

Fig. 102

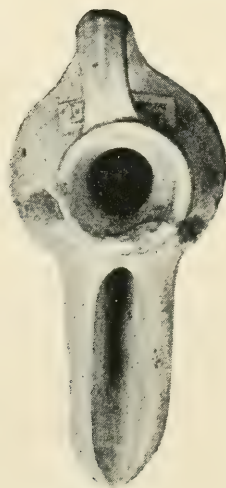



Fig. 103

II

ETNOGRAFIA PORTUGUESA

Estampa XVI

104. *Palhaço* (bôlo) de pão (Lisboa). Tamanho menor que o natural. Vid. p. 203.

105. *Chavão* de madeira, de Elvas, que serve para marcar a massa dos bolos, á maneira de sinete. Altura $0^{m},063$, diametro na base, $0^{m},035$. Vid. p. 204, e n. 1.

106. Tipo de *rêde,* de tejolo, do Alandroal. Vid. p. 206, n. 1. Ha-as de muitos feitios.

107-110. Tipos de chaminés alentejanas. Vid. p. 206, e n. 2. Os n.os 107 e 108 são de Mertola ; os n.os 109 e 110 são de Beja.

Estampa XVI

Fig. 104

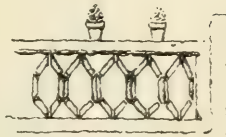



Fig. 105

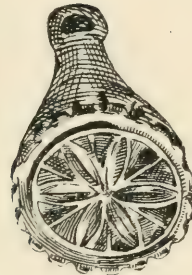
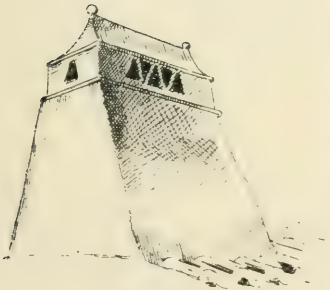
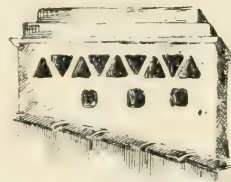



Fig. 106

Fig. 107

Fig. 108

Fig. 109

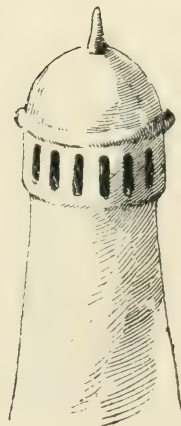



Fig. 110

Estampa XVII

111-116. Tipos de chaminés do Sul, como os da est. XVI. O n.º 111 não sei de que localidade é; o n.º 112 é de Beja, o 113 e 116, de Mertola, o 114 das Cabanas (Algarve), o 115 de Cacela (Algarve).

Estampa XVII

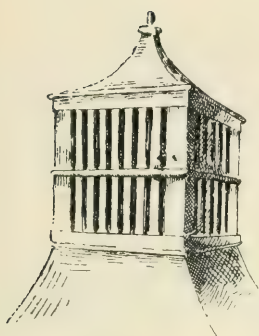



Fig. 111

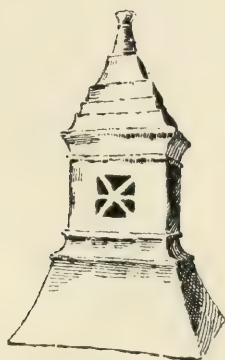



Fig. 115

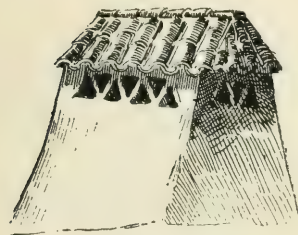



Fig. 112

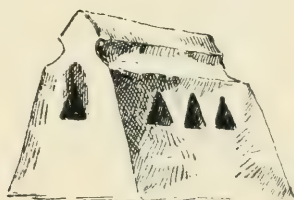



Fig. 113

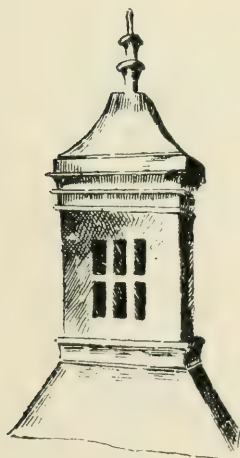



Fig. 114

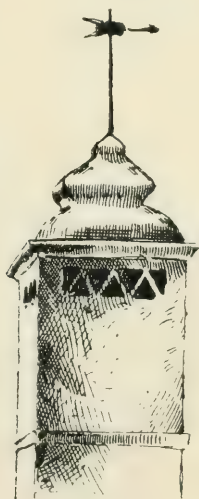



Fig. 116

Estampa XVIII

117. Peso ou berimbelho de cortiça, cordiforme, da Nazareth (1894), de andar pendurado na chave, para esta não se perder. Por ser de cortiça, fica mais facilmente á superficie da areia, quando a chave cai do bôlso. Numa das faces tem um desenho linear, que talvez represente grosseiramente um sino-saimão. Comprimento 0^{m},06. Vid. p. 206.—O coração é fórma artistica muito querida do povo, como mostrei no *Arch. Port.*, XIX, 399.

118. Objecto que tem a mesma fórma e serventia do n.º 117. De madeira, do Sul. Comprimento 0^{m},08 ; largura maxima 0^{m},05.

119. *Palhêto,* ou espátula, de madeira. Vid. p. 209. O cabo é recurvo, e a parte inferior da folha está gravada, representando a gravura uma ave pousada numa flor que sai de um vaso ; o vaso assenta no vertice de um coração estilizado. De Alcoutim.

120. *Escudela* de pau, do Porto ; diametro na abertura 0^{m},22. Vid. p. 209. É usada sobretudo para dar comida ás crianças ; sendo, como é, de pau, tem menos perigo de se quebrar. Já dos Lusitanos diz Estrabão que eles se serviam de vasilhas de pau, *ξυλίνοις . . ἀγγείοις χρῶνται* (*Geographia,* III, III, 7), e os poetas romanos, para pintarem a simplicidade primitiva, falam de «copos de faia», por exemplo Tibulo, *Eleg.,* I, X, 78 : *faginus . . scyphus* (cfr. C. Pascal, *Elegie scelte,* Torim 1889, p. 41).

121. Copo de pau do Ameixial (Extremoz), feito por um pastor, e ornamentado de ramos e flores, segundo a predilecção do povo. Altura 0^{m},099. Vid. p. 209.

122. *Corna,* de Elvas, muito ornamentada (ramos, flores estilizadas, etc.), de 0^{m},20 de altura. A fig. 122-A representa a tampa da mesma corna : é de madeira, e ornamentada de uma flor e palmas (a tampa foi desenhada em ponto maior que a corna, para que os desenhos se vissem melhor). Obra pastoril. Vid. p. 211.

Estampa XVIII

Fig. 117

Fig. 118

Fig. 119

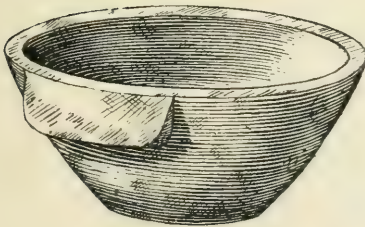



Fig. 120

Fig. 121

Fig. 122

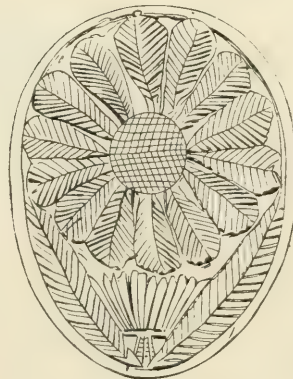



Fig. 122-A

Estampa XIX

123. Candeia dupla de ferro, para azeite. De Moncorvo. Comprimento (sem o gancho) 0^m, 22. Os *espelhos* são sub-quadrangulares, e de bordos recortados; tem o campo salpicado de orificios circulares, e cada espelho, ao centro, uma cruz equilateral, vasada. As cruzes tem aqui efeito, ao mesmo tempo, artistico e religioso. Vid. p. 211.

Estampa XIX

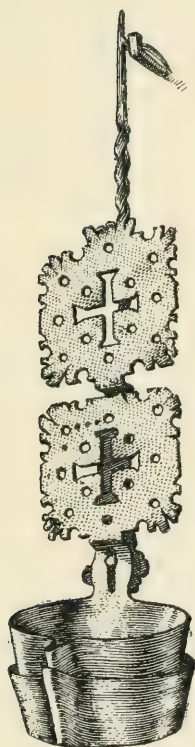



Fig. 123

Estampa XX

124-125. *Roca* (ou *guiso*) e *chocalhinho* de lata, brinquedos infantis : quando se agitam, produzem sons com os grãos de areia que tem dentro do tambor. Comprimento : 0^{m},105 a 0^{m},125. Vid. p. 212.

126. *Teimosa* de arame, de Alcacer do Sal. Vid. p. 212. Cada uma das duas partes maiores tem de comprimento 0^{m},076.

127. Brinquedo feito de noz, que gira com ruido em volta de um eixo de pau, puxada por um cordelinho que no mesmo se enrosca ; o eixo está fixo numa base de madeira. Altura 0^{m},068. Este brinquedo tem na Beira o nome de *réla* ou *arréla* (de *r a n e l l a < > *ranula* «rãzinha», por causa da analogia do ruido com o coaxar da rã). Vid. p. 212.

128. *Estoque* (Porto, Baião), ou *arcabuz* (Beira), de pau[1]. Brinquedo infantil. Podemos supô-lo composto de duas partes : cabo, que faz corpo com uma vareta ; tubo. Pelo tubo sai uma bala de estopa ou cortiça, expelida pelo movimento da vareta. Comprimento do objecto, na posição do desenho, 0^{m},22. Vid. p. 212.

---

[1] Dizem-me que em Viana do Castelo se chama *estiroque* e em Viana do Alentejo *estralete*.

Estampa XX

Fig. 124

Fig. 128

Fig. 125

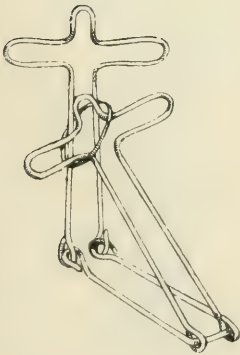



Fig. 126

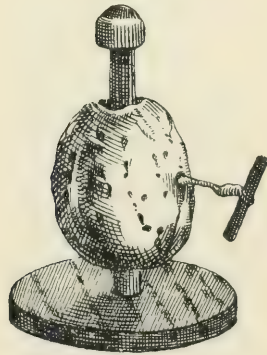



Fig. 127

Estampa XXI

129-132. Figurinhas de barro (a figura 130 péga em um sapato com a mão esquerda). Altura, umas pelas outras, $0^{m},28$ a $0^{m},31$. Vid. p. 214.

Estampa XXI

Fig. 129

Fig. 130

Fig. 131

Fig. 132

Estampa XXII

133. Caixa de pau (para ir o cebo de untar o calçado); tem a tampa ornamentada, consistindo os ornatos em estrelas de seis raios inclusas em circulos (o uso de tais figuras póde seguir-se na nossa arte desde os tempos pre-romanos, como se vê das *Religiões*, III, 412-416 e 607). Comprimento $0^m,34$. Vid. p. 215.

Estampa XXII

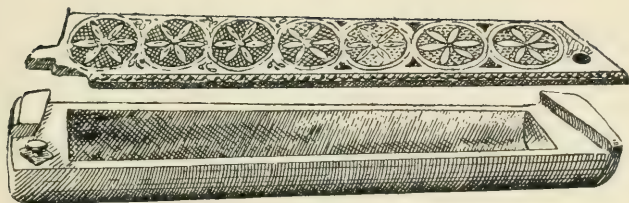



Fig. 133

Estampa XXIII

134-144. Tatuagens. Vid. p. 216. — A Sereia (n.º 141) sustenta nas mãos, ao que parece, duas lanças : o povo identifica a Sereia com a namorada, segundo as cantigas (cfr. Pires, *Cantos popul.*, I, 149) ; por isso as duas lanças serão para alancearem o peito de algum ingrato! O n.º 144 é um coração atravessado por uma espada ; temos aqui ideia semelhante. Noutras tatuagens, não porém aqui representadas, figuram corações atravessados por setas, e ha tambem uma cantiga que diz que a lua sangra com uma lanceta o coração de Mariquinhas (vid. *Trad. Pop. de Port.*, p. 18). Assim agolpeado pelo Amor com tantas especies de armas, como não ha-de andar sempre a escorrer sangue o coração português, tão terno e tão sensivel?

Estampa XXIII

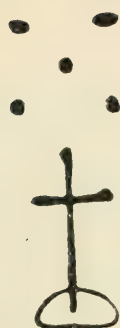
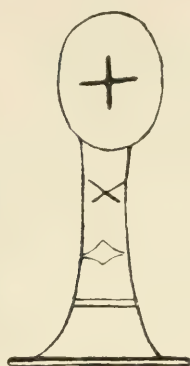
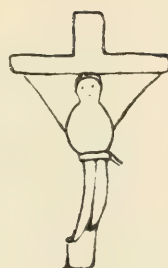



Fig. 134 Fig. 135 Fig. 136 Fig. 137 Fig. 138 Fig. 139 Fig. 140 Fig. 141. Fig. 142 Fig. 143 Fig. 144

Estampa XXIV

145. Caixa de chifre, feita por um pastor da Serra da Estrela e muito bem ornamentada no seu contôrno (fig. 145-A), no seu fundo (fig. 145-B), e na sua tampa (fig. 145-C) ; além de desenhos geometricos, ha aí uma cara humana, figuras de animais, flores, pinhas, etc. Diametro do fundo : 0^m,067. — Pertença do Director. —Vid. p. 218.

146. *Arrelá* de chifre, com tampa de *cortiça*. Comprimento total 0^m,058. De Canidelo (Vila do Conde). Vid. p. 218.

Estampas XXIV

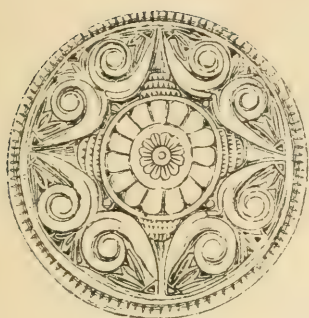



Fig. 145-B

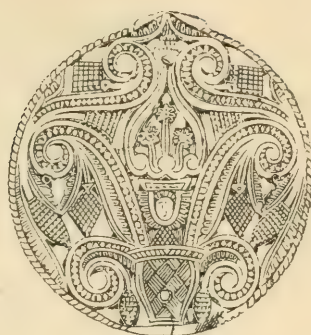



Fig. 145-C

Fig. 145-A

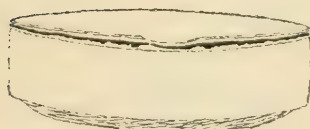



Fig. 145

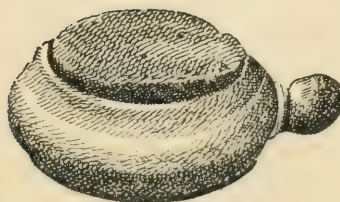



Fig. 146

Estampa XXV

147. *Reclamo,* do Sul do Tejo. É de madeira, e tem dentro um tubo de pena de pato. Comprimento total 0^m,10. Vid. p. 220[1].

148. *Barbilho* de pau, do Alandroal. Comprimento uns 0^m,08. Vid. p. 225.

149. *Canudo* de cana usado pelos ceifeiros do Alentejo. Comprimento 0^m,122. Cfr. *De Campolide a Melrose,* p. 89. E vid. supra, p. 226.

150. *Unha,* de lata, do Minho. Comprimento total 0^m,042. Vdi. p. 226.

151. Bico de *escarpelar* milho, de Torres Vedras. Comprimento 0^m,13. Vid. p. 226[2].

152. *Pino* de estêva para «coser» o cortiço das abelhas, de alto a baixo. De Avis. Comprimento 0^m,132. Vid. p. 227.

153. *Pino* de estêva para pregar a tampa e a frente do cortiço das abelhas. De Avis. Comprimento 0^m,12. Vid. p. 227.

---

[1] Ao *reclamo* dão em algumas terras o nome de *chamariz* (Extremadura). Ha-os para aves, como o da figura, e para coelhos, com um folezinho (Chaves). D'esta última espécie entrará em breve um no Museu.

[2] Em algumas partes (Obidos) dizem *escapular,* usando-se a par o substantivo verbal *escapúla.*

Estampa XXV

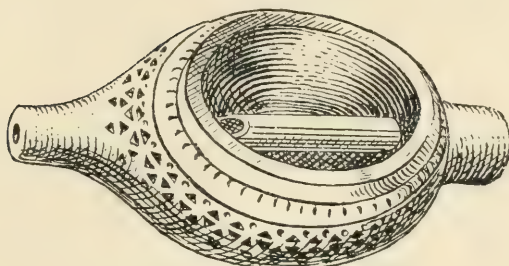



Fig. 147

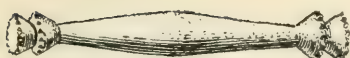



Fig. 148

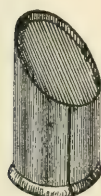



Fig. 150

Fig. 149

Fig. 151

Fig. 152

Fig. 153

Estampa XXVI

154. *Badalo* turriforme, de madeira, para trazer suspensa a foice á cinta. Do Alentejo. Comprimento $0^m,13$. Vid. p. 227.

155. *Cabrita* de madeira, de Baião. Comprimento $0^m,12$. Vid. p. 227.

Estampa XXVI

Fig. 154

Fig. 155

Estampa XXVII

156. *Matraca* infantil de pau, do Alandroal. Comprimento $0^{m},225$, largura $0^{m},10$. Vid. p. 230.

157-160. Amuletos semilunares (157, de madeira, Alentejo; 158, de chumbo, Extremadura; 159, de osso, trabalho de presos das Caldas da Rainha; 160, de dois caroços de azeitona, ligados naturalmente). O n.° 158 tem a lua antropomorfizada, como é costume nos almanaques, e além d'isso as siglas jesuiticas «I· H· S·»[1]. Todos eles estão desenhados de tamanho natural. Vid. pp. 233-235.

161. Tira com uma cruz de dois braços, e neles abreviaturas de palavras religioso-magicas. Tamanho natural. Vid. p. 235.

---

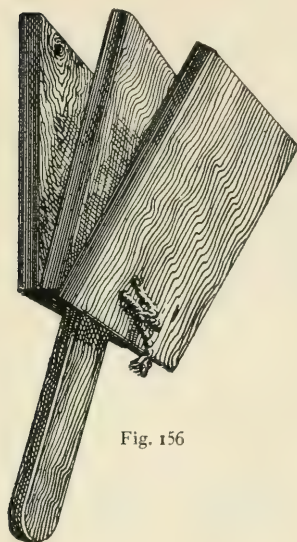
[1] Costumam interpretar-se por *I(esus) h(ominum) s(alvator)*; mas estas letras serão antes ΙΗΣ(ΟΥΣ) = Ἰησοῦς.

Estampa XXVII

Fig. 156

Fig. 157

Fig. 158

Fig. 159

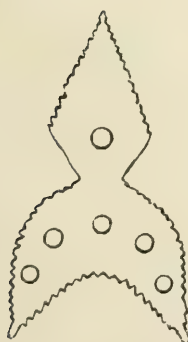
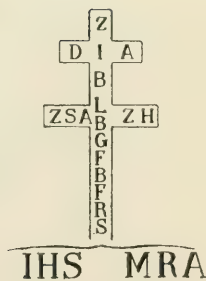



Fig. 160

Fig. 161

Estampa XXVIII

162. Assentador de pau com entalhes que representam numeros. De Baião. Comprimento 0^m,215. Vid. p. 236.

163. Par de castanhetas, com incisões artisticas (corações, etc.). De Castelo-Branco. Comprimento 0^m,085. Vid. p. 244.

164. *Fèrrinhos* e vareta ou *batente*. Altura do triangulo representado pelo primeiro objecto : 0^m,165. Vid. p. 244.

165. *Gaita de capador,* de cana. Beira. Comprimento do tubo maior 0^m,088. Vid. p. 244.

Estampa XXVIII

Fig. 163

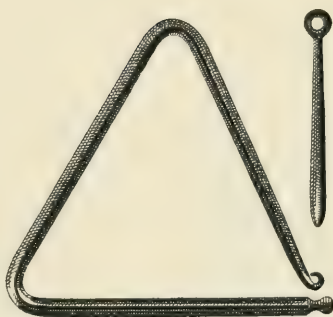



Fig. 164

Fig. 162

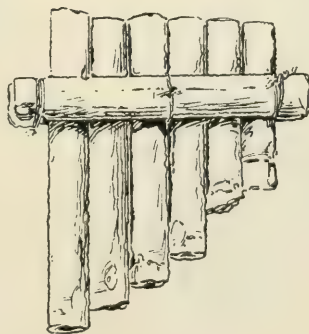



Fig. 165

Estampa XXIX

166. Prato de faiança, de $0^{m},30$ de diametro na abertura. Representa um tocador de viola. Comprado em Evora. Vid. p. 246.

167-168. Figurinhas de barro colorido, que representam, uma um tocador de viola, outra uma mulher que dança. Altura do homem $0^{m},31$; da mulher, $0^{m},28$. Vid. p. 246.

Estampa XXIX

Fig. 166

Fig. 167

Fig. 168

Estampa XXX

169. Vasinho de barro vermelho, proveniente do Sul (secção de «Indeterminados»). Altura 0^m,066. Vid. p. 247.

170. Vasinho de loiça preta achado em Numão. Altura 0^m,064. Vid. p. 247.

171-175. Loiça comum, de barro, do Prado, comprada em Guimarães. Algumas peças não são vidradas, outras são-no só em parte. Nomes de algumas peças : 171, *chocolateira*, altura com a tampa 0^m,15 ; 173, *panêlo*, altura 0^m,22 ; 174, *caçarola*, diametro da abertura 0^m,155 ; 175, *caçarola de bico*, diametro 0^m,165. Vid. p. 247.

Estampa XXX

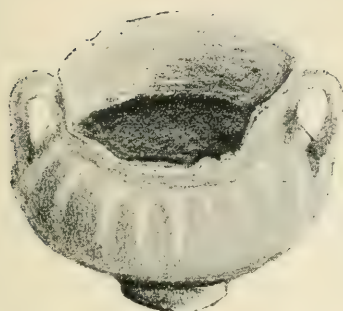



Fig. 169 Fig. 170

Fig. 172 Fig. 171 Fig. 173

Fig. 174 Fig. 175

Estampa XXXI

176. *Coador* ou *coadeira,* de barro comum, não-vidrada, de $0^m,28$ de diametro na abertura. Do Minho. Vid. p. 247, e cfr. p. 183, n. 1.

177. *Caçarola* de barro comum, vidrada, de $0^m,23$ de altura. Fábrica do Prado. Vid. p. 247.

178. *Caçarola* de barro comum, vidrada internamente, de $0^m,19$ de diametro na bôca. Do Prado. Vid. p. 247.

179. *Prateira para doce,* de barro comum, vidrada internamente, de $0^m,17$ de diametro na abertura. Do Prado. Vid. p. 247.

Estampa XXXI

Fig. 176

Fig. 177

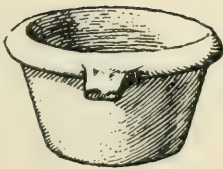



Fig. 178

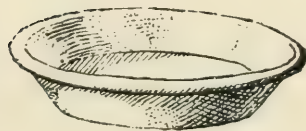



Fig. 179

Estampa XXXII

180-183. Continuação da loiça da fábrica do Prado. N.º 180, *copo* para agoa, não-vidrado; altura 0^m,15. N.º 181, *moringo,* vidrado em parte; altura 0^m,235. N.º 182, *porrão* para mel, vidrado na metade superior; altura 0^m,265. N.º 183, *caçarola* para *môlho,* vidrada no bordo; diametro maximo, 0^m,25. Vid. p. 247.

184-185. Perfumadores de barro comum: o n.º 184 tem de altura 0^m,17; o n.º 185 (das Caldas da Rainha) tem de altura 0^m,13. Vid. p. 247.

186. *Buzio* de barro comum, de um moinho de vento. Comprimento 0^m,155. Das Caldas da Rainha. Vid. p. 247.

Estampa XXXII

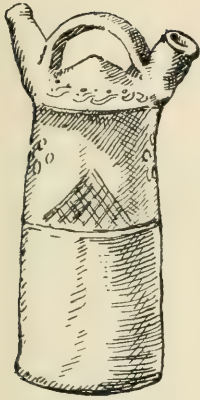



Fig. 181

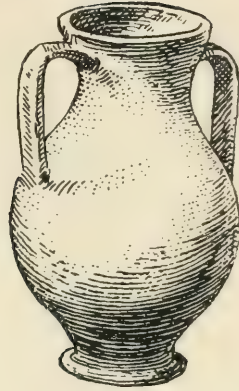



Fig. 182

Fig. 180

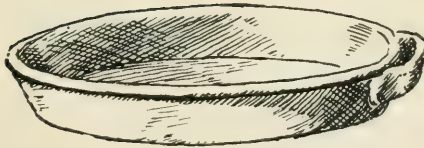



Fig. 183

Fig. 184

Fig. 185

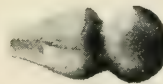



Fig. 186

Estampa XXXIII

187. Peso de pau, de tear, chamado *salpicão* (Marco de Canaveses); altura 0^{m},185. Vid. p. 251.

188. Peso cordiforme, de barro vermelho, ornamentado de ramos. Sul. Altura 0^{m},16. Vid. p. 251.

189. Peso cordiforme, de calcareo, da Extremadura. Está ornamentado de uma roseta em cada uma das partes correspondentes ás auriculas; na parte superior, correspondente aos vasos sanguineos maiores, e na parte inferior, correspondente ao conjunto dos ventriculos, tem escrito: «CAM (= quem) TE AMAR SERA (= será) FELIZ. VIVA. 1843». No reverso tem: «A SO TI («só a ti») AMO. VIVA». Altura total: 0^{m},122. Vid. p. 251[1].

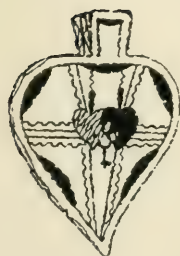
190. Peso cordiforme, de faiança, da fábrica do Juncal. Na ornamentação da face ha dois corações, e entre eles uma chave pendente. Altura total 0^{m},12. Vid. p. 251.

191-193. Rocas artisticas. O comprimento é de 0^{m},85 *plus minus*. Vid. p. 251.

---

[1] No Museu de Beja ha um prato em que tambem se lê: «SO A TI AMO». Vid. *O Arch. Port.*, V, 126.

Estampa XXXIII

Fig. 187 Fig. 188 Fig. 189 Fig. 190 Fig. 191 Fig. 192 Fig. 193

Estampa XXXIV

194. Fuso de ferro, com *cossoiro* de madeira, ornamentado. Do Sul. Metade do tamanho natural. Vid. p. 251.

195. Base de um *cossoiro* de madeira ornamentado, obra de um pastor meridional. Diametro $0^{m},065$. Vid. p. 251.

196. *Fôrma de madeira de fazer cordões,* de Fronteira. Obra de um pastor, que pôs a data («1.º-3-1913») ás avéssas, isto é, voltada para cima. Altura $0^{m},115$. Vid. p. 251.

Estampa XXXIV

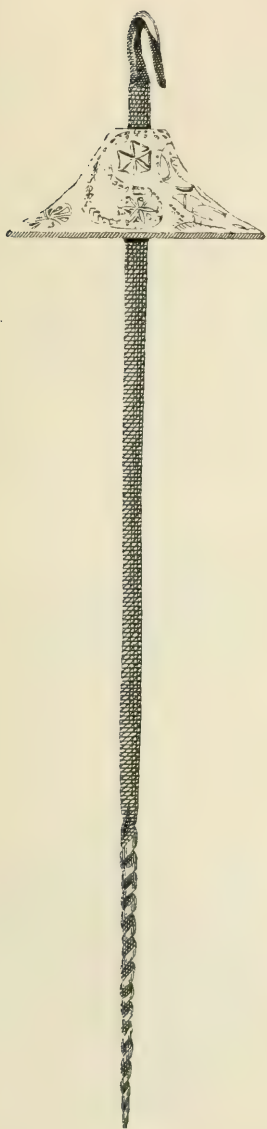



Fig. 195

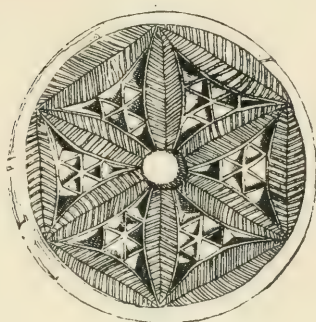
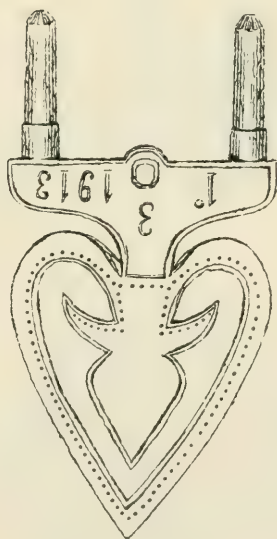



Fig. 196

Fig. 194

Estampa XXXV

197. Dobadoira de madeira (altura $0^{m},82$), com panoplia de rocas. Vid. p. 251.

198. Dobadoira antiga. Altura total $1^{m},56$. Vid. p. 251.

199-200. Pratos de faiança, de $0^{m},29$ e $0^{m},30$ de diametro na abertura, nos quais se pintaram fiandeiras. Vindos de Evora. Vid. p. 251.

Estampa XXXV

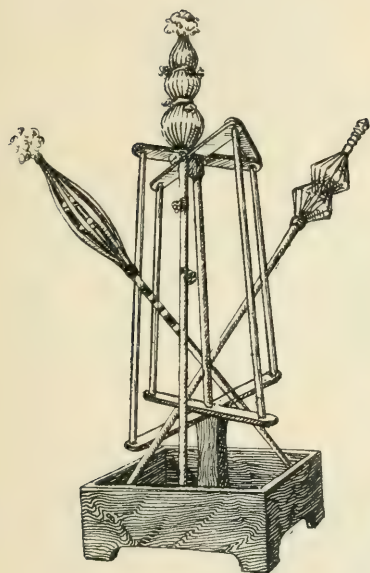



Fig. 197

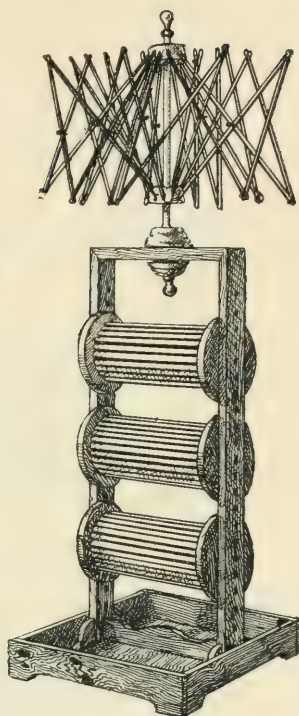



Fig. 198

Fig. 199

Fig. 200

Estampa XXXVI

201. *Gancho da meia,* de buxo, ornamentado; por trás tem um gancho e uma argola da propria madeira. Altura total $0^{m},068$. Do campo de Elvas. Vid. p. 251.

202. *Tecedor* ou «gancho da meia», de madeira. Altura $0^{m},066$. De Avis. Vid. p. 251.

203. Descanso de um ferro de engomar, em cujo centro se figura um coração asseteado. Comprimento $0^{m},18$; largura $0^{m},17$. De Evora. Vid. p. 252.

204. Outro descanso de ferro, artistico, visto de lado; a fig. 204-A representa a parte superior, cordiforme, ornamentada. Diametro maior $0^{m},195$. Vid. p. 252.

Estampa XXXVI

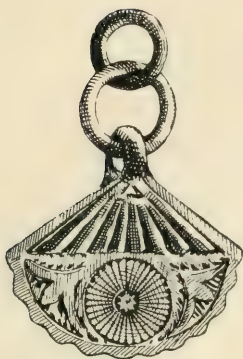



Fig. 201

Fig. 202

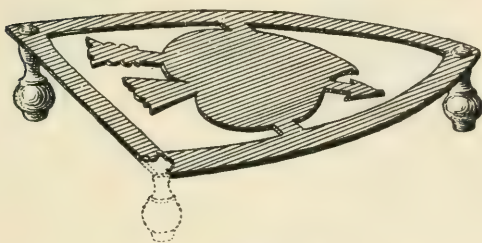



Fig. 203

Fig. 204

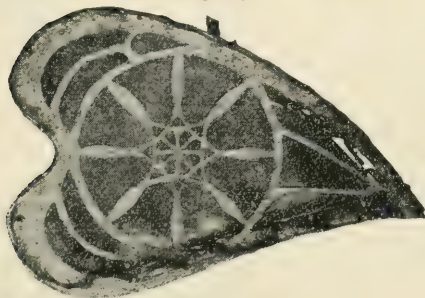



Fig. 204-A

Estampa XXXVII

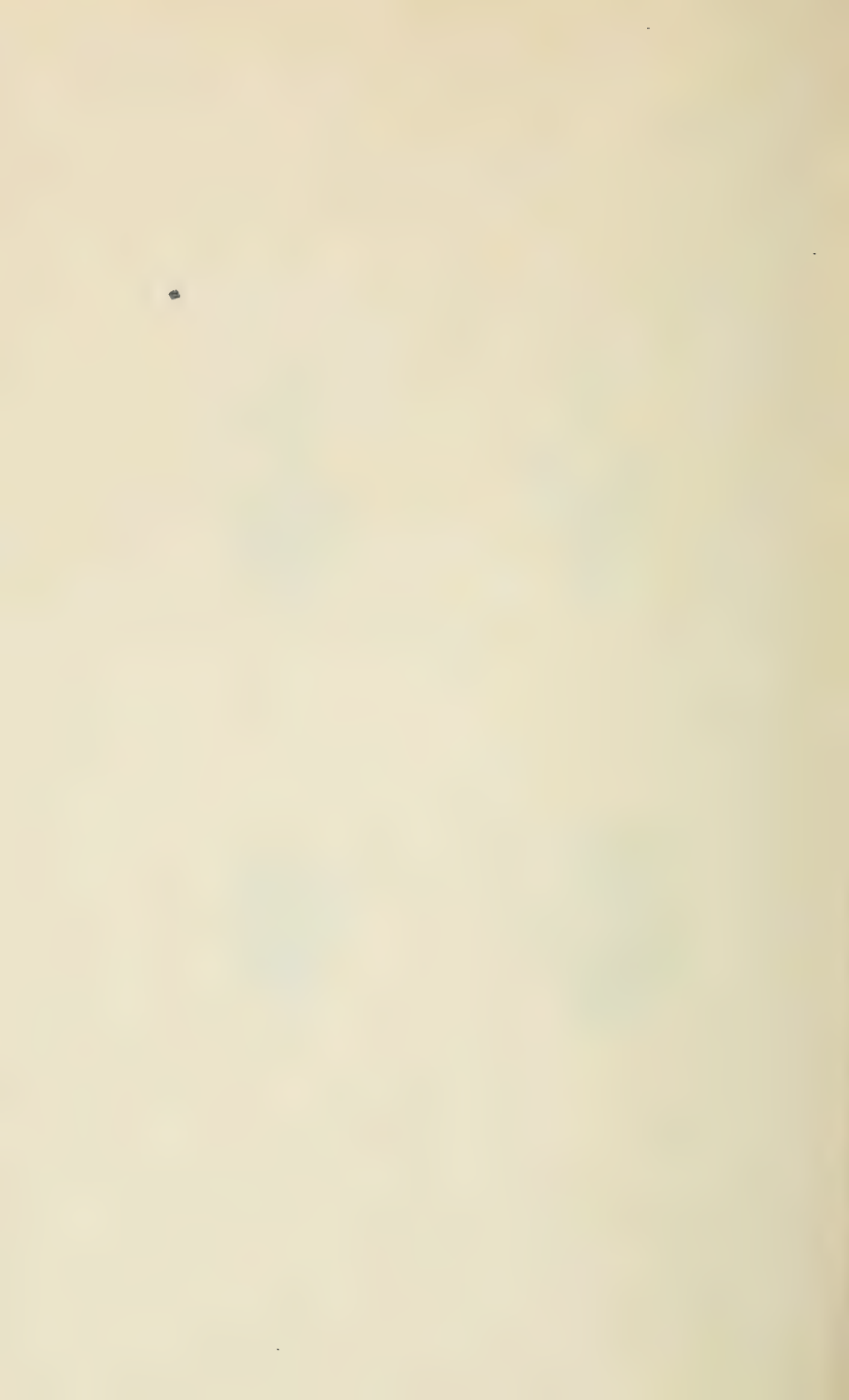
205-208. Loiça de barro comum, dos Açores: o n.º 205 (barro vermelho) tem de altura $0^{m},285$; o n.º 206, de barro vermelho não-vidrado, tem de altura $0^{m},265$; o n.º 207, não-vidrado, tem de altura $0^{m},225$; o n.º 208 tem de altura $0^{m},22$. Vid. p. 258.

Estampa XXXVII

Fig. 205

Fig. 206

Fig. 207

Fig. 208

III

ANTROPOLOGIA

Estampa XXXVIII

209-212. Cranios achados em excavações arqueologicas: n.° 209, achado em Pragança (epoca pre-romana); n.° 210, achado numa sepultura romana de *Pax Iulia* (Beja); n.^{os} 211 e 212, achados no cemiterio cristiano-visigotico de *Myrtilis* (Mertola). Vid. p. 259.

Estampa XXXVIII

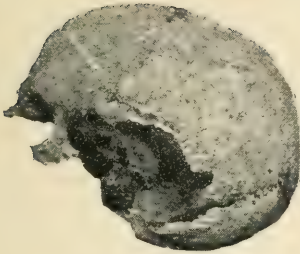



Fig. 209

Fig. 210

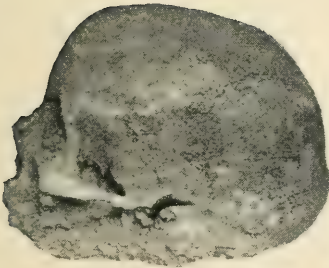



Fig. 211

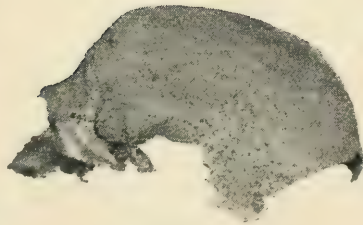



Fig. 212

IV

SECÇÃO COMPARATIVA

Estampa XXXIX

213-215. Instrumentos de pedra encabados: n.º 213, de $0^{m},33$ de comprido, da Nova Guiné; n.º 214, de $0^{m},50$ de comprido, e n.º 215, de $0^{m},45$ de comprido, da Nova Zelandia. Vid. p. 262.

Estampa XXXIX

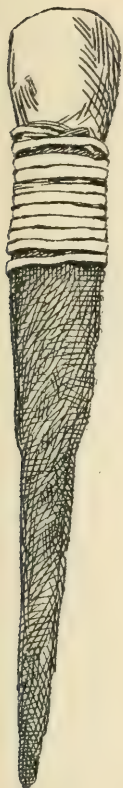



Fig. 213 Fig. 214 Fig. 215

Estampa XL

216. Instrumento de pedra encabado, da Nova Caledonia. Vid. p. 262.

Estampa XL

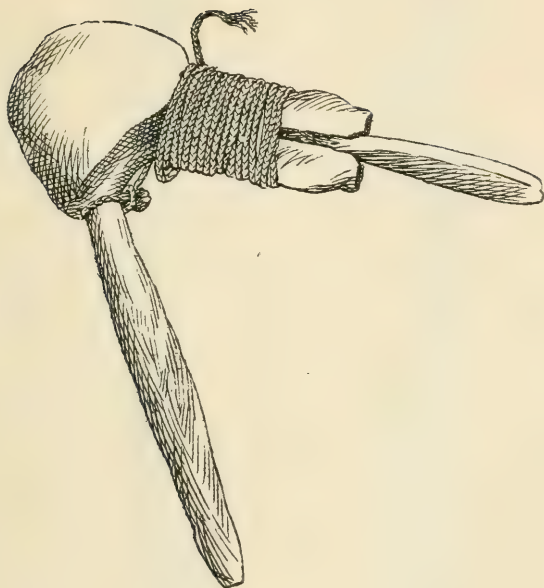



Fig. 216

Estampa XLI

217-218. *Talhadeira* e *assentador,* da Extremadura: vid. p. 264. Comprimento do primeiro objecto, $0^m,63$; do segundo, $0^m,68$.

Estampa XLI

Fig. 217

Fig 218

INDICE

PARTE I

CRIAÇÃO DO MUSEU COM O TITULO DE «ETNOGRAFICO»

E

PLANO DE ORGANIZAÇÃO DO MESMO

(1893-1894)

PARTE II

O MUSEU ETNOLOGICO

DE

1894 a 1912

PARTE III

«DEFENSÃO DO MUSEU ETNOLOGICO»

(1913)

PARTE IV

ESTADO ACTUAL DO MUSEU ETNOLOGICO

(1914)

I. Antiguidades nacionais:

II. Etnografia portuguesa:

APENDICE

ESTAMPAS

ADDENDA & CORRIGENDA

Pag. 1, nota 2, na enumeração das fontes oficiais para a Historia do Museu, acrescente-se: o livro das posses, varios cadernos, e outros documentos.

Pag. 17, linha penultima, depois de *seguir na* acrescente-se: *escolha e*.

Pag. 59, linha 32, leia-se *fallarei* em vez de *fallei*.

Pag. 60, linha 9. O nome corrente do vasilhame de metal é *o arame* (colectivamente). Faço a mesma observação á linha 9 da p. 58.

Pag. 120, nota 1, linha 2: saiu por engano *Nossa* em vez de *nossa*.

Pag. 174–189. Já depois de impressa a penúltima folha d'este livro tive conhecimento da publicação de duas obras importantes que lamento não ter podido citar nos lugares respectivos: *El problema de la cerámica ibérica* por Bosch Gimpera, Madrid 1915 (o A. impugna a origem miscenense, e quanto á influencia punica, só a admite como possivel em algumas fórmas de vasos); e *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España* [*y Portugal*] por H. Schmidt, Madrid 1915 (o A. estuda a cronologia da 1.ª idade dos metais, a origem da alabarda, que supõe iberica, e a ceramica do tipo de Cienpozuelos e Palmela).

Pag. 182, linha 28, em vez de *excavações*, leia-se *investigações*.

Pag. 187, linha 20, o parentesis devia fechar depois de «ferro».

Pag. 207, última linha do texto, falta o hífen depois de «sobre».

Pag. 208, linhas 23–24: analogo ao anteparo de fogão de que aqui trato, vi em Extremoz um em uma casa antiga, o qual fazia o mesmo efeito que fazem as *bonecas* de que falo a p. 209 (estava, como estas, fixo na parede, junto do lar).

Pag. 218, linha 18, leia-se *numa* em vez de *num*.

Pag. 222, linha 19, leia-se *maioral* em vez de *miaoral*.

Pag. 250, nota 2, última linha: suprima-se *que*.

Pag. 270, § 3, linha 4, leia-se *1494* em vez de *1914*.

Pag. 288, art. 5.º, linha 6, leia-se *policiais* em vez de *policaies*.

Pag. 291, art. 1.º, linha 9, saiu *pasado* por *passado*. No mesmo art., § 2.º, linha 4, leia-se *do país* em vez de *dos país*.

Pag. 296, linhas 16–17, saiu *Reparção* em vez de *Repartição*.

Pag. 317, linha 5: faltou fechar o parentesis, antes do ponto final.

Pag. 319, capitulo correspondente a «1898», linha 9, leia-se *Leiria* em vez de *Caldas da Rainha*.

Pag. 337, § 1.º, linha 7, leia-se *do passado* em vez de *da passado*.

Pag. 346, linha 5, *Museu* devia ter *m* minusculo.

Pag. 406, última linha da nota, lêde Ἰησοῦς por Ιησοῦς.